AUTORA *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

KIERSTEN WHITE



# ESCOLHIDA

DO UNIVERSO DE *BUFFY, A CAÇA-VAMPIROS*

PLATAFORMA 21

A ÚLTIMA CAÇA-VAMPIROS

VOLUME 2

# ESCOLHIDA

KIERSTEN WHITE

TRADUÇÃO

ERIC NOVELLO

PLATAFORMA 21

# Sumário


1. Folha de Rosto
2. Créditos
3. Dedicatória
4. Introdução
5. Capítulo 1
6. Capítulo 2
7. Capítulo 3
8. Artemis
9. Capítulo 4
10. Capítulo 5
11. Capítulo 6
12. Capítulo 7
13. Artemis
14. Capítulo 8
15. Capítulo 9
16. Capítulo 10
17. Capítulo 11
18. Capítulo 12
19. Capítulo 13
20. Artemis
21. Capítulo 14
22. Capítulo 15
23. Artemis
24. Capítulo 16
25. Capítulo 17
26. Capítulo 18
27. Capítulo 19
28. Artemis
29. Capítulo 20
30. Capítulo 21
31. Capítulo 22
32. Capítulo 23
33. Capítulo 24

34. Capítulo 25
35. Artemis
36. Capítulo 26
37. Capítulo 27
38. Capítulo 28
39. Artemis
40. Capítulo 29
41. Capítulo 30
42. Epílogo
43. Agradecimentos
44. SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

TÍTULO ORIGINAL *Chosen*

*© 2020 by Twentieth Century Fox Film Corporation Buffy the Vampire Slayer TM & © 2020 by Twentieth Century Fox Film Corporation. All rights reserved.*
*Text by Kiersten Brazier.*
Publicado mediante acordo com Simon Pulse, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias, gravações ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão expressa da VR Editora S.A.
© 2021 VR Editora S.A.

**Plataforma21** é o selo jovem da **VR Editora** DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo PREPARAÇÃO Isadora Próspero REVISÃO Guilherme Kroll e Natália Chagas Máximo DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi ARTE DE CAPA Kekai Kotaki DESIGN DE CAPA Sarah Creech DESIGN DE LETTERING Craig Howell **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

White, Kiersten Escolhida [livro eletrônico] / Kiersten White; tradução Eric Novello. - Cotia, SP: Plataforma21, 2021. - (A última caça-vampiros; v. 2) ePub Título original: Chosen
ISBN 978-65-88343-02-9
1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

**20-50586 CDD-813**

---

**Índices para catálogo sistemático:** 1. Ficção: Literatura norte-americana 813
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à **VR EDITORA S.A.**

Via das Magnólias, 327 – Sala 01 | Jardim Colibri CEP 06713-270 | Cotia | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4702-9148
plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para os que ainda caminham pelo fogo

*O mundo está silencioso.*

*Costumava ser tão barulhento. Tantos murmúrios, batidas, tambores, zumbidos zunindo sem parar. Aqueles zunidos todos. Eles costumavam mantê-lo acordado à noite, inescapáveis, como ácaros rastejando por suas veias. Às vezes ele coçava os próprios braços até sangrar, mas mesmo o sangramento nunca abafava os zunidos.*

*Até que parou. Todas as linhas indo e voltando do mundo, todos os seres famintos e suas garras, bocas e patas, tudo ficou do outro lado.*

*Mas não ele. Ele ainda está aqui. E com tudo em silêncio, pôde finalmente se concentrar. Ele está sem poderes, uma infelicidade temporária. Tudo aqui é temporário. Ele não será.*

*Ele acaricia seus braços, lisos e sem cicatrizes, tão semelhante aos humanos.*

*Mas ele não é humano. E esse mundo, esse mundo silencioso, isolado e vagante, esse mundo vazio e sem magia, sem proteção e sem competição, esse mundo que espera…*

*Ele será o deus desse mundo e todos sentirão seu zunido em suas veias, todos vão respirar, sangrar, viver e morrer por ele, e será bom.*

*Amém.*

# Capítulo 1

O DEMÔNIO APARECE DO NADA. GARRAS E PRESAS OCUPAM MEU campo de visão e todos os instintos gritam: *mate.* Meu sangue ferve, minhas mãos se fecham em punhos, meus olhos se estreitam. Os pontos vulneráveis no corpo do demônio praticamente se iluminam como painéis de neon.

– Falta! – grita Rhys. – Sem teletransporte, Tsip! Você sabe disso.

Mesmo brincando, Rhys não consegue evitar ser um guardião, gritando tanto conselhos como correções. Ele não está usando seus óculos, o que faz seu rosto parecer vago e indefinido. Cillian passa por ele, bagunçando seu cabelo cuidadosamente dividido em caracóis desalinhados e rindo da sua frustração.

Eu respiro fundo, tentando tirar da cabeça o impulso de matar esse demônio que convidei para a nossa casa e jurei proteger.

– É só futebol – sussurro. – Não importa. Eu nem gosto de futebol.

– Futebol, maldito americano – canta Cillian, sutilmente roubando a bola de mim. Suas bermudas são bem mais curtas do que deveriam numa tarde de janeiro, mas ele parece imune ao frio.

Ao contrário de muitos de nós, que estamos pálidos beirando o translúcido a essa altura do inverno, sua pele está vibrante e bonita. Ele passa a bola para Tsip. Ela tem uma cor rosa quase que opalescente, brilhando sob a luz do sol. Tsip pinta suas garras de cores divertidas quando fazemos noites de manicure e eu tento desesperadamente não sentir a falta de Artemis.

Fico enraizada ao chão, exatamente onde estou. Tsip me pegou desprevenida, mas isso não deveria fazer diferença. Eu gosto dela. E o fato de ter desistido do gol e começado a planejar uma dúzia de formas de assassinar meu inimigo no intervalo de uma única batida

do coração é, sejamos sinceros, aterrorizante. Não consigo controlar meu coração, nem me livrar da adrenalina que grita em minhas veias.

– Preciso ir cuidar dos pequenos. Fui.

Aceno e corro para fora do campo. Ninguém presta muita atenção em mim. Jade está deitada na frente do gol, a pior goleira da história. Rhys e Cillian estão se esbarrando e flertando cada vez mais. Tsip continua se dissipando e depois rematerializando quando se lembra da regra de não teletransportar. Estão todos dispostos a continuar sem mim, alheios ao meu pânico interior.

Estive escondendo isso deles de propósito. As coisas aqui estão indo bem. Estou no comando. Não posso ser um problema. Então, nenhum deles sabe que não consigo dormir à noite, que minha raiva explode em instantes e que, quando consigo dormir, meus sonhos são…

Bem… ruins.

Eles não precisam saber, e não vou deixar que saibam. Exceto por Doug, cuja pele amarela vibrante está quase alcançando um nível de neon dos anos 1990 no sol ralo de inverno. Maldito demônio que cheira emoções. Ele está me observando do gol agora, com as narinas abertas. Não consigo mentir para ele do jeito como minto para todos os outros. Balanço a cabeça preventivamente. Não quero conversar a respeito disso. Nem com ele nem com ninguém. Só existe uma pessoa com quem eu gostaria de conversar, mas Leo Silvera não está exatamente disponível.

Faço uma rápida varredura do perímetro do castelo. *Leo me amava.* Verifico a floresta. *Leo me traiu.* Confiro as trancas dos prédios externos. *Leo me salvou.* Paro e só escuto e observo, tentando sentir qualquer coisa pressionando meus instintos. *Eu deixei Leo morrer.*

Continuo andando. Leo me amava, nos traiu, nos salvou e aí morreu, e não consigo ficar triste sem ficar furiosa, ou ficar furiosa sem me sentir culpada, ou me sentir culpada sem me sentir exausta.

Além do campo, os pequenos demônios roxos estão se alternando empurrando uns aos outros no balanço da árvore. Ou talvez estejam tentando derrubar os outros no chão. É difícil dizer às vezes. Sem nada mais que precise da minha atenção lá fora, acabo parando nos degraus da frente do castelo.

– Ei, Jessi. – Aceno sem muito ânimo para nossa demônia da vingança. Ela está organizando um jogo elaborado de amarelinha para os pequenos. George Smythe, todo encasacado e mal conseguindo enxergar sob um chapéu de feltro mole, grita cada letra ao parar nela.

– *G*!

– Que foi? – pergunta Jessi, em tom ríspido.

– *E!*

– Posso cuidar disso pra você.

Considero relaxante ficar com os pequenos. São três crianças incrivelmente hiperativas que precisam a todo momento de lanches, entretenimento e educação, mas pelo menos nunca ativam aleatoriamente meu instinto de *matar*.

– *A*!

– Não – diz Jessi, sua voz doce como uma fruta de verão. – G-E… o que vem depois?

– *O!* – George grita enquanto corrige seu caminho, balançando em uma perninha curta antes de saltar para a letra *O*.

– Ótimo! Ah, você é tão inteligente. Priya, como estão suas letras?

Priya, uma minúscula garotinha com cabelo escuro lustroso, está agachada diante de alguma coisa escrita em giz, que parece mais linguagem *klingon* do que qualquer alfabeto que eu conheça.

– Muito bem, querida! Você está realmente dando duro. Segure o giz com uma mão, como conversamos. Thea, amor, tira a mão do nariz, por favor… isso.

E pensar que já consideramos essas crianças como representantes de todo o futuro dos guardiões. Eu observo Thea girar até cair de bunda no chão. Pensando bem, o futuro dos guardiões está muito bem registrado aqui. Eu dou uma batidinha no braço de Jessi.

– Então, você pode tirar a tarde de folga.

Tudo que havia de agradável na voz dela vira gelo.

– Eu disse não. Não confio em você para cuidar desses três prodígios preciosos. Temos um dia inteiro de currículo para cumprir hoje e ainda não fizemos a hora da história nem terminamos os projetos de arte. Vai fazer alguma dessas coisas com eles?

– Eu… poderia?

– Você só colocaria um desenho na TV e ficaria lendo enquanto as mentes férteis deles são tomadas por ervas daninhas.

Jessi perdeu seus poderes, mas tenho razoável certeza de que, se ainda os tivesse, teria me transformado em algo gosmento. Ela já está me ignorando e se voltando para seus três alunos. Seu rosto emana gentileza e amor absoluto.

– *R!* – declara George, pulando enfaticamente em cima da letra.

Jessi aplaude como se ele tivesse encontrado a cura da gripe.

Totalmente dispensada, caminho desanimada pelas escadas e entro no castelo. Jessi podia pelo menos fingir ser simpática. Ela tem muitos inimigos lá fora, a vingança é um círculo vicioso, e sem seus

poderes ela está vulnerável. Nós a acolhemos apesar do seu óbvio desprezo por qualquer pessoa com mais de dez anos. Houve algumas discussões, considerando seu histórico, mas minha mãe argumentou em sua defesa. É um pouco mais fácil perdoar uma demônia da vingança que tinha como missão da sua vida imortal vingar crianças do que uma que se especializasse, digamos, em rivalidades de apostas esportivas.

Mas a dispensa de Jessi me deixa sem nada para fazer. Antes eu tinha meu centro médico e meus estudos, todos os meus pequenos deveres de guardiã. Mesmo havendo poucos de nós, o castelo operava o mais próximo possível do jeito tradicional dos guardiões. O que, em retrospecto, era absurdo, já que não tínhamos uma caçadora nem estávamos realmente fazendo nada que os guardiões deveriam fazer.

Mas agora tudo mudou. Perdemos guardiões. Wanda Wyndam-Pryce saiu resmungando em direção ao pôr do sol, e já foi tarde. Bradford Smythe foi assassinado. Eve Silvera, secretamente uma demônia súcubo e assassina, foi esmagada graças às minhas ações. Artemis foi se encontrar com sua namorada horrível, e só de pensar nela eu tensiono minha mandíbula e cerro os dentes. E perdemos Leo, que não nos contou o que era sua mãe – e ele –, mas lutou para nos dar tempo suficiente para impedi-la de abrir uma nova boca do inferno.

E agora temos uma caçadora, mais uma vez graças a Leo, que de alguma forma devolveu os poderes que a mãe dele roubou de mim. Não sei como ele fez isso e dói demais pensar a respeito, como todo o resto. Passo grande parte dos meus dias tentando não pensar e é mais difícil do que deveria ser. Eu costumava acreditar que tudo que as caçadoras faziam era agir sem pensar. Eu estava errada, mas queria muito que fosse verdade. Há tão pouca ação e tanta reflexão nesses dias.

*Está bem. Está tudo bem. Está bem,* eu me lembro, de novo e de novo como um cântico. Decidimos transformar nosso castelo em um santuário. Ele está apenas começando, mas é exatamente o que

sonhamos que seria. Acolhemos demônios que não têm aonde ir. Mantemos todos a salvo e vamos continuar procurando por aqueles que se beneficiariam das gerações de conhecimentos e habilidades que temos. Estamos protegendo, não atacando ou destruindo.

Entre as novas adições demoníacas e os guardiões existentes, todos têm tarefas e horários para realizá-las. Dá mais trabalho do que previmos alimentar e cuidar de todos, garantindo que o castelo funcione como deveria. Mas, por enquanto, está todo mundo contente. Está todo mundo seguro.

Desabo junto à parede, sentindo o frio da pedra irradiando. O demônio unpellis, com seus quatro olhos castanhos, gentis e cheios de esperança, se aconchega perto de mim como um cão. Sua natureza é mais animal do que humana, não verbal, e ele ainda está se recuperando da esfoliação frequente que sofria no esquema de fabricação de droga demoníaca de Sean. Eu salvei Pelly daquele porão.

Mas não salvei todo mundo.

Abraço Pelly e fecho os olhos. Está tudo exatamente como sonhamos. Só que sinto a perda de Leo aonde quer que eu vá e sinto falta da minha gêmea, Artemis, com uma dor constante e física.

E o pior de tudo é que, mesmo com tempo suficiente depois de ser surpreendida por Tsip para me acalmar e lembrar meu corpo de que não há perigo…

Ainda sinto vontade de matar alguma coisa.

# Capítulo 2

ESTOU NO CHÃO COM PELLY QUANDO IMOGEN ME ENCONTRA. SEM Artemis e com Jessi assumindo a tarefa de cuidar dos pequenos, Imogen migrou para a cozinha. A qualidade da alimentação no castelo melhorou umas dez vezes. Parece que está todo mundo se acomodando nos papéis adequados. Menos eu. Eu não sei o que quero.

– Parece que você precisa de um *cookie* – ela diz, com as mãos na cintura.

Está usando um vibrante batom cor-de-rosa e arrumou o cabelo em duas tranças curtas. Ela tem andado com um humor ótimo desde que impedimos a profecia do apocalipse, quando eu bloqueei a nova boca do inferno de Eve Silvera. Evitar um apocalipse me custou meus poderes de caçadora (por pouco tempo) e Leo Silvera (para sempre). Nos meus piores momentos, quando acordo de um pesadelo sozinha no meu quarto sem nem minha irmã para me reconfortar, não tenho certeza de que foi uma boa troca. Será que uma nova boca do inferno seria tão ruim assim? Lidamos com elas desde os primórdios. Com certeza poderíamos lidar com uma nova.

Mas sei que isso é egoísta. Arcturius, aquele que só vê de longe, tinha toda uma profecia dedicada a Artemis e a mim, sobre destruir e consertar o mundo. Eu tomei a decisão certa. Mas o preço foi alto demais.

Ela custou os olhos calorosos de Leo, suas mãos de dedos longos e movimentos ágeis e confiantes. Seus lábios macios. Seu sorriso incrivelmente elusivo.

E a única pessoa que realmente me enxergava.

Uma de duas, na verdade. Leo morreu e Artemis partiu. E cá estou no chão abraçada com um demônio. Queria que Arcturius tivesse visto isso também. Eles nunca explicam como é difícil a parte *depois* da parte difícil.

Eu levanto a cabeça para Imogen.

– Acho que um *cookie* cairia bem, sim. *Cookies*, na verdade. No plural.

– *Cookies* nunca deveriam ser singular.

Imogen estica uma mão para me ajudar a levantar e meu telefone toca. A identificação de chamada é o número que escolhemos para as missões de reconhecimento de demônios. Hoje, e na maioria dos dias, minha mãe está do outro lado da linha.

Quando começamos a encontrar demônios para acolher no Santuário, eu sempre estava com ela. Mas, um mês atrás, houve um… incidente. Eu não tinha dormido nada naquela noite e já estava tensa, então quando me virei e vi os olhos escuros e mortos de um tubarão me encarando, soquei primeiro e fiz perguntas depois. No fim das contas, era um demônio com cabeça de tubarão tentando fugir de umas dívidas. Minha mãe me garantiu que ele não seria um bom candidato ao Santuário de qualquer modo, mas o fato de eu o ter atacado não fez bem para a nossa reputação. O boca a boca (ou seja qual for o equivalente de uma boca para demônios) é importante para encontrar demônios que precisam da nossa ajuda. Então, eu meio que estraguei tudo.

Ainda me sinto mal por isso. Eu gosto de tubarões! Na televisão. Embaixo d'água. Em lugares onde eu não esteja. Não consigo nem pensar no incidente sem sentir uma pontada de culpa. Quando me tornei uma daquelas caçadoras que ataca sem pensar? E isso me torna um risco em vez de um recurso. Minha mãe tentou fingir que precisava de mim no castelo por causa de cronogramas, mas nós duas sabíamos que era para me proteger. Ou para proteger os demônios. Não sei qual opção seria pior.

Trabalhar junto já é desconfortável o suficiente. Ela está tentando ser minha mãe de novo, mas não sabe como fazer isso, então ela parece um daqueles funcionários agressivamente amigáveis no mercado da esquina que fica perguntando como você está e se precisa de ajuda e se encontrou tudo certinho, e tudo que você pode fazer é sorrir e responder naquela mesma voz animada embora *saiba* onde fica o cereal, muito obrigada. E tenho a pressão adicional de sentir que preciso recompensar todos os esforços dela, mesmo quando não quero. Aprecio o empenho dela, de verdade, mas queria ter Artemis para compartilhar o fardo da Mamãe Versão Quatro, ou pelo menos alguém com quem reclamar. Ela entenderia. Ninguém mais entende.

Eu atendo a ligação.

– Mãe? Tá tudo bem?

Ouço um estalo no fundo que parece muito com uma arma de fogo. Mantenho o celular colado no ouvido e saio correndo.

– Oi, Nina. Não queria interromper seu trabalho hoje, mas estamos encurralados e não trouxe o poder de fogo necessário para sair dessa. – Pelo tom de voz, é como se ela estivesse ligando para perguntar se precisamos de mais leite. Minha mãe é enigmática e também um pouco aterrorizante.

– É o Sean?

Não quero parecer muito animada, mas é quase um alívio. Já esperava que o traficante de drogas de demônios tentasse algo para recuperar Doug. As secreções da felicidade de Doug eram a maior fonte de renda de Sean. E com Honora, ex-guardiã e a pior pessoa que já viveu na face da Terra, como aliada passada e talvez presente, Sean sabe mais do que o suficiente sobre nossas operações para ser bem perigoso. Além disso, eu meio que destruí a operação toda dele libertando um demônio rêmora para esmagar tudo. Não consigo imaginar que ele pense em nós com carinho.

A missão de reconhecimento de hoje era a primeira reunião com uma família de lobisomens. Lobisomens são de baixo risco, então minha mãe foi sozinha. Normalmente ela leva Tsip, Jade ou Rhys. Mas já deveríamos estar acostumadas – nada no nosso mundo é realmente de baixo risco.

Aceno freneticamente para Rhys, Cillian e Doug. Jade nem levanta a cabeça. Ela deve estar está viajando na onda do Doug agora mesmo. Inútil.

Meus amigos sóbrios vêm correndo enquanto abro a garagem.

– Não – responde minha mãe. – Isso não tem a cara do Sean. Parecem ser alguns agentes independentes e agressivos. Acredito que dois estejam em posições de atirador. Estou economizando munição para evitar ficar sem, mas não vai demorar até eles sentirem confiança para lançar um ataque completo.

– Estamos a caminho! Quando acabar a munição, se esconda. Não os enfrente. E não se arrisque, tá bem? – Parece algo horrível de dizer, mas não quero que minha mãe morra protegendo desconhecidos. Não quando acabei de começar a me entender com ela depois de anos em que parecíamos duas estranhas convivendo sob o mesmo teto. Eu quero que ela me perturbe por décadas ainda.

– Obrigada. Vejo você daqui a pouco. E Nina? – Sua voz fica mais suave, mais hesitante. Pela primeira vez, ela parece um pouco preocupada. – Cuidado. Você não é à prova de balas.

O silêncio paira entre nós. Eu luto para preenchê-lo, para fechar essa lacuna. Porque essa mãe, que fala abertamente sobre se importar comigo, é uma coisa nova. E, assim como ser uma caçadora, ou sentir raiva, culpa ou pesar, eu ainda não sei lidar com isso. Então, em vez de dizer a ela para também tomar cuidado, acabo caindo numa escolha menos complicada emocionalmente. Assim que começo a zombar, sei que é a escolha errada, mas ela está lá sozinha e eu não consigo parar.

– Sim, deveríamos falar com os ancestrais que criaram a linhagem das caçadoras. Ser à prova de balas seria uma habilidade útil para somar à lista de sonhos proféticos, superforça e instintos assassinos. Embora, talvez, balas fossem um conceito pouco familiar considerando que tudo isso aconteceu milhares de anos atrás.

– Por favor, Nina, só tome *cuidado*.

Respiro fundo. Por tanto tempo eu quis ter a minha mãe. Agora, eu preciso ser forte o suficiente para deixá-la ser ela mesma, confiando que isso não vai acabar.

– Serei. Prometo. Você também. – Eu desligo.

Cillian, Rhys e Doug estão todos aguardando minhas instruções. Tsip está por perto também.

– Você consegue me teletransportar? – pergunto a ela.

– Sim! – As presas proeminentes da parte de baixo da sua mandíbula são exibidas em um sorriso entusiasmado. – Mas só por distâncias curtas. E preciso ser capaz de me reconstituir depois de ser desintegrada em nível molecular enquanto viajo através do vácuo além da realidade. Dói bastante, mas você se acostuma.

– Eu dirijo então, né? – Cillian pega as chaves e dá a partida no carro.

Doug parece assustado, mas determinado.

– Foi o Sean?

O fato de estar disposto a enfrentar o homem que o manteve em cativeiro por anos diz muito sobre ele.

Coloco minha mão em seu braço e faço que não com a cabeça.

– Mercenários. Estão armados, não acho que você vá ser muito útil. Acorde Jade e garanta que todos fiquem em alerta enquanto eu estiver fora, está bem?

Doug assente, levantando uma mão em despedida. Tsip acena animada enquanto partimos.

– O vácuo além da realidade? – repete Cillian, dirigindo pela estrada de terra batida na floresta bem mais rápido do que seria seguro. – Demônios. Completamente birutas, todos eles.

– Eu gosto do Doug – diz Rhys, verificando sua besta.

Eu me remexo impaciente no banco de trás.

– Todo mundo gosta do Doug. É biologicamente impossível não gostar dele.

Sempre escolhemos um destino com várias estradas que entram e saem para não sermos rastreados, então o armazém fica a trinta minutos de distância. Mas trinta minutos é muito tempo.

– No que estamos nos metendo?

Cillian está dirigindo no dobro do limite da velocidade. Estou grata, mas queria que fosse ainda mais rápido. Só que não estamos com o Doug para nos livrar de multas no carro, então já arriscamos um encontro com a polícia.

– Mercenários. Dois atiradores de elite. Eles encurralaram minha mãe no armazém.

– Qual é o plano?

– O plano é Cillian parar antes de chegarmos lá e ficar no carro.

– Ei, eu posso…

Eu o interrompo.

– Só consigo salvar algumas pessoas de cada vez. Não posso me preocupar com você também. – Acaba saindo mais duro do que eu pretendia, mas é verdade. Cillian é uma das minhas pessoas favoritas no mundo e quase morreu no outono passado por causa disso. Seus olhos castanhos escuros encontram os meus no espelho retrovisor. Ele assente.

Rhys se vira de volta para mim. Ele esqueceu os óculos. Sua besta vai ser bem inútil se ele não conseguir enxergar na hora de mirar. Eu gostaria que ficasse no carro com Cillian, mas ele é um guardião. Esse é o trabalho dele também.

Não. É apenas o meu trabalho. Eu sou a caçadora.

– Rhys, pegue os becos para cortar por um atalho até a parte de trás do armazém. Alcance um ponto alto e garanta que não tenha mais deles esperando lá numa emboscada. Eu encontro os atiradores e cuido deles.

Estou confiante de conseguir fazer isso antes de Rhys assumir sua posição. Posso mantê-los seguros. Posso manter todos seguros.

A imagem de Leo inconsciente no chão, desaparecendo embaixo do demônio rêmora que não para de crescer, sendo esmagado até a morte assim como sua mãe, surge na minha mente e me contradiz com precisão brutal.

Mas eu consigo. Preciso conseguir. Nunca mais vou perder ninguém.

Cillian desacelera nos arredores do antigo distrito de pesca onde fica o armazém. Eu abro a porta e salto, já correndo.

O som de uma bala pipocando em metal basta para me mostrar a direção. Não me preocupo com cobertura. Corro o mais rápido que posso e, pelos deuses, é rápido. Meu cabelo ruivo-dourado flutua atrás de mim e meu casaco de chuva verde-esmeralda estica-se no vento como uma capa. Outro som de tiro. Tem uma escada de

incêndio a uns quatro metros e meio de altura na lateral de um prédio de tijolos. Eu salto, seguro na barra de baixo e escalo, surpresa de ter conseguido dar esse pulo. Tenho razoável certeza de que não teria conseguido quando me tornei caçadora. E não andei treinando muito, para ser honesta – a sala de treinamento do castelo me traz memórias dolorosas demais envolvendo Leo. Mas não tenho tempo de questionar minhas habilidades.

O telhado é de metal corrugado, achatado e enferrujado. Na ponta, vejo alguém agachado, segurando um rifle. Um mercenário – atirando com o rifle na minha mãe e uma *família.*

– Ei! – eu grito.

A fúria arde em mim com a mesma intensidade devoradora das escuras chamas roxas que quase me mataram quando era criança. Posso senti-las dentro de mim, incinerando todo o resto, me purificando e deixando apenas a raiva. O mercenário se levanta e gira o rifle na minha direção no mesmo tempo que eu levo para atravessar o telhado correndo e me jogar contra ele.

Eu observo em câmera lenta enquanto ele despenca pelo ar.

# Capítulo 3

NAQUELE BREVE ETERNO INSTANTE, CONSIDERO DEIXAR O mercenário cair.

Estamos a três andares de altura. Ele *com certeza* não vai morrer. E estava aqui em cima atirando na minha mãe e em uma família de lobisomens com três crianças pequenas. Escondido como um covarde, tentando matar pessoas que já tinham sofrido e perdido mais do que ele poderia imaginar.

E uma parte de mim, um nó escuro e ardente pressionando meu coração, rosna que ele é meu inimigo e merece qualquer fim que o espere quando se chocar com o asfalto.

*Ele é humano,* eu digo em pensamento para a coisa faminta que rosna.

*E daí?,* é a resposta.

O surto de medo que a sensação causa dentro de mim basta para romper a fúria. Estico uma mão e pego o homem em pleno ar. O rifle cai no chão lá embaixo e eu o seguro pendurado enquanto ele se debate e xinga. Uma varredura dos tetos em volta não revela nenhum outro atirador.

O que provavelmente significa que esse estava mantendo minha mãe presa enquanto o outro invadia.

Vejo uma barra de metal perto de mim. Prendo o homem pelo cinto, deixando-o pendurado, mas ele não vai cair a menos que se debata demais.

Então, eu salto. Aterrisso com força numa posição agachada que alguns meses atrás teria me deixado muito impressionada comigo mesma, depois acelero em direção ao armazém. De fato, alguém

arrombou uma porta lateral com um pé de cabra, agora abandonado no chão. Eu o pego. O interior mal iluminado do armazém tem um fedor de décadas de cheiro de peixe. O frio é uma presença física batendo em mim.

Mais à frente, próximo do pilar de concreto, o segundo mercenário está apontando seu rifle. Sigo a mira até minha mãe e vejo sua silhueta contra a porta da entrada, a arma levantada enquanto procura uma ameaça do lado de fora. Atrás dela, abrigados atrás de um enorme refrigerador, uma mãe, um pai e três crianças se escondem.

Há o som suave de alguém soltando a respiração enquanto o mercenário se prepara para o tiro fatal. Eu arremesso o pé de cabra.

Ele bate com um estalo de quebrar ossos na perna direita do mercenário. Ele – ela, na verdade – grita. Corro até a mulher, pegando o rifle e dobrando-o em dois. Então eu a pego pelo colete preto à prova de balas e a arrasto atrás de mim enquanto caminho na direção da minha mãe, que está em choque, e da família aterrorizada.

– Nina! – grita minha mãe.

Ela se vira para mim. A porta atrás dela se abre e o primeiro mercenário entra gritando, segurando uma pistola que eu não sabia que ele tinha e apontando a arma para mim.

O olhar de puro terror no rosto da minha mãe me lembra da nossa conversa por telefone. *Você não é à prova de balas.* Eu seguro a mercenária na minha frente como escudo. Um, então dois tiros a acertam. Sinto seu impacto como se fossem moscas batendo em mim. Arremesso a mulher para o lado e me jogo em cima do infeliz. Ele não tem tempo de dar outro tiro antes de eu atingi-lo e lançá-lo contra a porta com tanta força que ela balança desgovernada, presa somente por uma dobradiça.

Ele está no chão. Levanto um punho…

– Nina!

Eu paro. Ele está inconsciente. Não preciso mais bater nele.

Mas, pelos deuses, como eu *quero.*

– Nina, a mulher. – O tom de minha *mãe* é ríspido. Desaprovador.

Certo. A mulher. Aquela que usei como escudo. Aquela que eu deixei levar um tiro. Estava com tanta raiva, tão concentrada. Parecia certo no momento, mas agora meu estômago se contorce. Estou enojada pelo que fiz. E, inexplicavelmente, mais furiosa do que nunca. Como minha mãe pode ficar brava comigo? Foi o próprio parceiro da mercenária que atirou nela. E ela estava se preparando para atirar na minha mãe. Ou nos lobisomens, ainda acuados, as crianças chorando enquanto a mãe tenta reconfortá-las e o pai me encara.

Não vou deixar ninguém atirar na minha mãe. Eu largo o sujeito inconsciente e caminho, tão calmamente quanto consigo, até a mulher. Ela está gemendo de dor. Sua perna está obviamente quebrada onde eu a atingi com o pé de cabra. Está escuro demais para ver onde ela está sangrando.

– Minha barriga – ela diz, arfando.

Estico a mão e a levanto, odiando ter que ser gentil quando ela merece qualquer coisa menos isso. Eu a levo para a área iluminada e a coloco no chão ao lado do seu parceiro. Não tem sangue. As duas balas a acertaram no colete.

– Suas costelas devem estar quebradas – eu digo.

– A perna também.

Eu conheço o procedimento para imobilizá-la e para verificar se os pulmões dela não foram perfurados. Estudei e aprendi tudo que

podia sobre o corpo humano e como ele quebra, para poder ajudar a consertá-lo. Não para poder quebrá-lo com mais eficiência.

Em vez de verificar seus pulmões, eu procuro por armas. Encontro outra pistola e a quebro no meio. Em seguida, recolho seus rifles e outras armas e faço uma pilha no chão perto deles.

Saco meu celular.

– Ligue para a polícia – peço a Cillian. – Diga que ouviu tiros perto do velho armazém de peixes.

– Está tudo bem?

– Tudo certo. – Desligo. Temos, ou tínhamos, procedimentos para lidar com demônios. Mas esses dois são humanos, o que significa que estão sujeitos às leis humanas, e a legislação irlandesa não é muito tolerante em relação a armas ilegais. – Quem mandou vocês? – pergunto.

O rosto da mulher está encharcado de suor. Ela cerra os dentes e me encara. A julgar pelo som da sua respiração, nenhum dos pulmões foi perfurado. Mas suas costelas certamente estão quebradas. Eu preciso dessa informação; minha mãe não acha que seja Sean, mas poderia ser.

Pensar em Sean me lembra de Honora, que me lembra de Artemis. O que ela estaria disposta a fazer pela verdade se isso significasse proteger sua família? Coloco a mão gentilmente no colete da mercenária – então empurro para baixo só um pouquinho.

Ela grita.

– Ninguém! Ninguém mandou a gente! Tem um homem, rico como o diabo, que paga mais caro por exóticos. Ele sempre promove uma grande caçada de lobisomens na primeira lua do ano novo. A gente pode colocar você nesse negócio! Apresentá-la!

– Me dê o nome. – Eu aumento a pressão.

– Ian! Ian Von Alston! Nos arredores de Londres!

Eu levanto a mão.

– Se encontrar um de vocês de novo, não terão a mesma sorte de hoje.

Fico de pé e me viro. Preciso de toda minha força de vontade para deixá-los ali. Minha mãe está segura e a família também. Os mercenários estão desarmados e feridos, não são mais uma ameaça. Mas eles mantiveram minha mãe na mira de suas armas a fim de vender uma família para ser caçada. Meus punhos cerram, comichando.

A lobisomem mãe, uma mulher simples usando jeans e um casaco grandão, me encara com olhos arregalados e úmidos.

– Obrigada. Encontraremos a saída sozinhos.

– Vocês ficarão seguros com a gente. Eles não podem feri-los. – Sorrio para reconfortá-los.

Mas o horror no rosto dela não se dirige a eles. Ela está com medo… de *mim.*

– Nós preferimos ir pra outro lugar.

O pai pega duas crianças em seus braços e a mãe pega a terceira. Eles partem depressa para a escuridão do armazém em direção à porta dos fundos.

– Nina – minha mãe fala de um jeito controlado e cuidadoso que me arrepia mais do que o prédio.

Eu não fiz nada de errado! Só o que meus instintos mandavam. Menos do que isso. Agi como uma caçadora. Se não puder usar

minhas habilidades para proteger quem eu amo, para que diabos de boca do inferno elas servem?

– Nina? – Rhys passa pelos dois mercenários com um olhar confuso. – É melhor encontrarmos Cillian, não é? Não quero estar aqui quando a polícia chegar.

– Pode ir na frente. – Não encaro minha mãe nos olhos. – Vou voltar correndo para casa. Tenho um pouco de energia pra gastar.

– Mas são quase cinquenta quilômetros!

Cinquenta quilômetros que seriam passados com o peso de perguntas não feitas e não respondidas. Prefiro correr. Eu saio em disparada do prédio no meio da tarde de inverno, ardendo tanto que fico surpresa de nada pegar fogo no meu rastro.

# Artemis

HONORA ESTÁ DEITADA NA BEIRA DA CAMA, COM A CABEÇA PARA FORA e o longo cabelo escuro cai como uma cortina brilhante, ocultando seu rosto. Distraída, ela folheia vários folhetos espalhados no chão.

– É meio esquisito, mas não são todos assim? Ele paga bem. Poderíamos ganhar o suficiente em uns meses para pagar um curso por pelo menos um ano. Ah, isso sim é um campus de verdade, olha só essa hera. Sei que não é prático, mas sempre quis fazer algo em Comunicação. Relações Públicas. Não é tolice?

Ela vira a cabeça para Artemis, fazendo uma careta para esconder sua vulnerabilidade.

Artemis sorri para Honora saber que não está de provocação.

– Não acho que seja tolice. Você mandaria muito bem numa empresa de RP. E se as coisas não seguissem do jeito que achasse melhor, mandaria em todo mundo. Literalmente.

Honora ri e volta para os folhetos. O plano é pegar alguns trabalhos de caça a demônios, já que Honora ainda tem muitos contatos, embora não trabalhe mais com Sean, e ganhar o suficiente para pagar a universidade delas. Artemis ainda não tem idade, tecnicamente, mas Honora também conhece alguém que pode falsificar documentos para que ela tenha todas as notas altas e requisitos de identidade de que precisa para se inscrever. Artemis não tinha exatamente parado para pegar sua certidão de nascimento antes de fugir do castelo, dos guardiões, de sua mãe, irmã e tudo mais que já tinha conhecido e conquistado.

– Ei, Lua, o que foi?

Artemis força um sorriso e se levanta, espreguiçando-se.

– Só cansada.

O apartamento onde estão pertencia a um vampiro e sua decoração parece saída dos filmes de vampiro dos anos oitenta. As paredes estão pintadas de preto e cheias de pôsteres em neon. A cabeceira é de couro escuro e Artemis se esforça muito para não pensar no que pode ter acontecido nesse quarto. Elas passaram aspirador em cada canto do carpete depois de transformar o vampiro em cinzas, mas ela ainda insistiu em trocar os lençóis antes de concordar em dormir ali. Mesmo assim, ela não consegue dormir muito bem. Acorda constantemente em pânico, com o coração acelerado e a sensação de que deveria estar fazendo *alguma coisa.*

Mas ela nunca consegue identificar o quê.

Honora está animada com o plano e Artemis queria estar também. Mas não consegue imaginar uma vida na qual iria para a universidade se formar no quê? Contabilidade? Para depois conseguir um emprego em um escritório, vestir salto alto e ir trabalhar todo dia como uma pessoa normal? Ela não é uma pessoa normal, nunca foi e nem quer ser. A coisa toda pareceria absurda demais, sabendo que existe mal lá fora à espreita.

Artemis, uma contadora, enquanto Nina é uma caçadora.

O telefone toca com o número de celular do castelo, e ela se pergunta se sua amargura de alguma forma conjurou sua gêmea. Elas não têm se falado. Artemis não queria ser a primeira a ligar. Não dessa vez. Que Nina tentasse consertar as coisas, pra variar. Talvez fosse a mãe delas. Respirando fundo, chateada com a esperança que surgia frágil e patética no seu coração, Artemis atende.

– Sim?

– Artemis?

Ela leva alguns instantes para identificar a voz.

– Imogen? – Não era quem ela esperava. Ela murcha de decepção. Queria que fosse sua mãe, exigindo que Artemis voltasse para o castelo, para ela recusar. Queria que fosse Nina, dizendo como as coisas vão mal e o quanto precisam dela. Ela não saberia o que dizer nesse caso. Mas Imogen?

– Ei – Imogen diz. – Ainda bem. Estava preocupada que tivesse mudado seu número. Ainda tem contato com o Sean?

– Não. – Artemis dá de ombros diante do olhar curioso de Honora, e balbucia *Imogen*. Honora se senta direito e se inclina para perto. – Não falamos com Sean desde que minha irmã acabou com o esquema dele. Espere. O castelo está em perigo? Ele atacou para pegar o Doug? – O pulso de Artemis acelera. Ela *sabia.* Sabia que eles estavam tomando a decisão errada, que não seriam capazes de se defender. Honora gesticula e Artemis coloca o telefone em viva-voz.

– O quê? Não. Liguei por outro motivo. Algo maior. Não posso falar disso com Nina, ela não seria capaz de lidar com a informação. E nós duas sabemos que ela não se dá bem com Honora, o que é absurdo. Você e Honora são as melhores que já tivemos, mesmo se a velha guarda decrépita estivesse com a cabeça nas nuvens demais para perceber. Então, essa ligação precisa ficar entre nós, tudo bem?

Artemis e Honora se entreolham. Elas nunca ouviram Imogen falar assim. Contra a própria vontade, Artemis está curiosa.

– De qualquer modo, não mantenho contato com ninguém do castelo.

– Ótimo. Eu andei pesquisando e tem algo novo surgindo com força. Estamos falando do nível de um deus infernal. Talvez. Não tenho certeza. Mas acho que Sean está envolvido. Você se lembra do chá que ele vendia?

Elas têm um suprimento de algumas das drogas mais potentes dele, mas o estoque está se esgotando. Artemis conta todo dia, observando seu único acesso ao tipo de poder do qual precisa desaparecer. Isso a enche de terror, assim como pensar na sua vida de contadora. Ela quer ter força para ajudar, para proteger Honora, para lutar contra o mal, para ser *mais* do que ela mesma. E, sem as drogas de Sean, voltará a ser a Artemis que não era boa o suficiente.

– Sim, eu me lembro do chá.

– Tinha um símbolo nele. Sabe qual é?

Artemis sabia. Ela se vira para a mesa de cabeceira, onde está um dos pacotes com a marca de Sean. Parando para pensar nisso agora, ela se lembra de já tê-lo visto antes. Em algum lugar. Onde?

Imogen continua.

– Achei que era só sua marca empresarial, mas isso tem me incomodado. Acho que está conectado a algo maior. E eu… – Ela para e sua voz fica abafada enquanto responde a alguém em um tom mais alegre. – Desculpe. Preciso ir. Foi bom falar com você, Liesa. É claro que estou interessada em cuidar de galinhas. Volto a entrar em contato para tirar outras dúvidas.

A ligação é interrompida.

Artemis segura o celular, olhando fixamente para ele enquanto tenta processar a conversa. Imogen sempre foi deixada meio de lado. Mas elas tinham em comum o fato de serem remanejadas pelos guardiões para as piores tarefas no castelo, Imogen manchada pelas escolhas da sua mãe e Artemis aparentemente por não ser boa o bastante.

Ela era melhor do que qualquer um naquela porcaria de castelo. Mesmo se os guardiões ainda contassem com sua força total, ela continuaria sendo melhor do que todos eles.

*Na biblioteca!* Ela tinha visto o símbolo na biblioteca, quando precisou rotular e catalogar cada livro ao invés de estudá-los como Rhys, tudo porque tinha falhado em um único teste.

Para o quinto dos infernos com a estabilidade. Para o quinto dos infernos com a contabilidade. Artemis era uma guardiã, a única de verdade que ainda restava. Se havia alguma ameaça terrível lá fora, ela a encontraria e lidaria com o que quer que fosse pessoalmente.

– Ligue para Sean. – Ela joga o celular para a Honora, que parece surpresa. – Diga que queremos trabalhar para ele.

Honora torce os lábios.

– Tem certeza? Eu estava já com o pé na porta antes mesmo daquela confusão toda da rêmora. Não gosto muito das pessoas com quem ele está trabalhando agora. Uns fanáticos religiosos esquisitos.

Bingo. Artemis não consegue evitar uma pontada de adrenalina. Porque, onde existem fanáticos, existe poder para ser venerado. E onde há poder, há potencial. Ela não sabe ainda do quê. Talvez elas só matem o que quer que seja e estará tudo terminado. Mas se Sean foi capaz de descobrir o que dá força aos demônios para sintetizá-lo, quanto poder poderia ser espremido de um deus em potencial?

Artemis se inclina mais para a frente.

– Trabalharemos com ele para trabalhar contra ele. Que nem nos velhos tempos para você, certo?

Honora recua instintivamente. Ela não fala sobre o tempo que passou infiltrada em um culto que venerava demônios. Elas escreviam cartas constantemente uma para a outra naquela época, mas Honora nunca fornecia detalhes do que estava fazendo. Artemis se sente mal por lembrá-la dessa fase. Não deveria insistir nisso. Mas ela precisa dessa missão. Ela precisa de *alguma coisa.*

Ela estica uma mão e acaricia o cabelo de Honora, repousando a mão na sua nuca.

– Esse é o nosso trabalho, Nor. Seu e meu. Somos as únicas guardiãs de verdade que sobraram. E se tem alguma coisa acontecendo, quem mais vai cuidar disso? Deveríamos ligar para a Buffy?

Honora dá uma risada de escárnio.

– A chance de ela ir para a cama com um deus infernal é a mesma de matá-lo. Certo, então. Não posso me matricular até o próximo semestre, de qualquer modo. Desde que façamos isso juntas, acho que vale a pena. Você vai me proteger, não é, Lua?

Honora dá uma de durona, mas seu olhar hesitante atinge Artemis profundamente. Ela e Honora pertencem uma à outra. *Nina* nunca entendeu a conexão entre elas porque Nina tinha alguém para cuidar dela, alguém que a protegia. Artemis nem tenta lutar contra a onda de amargura que sente ao pensar que, depois de tudo que fez para ser a mais forte, a mais inteligente, a melhor, a escolhida foi Nina. Ao pensar que, no fim das contas, ficou sem a irmã que achava que tinha. Aquela que precisava dela.

Honora sabe como é nunca ser suficiente, lutar e lutar não tendo ninguém do seu lado. Agora elas estão uma do lado da outra.

Artemis pega a mão de Honora entre as suas e olha nos olhos dela.

– Sempre.

# Capítulo 4

QUANDO VOLTO AO CASTELO, JÁ ANOITECEU.

Rhys e Cillian estarão enfiados no quarto de Rhys, Cillian assistindo alguma coisa no seu velho *laptop*, feliz por estar em qualquer lugar que não seja sua casa vazia, e Rhys pesquisando e fazendo adições à sua enciclopédia de demônios.

Jade estará onde quer que Doug esteja. Acho que eles estão namorando, mas é difícil saber e prefiro não perguntar detalhes. Jade e eu nunca fomos muito próximas e isso não mudou. Além disso, me esforço bastante para evitar Doug e sua habilidade inconveniente de cheirar quando minto sobre meus sentimentos.

Imagino o resto do castelo se preparando para a noite. Imogen se mudou da suíte da creche para um quarto perto do meu. Às vezes, sinto o cheiro dos seus cigarros, mas ela é silenciosa como um fantasma. Jessi já terá colocado carinhosamente os pequenos para dormir. Pelly estará enrolado no canto da sala de treinamento. Os minúsculos demônios roxos estarão no armário do aquecedor úmido e quente que reivindicaram para si mesmos. Tsip estará onde quer que ela exista quando não está aqui, dormindo em seu vácuo além da realidade como um mecanismo de defesa. A anciã Ruth Zabuto estará no seu quarto, sob toneladas de lençóis ao lado de cinco aquecedores.

Minha mãe, com quem eu deveria falar, mas não vou, também estará no seu quarto. Ela não virá atrás de mim para me forçar a conversar, embora devesse fazer isso. Vamos as duas fingir que a confusão no armazém não foi esquisita. Ainda não sabemos como ser mãe e filha, não de verdade. Também não somos guardiã e caçadora. O que temos é frágil e incerto. Por um momento, fico tentada e me imagino indo até o quarto dela. Mas e depois? Não tem cadeira ou sofá confortável onde possa me enrolar. Não consigo

me imaginar sentando na cama dela para conversar. Há tantos anos de muros entre nós. Gostaria de usar a minha força de caçadora para saltar por cima deles, mas barreiras emocionais não se importam com minhas habilidades físicas.

Só há duas pessoas com quem eu realmente poderia conversar sobre tudo isso, e as duas não estão aqui. Ambas me abandonaram. Um morrendo, a outra indo embora.

Sem vontade de voltar ao meu quarto vazio, vou até a cozinha. Não estou tão cansada quanto deveria depois de correr por diversas horas, mas estou *exatamente* tão faminta quanto o esperado. Tiro meu casaco molhado, desejando ter vestido um do qual gostasse menos para correr cinquenta quilômetros, então descalço os tênis. Pelo menos tive o bom senso de usá-los em vez das botas bonitas. Vestindo apenas minhas meias listradas de arco-íris, caminho silenciosamente pelo castelo em direção ao salão de jantar e à cozinha.

As luzes estão acesas. Imogen está dançando sozinha, devagar, cantarolando alguma música que toca no aparelho de som portátil que ela economizou para comprar. Seu avental está coberto de farinha, o pó fino e branco preso em suas tranças louras também. Ela para e sorri para mim.

– Quer um *cookie* quentinho? – ela pergunta.

– No plural, lembra? Não existe singular para *cookies*.

Imogen ri, fazendo um gesto amplo com o braço para me convidar a entrar em seu domínio. Eu me acomodo num balcão, balançando as pernas. A cozinha é a parte mais nova do castelo e não combina nem um pouco com o restante. Foi instalada quando o lugar ia ser convertido em algum tipo de acampamento de treino de verão para os filhos dos guardiões. Eu nunca teria vindo parar aqui, nesse caso. Imogen também não.

Mas o restante do nosso pessoal foi explodido pelos seguidores do Primeiro Mal, então podemos aproveitar os balcões de aço inox, a enorme geladeira e *freezer*, quatro fornos e o fogão de doze bocas. Não foi uma boa troca, em termos gerais, mas é bom ver que Imogen parece feliz.

Ela me passa os *cookies* quentinhos, conforme prometido. São macios e fofinhos, e o sabor lembra…

– Banana com gotas de chocolate? – pergunto, surpresa.

– Gostou?

– São incríveis.

Ela sorri, orgulhosa.

– Eu que criei a receita. – Ela me passa um prato e um copo de leite. São como um abraço em forma de comida, e parte da minha raiva, tensão e medo derrete como chocolate na língua. Pelo menos até Imogen abrir a boca e dizer: – Então, quando vai admitir que está mentindo? – Seu tom é tão leve e macio quanto os *cookies*.

Eu congelo no meio da mordida.

– Como assim?

– Eu sei que todo mundo acreditou, ou fingiu acreditar, na história de que seus poderes de caçadora voltaram como parte de uma coisa mística de “escolhida”. Que, quando Eve Silvera morreu, os poderes foram libertados para o éter, onde flutuaram até encontrar você. – Ela pega um punhado de farinha e arremessa no ar. – *Puf*! Caçadora de novo! Só que não funciona assim. O poder da caçadora é um poço, e você está conectada a ele ou não. Eve te drenou. Talvez você se enchesse de novo algum dia, mas levaria anos. Então, o que realmente aconteceu para se recuperar tão rápido?

Estou surpresa de descobrir que é um alívio alguém me confrontar depois de todo esse tempo. Imogen não seria minha primeira escolha para conversar sobre assuntos importantes, mas talvez isso torne tudo mais fácil. Meus relacionamentos com os outros são mais profundos e intensos. Com Imogen, os riscos são menores. Dou de ombros.

– Nem creio que todo mundo acreditou nisso. Não deveriam. Até Rhys! Ele não foi consultar os livros, fazer pesquisa para conferir o que eu dizia. É como se não fôssemos mais guardiões.

Imogen sorri, limpando as mãos em um pano de prato.

– Ah, alguns de nós ainda estão de guarda. – Seu sorriso maroto se abre ainda mais, e quase pergunto o que ela quer dizer antes de ela gesticular para um temporizador. – De guarda para garantir que os *cookies* não queimem.

– É a tarefa mais importante, na verdade. – Eu mordo meu *cookie*, pensando. – Acho que estavam todos tão aliviados de eu voltar a ser uma caçadora completa que não queriam questionar.

– Isso dá a eles um propósito. Não me leve a mal, o Santuário é adorável. Ótimo trabalho, de verdade. Mas ter sua caçadora de volta os faz sentir que estão fazendo o que deveriam fazer. E provavelmente dá a impressão de segurança, considerando que Sean ainda está lá fora, e sabe-se lá quantas outras ameaças.

– Eu não faço *ninguém* se sentir mais seguro. – Torço os lábios, olhando para o *cookie* em minha mão e lembrando de outro *cookie*, anos atrás, entregue a mim durante o almoço por uma paquera impossível. Minha mão livre flutua para a cintura, assombrada pela lembrança dos braços de Leo. No fim das contas minha paquera não era tão impossível assim. Ao mesmo tempo, era mais impossível do que jamais imaginara. Odeio não conseguir aproveitar nem a memória do beijo, já que ele aconteceu no meio de uma traição.

– Como assim? – pergunta Imogen. – Quem não se sente seguro com você?

– Aquela família de lobisomens que minha mãe foi encontrar. Eu os assustei.

– Você é muito assustadora mesmo. Aposto que são as meias com padrão de arco-íris. – Seu tom de provocação desaparece quando vê a dor no meu rosto. Ela se senta do meu lado no balcão. – Me conte o que aconteceu.

É mais fácil conversar de lado, sem precisar olhar para ela.

– Eu perdi o controle. – Eu paro por um instante. – Não, isso não é verdade. Eu não perdi o controle. Eu sabia exatamente o que estava fazendo. Minha mãe tinha sido encurralada por dois mercenários, com armas e tudo. Dei um jeito neles. Tudo que fiz parecia certo na hora. Mas a maneira como a família olhava para mim, como minha mãe olhava para mim… era como se *eu* fosse o monstro. – Eu estremeço. – Quer dizer, tecnicamente eu usei um deles como escudo contra tiros.

– Você estava seguindo seus instintos, certo?

– Na maior parte do tempo. Eu me contive um pouco, na verdade.

– Não faça isso. – Imogen soa confiante, segura de si. – Você é uma caçadora. Seus instintos mantêm você viva. Seus instintos salvaram sua mãe e aquela família ingrata. Então, da próxima vez que seus instintos te mandarem usar ainda mais a sua força, use. Não duvide de si mesma.

– Mas parecia algo… *sombrio.*

– É mesmo? Ou você só estava com medo por causa da forma como os outros julgavam você?

Penso por um momento. Se minha mãe não estivesse ali, o que eu teria feito?

– Não sei ao certo. Mas isso me incomoda. Em vez de procurar maneiras de curar, ultimamente tenho sido bem melhor em encontrar formas de ferir.

– As pessoas mudam. Todo mundo cresce. Evolui. Está tudo bem.

Por anos eu busquei mudanças. Fiz campanha por elas, até. Constantemente pedia para o Conselho dos Guardiões mudar seus métodos, transformar o modo como interagíamos com o mundo, procurar soluções melhores – modos menos violentos de lidar com ameaças potenciais, uma nova hierarquia que parasse de valorizar aqueles capazes de matar acima de todo o resto.

E consegui o que queria. Só foi preciso quase todos os guardiões serem eliminados, eu me tornar uma caçadora e perder minha irmã quando ela foi embora para descobrir quem era sem a estrutura dos guardiões para limitá-la.

Eu *odeio* mudanças. Não é de espantar que os guardiões nunca mudassem nada.

– Mudanças são um saco.

Imogen me cutuca com o ombro.

– Não precisam ser. Além disso, você não me contou como conseguiu seus poderes de volta. Não pense que eu esqueci.

Eu não tinha a intenção de mudar de assunto. Ou talvez tivesse. Não quero contar, mas chegou a hora.

– Foi o Leo.

É a primeira vez que digo seu nome em voz alta em muito tempo. Queria que me envolvesse como um abraço. Em vez disso, simplesmente cai da minha boca.

– O que tem ele?

– Ele me devolveu o poder.

Imogen salta do balcão.

– Peraí, peraí, muita calma nessa hora. Leo está morto.

– É. – Eu assinto com a cabeça, sentindo-me péssima. Depois do sonho em que me restituiu tudo em um surto intenso de energia, eu esperei por ele. Mas ele nunca apareceu. – Talvez seja algo relativo a cambions. Ele era meio demônio, afinal de contas. Talvez tenha conseguido ficar aqui por tempo suficiente para transferir o poder. Caminhando por sonhos para me alcançar ou algo parecido.

– Você pesquisou algo a respeito?

Enfio outro *cookie* na boca.

– Sou uma caçadora agora, lembra? Não preciso fazer pesquisa.

– Você está mesmo assumindo seu destino. Estou tão orgulhosa. – Ela coloca as mãos no coração, rindo, então se vira quando o temporizador anuncia que mais uma fornada está pronta.

A verdade é que não pesquisei sobre cambions porque dói demais. Se Leo ainda estivesse vivo, ele teria voltado. Ele nos salvou ao nos dar tempo suficiente para derrotar sua mãe. Tudo que estamos construindo aqui é graças a ele. Eu só queria que ele estivesse aqui para ver. É um legado seu tanto quanto de qualquer outra pessoa. Às vezes, me permito imaginar que ele sobreviveu. Imagino todos nós gritando com ele por mentir sobre sua mãe, tendo tempo para processar a raiva até chegar às coisas boas do outro lado.

Mas dói, assim como a ideia de pesquisar sobre ele ou investigar a confusão de emoções não resolvidas que ele deixou junto com meus poderes renovados.

Eu falo para as costas de Imogen:

– Não conte a ninguém, combinado? – É triste e especial demais, e Rhys iria examinar tudo para descobrir o que aconteceu, minha mãe tentaria desajeitadamente me reconfortar e eu não conseguiria lidar com nada disso.

Imogen finge fechar os lábios com zíper.

– Sou um perfeito cemitério de segredos. Eles chegam a mim e são enterrados a sete palmos embaixo da terra.

Ela volta a perambular pela cozinha enquanto eu termino os *cookies*. Ela não fala mais nada até eu me levantar para cambalear até minha cama.

– Da próxima vez – ela diz, me passando um prato para levar –, não se contenha. Você *nunca* deve se conter. Me prometa.

Eu aceno com os *cookies*. Imogen é um mistério, como sempre, mas é bom tê-la do meu lado. É quase como ter minha irmã de volta.

– Prometo.

# Capítulo 5

EU ENFILEIRO OS CADÁVERES.

Um: Eve Silvera. Seu batom ainda está perfeito, seu terno não tem nenhum amassado. Ela deveria estar quebrada além de qualquer conserto, mas parece estar só dormindo. É uma visão pacífica.

Dois: ao lado dela, Leo. Tento não olhar para ele, mas não consigo evitar. Seu cabelo escuro cai sobre seus ombros e sua mandíbula marcante não é suavizada nem na morte nem no sono. Suas pálpebras parecem delicadas, como se pudessem gentilmente se abrir a qualquer momento. Mas isso não acontece.

Três: Cosmina. Arrumo o cabelo azul da caçadora morta em torno de sua cabeça como um halo. Bonito.

Quatro: Eu mesma. Não. Não sou eu mesma. É Artemis. Ela parece mais comigo agora ou eu que pareço mais com ela? Eu a abraço um pouco mais, então suspiro. Precisa ser feito. Alinho-a ao lado dos outros. Se ela está aqui, então está morta, e se está morta a culpa é minha.

Quero chorar, mas aqui, no meu quarto de infância, cercada pelas escuras chamas roxas estáticas que já tentaram me consumir, não tenho permissão de fazer isso. Preciso cuidar dos corpos. Levanto a cabeça para a porta. Tantos outros cadáveres me esperando, dispostos em triângulos bem arrumados. Reconheço alguns… Bradford Smythe. Cillian. Rhys. Minha mãe. Todo mundo do castelo.

Mas existem outros atrás deles, todos esperando ser trazidos para dentro e enfileirados direitinho.

Tantos corpos. Como consegui tantos corpos?

– Olá.

Eu me viro e vejo uma garota chinesa bonita, com quase vinte ou vinte e poucos anos, seu cabelo escuro longo preso em uma única trança.

– Você não está morta – eu digo.

– Não.

Seu olhar se desvia constantemente para os meus corpos. Ela estica uma mão.

– Sorvete.

– O quê?

– Você precisa de sorvete.

Confusa, aceito sua mão. Ela me puxa com força e deixamos a sala. Com uma súbita onda de consciência, entendo a verdade: estou sonhando. Esse é um sonho de caçadora. E já o tive antes. Muitas vezes. Pelo menos a parte do quarto e dos corpos. Essa parte aqui é nova.

– Sorvete.

Ela aponta enfaticamente para uma mesa com uma enorme tigela de sorvete e uma colher. Eu me sento, obediente, observando o entorno.

A sala é enorme e completamente branca. Ao longo das paredes, ilustrações infantis perseguem umas às outras. Uma delas é uma garota com uma estaca, golpeando um vampiro de desenho animado. Outra mostra a mesma garota perseguida por um monstro, com jatos brilhantes de lápis vermelho saltando de seu pescoço.

Pelos deuses, a garota do sorvete precisa da minha ajuda.

Eu sorrio para encorajá-la. Mas ela só fica parada, me encarando. Ainda não se sentou. Não há sorvete para ela.

– Você não quer?

Ela torce o nariz com nojo.

– Não.

Ouço um zumbido, um pulso baixo que sinto nos ossos. Não tinha notado antes, mas sei que esteve conosco o tempo todo. Olho para trás. A sala se estende eternamente, as ilustrações continuando suas histórias macabras. Mas, ao longe, uma onda de vazio se aproxima.

– Você é uma caçadora? – pergunto.

Seu nariz se torce com o mesmo desgosto que ela demonstrou em relação ao sorvete, mas ela assente.

– Está em perigo?

A última vez que tive um sonho sobre uma caçadora assim, foi com Cosmina. Ela precisava de ajuda e eu falhei. Eu *não vou* falhar novamente.

Ela cruza os braços e me encara.

– Coma seu sorvete.

– Posso te ajudar.

Ela levanta uma sobrancelha, pressionando os lábios um contra o outro.

– A tempestade. – Eu aponto para trás. – Tem alguma coisa vindo. Posso ajudar. Sou uma caçadora também.

– A tempestade não é minha.

Ela pega a colher, enche de sorvete e a enfia na minha boca. Eu engasgo com aquela porcaria fria sem sabor.

– Pare!

– Sorvete ajuda! – Ela tira minhas mãos do caminho com um tapa e enfia outra dose em minha boca. – Deixa você doente, mas ajuda! Giles me contou! Preciso ajudar!

Empurro-a para me afastar, fazendo a cadeira tombar para trás e caindo no chão. Uma nova mulher aparece em cima de mim. *Dreadlocks* emolduram um rosto coberto com padrões complexos de tinta branca. Eu a reconheço! A primeira caçadora! Buffy me contou sobre ela. Eu…

Ela levanta uma lâmina acima da minha cabeça e a crava na minha barriga.

# Capítulo 6

ACORDO NO SUSTO, COM MÃOS NA BARRIGA. QUANDO AS LEVANTO, fico surpresa por não estarem cobertas de sangue escuro. Parecia tão real.

Eu me deito de novo. Ter um sonho de caçadora com um pouco de controle me faz perceber que não são mais como antigamente. Não desde que Leo devolveu meu poder. Embora o quarto, meu antigo pesadelo familiar, estivesse lá também. E estava cheio de…

As fronteiras do sonho se dissipam como fumaça, e eu deixo. Só me lembro do choque frio do sorvete e do golpe ainda mais frio da lâmina. Por que a primeira caçadora me matou? E por que a caçadora bonita me atraiu para aquele quarto para isso acontecer?

Com o sono permanentemente cancelado, me levanto e esfrego os olhos. Quase me viro para verificar se Artemis está acordada antes de me dar conta, mais uma vez, de que ela não está na outra cama.

Aos 14 anos escolhi um corte bem infeliz de cabelo, cortando minhas longas madeixas até um horror que acabava no queixo. Por meses depois disso, toda vez que entrava em um carro ou me deitava na cama, esticava a mão para tirar meu cabelo longo do caminho. E toda vez ficava surpresa de encontrar apenas ar.

Quando eu vou parar de tentar alcançar uma Artemis que não está mais aqui?

Pulo da cama e me visto no escuro. Paro na sala de treinamento só para dar uma olhada em Pelly. Ele está acordado e corre até mim, os olhos gentis animados. Tento não olhar para a sala de treinamento. Ela foi cenário de tantos momentos com Leo. Em vez disso, caminhamos em direção à escuridão. Corro tão rápido quanto consigo, embora faça poucas horas desde minha corrida mais

recente. Pelly me acompanha. Ele é rápido – outro detalhe que, junto com os pares de olhos de cada lado da cabeça, mais como um coelho do que uma raposa, deixa óbvio que sua raça de demônio sempre foi presa. Nunca predadora. Nossos textos de guardiões não se davam ao trabalho de mencionar isso. Eu garanti que Rhys anotasse a informação no seu registro sobre *Demônios unpellis.*

Estamos de volta ao castelo antes do sol nascer. Pelly se acomoda sob uma árvore enquanto eu me puxo num galho, menos para ganhar força e mais para tentar exauri-la. O que costumava sentir como potencial agora parece uma tensão constante. Não tanto como se estivesse pronta para qualquer luta que possa acontecer e mais como se estivesse ansiosa por algo com o qual lutar, seja o que for.

Sem nada mais para fazer, volto para dentro e tomo um banho, depois sigo até a biblioteca para matar algumas horas – a única coisa que tenho permissão de matar, pelo visto – antes de todo mundo se juntar para nossa reunião semanal. Nós abandonamos a sala do conselho, preferindo as cadeiras confortáveis que arrastamos para a biblioteca e posicionamos em círculo. Parece mais familiar do que uma sala formal excessivamente séria.

O castelo inteiro está escuro e adormecido, então paro quando vejo uma faixa de luz embaixo da porta de madeira polida que dá para a biblioteca.

Preciso lutar contra a sensação de alerta e cautela instantânea que me toma. Deve ser só Rhys ou minha mãe. Ainda assim, abro a porta o mais silenciosamente possível, atenta. Então paro, surpresa. É um rosto familiar, de fato. Mas não o que eu esperava encontrar.

Artemis?

Artemis!

– Você voltou! – Corro para dentro do aposento e enlaço Artemis num abraço. Ela voltou. Vê-la aqui é como ser capaz de respirar

fundo pela primeira vez em meses. As coisas vão melhorar agora.

Ela está segurando um livro grosso, que fica apertado entre nós.

– Sabia que finalmente teria o bom senso de largar Honora. Estou tão feliz que está em casa! Temos muito o que conversar!

Mas Artemis ainda não falou nada. E ainda está só segurando aquele livro. Se ela entrou às escondidas, por que não estava esperando no nosso quarto? Por que está justo na biblioteca? Faço uma careta de culpa e tento expressar alguma empatia enquanto a solto.

– Você está bem? Foi uma separação traumática?

Eu não torço por isso, mas ao mesmo tempo torço. *Se endireita, Nina.* É minha vez de ajudar Artemis. Ela não deve estar pronta para encarar todo mundo ainda, depois de nos abandonar por Honora e o relacionamento não dar certo. Eu *não vou* deixar minha alegria transparecer.

– Estamos todos com saudade.

Ela ainda não disse nada e tem um alarme tocando insistentemente dentro de mim. Alguma coisa está errada. Ela se machucou? Ela está em perigo? Eu tagarelo, tentando preencher o espaço entre nós.

– Fazemos as reuniões aqui agora. Não queríamos usar a velha sala do conselho. É formal demais. E não temos mais aulas de verdade. Não como antes, pelo menos, embora Rhys obviamente ainda passe cada hora possível estudando. Ele está trabalhando em alguns recursos ótimos para nós. E Imogen não está mais encarregada dos pequenos ou de ensinar. Ela passa a maior parte do tempo na cozinha. Você precisa experimentar os *cookies* dela. Não vai mais precisar fazer essas coisas, a menos que queira. Nós vamos te integrar na agenda como quiser, embora todo mundo deva participar da limpeza dos banheiros, infelizmente. Tentei argumentar

que não é parte das minhas habilidades de caçadora, mas ninguém se convenceu. De qualquer modo, você escolhe o que quer fazer agora, então isso é bom, não é?

– Eu não voltei, Nina.

O golpe que eu temia chega. Eu me sento, encarando-a.

– Só visitando? – Mantenho meu tom leve e esperançoso, mas isso não parece ser uma visita amigável. Você não entra escondida em um castelo no meio da madrugada só para ver como as pessoas estão. – Tenho muitos residentes novos pra te apresentar. Está pensando em ficar por quanto tempo?

– Você sabe que não vou ficar. – Ela balança a cabeça e acaba se sentando. Mas não desaba na cadeira, acomodando-se na beirada, meio que pronta para se levantar. Não consigo entender o que está diferente até me dar conta de que ela está se defendendo de mim. Costumava orbitar ao meu redor, sempre ocupada, prevendo necessidades antes mesmo de eu tê-las. Agora está sentada não como se estivesse pronta para se levantar e me ajudar com alguma coisa, mas como uma posição de velocista agachada. Pronta para disparar para longe de mim.

Ela finalmente me encara nos olhos. O resto do meu sonho me atinge como um balde de água fria, me mergulhando de volta na lembrança de colocar seu corpo no chão. Nós nos parecemos mais agora, de fato. Mas isso me enche de pânico. Não quero que aquele sonho esteja certo em nada.

– Deveria expulsá-los daqui – diz Artemis.

– Quem? – pergunto, tentando tirar a imagem de todos aqueles cadáveres da cabeça.

– Os demônios.

– E por que faríamos isso?

– Eles tornam você um alvo.

– Já sou um alvo. Todos nós somos. Estamos nos protegendo e protegendo todos os outros que precisam de nós. – Pareço mais desesperada do que pretendia. Quero impressioná-la com o que estamos fazendo por aqui. Quero que ela seja parte disso. Ela sempre apoiou meus esforços de ser a médica do castelo e ampliar minhas habilidades. Finalmente tenho a aprovação da minha mãe, mas não compensa perder a da minha gêmea.

Artemis abraça o livro que está segurando contra o peito como se fosse um escudo.

– Ninguém se importa mais com as caçadoras. Se importam ainda menos com guardiões. Se não estivesse operando seu pequeno hospital veterinário aqui, ninguém levantaria uma garra contra você. Todos aqueles anos nos escondendo foram culpa da soberba dos guardiões. Eles não conseguiam imaginar um mundo que não se importasse com eles, então presumiram que todos ainda queriam o seu fim, quando, na verdade, ninguém nem lembra que eles existem. – Ela olha para a biblioteca, balançando a cabeça. – Isso não passa de um mausoléu. Estão todos morando com os mortos, deixando que controlem vocês.

Eu aponto um dedo para ela.

– Não é a sua cara falar assim. Está parecendo a Honora. Essas coisas importam porque são o *nosso* passado. Nossa herança. Nossa conexão com nosso pai.

Os olhos dela se estreitam, afiados e penetrantes.

– Você acha que nosso pai iria querer isso? Você escondida num castelo, isolada do mundo, sem fazer nada para protegê-lo? É *egoísta.*

Eu recuo diante das palavras dela.

– Não é, não. Estou protegendo pessoas!

– Não, está protegendo demônios. Acha que eu não sei quem você tem acolhido? Vocês têm uma demônia da vingança, diabos! Por quanta carnificina ela já não foi responsável? E só por que a concessão de desejos dela não funciona mais, de repente, ela merece ajuda? Sei que você não gostava do jeito como os guardiões faziam as coisas, mas, pelos deuses, pelo menos eles protegiam uns aos outros. O que você está fazendo aqui é irresponsável e perigoso. Se quer manter os guardiões seguros, expulse os demônios.

– Se fizermos isso, vamos voltar a ser como antes!

– Quem se importa? Você é exatamente quem sempre quis ser. A garota mais importante no castelo.

Suas palavras machucam com mais força do que a lâmina da primeira caçadora no meu sonho. Alguma coisa no rosto dela se suaviza ao ver minha reação. Ela suspira e se inclina para a frente, quase contra sua vontade.

– Tá, isso não é verdade. Mas você sempre quis ser uma guardiã. Você sempre quis isso. – Ela larga o livro e gesticula para a sala e o castelo à nossa volta. – E está se apegando a essa ideia do único jeito que pode. Mas está errada. Estão todos errados. Sejam guardiões ou sejam normais. Essa confusão híbrida que criaram só vai terminar com gente ferida.

Será que ela está certa? Será que construí o Santuário e me coloquei como a peça central só para finalmente ser importante do jeito que queria? Mas eu não fiz isso por mim. Fiz por Doug, gentil e engraçado. Pelly, caminhando silenciosamente ao meu lado. Jessi, que é meio má, mas ama os pequenos como merecem ser amados. Tsip, tão esquisita. Os minúsculos demônios roxos.

Eu penso em Leo. Se ele tivesse um lugar assim para onde ir, onde pudesse assumir ser quem é e ser aceito por isso, ser ajudado e

amado, talvez ainda estivesse aqui.

Os demônios, os guardiões, até as caçadoras. Somos anacrônicos, relíquias de outros mundos, tempos e magia. Se não protegermos uns aos outros, quem fará isso?

Além disso, os residentes do Santuário são *meus.* Cada um dos demônios. Fiz uma promessa a eles. Buffy protegia o mundo todo, sim, mas ficou em Sunnydale até o fim. Ela protegeu seu lar e as pessoas que amava primeiro.

– Estou fazendo a coisa certa. – Fico surpresa com a firmeza em minha voz.

Artemis também, a julgar por sua expressão.

– Você mudou – diz ela, parecendo não gostar disso.

– Já faz um tempo que você foi embora. – Ficamos sentadas em silêncio, mas decido consertar o climão. Talvez ela não tenha voltado, mas não precisamos ficar separadas. Não totalmente. – Se não vai ficar, tudo bem. Mas vamos tomar café da manhã. Quero ouvir sobre o que tem feito. Como você está.

Suas mãos apertam o livro e olho para ele de relance. Não vejo o título, só um símbolo na capa. Três triângulos sobrepostos.

Sei que já vi isso antes. O cheiro de ervas frescas flutua pela minha memória, então eu lembro. É o símbolo desenhado nos chás de Sean, o traficante de drogas de demônios. Por que está em um livro na nossa biblioteca, não sei. Mas sei que Artemis entrou escondida no meio da noite por causa dele. É o seu objetivo. É esse o único motivo para estar aqui.

– Você está trabalhando com Sean, não está? – Meu rosto fica tenso. – Ele não pode pegar Doug de volta.

Ela revira os olhos.

– Isso vai além de Sean. E você não pode exatamente me criticar por quem escolho como companhia, considerando seu pequeno zoológico de demônios.

– Sean é um babaca! Você é melhor que ele!

Ela se levanta e me olha com seriedade.

– Eu *sou* melhor do que ele. Sou melhor do que Sean e sou melhor do que os guardiões, e você não faz ideia do que estou fazendo, então pode parar com essas sobrancelhas julgadoras.

– Minhas sobrancelhas não são julgadoras!

– Suas sobrancelhas são tão julgadoras que deviam vir com um martelinho!

Nós ficamos nos encarando. Eu sou a primeira a ceder.

– Elas podem ter um colarinho de babado branco que nem o da Ruth Bader Ginsburg?

Ela tenta manter sua expressão séria, mas tem dificuldade.

– Não. Suas sobrancelhas teriam que vestir uma peruca enorme e nojenta porque não estamos nos Estados Unidos e sim na Irlanda.

Eu dou uma risada curta, que logo vira uma risadinha. Artemis nunca foi de dar risadinhas, mas até ela sorri para mim e, por alguns momentos preciosos, somos nós mesmas mais uma vez.

Então, ela suspira e enfia o livro embaixo do braço. Eu não deveria deixá-lo com ela. Parece errado. Talvez seja só influência da minha amizade de longa data com Rhys, ou talvez seja algum instinto mais profundo. Mas, se disser que ela não pode, não sei o que *vai* acontecer.

E preciso que Artemis fique bem, preciso que fique de bem comigo, para que, quando as coisas derem errado para o lado ela – o que

vai acontecer –, ela possa voltar se quiser. Para que seja minha gêmea novamente. Pintaremos as unhas uma da outra e assistiremos a filmes ruins, e aí eu terei minha mãe e minha irmã.

Enterro meus sentimentos e escolho ignorar o fato de ela estar nos roubando sem nem me falar o motivo.

– Devo contar pra mamãe que você passou para uma visita?

Artemis balança a cabeça.

– Eu não queria que ninguém me visse.

Ela morde os lábios. Não queria ter admitido isso. Se eu não tivesse vindo para a biblioteca, ela teria entrado e saído e eu nunca saberia.

Dói, e a alegria de rir com ela se transforma em amargura.

– Rhys nunca perdoará você por levar um livro.

Ela sorri, mas é um sorriso duro e tenso, como o rabo de cavalo dela.

– É a minha biblioteca também. Você mesma disse. Nossa herança. Eles me devem muitos pagamentos retroativos por anos de trabalho não pago. Considerarei isso como um adiantamento.

– Não entregue isso a Sean. Por favor.

Posso perdoá-la por entrar escondida e roubar o livro, mas não por isso. Não justo para ele.

– O livro é pra mim, sua boba. – Ela para, então endireita os ombros como se tivesse decidido algo internamente. – É para todos nós. Você entenderá.

– O que isso significa? Por favor. Fale comigo. Explique o que está acontecendo. – Eu hesito por um instante. – Fique – sussurro.

Ela finge que não me ouviu enquanto fecha sua jaqueta de couro.

– Estou com a sua outra jaqueta – digo como se isso pudesse mantê-la aqui. – No nosso quarto.

– Eu pego da próxima vez.

As palavras pairam entre nós para suavizar a tensão. Próxima vez. Ela vai voltar. Eu me inclino em direção a ela para um abraço, mas ela se vira e sai pelo corredor escuro, não deixando nem mesmo um cheiro em seu rastro. Ela simplesmente se foi. De novo.

# Capítulo 7

FICO NA BIBLIOTECA ENQUANTO O SOL NASCE.

Minha mãe é a primeira a chegar, é claro. Eu me pergunto se ela será capaz de sentir de alguma forma que Artemis esteve aqui. E ela de fato parece desconfortável quando se senta diante de mim e beberica seu chá, mas aí me lembro do que aconteceu no armazém e me dou conta de que se trata de mim.

Não posso ir embora. Ficaria óbvio demais que estou tentando evitá-la. O que é irônico, porque eu costumava ansiar por passar um tempo a sós com ela. Escolho um livro aleatoriamente e finjo estar envolvida. Eu me pergunto qual seria o conteúdo do livro roubado por Artemis. Ela disse que não o entregaria a Sean, e acredito nela. Preciso acreditar. Mas não posso contar isso para Rhys. Ele nunca a perdoaria. E sei que o pessoal daqui a julgaria, especulando sobre o que ela está fazendo. Ela vai voltar. Disse que voltaria. Não vou deixar nosso grupo se voltar contra ela nesse meio-tempo. Artemis passou muitos anos me protegendo; sinto uma vontade feroz de fazer o mesmo por ela, por mais furiosa e magoada que esteja. Posso me sentir assim, mas ninguém mais pode.

– Deveríamos conversar sobre ontem – diz minha mãe, me surpreendendo. Realmente não achei que ela fosse tocar no assunto.

– O que tem ontem? – Eu não desvio o olhar da história de um deus infernal menor. É quase como um conto de fadas agora. Onde quer que esse deus infernal viva, não pode vir para cá encontrar mais sacrifícios. Não há mais portais, graças à Buffy.

Buffy. *Queria* ter falado com ela no sonho de caçadora. Não nos esbarramos em sonhos faz meses e eu realmente queria uma conversa. É uma mudança brutal em relação ao modo como

costumava me sentir em relação a ela. Se não posso ter um guardião, poderia ter pelo menos uma caçadora-orientadora?

– Estou preocupada com suas táticas – continua minha mãe.

Largo o livro, entrando na defensiva como uma cobra prestes a dar o bote. Primeiro é Artemis me acusando de ser egoísta, e agora minha mãe questionando minhas lutas.

– Qual o problema delas?

– Foram… excessivas.

– Eu me controlei! Meus instintos estavam dizendo para fazer algo muito pior. – Imogen me disse para seguir exatamente o que meus instintos mandassem. Por que minha mãe está enchendo meu saco com isso? – E está dizendo que aqueles sujeitos não mereciam? Estavam tentando atirar em você! Estavam caçando uma família por dinheiro.

Ela toma mais um gole decoroso de chá.

– Acho que mereciam muito pior. De um ponto de vista tático, suas ações foram tanto eficazes quanto razoáveis.

– Então por que estamos falando disso?

– Porque não estou falando de um ponto de vista tático. Estou falando como sua mãe. Suas ações fariam sentido para um mercenário, ou mesmo outro guardião. Mas você não é nenhuma dessas coisas. Você é Nina. – Sua voz suaviza, ficando quase hesitante. – Minha Nina. E seu jeito de lidar com as coisas não é aquele. Ultimamente você tem estado…

Não quero escutar minha mãe dizendo quem eu sou. Não depois de tantos anos em que ela deliberadamente escondeu quem eu era, tentando evitar que eu me tornasse o que as forças místicas escolheram para mim. Sei que ela está tentando, eu *sei*, e quero

que se esforce, mas ela não tem direito de fazer esses julgamentos. Já estou sensível e magoada após meu encontro com Artemis. Abro a boca para retrucar alguma coisa da qual vou me arrepender, mas sou salva pela porta se abrindo.

– Por que tão cedo? – Jade entra na sala, arrastando o sono atrás de si como o escapamento de um carro. Ela desaba na cadeira do meu lado. – Não podemos ter essas reuniões de tarde?

– Bom dia! – Rhys está de olhos bem abertos e animado. Até seus cachos estão ficando longe da testa. Doug se junta a nós, sentando-se ao lado de Jade, e finalmente Imogen entra trazendo uma bandeja de frutas e pães doces.

Fico aliviada por minha mãe e eu não podermos continuar a conversa agora que o Conselho do Santuário dos guardiões está reunido. Ruth Zabuto não se importa. Jessi só quer saber de algo se for afetar os pequenos. Tsip aparece no meio das reuniões, mas desaparece rapidamente. Os demônios roxos minúsculos entendem nossa língua, mas não sabem falar, e foram banidos da biblioteca depois de consumir diversos volumes insubstituíveis. Foi a única vez que vi Rhys parecer realmente assustador. Ele foi treinado para matar, como todo guardião, e estava a um passo de acabar com suas vidas violetas. Mais um motivo para não contar a respeito de Artemis.

Cillian é sempre convidado, mas passa as manhãs cuidando da sua loja na cidade. Com a mãe fora, numa viagem de vários meses para “se encontrar”, ele precisa manter as coisas funcionando para pagar as contas. É uma pena precisar trabalhar para sustentar uma casa onde mal fica.

Rhys repassa a agenda da manhã. Finanças: sempre apertadas, mas tudo bem por enquanto. Distribuição de tarefas. Começo a imaginar onde Artemis seria encaixada, mas dói, então eu paro. Rhys continua com uma revisão daqueles convites para entrevistas de entrada no Santuário.

– Podemos tirar a família de lobisomens da lista. – Evito encarar minha mãe nos olhos. – Eles decidiram seguir um caminho diferente. – Um caminho que leve para bem longe de onde eu estiver.

– Melhor assim. Crianças são caras de manter. – Rhys faz algumas anotações, depois conversa com Imogen sobre a rotação do estoque de comida e se ela precisa adicionar algo à nossa lista de compras.

– E quanto às galinhas? – pergunta Jade.

– O quê? – Imogen franze a testa.

– Aquela mulher com quem estava falando no telefone sobre galinhas. Vamos ter galinhas?

A expressão de Imogen vira um sorriso ligeiramente vazio.

– Ah, certo. Estou investigando. Ovos frescos todo dia. São melhores para a saúde.

Rhys faz uma anotação.

– Prepare um plano e revisaremos.

É tudo muito eficiente e entediante. A luz na biblioteca é quente e dourada; ciscos de poeira piscam no ar. Quase espero que Imogen se levante e comece nossa próxima lição de demonologia ou me mande traduzir uma profecia do sumério antigo para o latim e depois para o inglês.

Mas não fazemos mais isso. É estranho como tenho um desejo súbito e intenso de estar matando aula, copiando as anotações de Artemis e indo para meu pequeno centro médico organizar as coisas.

Por mais que quisesse algo diferente na época, é difícil não pensar em quanta coisa eu realmente tinha e não valorizava.

Rhys pigarreia.

– O que nos leva às nossas ameaças pendentes.

– Pendentes no sentido de penduradas? – pergunta Doug, franzindo a testa.

– Sim, todos os nossos inimigos morcegos – respondo.

– Realmente temos alguns que adoram gritar à noite – ele concorda.

Eu dou de ombros.

– Poderíamos ter uns inimigos melhores. Olhe só para os de Buffy. Nossa qualidade de adversários não chega nem perto.

Doug dá uma batidinha no meu ombro.

– Tenho fé de que você vai chegar lá. Só precisa de um pouco mais de tempo. Ela teve anos para construir sua galeria de vilões.

Rhys pigarreia, claramente incomodado.

– De volta ao assunto atual de ameaças pendentes no sentido de *ainda ativas.* Alguma notícia sobre Sean?

Fico bem, bem quieta, torcendo para Doug não conseguir cheirar meu conflito interno. Artemis disse que o livro não era para Sean. Só porque tem o mesmo símbolo do seu chá não quer dizer que ela esteja trabalhando para ele. Pode não ter relação. Ou talvez ela o esteja combatendo! Talvez seja isso. Artemis está eliminando ameaças que possam nos ferir. Imaginar isso faz eu me sentir melhor. Parece algo que Artemis faria – agir por trás dos panos, garantindo que todo mundo esteja seguro. Ela disse que estava fazendo isso por todos nós.

Minha mãe balança a cabeça.

– Eu verifico sempre que possível, mas Sean tem estado relativamente quieto. E nunca encontrei ele ou agentes dele durante minhas missões de campo. Não se enganem, ele ainda está ativo. Mas suas atividades nunca entraram em conflito com nossos movimentos.

Jade dá um aceno lento.

– Se ele não está nos incomodando, por que deveríamos nos importar? Ele só vai atrás de demônios, afinal.

O silêncio desconfortável paira no ar, um peso palpável.

Doug se remexe na cadeira.

– Ah. Só demônios.

Jade se endireita.

– Não! Óbvio que não estava falando de você. Isso é diferente.

– Querida, realmente não é. – Ele puxa a mão quando Jade tenta alcançá-la.

– Concordo com Doug – eu digo. Se Artemis está indo atrás de Sean, precisamos ficar fora do caminho dela. Não posso deixar o conselho começar a investigá-lo. A última coisa que quero é estragar os planos de Artemis e a manter afastada ainda mais tempo. – Ao mesmo tempo, não estamos em posição para lançar uma ofensiva preventiva. E mesmo se estivéssemos, não acho que deveríamos. Não é que eu não ache o que ele faz com demônios errado. Claro que é. Mas, se partirmos para o ataque, voltaremos a ser exatamente como antes: guardiões e caçadoras decidindo quem vive e quem morre com base em critérios arcaicos. Não somos assim. Não queremos ser assim. – Eu me lembro de como cheguei perto de deixar aquele mercenário cair e me remexo para conter um arrepio. – Afinal, escolhemos ser um santuário, não uma milícia. Somos melhores do que isso, certo?

Doug assente. Ele odeia Sean, mas tudo que Doug quer no mundo é felicidade. Ele não tem nenhuma célula predatória em seu corpo preto e amarelo. Até seus chifres são arredondados.

– Então vamos pensar em ideias para ajudar mais demônios e pessoas. – Não importa o que Artemis disse, isso não é egoísmo. Isso é o certo.

– E lobisomens? – acrescenta Rhys com uma sobrancelha levantada. Ele ainda não sabe por que a família fugiu.

– Claro, certo.

– E quanto a caçadoras? – pergunta minha mãe. – Gostaria de trazer mais para cá. Sem dúvida há garotas lá fora precisando da nossa ajuda ou de um sistema de suporte. Ou até mesmo só de um lugar seguro para viver. Sabia que seu pai tentou apoio para oferecer às caçadoras uma ajuda financeira de subsistência? Ele nunca conseguiu entender como, com o grande orçamento dos guardiões, não conseguíamos encontrar espaço para garantir que elas não tivessem que se preocupar. É pedir demais que passem a noite toda patrulhando e lutando contra as forças do mal e o dia todo tentando garantir o próprio sustento. Embora a própria Buffy tenha acabado com qualquer discussão de suporte financeiro quando se recusou a trabalhar conosco. Ainda assim. Mesmo antes disso, vejam as condições que Faith Lehane teve que aguentar. Não é de espantar que ela…

Rhys pigarreia, interrompendo-a. Estou estranhamente sensibilizada ao ver minha mãe tão mobilizada quanto ao fracasso dos guardiões em relação a caçadoras. Parece que ela está ficando do meu lado de um jeito meio indireto.

Mas Rhys não se importa com isso.

– Não temos o orçamento para financiar caçadoras adicionais. Não temos nem o suficiente para financiar a que já temos. – Ela faz uma careta, olhando para seu papel. – Só a manutenção de bestas

ameaça nos levar à falência. Voto para colocarmos os demônios roxos minúsculos para trabalhar esculpindo estacas. Vivemos numa floresta. Deveríamos aproveitar os recursos existentes.

Minha mãe olha para mim.

– Não estou falando de financiar caçadoras. Estou falando de trazê-las para cá.

Eu me remexo na cadeira. Essa era a minha tarefa. Minha principal tarefa desde o primeiro dia do Santuário. Eu deveria encontrar outras caçadoras nos meus sonhos. Mas na noite passada tive meu primeiro sonho de caçadora de verdade em meses, e tudo que consegui foi uma lâmina no estômago.

– Tinha uma caçadora no meu sonho ontem à noite. Não peguei o nome dela. E sinceramente, não consegui entender se ela precisava de ajuda ou não.

Minha mãe apoia sua xícara na mesa.

– O que aconteceu?

– Ela me levou para uma sala estranha. E então, hã, me fez tomar sorvete.

Jade dá uma risadinha.

– Essa sim sabe como tratar uma garota. O que aconteceu depois?

– Eu fui esfaqueada.

Jade torce o nariz.

– Aí não é mais sexy.

Minha mãe faz uma careta, preocupada.

– Ela te esfaqueou?

– Não, outra pessoa… não importa. As duas coisas não estavam relacionadas. – Eu não quero contar para eles que foi a primeira caçadora que me esfaqueou. Não sei o que isso significa e não tem nada a ver com a nossa reunião. Fora que também é meio humilhante. – Tinha uma grande tempestade vindo. O que poderia ser uma ameaça para essa garota, certo?

Minha mãe anota algo no seu caderno com capa de couro.

– Veja se consegue encontrá-la novamente. Consiga alguns detalhes concretos para descobrirmos onde ela está.

– Pode deixar. – Só que eu não sei se consigo. Pareço ter perdido o controle dos meus sonhos, junto com todo o resto. – E quanto ao nome que os mercenários nos deram? Ian Von Babaca ou o que quer que fosse?

– Não. – A resposta de minha mãe sai abrupta.

– Como assim, não? Sabemos que ele está reunindo lobisomens para uma caçada. E não falta muito para a lua cheia. Não deveríamos pelo menos dar uma investigada nele? – Tenho certeza de que descobriríamos quem é. Além da nossa biblioteca, temos Cillian, que é bom em encontrar informações on-line. Não é uma habilidade comum aos guardiões.

– Eu sei quem ele é – diz minha mãe, me surpreendendo. – Ele trabalhou conosco, com os guardiões, no passado. Não é algo que devemos investigar nesse momento.

– Por que não?

Sua expressão se fecha que nem uma porta. Essa é a mãe com que estou acostumada. Fria e distante.

– Porque não podemos nos dar ao luxo de perder qualquer aliado.

– Com aliados assim, quem precisa de inimigos? – Eu me inclino para a frente, o coração acelerando. – Ele compra lobisomens para caçá-los. Acho que deveríamos investigar isso.

– Sabe onde conseguimos nossos carros, Nina? Quem os financiou? Quem doou esse castelo e o terreno onde ele fica antes de nos mudarmos para cá? Ian Von Alston. Então, a menos que você tenha os meios para substituir um carro se perdermos um, ou comprar as roupas de inverno para os pequenos, ou manter os reparos nesse castelo absurdamente velho, sugiro não atacarmos uma das nossas únicas fontes potenciais de fundos futuros.

Doug brinca com uma das argolas delicadas de ouro que sempre usa nas orelhas. Ele se manteve afastado de Jade.

– Certo. Bom. Talvez eu tenha uma pista sobre demônios que precisem de ajuda, ou pelo menos um jeito de conseguir mais informações. Tem uma espécie de convenção todos anos em Londres. Uma reunião de comedores de emoções. É um evento que combina um pouco de integração profissional, orientação e encontros.

Jade faz uma careta, seu rosto distorcido de ciúme.

– Encontros?

– Você acha que tem alguém lá que precisaria da nossa ajuda? – pergunto, ignorando Jade.

– Talvez. E, mesmo se não for verdade, podem descobrir informações sobre demônios que estão na pior. Lidamos com emoções; costumamos saber onde encontrar as melhores e as piores. Mas é amanhã, então precisaríamos partir imediatamente.

A ideia de fazer uma viagem e escapar do castelo cada vez mais claustrofóbico me enche de alívio.

– Vamos fazer isso.

Rhys adiciona a viagem na agenda.

– Quem vamos enviar?

– Eu vou – diz Doug. – Sou seu jeito de entrar.

– Tem certeza de que é seguro? – pergunta minha mãe. – Se Sean ainda está atrás de você, pode pensar em procurar lá.

– Sean sabe onde me encontrar aqui também. Se quiser vir atrás de mim, fará isso.

– Eu vou com você – afirmo.

Doug sorri.

– Obrigado. Eu me sinto mais seguro.

Seu sentimento me aquece e eu me animo. Aí reviro os olhos quando vejo as narinas dele se abrindo. Ele se remexe defensivamente.

– O que foi? Você mal me alimenta esses dias. Não pode culpar alguém por aproveitar uma boa refeição quando ela é oferecida.

– Eu vou também. – Jade se estica e pega a mão de Doug na marra.

Vejo uma rápida centelha de desconforto em seus olhos castanhos. Não posso cheirar emoções, mas sei lê-las. Balanço a cabeça.

– Não. Eu tenho que me concentrar em manter Doug seguro. Só posso fazer isso se não estiver distraída.

– Eu sei cuidar de mim mesma!

Eu penso numa boa resposta.

– Sim, e é por isso que preciso que fique aqui. Assim, não vou ficar preocupada com o castelo. Quero todos os guardiões treinados aqui quando eu não estiver.

Jade desaba na cadeira com uma careta.

– Está bem.

Imogen recolhe o que restou do prato de café da manhã.

– Vou preparar uns lanches para a viagem. – Ela cantarola enquanto sai da sala. Doug pisca, observando-a um pouco atônito. Rhys termina suas anotações e pede mais alguns detalhes de Doug. Minha mãe me observa com atenção demais. Olho para a janela, cansada, triste e com raiva, e só tendo certeza do motivo por trás do primeiro desses sentimentos.

Devia estar concentrada em ajudar os outros, eu sei, mas só consigo pensar que uma convenção de demônios será justamente o tipo de distração de que preciso.

Engulo o medo que persiste no fundo da minha cabeça de que talvez eu queira mais do que uma distração. Que talvez eu esteja atrás de uma briga.

Não sou esse tipo de pessoa.

Mas não é isso que me dizem a lembrança da luta com os mercenários, e pior, meus instintos de ferir Tsip quando ela me surpreendeu.

Tanto faz. Vou encontrar mais demônios para ajudar. Vou entender como entrar em contato com caçadoras que precisem de ajuda. Vou provar para Artemis que fizemos a escolha certa, que não estamos só nos escondendo. Que estamos fazendo algo bom. E, quando ela voltar da próxima vez, vai ficar aqui.

# Artemis

ARTEMIS PRECISAVA ADMITIR: SEAN TINHA SUBIDO NA VIDA. SEU escritório subterrâneo debaixo de uma loja de produtos saudáveis era razoável, mas o prédio diante delas é praticamente cegante – todo de janelas e aço, com ângulos elegantes e surpreendentes. As janelas formam triângulos entrelaçados. O efeito é desorientador.

– O prédio antigo foi isolado como perigo ambiental – diz Honora, apertando os olhos para ver o novo local reluzente. – Estão preenchendo a área toda com cimento.

– Um demônio rêmora que se expande para preencher todo o espaço onde se encontra é bem perigoso para o meio ambiente. – Artemis aperta seu rabo de cavalo. – Como ele teve dinheiro para isso tudo?

– Esse prédio não é do Sean, mas de um cara com quem Sean começou uma parceria. Eu só o vi uma vez. Ele era… estranho. Muito estranho. Um estranho ruim. Eu fiz o máximo para ficar longe. Posso sentir o cheiro de um complexo de poder tóxico a quilômetros de distância. – Suas mãos dão uma tremida e seus dedos vão para os pulsos.

No complexo central dos guardiões, antes de tudo e todos serem explodidos, Artemis tinha perguntado a Nina como tratar machucados e inchaços. Nina a ensinara de bom grado. E, então, Artemis encontrou Honora e elas se esconderam em uma despensa fria e seca enquanto Artemis tratava o dano causado pela mãe de Honora. Foi a primeira vez que Artemis sentiu o que as outras garotas sussurravam entre risadinhas sobre suas paqueras. Mas o segredo dela parecia muito maior, muito mais importante.

Artemis sente um surto de instinto protetor.

– Você não precisa fazer isso.

Honora morde os lábios cor de ameixa. Sua voz é neutra, mas tão *cuidadosamente* neutra que Artemis pode sentir a esperança por trás dela. O jeito de quem parece não se importar com nada é a característica mais reveladora de Honora. Quanto mais se importa, menos deixa transparecer.

– Poderíamos ir para a Califórnia. Meu primo ainda está lá, eu acho. Nós cravamos uma estaca no vampiro para quem ele trabalha, assumimos a empresa de detetives e aí investigamos pra caramba pelos Estados Unidos.

– E como Wesley se sentiria a respeito disso?

– Wesley Wyndam-Pryce – diz Honora em uma voz exageradamente formal. – Podemos lidar com ele. Não imagino que Los Angeles o tenha mudado muito.

Por um instante, Artemis se permite imaginar isso. Fugir com Honora. Construir uma vida nova em algum lugar claro e quente, o oposto ambiental dos guardiões frios e fechados.

Mas ainda haveria o problema do poder. Outras pessoas teriam poder e Artemis não. E, então, como ela poderia proteger Honora? Como poderia se proteger? Como poderia encarar o que ela sabe que existe no mundo sendo ela mesma? Ela precisa ser mais. E esse é o jeito de conseguir isso.

– Talvez algum dia. – Ela finge não perceber a leve desanimada de Honora. – Mas você não precisa fazer isso. Me coloque lá dentro e então, se quiser ir embora, vá.

Honora ajusta seus óculos de aviador espelhados e seus lábios formam um sorriso. Se ela está devastada, não demonstra. Nunca demonstrou.

– Você e eu contra o mundo, certo?

Algum tempo atrás, Artemis teria dito o mesmo para Nina. A lembrança da decepção de Nina na biblioteca pesa em seu peito, junto com as esperanças destruídas de Honora. Mas, até Artemis ser quem deveria ser, vai continuar a decepcionar todo mundo. É tudo um meio para um fim, mas um dia eles entenderão e tudo ficará bem.

Ela tem o livro. Sabe o que procurar, o que esperar, o que fazer.

– Você e eu. – Artemis aperta a mão de Honora. – Você é a minha parceira.

– Hoje em dia você pode dizer namorada, sabia?

Honora sorri e abre a porta para Artemis. Assim que elas entram no lobby modernoso, a atitude de Honora muda. Ela caminha de uma forma deliciosamente sexy e esnobe ao mesmo tempo. Artemis não sabe como ela consegue fazer isso. Honora vai direto para a mesa do recepcionista e salta para cima dela, reclinando-se sobre os braços.

– Posso ajudá-la? – A cara fechada do recepcionista ameaça uma expressão de espanto.

– Diga a Sean que estou aqui.

O recepcionista olha feio para ela.

– E você é…?

– Ele vai saber. – Honora dá uma piscadela para Artemis por cima dos óculos escuros. Artemis se apoia em uma parede, incapaz de ser impertinente como ela. Só cruza os braços e faz uma cara de paisagem. Não pode revelar como está se sentindo. Porque não está nervosa – está animada.

O recepcionista faz uma chamada e, menos de um minuto depois, um homem que só pode ser descrito como alguém que nasceu para

ser capanga, pequeno com olhos de rato e cabelo seboso, as conduz até um elevador e aperta uma série complexa de botões. Eles deslizam para cima rumo à cobertura. Todas as paredes ao longo do corredor são de vidro, então elas enxergam a reunião antes de chegar nela. Uma enorme mesa oval está cercada de homens de terno, assistindo a uma tela cheia de gráficos e tabelas. O próprio Sean está fazendo a apresentação, usando um apontador laser estúpido para enfatizar certos pontos.

Artemis e Honora se movem discretamente para o fundo da sala, parando ao lado de um demônio amarrado e amordaçado que se encolhe em um canto perto de um vaso de planta.

– …as margens estimadas são… – Sean para no meio da frase e mira o apontador laser em Artemis. – Qual é essa? – Seu rosto está bem mais vermelho.

– A boa – diz Honora, dando de ombros.

– Boa no sentido de moralmente boa, uma caçadora, ou boa no sentido de…

– Boa o suficiente para estar aqui comigo. Então, qual você acha?

Sean faz uma cara feia, mas volta para seu discurso entediante sobre projeções, trimestres e outras bobagens. Todos os homens à mesa parecem cativados, assentindo de vez em quando e digitando em seus dispositivos.

Mas um dos homens, branco com cabelos negros e olhos escuros penetrantes, está encarando o espaço vazio. Artemis tem dificuldade em desviar os olhos dele. É como ver um filme antigo em uma daquelas televisões de definição super alta, de modo que tudo parece um pouco real *demais,* o que deixa tudo parecendo falso. É como se ele fosse 3D em um fundo 2D.

– É tudo imaginário – ele diz, sua voz um tom suave e melodioso de tenor. – Todos esses números, esse dinheiro, essas coisas pelas

quais vocês lutam e morrem.

Sean sorri paciente.

– Certo, pois é, mas preferimos que nossos números imaginários sejam muito, muito altos. – Os outros homens riem de forma desconfortável. Sean continua falando.

O homem se vira em direção a elas e Artemis perde o fôlego. Ela estava certa. É *ele.* Só pode ser ele. Não é um homem, afinal de contas. Ele franze a testa, analisando os cabelos de Artemis.

– O outono é a estação mais triste. Todas as estações são tristes. Tempo é morte. É tão silencioso aqui. Você já quis romper o silêncio? – Ele segura uma faca fina e corre um dedo para cima e para baixo da lâmina.

– Não tenho certeza. – responde Honora. Seus braços estão cruzados e ela não está demonstrando qualquer medo.

Artemis também não está com medo. Está eletrizada. Se Rhys estivesse aqui, iria amar essa oportunidade de pesquisa no mundo real. O livro que ela levou estava certo. Seu plano vai funcionar. Ela sorri, e o Adormecido, aquele sem nome, o deus de três formas, inclina a cabeça enquanto a examina.

– Certo, então, suprimentos. – Sean desliga os slides. – Tem uma grande oportunidade surgindo. Honora, se está de volta, presumo que vá liderar essa tarefa?

Honora estoura seu chiclete.

– Sem problemas.

– Não podemos garantir que encontraremos o espécime certo, mas tem uma boa chance de algo assim atrair um deles. Ou pelo menos alguém que saiba onde encontrar o que precisamos. E, ei, talvez a gente tenha sorte e ache outra opção. Precisamos ser flexíveis. É

como permanecemos jovens. – Ele dá um sorriso desesperado de *por favor reconheça que eu ainda sou jovem* que apenas um homem de trinta e poucos anos seria capaz de produzir.

– Eu nunca fui jovem – diz o Adormecido. – Sempre estive aqui. Sempre estarei aqui. Não posso ficar aqui nessas circunstâncias. Conhecer o infinito e ser incapaz de tocá-lo é o destino mais cruel de todos.

O demônio preso no canto geme. Artemis sente uma pontada de medo no estômago, imaginando que vão presenciar um destino mais cruel em alguns minutos.

O Adormecido desliza a faca dentro do próprio ouvido, tão fundo quanto possível. Sean fica de um tom de verde encontrado com mais frequência em demônios. Honora estoura seu chiclete. Artemis assiste. O Adormecido lentamente retira a faca. Uma luminescência iridescente escorre dela, dissipando no ar.

– Ainda está tão silencioso – diz ele.

– É hora do sacrifício trimestral. – Sean endireita sua gravata e tenta trazê-los de volta aos negócios cotidianos enquanto saca uma espada e se aproxima do demônio no canto.

*Meios para um fim,* Artemis pensa consigo mesma, sem tirar os olhos do deus infernal que pretende derrotar sozinha.

*Tomem isso, caçadoras.*

# Capítulo 8

DOUG E EU DIRIGIMOS ATÉ O PORTO EM DUBLIN, ONDE ENTRAMOS NA barca mais barata a caminho da Inglaterra. Eu preferiria não levar o carro, já que com esse em uso o castelo fica somente com um veículo, e aparentemente babacas com dinheiro são nossa única opção para substituí-los, mas o transporte público não é uma opção com o rosto obviamente não humano de Doug.

Ele está sentado no banco de passageiro com um capuz cobrindo seus chifres e o rosto escondido na sombra o máximo possível.

Volto para o carro no fundo da barca com dois refrigerantes e alguns lanches. Ofereço um deles e Doug me encara como se eu fosse idiota.

– Certo. Desculpe. – Às vezes me esqueço como Doug é realmente demoníaco. Ele se integra tão bem no castelo. As diferenças entre nós parecem não ser importantes, como o fato de eu me alimentar de comida e ele de emoções.

Seu estômago ronca em resposta aos meus pensamentos.

– Sem querer ofender, Nina, mas você mal rende um lanchinho esses dias. É mais como uma bala depois do jantar. Uma daquelas tiradas do papel que ficaram numa lata por anos e, quando você tenta tirar, está presa a três outras, e você sabe que não quer, mas é tarde demais, então coloca na boca e se arrepende de todas as decisões que já tomou que te levaram àquele ponto.

– Acho que eu *deveria* ficar ofendida com isso.

Doug dá de ombros.

– Acho que deveríamos conversar sobre o motivo de você estar tão infeliz.

– Ou poderíamos aproveitar esse passeio de barca com uma vista incrível da traseira de um Mini pelas próximas horas. Como se chamam os Mini Coopers maiores? Maxi Coopers? Mega Coopers?

Doug não morde a isca da mudança desesperada de assunto.

– Nunca fui apresentado oficialmente ao Leo – ele diz. – Mas, a julgar pela sua dor, ele era bem especial.

Eu resmungo, afundando no assento. Falar sobre isso significa ter que pensar nisso, e não posso pensar no Leo.

– Eu fico me metendo na sua vida pessoal? Fazendo perguntas sobre a Jade?

– Na verdade, seria bom conversar a respeito disso com alguém. No início era lisonjeiro, sabe? Ela é bonita. Sua felicidade tinha um toque de limão. Ácida e surpreendente.

– Isso é estranho, mas também intrigante. Qual é o sabor de cada um?

– Rhys tem o cheiro de grama recém-cortada. Mas, quando Cillian está por perto, tem o sabor de chiclete. E Cillian tem o sabor de… hum, deixa eu pensar. Já ficou com muita fome e entrou numa padaria e aquela primeira respiração quase dói de tão boa? É isso. Imogen… – Ele para. – Sabe, é esquisito. Eu não gosto de cheirá-la.

– É ruim?

– Não ruim. Só… estranho. Ela faz a parte de trás da minha garganta coçar.

– Talvez você seja alérgico a ela! Isso é possível?

Ele dá de ombros.

– Talvez.

– E minha mãe, qual o sabor dela?

– Raramente sinto alguma coisa dela, boa ou má. Aquela mulher trabalhou muito, muito duro para ser impassível. Ela passou por muita coisa.

Faço uma careta. Não gosto de me sentir mal pela minha mãe, porque aí precisaria me sentir menos mal por mim mesma e por tudo que Artemis e eu aguentamos sendo criadas por ela. É mesquinho, eu sei, mas é verdade.

– Todos nós passamos. E Jessi?

– Ela cheira a desinfetante de mão. Talvez seja só desinfetante de mão mesmo. E Ruth Zabuto tem o sabor do chá de um desjejum inglês.

– Bom, agora vai ser esquisito beber aquele chá. Mas de volta à Jade. Você gosta do sabor dela. Caramba, isso soa depravado. Mas continue. Sem detalhes íntimos, se tiver algum, por favor.

Ele brinca com um dos brincos de argola dourados.

– Eu gosto do castelo. Gosto de todos vocês. Gosto que a Jade gosta de mim. Faz muito tempo desde que tive um contato humano verdadeiro fora Sean e gente como ele se aproveitando de mim. E acho bom ela estar feliz. Mas me preocupo com o quanto ela está me usando. É uma das coisas que quero discutir com alguns dos meus companheiros na convenção. Existe um motivo para a minha espécie normalmente não ter relacionamentos ou mesmo amizades. Podemos ser um pouco viciantes. – Ele suspira, esfregando o rosto. Sua pele ainda parece um chão de deserto rachado, amarela-neon com preto embaixo. Mas parece mais saudável do que quando o encontrei pela primeira vez depois de fugir de Sean. Suas bochechas estão mais cheias, seus olhos bonitos e estranhamente castanhos desanuviados.

– Ninguém mais no castelo usa você desse modo, né? – Eu deveria estar prestando mais atenção. A pele de Doug produz uma substância psicotrópica. Ela precisa ser ingerida para fazer efeito, e presumi que por isso ninguém estaria se aproveitando dele. Mas, até onde eu sei, talvez estejam temperando seu chá com essência de Doug.

– Não, ninguém! O que não quer dizer que eu não fique tentado a dar uma dose de vez em quando pra você. – Ele levanta as mãos ao notar minha expressão horrorizada. – Mas nunca faria isso, porque sei como é ter seu poder de escolha roubado e uso isso apenas como mecanismo de defesa quando estritamente necessário.

Eu rio, aliviada.

– Eu já usei dessa forma também, uma vez.

– É mesmo? Como?

Foi logo depois de Sean e Honora encontrarem Doug onde minha mãe o estava escondendo na floresta. Sua camisa do Coldplay amada e rasgada foi abandonada na luta. Leo estava tentando me sequestrar para me afastar da sua mãe, mas eu não sabia disso. Peguei a camisa do Doug e a enfiei na boca dele, deixando-o alterado por tempo suficiente para voltar ao castelo… e cair direto nas garras da sua mãe. O que fez Artemis ser ferida, me fez sacrificar meu poder para salvá-la, fez Leo se sacrificar para salvar a vida de todo mundo e fez Artemis ir embora mesmo assim.

Não gosto dessa lembrança. Com Leo morto, tento me lembrar apenas das coisas boas – e esse momento me deixa furiosa. Ele estava mentindo para mim, me deixando correr atrás de pistas falsas quando sabia o tempo todo onde estava a ameaça real. E não quero ficar com raiva dele. É muito mais difícil lamentar sua perda quando também quero socá-lo.

Abro a boca para contar a história, mas Doug levanta o braço e cobre o nariz com a manga da camisa.

– Não me conte. Pare de pensar nisso agora mesmo. Vou vomitar se continuar a exalar esse cheiro tão impossivelmente triste e furioso.

Ligo o rádio e volto a me reclinar no assento. Odeio me sentir assim tanto quanto Doug. Tento pensar em outra coisa.

– O que eu mais gostava no Leo – digo, olhando pela janela para a parede de chapa metálica ondulada do compartimento de carros – é que ele me *enxergava.* Às vezes melhor do que eu mesma conseguia. Mais ninguém me enxergava no meio da confusão de ser uma guardiã e caçadora, naquele lugar onde somos apenas o que fazemos… ou na minha família, onde eu era apenas uma coisa quebrada que minha mãe e Artemis dedicaram a vida a proteger. Era bom, sabe? Saber que ele gostava de mim. Não do que eu podia fazer, ou como podia fazer isso, ou do que ele achava que eu precisava dele. Quando ele olhava para mim, eu gostava da pessoa que via.

– Isso é adorável – diz Doug. – Mas agora você está mais triste do que nunca. E eu estou morrendo de fome.

– Ah, pelo amor dos deuses, me dá uma dose.

Estico a mão. Se for deixar Doug saciado e manter minha cabeça longe da tristeza e da raiva que ameaçam me engolir, posso dar uma de Jade pela duração dessa viagem de barca.

– Não, é verdade! – Meu estômago dói de tanto rir. – Nosso ventilador de teto é tão afiado que poderia decapitar alguém! Mas apenas se ficassem de pé na tábua exata para a gente acionar o treco das molas pra atirá-los pra cima! E agora que paro para pensar nisso, talvez não decapite ninguém. Talvez só escalpele. E aí atire sangue para tudo que é lado. Pelos deuses, *não* pensamos nisso direito.

– Você sempre parece tão doce.

Doug ri comigo e me passa meu segundo refri.

– Eu sou! Realmente sou! Sou, tipo, a única Lufa-Lufa que a sociedade guardiã já teve! Todos os outros são puro Corvinal e Sonserina. Eu só quero que todo mundo seja feliz! E goste um dos outros! E de mim! Só que, recentemente, também quero machucar, matar e ferir coisas. Mas tudo bem também, né? Se você é bom em algo, é importante desenvolver seus talentos.

Doug parece incrédulo.

– É melhor deixar certos talentos enterrados, pro diabo com a Bíblia.

Eu engasgo com o refrigerante.

– Você não pode dizer isso! É tipo, uma blasfêmia dupla.

– Demônio, lembra?

– Verdade. Acho que você pode. – Eu suspiro languidamente, lembrando de tempos mais felizes. – Mas nos divertimos tanto preparando armadilhas naquele quarto. Ventiladores que decapitam, lança-chamas, globos de neve de água benta. Nós armamos o castelo inteiro.

– É *por causa disso* que todas as colheres de madeira na cozinha têm as pontas afiadas?

– Sim!

– Você é assustadora.

– Eu sou! Eu realmente sou. – Inclino o corpo para trás, brincando com meu refrigerante. – Mas não tão aterrorizante quanto Artemis. Pelos deuses, odeio a namorada dela. Odeio até pensar em Honora como a namorada dela. Talvez elas se separem logo. Talvez Artemis mate ela!

– Sabe, a maioria das pessoas fica mais relaxada quando está chapada. Você fica mais sanguinolenta.

– Bem, talvez elas briguem e Artemis mate ela e então Sean fique furioso e então Artemis mate ele também, e aí não vai ter mais nenhum dos dois para atrapalhar e Artemis possa voltar para casa. Não seria ótimo?

– Seria ótimo se envolvesse menos assassinatos.

– Isso é verdade. É um bom argumento. Assassinatos são ruins. Geralmente. Não sei. Como guardiã e caçadora, será que realmente posso dizer que assassinatos são ruins? Por que seria assassinato se Artemis matasse Sean, que é um cara muito, muito ruim, odeio ele, mas não é assassinato eu ter matado Eve Silvera? Porque eu acho assassinato. Acho que assassinei ela. E acho que assassinei Leo.

– Você não os matou. – Doug parece tão sério. Eu não me sinto séria. Me sinto solta e frouxa por dentro. Toda a tensão acumulada se foi. Posso olhar diretamente para o que fiz sem querer me enrolar numa bola e nunca mais me mexer. Sem querer reunir todo mundo que ainda restou e trancá-los num quarto e nunca mais deixar ninguém ir para onde possa se machucar, morrer ou me abandonar.

– Mas tipo, eu realmente matei eles. Eve, pelo menos. Coloquei ela numa posição para morrer horrivelmente. De propósito. E o que fiz matou Leo também. Isso não quer dizer que eu o matei?

– Ah, pelo amor dos infernos, garota, mesmo quando está feliz você entra numa espiral de culpa.

– Tem razão. Não vamos pensar nisso. Vamos pensar em Honora e Artemis entrando numa briga feia e Artemis chutando a bunda dela e voltando para casa muito arrependida de ter ido embora porque foi totalmente a decisão errada. – Eu me inclino no espaço entre nossos assentos para descansar a cabeça no ombro de Doug. Trocamos de lugar para ele poder dirigir quando a barca atracar. –

Estou tão feliz de não ter matado você. Apesar de tudo que acabou acontecendo, tomei a decisão certa ao manter você em segredo por tempo suficiente para te proteger.

– Eu também acho, mas sou suspeito para falar. Sou egoísta e apegado à ideia de estar vivo. E livre.

– Doug, um tremendo egoísta. Sempre querendo não morrer horrivelmente ou ser um prisioneiro fornecedor de drogas. Gosto de você. Fico feliz de sermos amigos.

– Isso é a droga falando.

– Não! Sempre fiquei feliz de sermos amigos. Só evito você porque você sabe pelo cheiro como estou me sentindo mesmo quando nem *eu* sei ou quero falar a respeito.

– Mas deveríamos conversar a respeito.

Eu bocejo, fechando os olhos.

– Depois. – Estou tão feliz, aquecida e perfeitamente satisfeita. E sei que, quando eu dormir, não vai haver cadáveres me esperando.

A primeira caçadora me persegue de sonho a sonho, e eu fujo. As outras caçadoras fogem de mim. E a tempestade segue, o vazio caótico acelerando bem atrás da gente. Eu não sei aonde estamos indo ou o que acontecerá quando chegarmos lá. Então, corro.

Quando acordo, tenho uma leve dor de cabeça e o mesmo tipo de descontentamento confuso causado pela abstinência de cafeína ou açúcar.

Dá pra entender por que Jade gosta dos efeitos de Doug, mas em retrospecto parece tudo tão… alienígena. Como se eu tivesse assistido a um filme de outra pessoa sendo feliz e se divertindo, não como se tivesse acontecido comigo. E todas as coisas que aceitei

voltaram a ser aquele vácuo negro com tentáculos rastejantes ameaçando me puxar e engolir inteira.

– Está se sentindo bem? – Doug está dirigindo cuidadosamente, seguindo todas as leis de trânsito ao pé da letra. Não me lembro da barca aportando.

– Mais ou menos. – Queria ter outra Coca-Cola para suavizar a abstinência.

– É, sinto muito. Tudo tem um preço.

Eu sei bem. O preço de ser uma guardiã foi nunca me encaixar. O preço de ser uma caçadora é nunca me encaixar. E o preço de uma hora ou duas longe de todo meu estresse é uma dor de cabeça latejante.

– Então, onde exatamente é essa convenção de demônios? Esgoto? Cemitério?

– No Marriott.

– O quê?

– Sabe a cadeia de hotéis?

– Sim, eu sei o que é um Marriott. Você está me dizendo que vai ter uma reunião de demônios num hotel de negócios de preço médio?

– Eles têm bons espaços de conferência, o que é difícil de achar em Londres.

– Sim, mas… quer dizer. – Eu gesticulo para o rosto dele. – Os outros demônios se passam por humanos mais fácil que você?

Doug sorri.

– Espere e verá.

# Capítulo 9

DOUG ESTAVA CERTO. ESTOU VENDO. SÓ NÃO CONSIGO ACREDITAR NO que vejo.

No meio da recepção do Marriott, elegantemente insossa, demônios estão simplesmente… passando tempo. Há vários no bar. Alguns estão nas cadeiras da recepção, rindo e conversando. A maioria dos viajantes de negócios mal olha para eles e, se olha, é com curiosidade e divertimento em vez de medo.

– Bem-vinda à Convenção Anual de Especialistas em Efeitos de Maquiagem e Máscaras. – Doug indica a recepção e o corredor que leva até a área de conferência. Seu capuz está abaixado, seus lábios negros abertos em um enorme sorriso. – Conhecida como CAEEMM entre os frequentadores. Algumas pessoas chamam de CAI EM MIM como piada, caso esteja procurando companhia.

– Pelos deuses, esses chifres são incríveis – diz uma jovem com um lindo penteado afro, admirando os chifres negros arredondados de Doug. – E como conseguiu esse efeito de rachadura na pele? Parece tão natural. Não vejo linhas de maquiagem em nenhum lugar!

Doug dá uma piscadela.

– Truques da indústria. Já visitou o salão de exposições?

– Você até preparou os dentes! Seu visual todo é de matar. Ainda não passei pelo salão. Estou só esperando meus amigos. Nós visitamos todo ano. Espero encontrar você de novo lá pra eles te verem.

– Divirta-se! – Doug me guia pela recepção até o corredor que leva ao espaço da convenção. Ele respira fundo, os olhos dilatando enquanto suspira de satisfação. – Senti falta disso. Não participo da

convenção faz anos. Desde que… bem, Sean não gostava muito de passeios.

– Aliás, como sabe que ele não virá aqui caçar? Seria como pescar peixes num barril para ele.

Doug inclina a cabeça para duas sombras enormes perto das portas duplas que se abrem para a sala de conferência maior. Eu mal consigo vê-las, de tão bem camufladas que estão.

– Eles sentem intenções maldosas ou violentas. Eu não tentaria a sorte, eles estão em cada entrada e saída. A CAEEMM tem um histórico perfeito de segurança.

Eu paro de repente.

– Hã. Lembra que eu sou uma caçadora? Estou achando que esse não é um local onde caçadoras são bem-vindas.

– Você está se sentindo violenta? Tem intenções maldosas com relação a alguém aqui?

– Não! Não. Estamos aqui para ajudar. Eu quero ajudar. – Realmente quero.

– Posso sempre te dar outra dose, se quiser.

– Não. Preciso estar alerta. – Além disso, não quero outra dor de cabeça. Ainda estou sentindo certa ressaca de Doug. Mas imagino que entrar na convenção mostrará se o fato de eu ser uma caçadora significa estar inerentemente cheia de intenções violentas. Eu me sinto tão diferente desde que recuperei os poderes.

Caminho meio travada, nervosa, mas as duas silhuetas sombrias não se movem. Quando atravessamos, parece que passei não apenas no teste deles, mas também no meu. Estou bem. Ainda sou eu. Parte da tensão entre meus ombros se alivia.

– É claro – diz Doug –, muitos dos demônios aqui são violentos. E maliciosos. Você só não pode ter intenções maliciosas ou violentas *ativas.*

Certo, não foi um bom teste então. Mas estou distraída e sobrecarregada demais para me importar muito. O salão de exposições é uma insanidade.

Alguns humanos, ou demônios que parecem humanos, passeiam de olhos arregalados de maravilha. Há mesas, mostruários e alguns estandes profissionais. É possível ver demônios em bancos de bar e espaços de reunião, rindo, conversando e trocando cartas. É um mar de chifres, rabos e até alguns pares de asas. Toda cor imaginável de pele está representada. Doug nem é tão especial aqui. Se eu achasse que realmente fosse uma convenção de efeitos especiais de maquiagem, mal o notaria perto de uma mulher com cabelo azul empilhado no topo da cabeça para revelar três faces distintas. Ela vira na nossa frente, o rosto de um lado da cabeça levantando uma sobrancelha para mim e o rosto do outro lado dando uma piscadela.

– Vamos caminhar. Vou procurar algum conhecido. – Doug caminha de forma confiante a passos largos e eu tento acompanhar, o que é difícil dado o tempo que perco olhando em volta. Rhys adoraria estar aqui. Deveríamos tê-lo trazido. Toda essa pesquisa ao vivo e em cores! Fico atordoada tentando absorver tudo.

– Posso ler sua palma, querida? – Uma mulher em um estande estica as duas mãos. Ela parece normal, exceto pelo terceiro olho no meio da testa. Está vestindo um bonito terno listrado com uma blusa verde-esmeralda. Eu levanto uma mão.

Doug a pega e a empurra com força para baixo.

– Você não quer fazer isso. Ela vai sugar cinco anos da sua vida. – A mulher faz uma careta e um gesto rude para ele. Mas, quando abaixa as mãos de novo, noto que estão cobertas por ventosas

como as de um polvo. O que me lembra de outra pessoa que também drenava minha energia.

– Tem algum íncubo ou súcubo por aqui? – Não que vá fazer diferença. Eu não poderia perguntar detalhes sobre como Leo voltou por tempo suficiente para devolver meus poderes sem admitir que matei a mãe dele, uma súcubo, e impedi seu pai íncubo de voltar para a Terra. Duvido que algum parente seria meu fã.

– Eles são bem raros, hein? Foram caçados pra valer nos últimos séculos. Uma espécie em extinção.

– Bem, isso faz eu me sentir *ótima.*

Doug dá uma fungada.

– É, deu para perceber.

Tem um estande à nossa frente coberto por uma cortina espessa de veludo. Um homem, humano, sai cambaleando com uma expressão confusa. Ele pisca várias vezes, aí percebe que estamos encarando, fica bem vermelho e corre na direção oposta.

– O que tem aí dentro? – Estico a mão para a cortina.

– Eu não faria isso se fosse você. – Doug gesticula para eu segui-lo. Nós nos agachamos atrás do estande e vemos uma criatura que parece uma larva engordando cada vez mais. É tão grande quanto minha coxa e o impulso de pisoteá-la é quase irresistível. Só que aí ficaria toda esmagada nas minhas botas, e realmente gosto dessas botas. Além disso, estou tentando com muita força não ter impulsos violentos aqui dentro, só para o caso de os guardiões das portas serem capazes de entrar.

É… mais difícil do que eu gostaria. Nenhum desses demônios está me causando mal – pelo menos ativamente, porque aquela com mãos de ventosas certamente não tinha boas intenções –, mas posso sentir algo se acumulando em mim a cada instante passado

aqui dentro. Minhas mãos procuram por uma arma. Não é que esteja nervosa ou preocupada. Estou pronta. Ansiosa, até. E isso *é* suficiente para me deixar nervosa e preocupada.

– Ela se alimenta de desejo sexual – diz Doug sobre a criatura que parece um verme. – Entre naquele estande e projetará o que quer que ative o máximo de desejo em você. Por outro lado, se quiser saber…

– Não. Nem pensar. Nem pensar mesmo. Por nada nesse mundo. – Não quero sequer imaginar o que veria naquela cortina. E certamente não quero imaginar o que quer que eu visse e sentisse deixando essa larva horrível e coberta de cerdas gorda e feliz.

Sei quem é a única pessoa por quem realmente senti desejo. A ideia de ver Leo me faz doer por dentro por diversos motivos. Eu quero vê-lo de novo, mas não assim.

– A maioria delas trabalha em clubes masculinos de alto escalão. Essa é provavelmente nova e está usando a convenção como um teste. – Doug me leva de volta para o salão, então se anima e começa a gritar. – Jason! Jason! – Ele acena para um demônio com suas mesmas cores. Eles cruzam o salão e agarram o pescoço um do outro, pressionando as testas de modo a encostar seus chifres.

– Doug! Pensamos que estava morto!

– É quase como se estivesse. Como você está? E a Janet?

– Fantástico! Tivemos uma ninhada!

– Jura? Quantos?

– Doze! Onze garotos e uma garota. Aqui, eu tenho fotos. – O outro demônio saca seu telefone e passa com o dedo por doze fotos idênticas de bebês amarelo-neon cuidadosamente enrolados em toalhas e encarando solenemente a câmera. A pele deles é sólida, sem rachaduras pretas, e seus chifres mal começaram a aparecer.

– Fofinhos – eu digo. E estou sendo sincera. São realmente fofinhos.

– Obrigado! E você é… – Ele torce o nariz e olha alarmado para Doug. – Ela é só uma refeição passageira, né? Você *não está* se alimentando disso regularmente, certo? Vai ficar doente.

– Seu grosso. – Eu me sinto mais ofendida do que deveria, mas ouvir que você não é deliciosa começa a cansar bem rápido.

Doug se apressa para responder.

– Desculpa, certo. Nina, esse é meu primo, Jason. Jason, Nina. Nina é minha amiga. Ela me salvou.

– Salvou você do quê? – pergunta Jason.

Eu me remexo, desconfortável.

– Vocês precisam de um tempo para se atualizarem? Posso dar alguns minutos.

Doug aperta meu ombro em gratidão.

– Não vá longe demais. E não deixe ninguém com muita vontade de tocar em você fazer isso.

– E vá dar uma olhada no estande dezessete – diz Jason.

– Evite o estande dezessete – corrige Doug, olhando feio para o primo.

– Que foi? Acho que ela tá precisando.

Doug aponta para onde eles estarão – um grupo de cadeiras perto da parede mais distante – e concordo em encontrá-lo em meia hora. Não me importo de andar por conta própria. Doug pode obter informações com Jason sobre alguém que precise de ajuda e eu posso só ficar olhando. Reconheço apenas um punhado das

variedades de demônio presentes. Fico um pouco ofendida em nome da minha herança de guardiã, mas a verdade é que nos concentramos apenas nas mais comuns e ameaçadoras. Há mais demônios e dimensões infernais do que jamais conseguiríamos catalogar. Não que isso vá impedir Rhys de tentar.

No início é divertido, como passear por uma loja de departamentos toda decorada para um feriado esquisito. Mas, depois de um tempo, noto que as fachadas vibrantes e decorações divertidas dos estandes não correspondem ao tom geral das conversas.

Ouço diversos demônios falando em voz baixa e tentando localizar amigos e parentes desaparecidos. O fechamento de todos os portais e bocas do inferno deixaram muitos órfãos aqui. Vejo dois abraçados, suas cabeças próximas e seus dedos entrelaçados. Posso jurar que estão chorando e as ondas de tristeza emanando deles *são* quase palpáveis. Estico a mão e percebo que lágrimas escorrem por meu próprio rosto.

Na verdade, as ondas de tristeza são palpáveis. Eu mudo de direção rapidamente, precisando me afastar antes que me traguem. Um estande à frente tem a maior multidão humana que já vi nesse lugar. A faixa acima dela anuncia autógrafos e fotos por vinte libras cada um. Não consigo imaginar quem aqui seria capaz de cobrar tanto assim. Os cartazes todos apresentam uma loira linda e um título estilizado para algo que chamam de *Mordidas de Harmony.*

Tento contornar para ver se consigo enxergar a loira e entender por que ela estaria aqui. Mas não é ela sentada atrás da mesa, e sim um demônio rosado com grandes orelhas caídas e infinitas dobras de pele pendurada. Ele é totalmente careca, veste um terno extravagante e segura um gatinho no canto do braço.

– Clem! – grita uma mulher. – Clem, case comigo!

– Entre na fila, querida – ele diz. – Não, sério, entra na fila. Tem uma fila aí.

– Vão filmar por quanto tempo? – Um jovem se inclina para a frente diante da mesa, com os olhos fixos na loira na foto acima da cabeça de Clem.

– Pelo tempo necessário para terminarmos o especial *Vampirizando Londres.*

– Mas ela não é uma vampira de verdade, né?

Clem dá uma piscadela.

– Não, e eu não sou um demônio. Só visto isso todo dia por pura diversão. – Todo mundo na frente da mesa ri, mas é uma risada desconfortável, e percebo que vários deles estão franzindo a testa tentando entender se ele está brincando.

Uma vampira tem um reality show? Sério? *Precisamos* conseguir TV a cabo no castelo. Os vampiros também foram afetados pelo fim da magia. Não podem mais criar outros como eles. Qualquer vampiro novo vira um zumpiro, criaturas sem consciência. Nenhum dos vampiros antigos está disposto a criar novos agora; quanto mais notoriedade adquirem, mais perigoso é para sua sobrevivência. Aparentemente essa loira não entendeu o recado ou não se importa.

Como caçadora, será que tenho a responsabilidade de caçá-la? Se ela criar um rastro de cadáveres, talvez eu devesse. Decidi ser um tipo diferente de caçadora – mas, se deixar uma vampira conhecida livre por aí e ela matar uma pessoa que seja, essa morte não é parcialmente minha culpa?

– Chegue mais perto. – Um homem abatido e cinzento se inclina na minha direção e fico grata pela mesa entre nós. Seu estande tem uma placa grande que diz DIREÇÕES. DIRETÓRIO. TRADUÇÃO. RESPOSTAS. Embaixo há uma série de imagens incompreensíveis que parecem estar oferecendo instruções, mas não consigo entendê-las de jeito nenhum. Ele respira fundo, lambendo os lábios.

Não quero saber, mas pergunto mesmo assim.

– O que você come?

Ele sorri, revelando gengivas cinzas.

– Confusão. Normalmente fico em estações de metrô frequentadas por turistas, mas poderia sobreviver por *anos* consumindo você. Quanto quer?

– Como assim?

Ele enfia a mão no bolso e tira um punhado de notas.

– Quanto quer? Você está aqui como bicho de estimação, certo? Seja quem for seu sanguessuga, eu pagarei mais. Contrato de um ano. Tudo que precisa fazer é ser exatamente quem você é.

– Não, garota, escuta aqui! – Um demônio com pele da cor e textura de mofo branco crescendo em pão parou para ouvir e chega mais perto do que eu gostaria. Dou um passo para trás. – Você se sente culpada. – Ele sorri, se inclinando ainda mais para perto. – Você fede a culpa e vergonha. Eu beberei toda a sua culpa. Cada gota dela. – Ele bota a língua roxa para fora, fina e bifurcada na ponta. – Pense como seria prazeroso viver sem esse peso.

Cruzo os braços, na defensiva. Por mais que adore a ideia de abandonar essa culpa, eu preciso dela. Ela me impulsiona, me dá direção. E combate a raiva. Se eu pudesse viver sem culpa depois de tudo que fiz, seria um monstro.

Quantos humanos aqui realmente sabem o que está acontecendo? Quantos deles vendem suas emoções e sentimentos por um punhado de dinheiro? Uma coisa é Doug se alimentar de felicidade sem levá-la embora. Isso é diferente. Aquela nova ferocidade aninhada dentro de mim se inflama e vejo esses dois demônios como realmente são: predadores. Eles podem até não matar pessoas, mas se sugarem minha culpa ou confusão de modo permanente, vão tirar de mim o que me faz ser quem *sou.* Aquilo

que me torna humana. Só porque não é meu sangue não quer dizer que não faça parte de mim.

Dou um passo à frente, com os olhos semicerrados, e penso na última vez que vi Leo vivo. O demônio com cara de fungo subitamente incha como uma esponja absorvendo água.

– É demais – ele diz, arfando e cambaleando para trás.

O demônio cinza recua até o fundo de seu estande e ergue as mãos em súplica.

– Vá. Só vá. Não quero nada de você.

Continuo caminhando. Pelo visto agora exalo tanta energia furiosa e espinhosa que a maioria dos demônios rapidamente vira a cara, me dando bastante espaço. Eu me esquivo entre estandes, tentando recuperar o fôlego. Quem aqui poderia precisar da minha ajuda? Quem aqui a mereceria?

Talvez Artemis esteja certa. Talvez eu realmente só esteja ajudando a mim mesma.

# Capítulo 10

DOUG ESTÁ DE BOM HUMOR QUANDO EU VOLTO PARA ENCONTRÁ-LO. O que me preocupa por um novo motivo. Terei que deixar outro amigo partir? Acho que não conseguiria lidar com isso no momento.

– Você está pensando em ir com ele? Seu primo?

Doug deve ter sentido minha preocupação.

– Ah, você ficaria com saudades! Não se preocupe. Costumamos ser solitários. Facilita. Assim tem mais comida e a chance de chamar atenção é menor. Sem falar que ele tem muitas bocas para alimentar agora. Teve sorte de encontrar uma parceira. A prole dele é bem representativa da distribuição de gêneros da nossa espécie. Não existem muitas garotas. Eu só fico feliz que ele esteja bem. E ele me deu uma pista.

– Sério?

– É claro que tem os desaparecimentos costumeiros. Isso é normal. Muitos demônios desapareceram desde que os portais fecharam, mas isso é consequência de ficar isolado sem um meio de comunicação. Perguntei a ele sobre íncubos e súcubos, porque você me deixou curioso, e ele me contou de um boato de que alguém os está caçando. Muitos demônios estão se escondendo por causa disso, mas ninguém sabe exatamente de quem estão com medo. Não há um nome.

– Mas conhecemos alguém que está buscando dêmonios de tipos específicos! – eu exclamo. – O sujeito para quem os mercenários estavam trabalhando! Van Alston!

– *Von* Alston. Aquele que sua mãe avisou a gente para não chegar perto. E ele não estava apenas procurando por lobisomens?

– Até onde a gente saiba, sim. Mas se ele está atrás de um tipo, não faria sentido estar atrás de outros?

– Será? – Doug parece duvidar do meu raciocínio. Mas é a única pista que temos, a única conexão. Sei que não é uma pista *sólida,* mas quero que seja. Preciso que seja. E realmente faz algum sentido que, se um sujeito está pagando por um tipo de criatura sobrenatural, esteja pagando por outros também. Ou pelo menos saiba onde encontrá-los.

– Tem algum lugar mais silencioso para conversarmos? Não consigo me concentrar aqui. – Minha mãe deixou bem claro que deveríamos ficar longe de Von Alston, mas quem sabe quantos demônios, lobisomens ou outras criaturas vulneráveis ele mantém presas? Se não posso ir atrás de Sean, por que não poderia ir atrás de um canalha rico? Realmente vamos aceitar mais dinheiro de alguém assim?

Por outro lado, minha mãe estava certa. Não temos muitos aliados atualmente – quase nenhum, na verdade – e passamos tanto tempo escondidos que todo mundo pensa que estamos mortos. E a intenção era essa. Sendo assim, será que vale a pena salvar alguns demônios e afastar um dos nossos poucos contatos remanescentes? Será que estou fazendo isso só por existir uma pequena chance de obter informações sobre demônios súcubos, íncubos e cambions porque me sinto culpada por ter deixado Leo morrer?

Olho de relance por cima do ombro, temendo que o demônio da confusão sinta meu cheiro do outro lado do salão e venha se alimentar.

Doug me leva por uma porta dos fundos e saímos em um beco entre os prédios. Há alguns demônios fumando perto de nós – literalmente. Estão soltando fumaça de suas peles em vez de cigarros.

Eu ando de um lado para o outro. Não sei qual é a escolha certa. Deveria contrariar minha mãe, a pessoa em quem finalmente estou começando a confiar? No passado, quando me avisava para não fazer algo, ela tinha seus motivos. E sei que ela se importa com os demônios. Foi ela quem ajudou Doug, para começo de conversa.

Se eu for atrás de Von Alston, estaria nos colocando em perigo? Tudo pela chance de encontrar um tipo de demônio que sei que não podemos levar para o Santuário e que provavelmente não me daria respostas sobre Leo mesmo se as tivesse?

A acusação de Artemis volta como um soco no estômago. Eu realmente sou o motivo disso tudo. Dessa viagem toda. Não me importo com ajudar os demônios daqui. Só quero uma resolução, desesperadamente, e estou disposta a vasculhar o fundo do poço da sociedade demoníaca para encontrá-la. Diabos, Artemis foi embora! Ela não tem o direito de aparecer por vinte minutos e estar certa a respeito de tudo.

A porta pela qual saímos se abre e o demônio de pele caída, Clem, quase tropeça em mim. Ele tem um filhote de gato dentro do bolso e o bicho mia ansioso. Clem se inclina contra a parede, fazendo carinho no gato e o levantando até o rosto.

Um desenho de um dos meus livros de pesquisa surge na minha memória. Antes que eu consiga parar, tiro o gatinho das suas mãos e o seguro junto ao peito.

– Não!

Ele recua instintivamente, então encara o chão com uma expressão de culpa.

– Desculpa. Desculpa. É um hábito terrível. Estou sempre tentando largar, mas a pressão da minha vida, vou te contar. E a câmera adiciona uns dez quilos de dobras de pele. – Ele esfrega o rosto. – Obrigado. Sim. Chega de gatinhos. Só medo a partir de agora. – Ele

levanta a cabeça com esperança. – Você não tem medo de mim, tem?

Eu levanto uma única sobrancelha e ele suspira.

– Essa sua vampira Harmony – eu digo, me lembrando de que sou uma caçadora antes de tudo. – Ela se alimenta de pessoas?

– Harmy? Não. Quer dizer, ela não é tão vegana quanto finge ser. Mas você não pode contar pra ninguém que eu falei isso. Ainda assim, ela toma cuidado. Só mata em autodefesa. Gosta de fama mais do que de sangue. E mais do que de mim. – Seu rosto franzido se contrai mais um pouco, enchendo-se de rugas.

Pelo menos posso cortar isso da minha lista de tarefas. Não tenho tempo para caçar uma estrela de *reality show*. Além disso, não é como se eu fosse a única caçadora. Outra pessoa pode se preocupar com subcelebridades demoníacas. Deveríamos ter uma grupo de mensagens ou algo parecido para distribuir tarefas.

Doug ignora Clem.

– Alguma ideia de onde Von Alston mora?

Talvez pudéssemos espioná-lo. Se ele *for* a pessoa sobre quem estão sussurrando, é um perigo e deveríamos fazer alguma coisa. E se não for, não causamos nenhum mal.

– Estão falando de Ian Von Alston? – pergunta Clem.

Eu estreito os olhos.

– Sim. O que sabe sobre ele?

– Ah, ele é horrível. Ficou tentando contratar a Harmony para uma festa privada. Você sabe o que *isso* significa entre esses humanos ricos. Eu nem repassei a oferta para ela. Ela não faz ideia de quanto a protejo.

– Você sabe o endereço?

Ele olha para o gatinho nas minhas mãos.

– O que você ofereceria em troca?

– A grande oportunidade de não levar uma surra. – A força com que digo isso me surpreende. É mais Artemis do que eu. Ou talvez… mais Athena do que Nina. Eu sigo no embalo.

Doug tosse para cobrir uma risada.

– Ela é uma caçadora, parceiro. Você provavelmente deveria contar o que sabe.

– Uma caçadora! – Em vez de parecer intimidado, Clem se anima. – Você conhece a Buffy? Não vejo ela desde que Sunnydale foi engolida inteira! Era uma época mais simples. Eu era só um demônio, tentando sobreviver numa boca do inferno. Sem as câmeras, a fama e o amor da minha vida que não me enxerga, sabe?

Doug e eu compartilhamos um olhar desconfortável. Sabemos como é, na verdade. Ambos assentimos para encorajá-lo.

Clem continua.

– Enfim, você deveria ter dito que era caçadora. As caçadoras e eu temos uma longa história. Aqui. – Ele saca um dos seus cartões, escrevendo um endereço no verso. – Se vir Buffy, diga a ela que Clem mandou um oi, tá bom? E se encontrar aquele pesadelo de vampiro vagabundo oxigenado, diga que não esqueci que ele me deve dez gatos *scottish folds* e três siameses. O cara consegue uma alma e acha que todas as dívidas foram perdoadas. Eu vou pegar esses gatos dele, pro inferno com a dieta. Essa que você pegou de mim é uma fêmea, aliás. – Resmungando consigo mesmo, ele volta para dentro.

– Isso foi realmente estranho. – Eu encaro a porta. Os três demônios esfumaçados voltaram para dentro também. Só tem um aqui fora ainda conosco, uma mulher que parece humana vestindo um manto preto com capuz e encostada na parede. – Não é? Não foi só impressão minha. Isso foi esquisito.

– Convenções de demônios tendem a ser assim. – Doug ergue o cartão. – Vamos lá ver se esse colecionador pegou muitos íncubos ou súcubos perigosos? Íncubos? Incubi? Incubuses? Não me admira que estejam entrando em extinção. Com alguma sorte, Von Alston terá algo menos desagradável e mais fácil de pronunciar. Ou talvez ele realmente seja um amigo, não a ameaça sem nome caçando demônios, tudo não passe de um mal-entendido e ele nos dê um cheque de presente sem nenhum motivo.

– Um daqueles gigantes de papelão. Com muitos zeros. Talvez aí possamos finalmente consertar a torre do castelo.

– Fica pra mim, se isso acontecer! Sempre quis um quarto em uma torre.

– Nem pensar. Eu sou a caçadora e fico com o quarto da torre. Isso se algum dia deixar de ser um risco de desmoronamento que faria o prédio todo ser condenado se alguém soubesse que o castelo existe. – Eu paro, afagando a gatinha ronronante. – Droga. Agora realmente quero um quarto numa torre. Vamos lá ver esse cheque imaginário. Ou demônios, sei lá.

Viramos e encontramos nosso caminho bloqueado pela mulher encapuzada.

– Doug! – ela diz empolgada. – Que surpresa encontrar você aqui! – Então, empunhando uma faca, ela ataca.

Empurro Doug para fora do caminho com tanta força que ele bate na parede e desaba no chão, inconsciente. A mulher se esquiva de mim, a lâmina reluzindo cruelmente no sol. Ainda estou segurando a gatinha.

Ela ronrona, uma bola macia e quente contra meu peito. Eu me agacho, desviando de um golpe da faca, giro para a esquerda e chuto a perna da mulher. Ela salta, aterrissando suavemente e me socando com força na lateral. Giro para proteger a gata e, então, a arremesso gentilmente na direção do peito de Doug.

– Muito bem. – Eu levanto os punhos – Agora estou pronta.

Ela avança na minha direção com um lampejo de ameaça e metal. Eu giro e me contorço, recuando, levando-a para longe de Doug. Quando ela está longe o suficiente para não ferir nem ele nem a gatinha, paro tão repentinamente que ela cambaleia, confusa.

– Tem certeza de que quer me enfrentar? – O desejo de brigar ruge dentro de mim, implorando por uma luta. Ninguém fere meus amigos. Ninguém tira de mim alguém de que gosto. Tremo com o esforço de conter essa energia.

Ela rosna e ataca. Então não me contenho mais. Pego o braço dela, torcendo até estalar. Ela grita e larga a faca.

Deixo-a me atingir com seu braço bom, mal sentindo o golpe enquanto a levanto e prenso contra a parede de tijolos. Ela chuta e eu faço pressão no seu ombro deslocado.

Seu rosto começa a suar. Ela geme de dor, cerrando os dentes, mas não tem nada que possa fazer contra mim, e nós duas sabemos disso.

Eu a seguro lá.

– Você pode dizer pro Sean que ele nunca mais vai encostar um dedo em Doug.

Ela ri, a dor tornando o som dissonante e histérico.

– Acha que recebo ordens do Sean agora? Ele é peixe pequeno, querida. E você está metida em algo muito maior do que imagina.

Todos que você ama já são *dele.* Só não sabem disso ainda.

Eu a seguro pelo pescoço. Uma fúria tão antiga que desafia o entendimento pulsa em mim, pronta para devorar alguma coisa. Melhor ela do que eu. Alguma coisa desliza da manga da mulher para sua mão boa e ela me golpeia com força pelo lado. Eu me contorço, segurando-a pelo pescoço enquanto ela me eletrocuta. O tempo parece parar com uma dor vibrante e brilhante. Ela se contorce, soltando seu colar na minha mão, e consegue escapar. Eu cambaleio, caindo de joelhos enquanto a lembrança da eletricidade faz parecer que o golpe ainda está acontecendo. Mas ela correu na direção oposta a Doug. Olho para trás rapidamente.

Ele está sentado agora, segurando a gata. A salvo.

Não sei o que faria se ela não tivesse usado uma arma de choque em mim.

Tremendo da adrenalina e da eletricidade, eu me arrasto até Doug e pego a gata, segurando-a junto ao peito. Enrolo o colar em torno do seu pescoço como se fosse uma coleira. Tem o padrão familiar de triângulos. A mulher estava mentindo sobre não trabalhar para Sean. É o mesmo símbolo do seu chá com essência de demônio – o mesmo símbolo que estava no livro levado por Artemis. Torço para isso ser um sinal de que minha irmã o está combatendo. Mas, se for o caso, por que ela não pediu minha ajuda? Posso fazer tanta coisa agora!

Mas quase fiz algo ruim. A gata ronrona, sem saber como cheguei perto de assassinar uma mulher. A expressão de Doug me faz pensar que talvez ele saiba.

– Vamos lá pegar o carro. – Eu me viro para a saída do beco, com razoável certeza de que nesse estado os demônios guardiões não me deixariam nem chegar perto da convenção.

É aí que a gritaria começa.

# Capítulo 11

A GRITARIA ESTÁ VINDO DE DENTRO DO CENTRO DE CONFERÊNCIAS.

Passo a gata de volta para Doug.

– Aquela mulher não deve ter vindo sozinha. Parece que Sean veio mesmo comprar novas mercadorias. – Flexiono os punhos, me livrando do restante do choque.

– Jason está lá dentro. – Doug olha para a porta com uma expressão angustiada.

– Deixa comigo. – Abro a porta com força e dou um passo para dentro… então sou arremessada de volta ao beco com tanta força que perco o fôlego. A entrada não está mais visível. É uma sombra sólida.

– Estou tentando ajudar! – eu grito.

– Eles não conseguem perceber motivação. – Doug anda de um lado para o outro na frente da porta enquanto me levanto e me recomponho. A gritaria não parou. Certamente tem alguma briga acontecendo. Há muitos demônios lá dentro. Humanos também. – Os guardas não têm como saber que você quer entrar para ajudar, só sabem que está entrando com violência em mente.

– Ah, com certeza. Toda a violência. – Não consigo socar uma sombra e não vejo como desviar delas. Estão em todas as portas. Pelo visto terei que entrar de outro jeito.

Recuo o máximo que o beco estreito permite. Fecho os olhos e procuro aquela fonte de poder dentro de mim. E dessa vez, de propósito, estico a mão para a escuridão que gira em volta dela. Respiro fundo. Expiro. Concentro toda a fúria que estive tentando manter sob controle. Então abro os olhos e *corro.*

Acerto a parede com o ombro. Ela racha e cede, e eu atravesso em uma chuva de tijolos e gesso. Minha alegria pelo sucesso é bastante prejudicada pela intensidade da dor. Mas consegui entrar. E – boa notícia para minha força e má notícia para os asseclas encapuzados esquisitos de Sean – estou mais furiosa do que nunca. Doug entra atrás de mim.

– Nossa, por que não pensei em atravessar uma parede correndo? Opa, lembrei. É porque não sou completamente maluco.

O salão de conferências está um caos. Estandes e mesas foram derrubados e estão espalhados por todo canto. Os demônios estão tentando fugir, mas a maioria não consegue passar pelos guardas das portas, que infelizmente parecem funcionar no sentido inverso também. Se os demônios estão se sentindo violentos – como deveriam –, não vão conseguir entrar ou sair. No meio da confusão, gente que parece ter sido barrada na porta de uma feira medieval, vestindo mantos pretos e portando armas de choque, estão atacando tudo que se move. Mas alguns dos capangas estão caídos e inconscientes. Alguns desses demônios são bem capazes de se defender. Mas nem todos.

– Jason é nossa prioridade – eu digo. – Fique por perto. Quando encontrarmos ele, vocês dois saem e vão para o carro. Você não é violento, não deve ser difícil.

Doug enfia a gata dentro da camisa.

– E depois?

Estalo as juntas dos dedos e sacudo o ombro dolorido. *Diversão,* eu quase digo. Então corro diretamente para o meio do salão. Há um grupo inteiro de pessoas com mantos pretos cercando vários demônios atordoados, inclusive meu novo amigo Clem.

– Ei! – eu digo, animada. Eles se viram para mim. São todos humanos, pelo que posso ver, e cada um está segurando uma

daquelas estúpidas armas de choque. – Qual é a diferença entre vocês e um saco de lixo?

– Qual? – pergunta o homem mais perto de mim, sua expressão plácida se enchendo de confusão.

– O lixo é reciclável.

Uma das mulheres balança a cabeça de forma cruelmente condescendente.

– Ei, sem essa – digo, um pouco ofendida. – Sou caçadora faz pouco tempo. Ainda estou aprimorando minhas provocações. Mas já sou boa nisso aqui. – Eu a levanto e arremesso em cima dos outros. Três deles caem numa confusão de pernas, braços e mantos. Má ideia usar todo aquele tecido adicional.

Ouço um estalo de eletricidade e me abaixo enquanto uma arma de choque acerta o lugar onde estava meu pescoço. Eu poderia quebrá-la e esmagar suas costelas além de qualquer nível de recuperação…

*Pessoas,* lembro a mim mesma com dentes cerrados. Um chute bem mirado resulta em um estalo e num grito de agonia. Joelhos deslocados não são fatais, mas são bem eficazes. E satisfatórios. Eu me agacho, rolo e giro entre os agressores remanescentes, acertando joelho após joelho. Os demônios incapacitados estão se recuperando e fugindo. Ofereço uma mão a Clem para ajudá-lo a se levantar.

– Estou tão cheio que acho que vou vomitar – ele diz, segurando o estômago. Ele se alimenta de medo e cada demônio preso aqui deve estar fedendo a pavor. – Obrigado, bicho de estimação. Você é uma boa garota.

Bato com o dorso do punho num encapuzado tentando chegar sorrateiramente por trás de mim e ele cai gritando, segurando seu

nariz quebrado e ensanguentado. Clem parece conhecer bem esse espaço, a julgar pelo nível profissional de seu estande.

– Se estivesse tentando sequestrar muitos demônios de uma só vez, como você faria?

Clem aponta para uma área bloqueada por cortinas nos fundos do salão.

– A área de carga/descarga ali. Foi assim que trouxe meu estande aqui para dentro. Eu não vou conseguir meu depósito de volta, né? – Ele olha com tristeza para os destroços e pisa cuidadosamente por cima da mulher encapuzada mais próxima. – Como vocês passaram pelos guardas da porta? – ele pergunta a ela.

Ela ri, um som vazio e perturbador.

– Nossa intenção não é violenta ou maliciosa. É essencial. Você vai ver. Vão todos ver. – Ela tenta acertá-lo com sua arma de choque.

– Certo, esquisita. – Pego a arma de choque e a quebro em duas. – Clem, tenho mais socos para distribuir. Recomendo sair correndo. – Dou uma olhada para o grupo que já derrubei. Eu me sinto mal pelo fato de não me sentir nem um pouco mal. Não parece algo que eu faria. Mas não quero ser eu mesma agora. Quero ser Buffy. Ou até Artemis. Alguém que sabe o que está fazendo e não vai parar para se sentir culpada.

A escuridão dentro de mim concorda. É assim que eu deveria ser.

Os encapuzados feridos foram cercados por demônios. A mulher de terno listrado com ventosas nas mãos tem um brilho maligno em cada um dos três olhos. Ela estica a mão para ajudar o mais próximo a se levantar. Ele levanta a mão, confuso, mas grato.

– Ela vai… – começo a dizer, então paro. Bom. Eles meio que *merecem.* E os encapuzados em grande parte ainda estão com suas armas de choque, só não podem mais arrastar demônios para

fora. Eu me sinto confortável com minha decisão de abandoná-los à própria sorte no meio da convenção que estavam aterrorizando. Depois de garantir que nenhum demônio esteja sendo sequestrado, e de impedir quem quer que esteja lá fora, vou voltar e evitar que os encapuzados sejam drenados até a morte.

Provavelmente.

Algo amarelo atrai meu olhar. Giro e vejo Jason ser arrastado através das cortinas para a área de carga/descarga. Há doze demoniozinhos adoráveis esperando por ele em casa e não vou deixar que sofram como eu sofri. Saltando por cima de mesas e cadeiras, passo rasgando as cortinas e descubro que uma enorme porta de metal ondulado foi aberta. Um caminhão de motor ligado está na baia de carga, com as portas abertas e vários demônios no interior.

– Precisa de ajuda? – pergunto.

A encapuzada mais próxima, que está desajeitadamente arrastando Jason, sorri em gratidão.

– Sim?

– Eca. Não você. – Eu chuto seu joelho e ela cai, gritando. Doug aparece atrás de mim e ergue Jason, segurando-o por baixo dos braços. – Pode ir. Eu vou garantir que ninguém siga vocês.

Doug assente e leva seu primo semiconsciente embora. Eu me viro para encarar cinco encapuzados, cada um armado com armas de choque, se posicionando para me cercar.

Imogen estava certa – eu deveria seguir meus instintos. Passei todo esse tempo tentando não sentir o que estou sentindo, mas deixar correr solto é incrível. Tão mais fácil. Deve ser assim que a Buffy se sente. Chega de me preocupar, pensar demais e ter medo de fazer as coisas do jeito errado.

Ergo a mão, disposta a pelo menos dar uma chance a eles.

– Acho melhor vocês pararem por aqui. Os amigos de vocês lá atrás já vão ter que lidar com um regime pesado de fisioterapia. Vão levar meses para recuperar totalmente o movimento dos joelhos e vão precisar de ajuda nesse meio-tempo. Não vai ser fácil se locomoverem. Dependendo de qual joelho eu quebrei, também não vão poder dirigir, então, vão precisar de caronas para ir ao médico. O que estou dizendo é: vocês querem ajudá-los? Ou querem ficar que nem eles?

– Quando o Adormecido atingir sua terceira forma – diz um homem com cara de nabo, levantando os olhos para o céu com fervor religioso, se é que um nabo pode ser fervoroso –, nós viveremos sob sua luz e caminharemos pelas costas prostradas das massas e…

– Pera… espera aí. As costas *do quê*?

Ele olha sério para mim, furioso pela interrupção.

– Prostradas.

– Ufa, que alívio. Pensei ter ouvido outra coisa. Todo um sentido clínico diferente aí. Eu teria escolhido outra palavra, se fosse você. Uma que não fosse tão facilmente confundida com certas partes do corpo humano. Enfim. Vocês são fanáticos religiosos, pelo visto.

– Todos deveriam estar religiosamente dedicados a…

– Aqui vai uma história sobre fanáticos para vocês: eles explodiram quase todo mundo que já conheci ou com quem já me importei. Então adivinhem quem vai sair com mais do que os joelhos quebrados? – Soco ele bem no meio da cara.

Uma arma de choque me pega nas costelas. Luto contra a dor desconcertante para agarrar o braço que o segura. Eu me impulsiono com força para cima, deslocando o braço dela, e a

mulher larga a arma. Chuto seu joelho e soco a cara dela também, por via das dúvidas. Os outros três vêm para cima de mim ao mesmo tempo. Agarro o primeiro e o arremesso em cima dos outros dois. Parece cruel chutá-los enquanto estão caídos no chão. Faço isso mesmo assim, um, dois, três joelhos, para que ninguém possa me seguir até o lado de fora.

O caminhão está parado com o motor ligado. O motorista não consegue enxergar o que acontece atrás e está prestes a ter uma surpresa bem ruim. Eu salto e seguro a borda do caminhão, me puxando para cima. Caminho pelo teto da parte de trás e aí salto para baixo no capô. Agacho e me viro.

– Nina? – Artemis me encara, chocada, do assento do passageiro. Ela desce a janela. – O que você está fazendo?

– O que *você* está fazendo? – Ela deve ter ido atrás dos encapuzados e sido sequestrada! Só que… ela está usando cinto de segurança. E Honora está dirigindo. Não. Não é possível. Não deveria ser assim. Artemis devia estar lá fora combatendo o mal do jeito dela, não trabalhando de motorista para eles. Eu me sinto enjoada.

– Ei – diz Honora. – Como vão as coisas?

Eu fecho os punhos. Poderia dar um soco pelo para-brisas, arrancar Honora dali e arremessá-la para fora como lixo. Artemis balança a cabeça uma vez, de alguma forma prevendo meus pensamentos.

Em vez disso, concentro minha atenção nela.

– Artemis, como pôde?

Ela levanta uma sobrancelha.

– Como pude ajudar a capturar demônios? Fui literalmente treinada para fazer isso minha vida inteira. Você se esqueceu?

– Quando conversamos na biblioteca, você disse… eu pensei que…

– Você não faz ideia do que está acontecendo. Desça daí. Está parecendo uma idiota.

Eu recuo instintivamente. Tinha me imaginado saltando para o capô do carro e, na minha imaginação, eu seria como Buffy. Eu seria fodona. Eu seria… como Artemis. Mas ela me viu e está com vergonha. Honora olha pelo espelho retrovisor.

– Santa paciência, Esbaforida, o que você fez lá dentro? – Eu queria que ela soasse assustada ou impressionada, mas parece estar só irritada.

– Entre. – Artemis abre sua porta.

– Hein?

– Entra logo. Vem com a gente. Eu explico no caminho.

– Você vai libertar esses demônios? – Digo mal conseguindo usar um tom esperançoso.

– Vamos entregá-los. – Honora tamborila os dedos na direção. – Vamos lá, Esbaforida. Dentro ou fora. Temos um cronograma a cumprir e lealdade a provar. Te daremos uma chance de se juntar a nós.

Artemis franze a testa, olhando para Honora.

– Não. Vamos deixar ela em algum lugar seguro. Não quero que faça parte disso.

– Parte do quê? – Quero bater com o pé no chão, mas parece petulante e imaturo.

Honora torce o nariz em repulsa.

– Odeio admitir, mas se for tudo tão complicado quanto você diz, seria útil ter a ajuda dela.

– Não. – Artemis se vira para mim, e sua expressão é tão dura que mal enxergo minha irmã ali. – Acelera.

Honora sopra uma enorme bolha de chiclete. Ela estoura, sorri, e obedece. Sou arremessada do capô e saio rolando, bato com força no asfalto. As rodas do caminhão cantam enquanto Honora acelera para fora do beco, as portas de trás sacudindo com força, com vários demônios ainda lá dentro.

*Artemis.* O que ela está fazendo?

Eu me levanto com um gemido. Ainda posso alcançá-las. Posso…

Um surto cegante de eletricidade me congela. Alguém encostou uma arma de choque na minha coluna. A pressão é mantida. As bordas da minha visão começam a borrar e escurecer… então caio de joelhos quando a corrente é interrompida. O encapuzado cai no chão do meu lado.

Alguém me estica uma mão amarelo-neon e eu aceito.

– Coloquei Jason em um táxi – diz Doug. – Ele vai ficar bem. E não vi nenhum outro caminhão, então não vão levar outros demônios. Mas deveríamos dar o fora daqui. Não gosto nada disso, Nina. Esse não é o método de Sean, nem de longe. É grande demais. Coordenado demais. Tem outra coisa acontecendo. E não acho que tenha a ver comigo. Eles pegaram Jason, mas foram atrás de muitos outros.

– Era Honora – eu sussurro. – E Artemis. No caminhão. Elas estão ajudando os fanáticos.

Doug não diz nada, mas passa o braço ao meu redor para oferecer equilíbrio enquanto cambaleio e tropeço em direção ao nosso carro.

# Capítulo 12

DOUG ME OBSERVA, CÉTICO.

– Tem certeza de que deveríamos estar fazendo isso agora? Não fazemos ideia de que tipo de ameaça Von Alston representa, e atacaram você com tanta eletricidade que poderia fornecer energia suficiente para operar o castelo pelo próximo mês. Além disso, você atravessou uma parede e foi arremessada de um veículo em movimento.

Abaixo o quebra-sol e me observo no pequeno espelho. Ainda há restos de tijolo e gesso no meu cabelo. Tem um roxo se formando em uma bochecha e nem lembro o que o causou. Já se passou uma hora de toda a confusão e a adrenalina se foi, por isso meu ombro está tão duro que mal consigo mexê-lo.

– Está tudo bem. Tirando meu ombro.

– É por isso que as pessoas geralmente usam portas e não paredes.

– Gosto de lançar tendências. – Retiro o máximo possível de destroços do cabelo. Doug provavelmente está certo. Talvez Von Alston seja mais do que podemos enfrentar no momento. Se se ele está por trás de tudo isso e é capaz de coordenar um ataque dessa magnitude, não me sinto tranquila em deixar o castelo sem a minha proteção. Achei que Sean fosse nosso maior inimigo.

Ainda pode ser ele – há a conexão com Honora e o símbolo do seu chá. Mas, da última vez que vi aquele sujeito de rabo de cavalo, ele estava chefiando seu tráfico de drogas no porão de uma loja de comida saudável. Não havia nem sinal de fanáticos encapuzados. Mas ele mencionou algo sobre aliados poderosos – talvez seja Von Alston.

Minha única pista é o símbolo de triângulos no colar, que ainda está na gatinha encolhida dormindo no nosso banco de trás. Eu nunca deveria ter deixado Artemis levar aquele livro. Achei que estava aumentando a chance de ela voltar, não a chance de ela me causar mal.

Precisamos de mais informações sobre a situação, mas voltar para casa significa contar tudo o que descobrimos – inclusive admitir para todos que encontrei Artemis duas vezes e a deixei ir embora com um dos nossos livros. Rhys nunca perdoaria a minha infração… nem a dela. E ainda mais sério do que levar um livro – embora Rhys fosse discordar disso – é que ela está trabalhando com os capangas de Sean, ao que tudo indica. E disse para Honora me jogar para fora de um veículo em movimento.

Dizer isso em voz alta vai doer bem mais do que meu ombro dói agora. Por tanto tempo, Artemis e eu ficamos juntas contra o mundo. Não consigo abrir mão da ideia de que podemos recuperar isso. De que, se eu conseguir entender a situação em tempo, poderei tirá-la do buraco onde se meteu e ninguém precisará saber como ela traiu a gente.

Como ela me traiu.

Já perdi tanta coisa. Eu me recuso a perder Artemis ou a esperança de que volte a ser minha irmã. Vamos descobrir se Von Alston tem relação ou não com o ataque e depois decidiremos o que fazer. Vou encontrar Artemis antes dela se envolver demais. Ninguém precisa saber além de mim. Deixamos os guardiões nos dizer quem deveríamos ser e como agir por tanto tempo – agora vou manter isso só entre nós duas.

Suspiro e tento girar o ombro para aliviar parte da rigidez.

– Essa é nossa única pista possível sobre a ameaça sem nome, certo? Se voltarmos, teremos que conversar com minha mãe e ela vai rejeitar a ideia de confrontá-lo. Mas, se fizermos isso direito, conseguiremos informações sobre Von Alston sem revelar que

estamos com os guardiões, caso precisemos dele no futuro. – Viro-me para Doug e espero pacientemente.

Ele estende as mãos.

– Não gosto desse plano, nem um pouco. Não funcionou em *Uma Nova Esperança.*

Amarro os punhos dele, garantindo que a corda esteja apertada o suficiente para parecer convincente, porém frouxa o bastante para ele conseguir se soltar.

– Eles salvaram a princesa Leia!

– Mas, de propósito ou não, Obi-Wan Kenobi morreu. E não tenho muita certeza de quem é quem nesse cenário. Sou obviamente alguém como Han Solo. Você talvez seja um Luke Skywalker. Cabelo bonito. Luta melhor do que deveria. Reclama demais.

– Só por causa disso, estou declarando você o C-3PO dessa missão.

– Ei! Isso não é justo.

– Certo, 3PO. – Olho pelo retrovisor para arrumar meu cabelo arruinado. Não tenho certeza de qual atitude devo adotar. Polida e profissional? Durona e corajosa? Provavelmente a segunda, considerando os roxos visíveis. E infelizmente eu sei quem imitar. Não é difícil. Temos o mesmo rosto.

Prendo meus cachos ruivos em um rabo de cavalo e faço uma careta de dor ao vestir a melhor jaqueta de couro preta de Artemis. Ela a deixou aqui porque estava escondida no fundo do meu armário. Com meu cabelo em um rabo de cavalo apertado e o zíper do couro preto fechado, me transformei na minha gêmea. Mais forte. Mais durona. Disposta a jogar a própria irmã de um veículo em movimento para alcançar seus objetivos.

Poderíamos estar fazendo isso juntas. *Deveríamos* estar fazendo isso juntas. Em vez disso, ela está sabe-se lá onde com Honora e um caminhão cheio de demônios sequestrados. Eu devia ter socado aquele para-brisas, no fim das contas. Imogen estava certa – tenho que confiar nos meus instintos. Não consigo entender por que Artemis está fazendo isso. Você não precisa gostar de demônios para saber que não deveria trabalhar para fanáticos e traficantes de drogas.

Engato o carro com mais força do que era necessário. Discutimos a possibilidade de colocar Doug no porta-malas, mas pareceu cruel demais. Mesmo ter os pulsos presos é obviamente desconfortável para ele depois dos anos de cativeiro. Ainda mais depois de um confronto tão recente com o pessoal de Sean.

Estendo a mão e aperto as dele.

– Não vou deixar nada acontecer com você. Prometo.

– E quanto a Chewie?

– Chewie?

Doug indica a gatinha com a cabeça.

– Primeiro, não vamos chamar nossa gata de Chewie. Segundo, não pretendo ficar lá tempo suficiente para ela sentir nossa falta. E não vou perder você de vista. Só vamos te usar para entrar. Não vamos manter a mentira por mais tempo do que isso. Não vou arriscar você por nada.

Doug engole em seco, mas assente.

– Obrigado. *Desculpe* por reclamar tanto sobre seu gosto. Eu realmente confio em você.

Pelo menos um de nós confia.

Dirijo com cuidado, todos os nervos em alerta. Aprendi nos últimos meses, mas tecnicamente não tenho uma carteira de motorista, e é por isso que sempre pedimos para Cillian ou Imogen dirigirem. Von Alston mora em um bairro chique e extenso de grandes propriedades nos arredores da cidade. Levamos dez minutos subindo por uma estrada estreita até chegar aos portões. As treliças decorativas de ferro possuem runas e símbolos de proteção. Não adiantam muito agora que a magia morreu, mas mostram que Von Alston entende do assunto.

Além das runas, vejo diversas câmeras, uma proteção que depende bem menos de magia. Paro diante de um painel de controle. Há uma câmera ali, junto a uma pequena televisão mostrando nossa imagem.

– Posso ajudá-la? – pergunta uma voz educada no interfone, com uma clareza surpreendente.

– Ouvi dizer que vocês compram animais exóticos. Quero vender um.

– Você tem uma hora marcada?

Puxo Doug com força pela gola e o aproximo da câmera.

– Sim. Aqui está ela. – Ninguém responde. – Se é assim, vou falar com outros compradores. – Empurro Doug de volta para seu assento, fazendo um desculpe silencioso para ele enquanto estou de costas para a câmera, então ponho o carro em marcha a ré.

Os portões fazem um ruído e se abrem.

– O mestre Von Alston falará com você.

– Que sorte a minha. – Engato o carro de novo e passo pelos portões. Eles se fecham como uma armadilha para ratos atrás de nós.

Depois de mais dez minutos dirigindo por bosques verdejantes, chegamos a uma área iluminada e tenho certeza de que saímos de Londres e entramos na imaginação de Jane Austen. Uma mansão enorme de tijolos dourados nos encara com condescendência esnobe. Pilares brancos decoram a parte externa e diversas fontes estão alinhadas em um enorme gramado verde perfeitamente cuidado. Fico imaginando que o sr. Darcy vai sair de um dos lagos.

– É uma verdade universalmente reconhecida – eu sussurro – que um homem solteiro, de posse de uma boa fortuna, deve estar atrás de um demônio.

Doug dá uma risadinha ao meu lado. Ele se manteve cuidadosamente desmaiado caso houvesse mais câmeras.

– Pelos deuses. E se… e se realmente for o Colin Firth? Se o Colin Firth quiser te caçar, talvez eu deixe. Bom, eu deixaria o Colin Firth do início dos anos 1990 te caçar. Teria que conferir como ele está ao vivo e em cores hoje em dia.

– É compreensível.

Passamos por uma guarita onde um guarda armado nos observa impassível. Presumo que é um sinal para eu seguir em frente. A estrada leva para a parte de trás da casa, onde estábulos foram convertidos em uma série de garagens. Estaciono, ouvindo o cascalho rolando embaixo das rodas. Escolhi uma área de onde será fácil sair em caso de uma fuga rápida. Não vi portões adicionais ou coisa parecida, mas o portão da frente será um problema. Teremos que resolvê-lo depois.

Um mordomo mais velho surge por uma porta lateral. Por sua expressão, parece que veio limpar o cocô de um cachorro. Tento manter minha boca imóvel enquanto falo com Doug.

– Ele não trouxe nada para transportá-lo. Fique inconsciente. Eu carrego você. Assim tenho uma justificativa para te acompanhar

aonde te levarem. De quebra, aproveitamos para dar uma olhada e conferir se tem mais alguém lá dentro.

Doug ergue uma área rachada de pele onde deveria existir uma sobrancelha e dá de ombros.

Saio do carro e espreguiço como se fosse um dia normal de trabalho para mim.

– Olá, Tropeço.

Sem pensar, parei de fingir ser Artemis. Estou imitando a pior pessoa que conheço: Honora. Até essa manhã, ela seria a única pessoa que eu julgaria capaz de vender Doug de livre e espontânea vontade para alguém, mas agora preciso adicionar Artemis a essa lista.

Fazendo uma careta e endurecendo a expressão para encobrir a dor no ombro, caminho até o lado do carro do passageiro e abro a porta.

Doug meio que cai para fora, totalmente dedicado à farsa. Eu termino de arrastá-lo e o jogo por cima do ombro machucado.

– Pelos deuses – resmungo. Só usarei portas a partir de agora.

– Ele está danificado? – pergunta Tropeço.

– Eu tomo cuidado com a mercadoria. Ele foi dopado.

– Muito bem. Siga-me. Tente evitar sujar… – Tropeço gesticula vagamente, terminando com: – Não suje nada com *ele.*

Doug fica tenso diante da ofensa e o mudo de posição para disfarçar.

– Certo, nada de colocar o demônio pegajoso no divã. Agora podemos fazer essa entrega para eu ser paga? Ele não é

exatamente leve. E eu quero conversar com o chefe sobre futuros trabalhos.

– Siga-me. – Tropeço se vira, a cauda do seu casaco tão dura e formal que nem se move no vento. Ele ficaria à vontade em um seriado de época. Doug e eu nem tanto. Mas eu gostaria de assistir a esse programa. *Um Demônio Jantando em Downton.*

Sigo Tropeço por uma entrada de serviço. Os corredores são estreitos, com painéis de madeira escura e papel de parede desbotado. A iluminação na parede parece ter sido convertida de lâmpadas a gás. Passamos por uma grande cozinha moderna. Depois dela, diversos corredores partem em várias direções. Finalmente, alcançamos uma escadaria estreita. Subo atrás de Tropeço por dois lances, atravessamos outro corredor, descemos um lance, subimos dois, descemos outros dois e subimos mais dois.

Tenho quase certeza de que estamos andando em círculos. Fico esperando alguma ameaça, mas não vemos vivalma além dessa relíquia antiga de mordomo inglês, e eu preferiria socar o Museu de Londres.

Finalmente, após subir três lances até a cobertura, ele me leva para um cômodo na ponta de um corredor estreito e mal iluminado. Em seguida, destranca e abre a porta. Sigo-o para um quarto convertido em cela. Metade dele está coberta de barras, as paredes são de metal, e todo o resto está afixado a um chão e teto reforçados.

– Pode colocá-lo ali. – Tropeço aponta para a minúscula área da cela, virando-se para me observar.

– Não vou largar ele em lugar algum até ser paga.

– Muito bem. Espere aqui. – Ele anda devagar até a porta. Assim que for embora, Doug e eu vamos começar a espionar. Talvez nem precisemos falar com Von Alston e eu não precise desobedecer a minha mãe. Todo mundo sairia ganhando. E com a velocidade

desse mordomo, teremos tempo mais que suficiente para dar uma olhada na casa, salvar qualquer demônio perdido e escapar.

Tropeço passa do limiar da porta e estica a mão para se apoiar na parede. O painel que ele segura faz um clique. Um conjunto grosso de barras desce do teto, bloqueando a porta e trancando a gente lá dentro.

Ele se vira, me olhando de cima a baixo.

– Você não suou. – Seus dentes são tortos, manchados de chá, e seu sorriso é triunfante.

– O quê? – Não consigo acreditar nisso. O quarto não possui janela nem outra porta. Só aquele mordomo idiota sorrindo para mim.

– Conduzi você pela casa inteira carregando um demônio consideravelmente pesado e você parece tão descansada quanto ao sair do carro. Você não é humana. Ah, ele vai ficar tão satisfeito. – Tropeço pigarreia, tentando recuperar um pouco do seu decoro. – Não negociamos com demônios. Lamento, mas você será uma nova aquisição em vez de ser paga.

Doug parou de fingir estar inconsciente. Eu o coloco no chão e dou um passo em direção às barras.

– Eis o problema, Tropeço.

Ele parece ofendido.

– Meu nome é Smith.

– Bom saber, Tropeço. Eis o problema. Eu não sou um demônio. – Eu soco o painel que ele empurrou, segurando e arrancando os fios. Eles faíscam e desligam… e nada acontece com a porta. – Droga – eu murmuro. Teria sido tão incrível. Tropeço sorri com o canto da boca.

– Espere – sussurra Doug. Ele toca no meu ombro e eu paro. Eu estava tentando forçar as barras para baixo com minhas próprias mãos. – Escuta, Tropeço. Vá chamar seu chefe. Ele vai querer falar conosco.

Tropeço dá uma fungada condescendente.

– Vou anunciar sua presença, mas não porque você mandou. Não trabalho para você.

– É, o meu mordomo faz um serviço muito melhor. – Cruzo os braços de forma petulante. – E também é mais charmoso. O jeito como ele preenche seu colete… hm, que delícia. – Doug assente, sorrindo e olhando para o nada. – E você viu o pó nesse lambri? Sinto vergonha pelo Tropeço só de pensar nisso. Certo, companheiro, cabeça erguida e mantenha a pose. Nem todo mordomo consegue ser competente hoje em dia.

Ele vai embora bufando.

– O que é lambri? – pergunta Doug.

– Não faço a menor ideia. Por que não quer que eu arranque a porta? Aposto que conseguiria. Ou posso atravessar a parede outra vez. – Esfrego meu ombro, prevendo a dor.

– Não sou indefeso. Posso usar a felicidade como uma arma, se precisar. Somando nossas habilidades, podemos partir a qualquer momento. Mas fugir agora vai atrair atenção e não vamos descobrir nada. Melhor olhar a cara desse sujeito, entender o que está acontecendo e ver se ele é a ameaça sem nome aterrorizando a comunidade demoníaca. Talvez ele seja razoável. Talvez não seja. De qualquer modo, teremos mais informações do que antes. Se escaparmos agora, só teremos perdido tempo.

– Droga. Isso faz sentido. – Não quero que faça. Eu sento no chão e pego meu celular. Quase ligo para minha mãe, mas daí mudo de ideia e ligo para minha opção mais segura. Cillian.

– Nina? – Ele parece entediado. – A loja está deserta, como sempre. Como estão as coisas em Londres?

– Hã, tudo bem. Adotamos um filhotinho de gato. Uma fêmea.

– Uma gatinha? Não! Jura? Meu Deus, fiquei feliz agora. Como ela é? Penso em nomes perfeitos para gatinhos faz anos. Mas acho que preciso vê-la ao vivo primeiro. Não é o que dizem? Que você precisa ver o bebê antes de escolher o nome?

– Bom, talvez digam isso. Sobre bebês. Mas ela é uma filhote de gato. Laranja. – Eu abaixo o telefone. – A gatinha vai ficar bem no carro, não vai?

– Não está tão frio – diz Doug. – Ela vai ficar bem.

Volto a falar com Cillian.

– Bom, de qualquer modo, queria saber como estão as coisas. Como está todo mundo.

– Jade é um pesadelo. Leve ela com você da próxima vez, por favor. Eu nem ia vir pra loja hoje, mas não aguentava mais um minuto com ela cuspindo ordens. Rhys se isolou na biblioteca com sua avó. Sua mãe estava afiando lâminas na sala de treinamento da última vez que a vi. Está todo mundo bem. Tiveram sorte na convenção?

– Foi… cheia de surpresas. Sean atacou. Eu acho. Talvez não tenha sido Sean. É complicado. – Muito mais do que complicado.

– É sério? Você está bem? Não é melhor ligar pro Rhys?

– Não. Eu resolvi a situação. – Praticamente. Nem um pouco, para ser sincera. – Enfim, estamos garantindo que o primo de Doug volte para casa em segurança, por isso vamos demorar mais do que planejamos. Avise os outros, por favor. Vou mandar uma mensagem quando estivermos prontos para voltar.

– Sem problemas. – Ele hesita. – Tem certeza de que está bem?

Eu hesito também. Cillian é meu amigo. Eu poderia contar para ele sobre Artemis. Ele não a julgaria. Mas por que estou tão preocupada com a possibilidade de as pessoas julgarem Artemis? Ela é quem está tomando escolhas imprudentes.

Acho que é coisa de irmã. Posso estar irritada com ela e julgá-la e ainda seremos irmãs. E ela sabe disso. Então isso não a impedirá de voltar para casa.

– Ah! – Cillian interrompe meus pensamentos. – *Hermiaune* Granger! Não. A gatinha é laranja. E eu não quero chamar uma gatinha de Gina. Sem ofensas à Gina. Pena que não é macho ou poderíamos tentar um trocadilho com príncipe Harry. Pode deixar comigo. Não se preocupe com nada. Terei escolhido o nome perfeito quando vocês voltarem.

– Menos uma preocupação. Obrigada, Cill.

– Valeu! – Ele desliga. Coloco o celular no bolso e me recosto.

– Dizem que a verdade liberta – observa Doug.

– Arrancar uma porta de suas dobradiças também.

– E eu também – diz uma voz agradavelmente controlada enquanto um homem entra em nosso campo de visão e nos observa com curiosidade. Ele é branco, tem o cabelo meio grisalho escovado para trás e olhos escuros tão afiados quanto as linhas do seu terno. – Contanto que esteja a fim de um jogo. – Ele sorri e, apesar de ser cem por cento humano, todos os meus instintos gritam *ameaça.*

– Certo, mas já vou avisando que sou muito boa em Banco Imobiliário.

Ele ri.

– Tinha algo em mente mais apropriado para suas habilidades, caçadora.

# Capítulo 13

VON ALSTON MEXE SEU CHÁ COM UMA COLHER PRATEADA. A porcelana é tão fina que é quase translúcida, pintada à mão com flores singelas.

– Nada para você?

– Prefiro cerveja. Além disso, não costumo sentar pra tomar chá com gente que encarcera um amigo meu.

Ele estala a língua, apoiando sua xícara no pires. Parece que a rainha da Inglaterra jogou todos os restos do Palácio de Buckingham nessa sala, que cruza a fronteira do impressionante e chega ao absurdo. Alguns anos atrás, eu teria medo até de respirar em um lugar assim; agora, meio que quero perambular e "acidentalmente" quebrar algumas coisas. Mas ele está com Doug e preciso de informações.

– Não é como se pudesse me julgar pelo meu comportamento – ele diz –, considerando que veio aqui mentir. Claramente não tinha intenção de me vender aquele demônio. Mas darei uma chance a você de recuperar suas amigas.

– Minhas amigas? – Eu levanto uma sobrancelha. Plural. Ele está com mais alguém do castelo? Como sabia que vínhamos para cá? Meu coração acelera e eu olho para as entradas e saídas da sala. Poderia agarrá-lo, ameaçá-lo. Eu fico tensa, mas ele levanta uma mão.

– Acalme-se. As outras caçadoras estão perfeitamente bem.

– As outras caçadoras. Certo. Minhas amigas, as outras caçadoras. – Pelo visto, valeu a pena fazer uma visita. Quero perguntar mais, mas estou tentando fingir que tenho alguma ideia do que está

acontecendo. Então, em vez disso, eu só critico. – Você não pode simplesmente *pegar* as pessoas.

– Sabia que é ilegal trazer animais não documentados para o país? Elas trouxeram uma criatura lá do Himalaia. Imagine as doenças que podem introduzir aqui. As coisas a que podem estar expondo nosso amado país.

– Que tipo de animal? – pergunto, cautelosa. O que atrai a atenção desse sujeito?

– O tipo que é melhor de caçar em noites como esta. – Ele para, esperando por alguma coisa. Sua expressão de expectativa azeda. – Uma lua cheia.

– Minhas amigas caçadoras trouxeram um lobisomem para o país? – Pego uma xícara para disfarçar minha confusão, acidentalmente quebrando a alça delicada. – Opa. Força de caçadora. Sabe como é. – Sorrio inocente.

O olho esquerdo dele dá uma tremida.

– Aquela xícara foi pintada à mão pela amante do rei George.

– Devia ter oferecido ela para outra pessoa, então. Você sabe como os americanos se sentem sobre chá e rei George.

– Não *esse* rei George, sua imbecil.

– Bem, quem conhece um rei George conhece todos, não é mesmo? – Ele não está achando isso engraçado. Eu queria canalizar Buffy ou Artemis. Diabos, até Honora serviria a essa altura. É difícil tentar projetar a personalidade de outra pessoa. Ninguém se sente intimidado por Nina, a caça-vampiros. Só estou conseguindo irritá-lo. Até onde sei, irritar inimigos não é uma das minhas forças inerentes de caçadora. Ou talvez eu seja simplesmente especial.

Aquela escuridão inquieta que fica aparecendo nas horas mais inconvenientes poderia muito bem explodir agora, mas ela parece parcialmente saciada pelo que fiz na convenção de demônios e muito despreocupada com essa sala de estar. Eu ponho a xícara na mesa.

– Bem, você está caçando um lobisomem. E precisa de mim para quê?

– Para integrar a caçada, é claro.

– Já não o capturou? Parece um pouco cruel capturar, soltar e caçar alguém novamente. Gente rica como você não prefere pássaros? Raposas? Mulheres muito mais jovens? Vá comprar uma ilha ou algo parecido. – Eu me reclino para trás, cruzando os braços. – Lobisomens são pessoas, sabia?

– Você poderia dizer o mesmo de vampiros.

– Isso é diferente! Vampiros são sempre vampiros. A pessoa, a alma, se foi. São apenas predadores. Lobisomens não podem se controlar e são pessoas a maior parte do tempo.

– Ah, mas são contagiosos. Você faz uma distinção que não acredito existir entre vampiros e lobisomens; os dois são vítimas de uma, como dizer, *condição* que os priva da sua humanidade e os transforma em monstros. Isso já é ruim o suficiente, mas eles também podem transmitir a infecção. Se eu tivesse uma pessoa com Ebola, você argumentaria em defesa da liberdade dela? Diria que ela pode fazer o que quiser?

– Eu diria para oferecer a ela o melhor atendimento médico possível.

– Bem, até encontrarmos um antídoto para a licantropia ou um modo de restaurar almas a vampiros…

– Na verdade…

– Não me interrompa. Na ausência de um método de intervenção atestado pela Medicina, a única escolha humana, a única escolha moral, é impedir a infecção de se espalhar e acabar com o sofrimento dos infectados.

– Por meio de uma caçada.

Ele dá de ombros e toma um gole do seu chá.

– Um homem precisa ter *hobbies*.

– De novo, *compre uma ilha.* Vê o Richard Branson sair por aí caçando gente?

– Na verdade…

Eu levanto as mãos.

– Não. Eu não quero saber. Lobisomens são pessoas. Eles têm alma. Você não tem o direito de decidir quem deveria ser caçado até a extinção.

– Tenho sim. Você entende o poder… e as responsabilidades que vêm com ele. Minha responsabilidade é usar o poder e o privilégio que reuni ao longo da vida para impedir que o sobrenatural se torne natural. Impedir que ele se torne aceito. Você, entre todas as pessoas, deveria entender. Você é uma caçadora. Uma assassina. Esse é o nosso trabalho.

E assim, de repente, eu entendo como ele está errado. Esses anos todos, eu achava que os primeiros guardiões eram meio tapados por dar poder apenas a uma garota. Uma caçadora para lutar contra tudo? Uma caçadora para fazer escolhas impossíveis? Mas… essa é a chave de tudo. Porque a caçadora é jovem. Porque a caçadora é uma garota. A caçadora não é um sujeito ricaço, alienado da vida, da dor e do esforço, sentado em sua casa de sr. Darcy decidindo quem vive e quem morre.

A caçadora está nas ruas, no escuro, à noite, caminhando junto com o que ela caça. Sendo assim, quando faz escolhas de vida ou morte, são escolhas de vida ou morte para ela também. Não só para o que ela caça. Ela não é um comitê, um conselho, um grupo trabalhando de longe.

Ela é parte da escuridão.

E se você já está no escuro, consegue enxergar as diferenças sutis nas sombras. Algumas coisas têm tanta ausência de luz que não deixam dúvidas. Outras, como lobisomens e os Dougs e Clems desse mundo, tem tons mais delicados.

Penso em Artemis e Honora dirigindo aquele caminhão. Em todos aqueles tons de cinza nos demônios, assim como nos humanos.

Meus ancestrais realmente entenderam isso. Ter apenas uma caçadora não era uma falha, mas uma vantagem. O fato de que existem mais de nós agora não muda isso. Essa é a minha vocação. Meu dever. Meu direito.

Não preciso fingir ser outra pessoa. Nina, a caça-vampiros, é exatamente quem sou e deveria ser. Vou jogar o jogo dele, vou ganhar e ele vai se arrepender de tudo isso.

Eu me recosto e apoio as botas na mesa de mogno.

– Então me explique as regras, sr. Jogo Mais Perigoso.

Toda pretensão de civilidade nobre desaparece, revelando um rosto com menos humanidade do que o amarelo-neon de Doug. Seu tom se torna frio.

– Você está caçando um lobisomem. As caçadoras vão se posicionar nas árvores antes da sua chegada. Elas querem protegê-lo. Sua tarefa é matá-lo, se quiser ver seu demoniozinho de estimação de novo. Você terá uma vantagem de dez minutos em relação aos outros caçadores. Eles vão caçar o lobisomem… e

qualquer um que esteja na floresta. – Ele sorri e as facetas de porcelana que cobrem seus minúsculos dentes cinzas refletem a luz. – Se matar o lobisomem e sair viva, você recebe um prêmio e seu demônio de volta. Se não conseguir, bom, será que realmente pode ser chamada de caçadora?

Não acredito que minha mãe considera esse homem um aliado. Ele é como as facetas sobre seus dentes, dinheiro e privilégio recobrindo a podridão. Ele acha que entende o que caçadoras são, mas não faz ideia. Nenhum deles faz. Ninguém ameaça meus amigos. Ninguém toma decisões por mim.

Algo na minha expressão deve revelar meus pensamentos, porque ele exibe um sorriso afiado.

– Antes de fazer algo imprudente, lembre-se de que eu estou com seus amigos. Se me ferir agora, nenhum deles sairá daqui vivo.

– Mal posso esperar pelo meu prêmio.

Sorrio com uma animação tão vazia que ele finalmente estremece e chama Tropeço para me recolocar na cela até o jogo começar.

# Artemis

HONORA PUXA ARTEMIS PARA UM CORREDOR LATERAL ABANDONADO. O porão do prédio vistoso é bem menos brilhante. Como não conseguiram capturar mais do que um punhado de demônios na convenção, vão precisar caçar em vez de comprar no atacado. Sean tem algumas pistas, sempre tem, mas é trabalho sujo, perigoso e incômodo.

E Artemis não quer ficar longe do Adormecido. Ela precisa ficar perto dele, observando. Pronta. Nada pode ser feito agora, mas, quando surgir a oportunidade, ela estará lá.

Honora verifica as pontas do corredor, seu rosto pálido sob as luzes fluorescentes piscando acima delas. Quando tem certeza de que estão sozinhas, ela se vira e cruza os braços.

– Eu li o livro.

Artemis estudou o livro do Adormecido. Talvez Honora tenha encontrado algo que ela não tenha visto.

– A maior parte dele é incompreensível, certo? Mas ele precisa passar por três formas, e a forma final, a terceira, será a mais poderosa. Tipo, *todos me amarão e sentirão desespero*, esse nível de poder, mas sem a beleza de Galadriel. E provavelmente sem tanto amor e com muito mais desespero.

Artemis está tagarelando, ela sabe, mas não consegue se concentrar. Ela anda de um lado para o outro. Ver Nina a abalou um pouco. Ela se lembra da expressão de sua irmã, o choque e a dor da traição. Artemis nunca causou dor a Nina. Sempre protegeu a irmã disso. Ela balança a cabeça, tentando superar a culpa.

– Certo – diz Honora. – Minha pergunta é: por que estamos esperando? Temos um deus infernal aqui. Ele não está com poderes

plenos, nem perto disso, se considerarmos como resmunga sobre a crueldade da devastação do tempo. E não pode se energizar até encontrar uma bateria demoníaca do tamanho certo. Então acho que deveríamos partir pra violência e acabar com ele *antes* de as coisas ficarem perigosas.

– Não! – Artemis recua diante da força de sua exclamação. – Não. Você o viu cravar uma faca no meio da cabeça e nem se incomodar. Como propõe matar alguém assim?

– Olha, seria difícil se recuperar de uma decapitação.

– Mas existem precedentes quando se trata de demônios. E o que acontece se não acabarmos com ele de primeira? Quando souber que estamos atrás dele, o efeito surpresa já era.

– Então o quê? Vamos ajudá-lo a conseguir o que precisa para chegar à sua terceira forma? Será muito mais difícil derrotá-lo quando recuperar todo seu poder.

– Não deixaremos chegar a esse ponto, mas precisamos pegá-lo totalmente desprevenido. Esse será o momento perfeito. Ele vai estar tão concentrado em sua mudança que não prestará atenção na gente. Quando perceber o que estamos fazendo, será tarde demais.

– E o que nós estamos fazendo?

Honora franze a testa, observando o rosto de Artemis.

Artemis ainda não contou para a namorada essa parte do plano. Honora imagina que elas estão aqui para assassinar o deus infernal, mas elas são um time. Honora precisa saber.

– Vamos roubar o poder dele.

Honora arregala os olhos.

– Pela Lua, bebê. *Por quê?*

– Se existe um poder disponível, nós é que deveríamos ficar com ele! Não está cansada de se sentir inferior?

O rosto de Honora se torna feroz e ela estreita os olhos.

– Ninguém vai fazer eu me sentir inferior sem minha permissão. Nunca mais. Não sou uma garota indefesa e nem você.

Isso vai ser muito mais difícil do que Artemis supôs. Ela achava que Honora entenderia. Honora precisa entender, porque Artemis não tem mais ninguém agora. Lágrimas ardem em seus olhos. Ela estende os braços e Honora se aproxima para envolvê-la, encostando a testa na dela.

– Mas eu me sinto assim – sussurra Artemis, tentando não deixar sua voz falhar. – O mundo inteiro me faz sentir uma inútil. É por isso que preciso mudá-lo.

Honora solta o cabelo dela, deixando-o cair. O alívio da tensão constante de seu rabo de cavalo é imediato, e ela abaixa a cabeça para encostá-la no ombro de Honora.

– Mudar o quê? – pergunta Honora.

Sua voz é suave de um jeito que só consegue ser para Artemis.

– O mundo.

Honora suspira.

– Você precisa disso.

Artemis assente, seu rosto ainda encostado no ombro da namorada. Horora a solta e pega seu celular.

– Se minha garota quer o poder de um deus infernal, então ela vai conseguir. – Ela ergue um dedo quando alguém responde do outro lado da ligação. – Sim, é Honora. Estamos em busca de um tipo especial de variedade demoníaca. Espécies raras. O que sabe a

respeito? – Ela faz uns ruídos genéricos, então inspira de repente. – Sim. É, esse mesmo. Quem está com ele? Obrigado. Estamos quites agora.

Artemis resiste à tentação de roer as unhas.

– E aí?

Honora aperta os lábios. Ela hesita *antes* de responder, perturbada por algo que ouviu.

– Vamos voltar para Londres. Eu devia ter ligado para o meu contato antes de voltarmos para casa. Mas a situação pode ficar complicada. E pessoal, também.

– Se valer a pena, por mim tudo bem. Obrigada. Obrigada. Prometo que vai funcionar. Confie em mim.

– Eu confio. É o resto do mundo que me preocupa. Mas nós vamos mudá-lo, certo?

Há uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas de Honora que não deveria estar lá. Artemis dá um beijo para suavizá-la. Elas vão vencer. Elas precisam vencer.

# Capítulo 14

UM EMPREGADO DIFERENTE VEM ME BUSCAR QUANDO O SOL SE PÕE. Doug e eu ficamos conversando enquanto esperávamos. Ele disse que não estava preocupado com sua segurança e colocaria seus próprios planos em prática enquanto eu estivesse ocupada. Ainda não gosto da ideia de nos separarmos – se alguém encostar um dedo nele vai se ver comigo –, mas confio que ele será capaz de lidar com a situação.

Meu ombro está quase recuperado e a ansiedade zunindo dentro de mim não é nervosismo. É animação. O que deveria me preocupar, já que estou caçando e sendo caçada. Mas não me permito refletir demais a respeito disso. Não tenho tempo para me questionar. Talvez não tenha conseguido pensar em um jeito de enfrentar Artemis e Honora, mas disso eu sou capaz. Sou uma caçadora. Fui feita para esse tipo de coisa.

No lado mais distante do seu jardim perfeitamente cuidado, Ian Von Alston nos aguarda. Ele está vestindo outro terno elegante, seus sapatos sociais superpolidos refletindo a lua cheia na nossa cara. Uma empregada segura uma bandeja de bebidas perto de um meio círculo de cadeiras.

Três homens acompanham Von Alston, vestindo equipamento militar completo e ajustando seus óculos de visão noturna. Como cavalheiros, eles retiram os óculos quando eu me aproximo, me encarando olho no olho.

– Chegou nossa caçadora adicional. – Von Alston gesticula na minha direção enquanto vou até ele. Deixei o cabelo solto. Rabos de cavalo são o visual de luta tradicional de Artemis e não quero ser ela agora. Não funcionou para mim antes e canalizá-la seria ter que pensar nela. Além disso, eu estava pronta para fingir não ter medo, mas agora que estou aqui, vendo esses homens, não tenho mesmo.

Tenho é nojo. Talvez seja perigoso não ser cautelosa, mas não consigo temer homens que caçam vulneráveis para se sentir poderosos. Eles não possuem nenhum poder real. Devem saber disso. Se não sabem, saberão até o final da noite.

– Uma ruiva? – Um dos homens, um sujeito branco com mais barba do que rosto, dá uma risadinha de escárnio. – Sabia que ruivos têm uma tolerância menor a dor?

– É verdade. – Eu sorrio, cerrando os dentes. – Dói só de olhar para a sua cara.

O barbudo embainha uma faca de um tamanho que está claramente compensando alguma coisa e me encara.

– Ela é minha – ele grunhe para os outros dois.

– Legal, tchau. – Eu caminho até a linha das árvores.

– Dez minutos! – Von Alston grita atrás de mim.

Eu aceno sem me virar. Assim que alcanço as árvores, eu me agacho atrás de uma para avaliar minhas opções. Poderia aguardar aqui e derrubar os caçadores logo que se aproximassem. Mas imagino que vão estar espalhados, então isso levaria tempo. Sem falar no risco de um deles encontrar o lobisomem antes de mim e matá-lo.

Minha melhor aposta é encontrar o lobisomem primeiro, levá-lo a algum lugar seguro, garantir que as outras caçadoras estejam a salvo também e depois ir cuidar dos caçadores.

Fácil. Só tenho vários acres de floresta para percorrer antes de três caçadores treinados. E um número desconhecido de caçadoras para localizar e administrar. E um lobisomem na lua cheia.

– Afe. – Escolho uma direção e começo a correr. Então, meu celular toca. Levo um susto e o tiro do bolso. Von Alston nem me revistou

atrás de celulares ou armas, aquele convencido babaca. – Cillian? Tem alguma coisa errada?

– Estou pensando numa brincadeira com Lucille Ball, mas ainda não achei um jeito de fazer um trocadilho sobre gatos com esse nome. Queria que tivesse me consultado antes sobre as cores da gata. Uma gata laranja deixa as coisas muito mais específicas e complicadas. Sinto que não dá para passar batido por esse detalhe.

– Pelos deuses, Cillian. Não posso falar de gatos agora.

– Você já deu um nome? Isso não é justo!

– Não, eu não posso falar de gatos agora porque estou no meio de uma floresta caçando um lobisomem que talvez esteja me caçando também, sem falar de três garotos-propaganda da masculinidade tóxica que estão me caçando sem dúvida alguma.

– *Nina.* O que está acontecendo?

Percebo movimento de ambos os lados. Não sei como sei disso, não estou vendo nem ouvindo nada, mas sei que há duas pessoas se aproximando de mim.

– Escuta, não gosto de nomes de pessoas para animais. Fica tão esquisito quando você conhece pessoas com o mesmo nome. “Ah, Nina! Chamamos nosso porco-espinho de Nina!” Tipo, como devo responder a isso? Não consigo nem… – Arremesso meu celular com força para o lado. Alguém geme de dor quando ele bate num rosto. Eu me agacho no chão da floresta enquanto um graveto grande gira pelo ar onde minha cabeça estava. Dou uma rasteira com a perna, derrubando outra pessoa. Ela pragueja em espanhol ao cair.

Eu me ergo com um salto e giro para encarar a caçadora do sorvete dos meus sonhos.

– Você! – eu digo.

– Você! – ela diz. Então me soca na cara.

– Ai! Pelos deuses, eu prefiro o sorvete. – Desvio de outro soco e a chuto na barriga. Ela se curva, cambaleando para trás. – Não quero te machucar! Não quero machucar nenhuma de vocês! Preciso achar o lobisomem.

– Não vamos te deixar feri-lo! – A caçadora do graveto dá impulso para se levantar. Na escuridão, ela é uma massa indistinta de um lindo cabelo escuro cacheado, chutes e punhos giratórios. Eu desvio, salto, agarro num galho baixo e giro para dar uma voadora dupla no peito dela. A garota é lançada para trás, caindo com força. A terceira, que eu acertei com o telefone, ainda está no chão, chorando. Era só um celular. Não pode ter machucado tanto assim.

A do sorvete já se recuperou.

– Ele é nosso amigo.

– Eu não vou matar ninguém! Estou tentando salvá-lo! E estou tentando salvar vocês três, se decidirem parar de me socar. – Desvio de um punho da caçadora de cabelos encaracolados. – Sério! Parem. Estou do lado de vocês. Não vou matar o lobisomem. Talvez precise derrubá-lo para que não morda ninguém, mas só isso.

– Não vai ser… – Há um assovio e nós nos jogamos no chão enquanto um dardo tranquilizante passa zunindo pelo alto.

– São três caçadores – eu digo entre dentes. – Prometo que estou do lado de vocês. Vamos trabalhar juntas.

– Taylor vai ser inútil – sussurra a caçadora de cabelos encaracolados, gesticulando para a garota que está chorando. – E eu… também não quero participar.

– Pegue ela e leve para um lugar seguro, então. – Olho para a caçadora do sorvete. – Sou a Nina.

– Chao-Ahn. – Ela franze a testa. Em seguida, se vira para a outra caçadora. – Maricruz, tire ela daqui. Fiquem na borda da floresta. Encontraremos vocês depois que terminarmos aqui.

Mas as mãos de Chao-Ahn estão tremendo, assim como seus lábios cheios. Pensando bem, os ataques delas foram desajeitados e seus rostos na luz do luar parecem aterrorizados. Aconteceu algo que eu não sei. Talvez Von Alston as tenha dopado ou machucado antes de soltá-las como algum tipo de penalidade. Meu instinto protetor faísca, superando por um instante o instinto de socar, chutar e matar.

Eu faço que não com a cabeça.

– Vocês três deveriam ficar juntas. Serão mais fortes assim, e aí não vou ter que me preocupar em tropeçar em uma de vocês e atacar sem querer de novo. Se estiverem seguras, só preciso tirar o lobisomem daqui vivo. Eu consigo. Prometo. Vão até a borda da floresta. Passei por um carvalho morto enorme vindo para cá. Subam nele e esperem.

– Pelo quê? – pergunta Maricruz, a de cabelos encaracolados. Taylor está secando o rosto e se levantando com a ajuda de Chao-Ahn.

– Meu sinal.

Chao-Ahn me passa meu celular.

– Que sinal?

– O batsinal. Sei lá. Vou pensar em algo. Saberão que sou eu porque não sou um homem. Vão!

Elas hesitam por um breve momento antes de sair correndo por onde eu vim. Espero que o caçador que tenha atirado na gente não as siga.

– Ah, não – eu grito, revirando os olhos. – Torci meu tornozelo. Não me abandonem sozinha! Esperem por mim!

Salto para o galho mais baixo e silenciosamente me puxo para cima. Não demora muito para ouvir os passos desajeitados de um sujeito tentando ser furtivo em botas de combate novinhas, anunciando sua presença. Observo o barbudo parar bem embaixo de mim e depois dar mais alguns passos. Desço para o chão e cutuco ele no ombro.

– O que… – Ele gira e seu rosto encontra meu punho.

– Que tal isso como tolerância a dor? – Paro diante de seu corpo inconsciente no chão e retiro suas armas. Pego seu corpo por um braço e uma perna, balanço algumas vezes para pegar impulso, então o arremesso em direção às árvores. Ele engancha em vários galhos a cerca de quatro metros e meio de altura e fica pendurado como um boneco de pano. – Bons sonhos – digo cantarolando antes de correr para o interior da floresta.

Então dou uma olhada no equipamento dele.

– Esses malditos trapaceiros! – praguejo, observando um pequeno dispositivo com um ponto verde piscando. Eles sabem exatamente onde o lobisomem está. Que tipo de caçada é essa? Ajusto minha direção e acelero. Preciso chegar lá antes dos outros dois. O barbudo fez um desvio, mais interessado em vir atrás de mim do que do lobisomem, mas não posso contar que os outros caçadores tenham feito o mesmo.

Eu observo, nervosa, conforme o ponto verde se aproxima cada vez mais.

Bom, conforme eu me aproximo dele. Ele não está se movendo e não se moveu desde que comecei a olhar. Será que doparam o lobisomem também? Não me surpreenderia. Nenhum desses canalhas arriscaria a vida de verdade por isso. Eles querem uma imitação de luta de vida ou morte, apenas uma ilusão.

Eu desacelero. Estou quase no ponto. Outra possibilidade me ocorre: os outros dois já mataram o lobisomem e estou prestes a encontrá-los com seu cadáver. Lobisomens voltam à forma humana se morrerem? Ou seu corpo fica para sempre naquele estado? Rhys saberia. Espero que eu não descubra.

Prendendo a respiração, chego devagar a uma pequena clareira banhada na luz fria da lua cheia. Sentado de pernas cruzadas no meio dela, com os olhos fechados e as mãos nos joelhos, está… um homem branco um tanto quanto pequeno. Cabelo ruivo espetado, um rosto agradável, roupas largas e confortáveis que poderiam ser de um skatista chique ou de um místico oriental. Olho em volta, confusa, mas não vejo nenhum lobisomem babando com presas enormes à vista.

– Ei – sussurro. Estou com o facão do Barbudo na mão. Esse sujeito poderia ser um caçador? Mas não se parece com um. Os outros dois estavam equipados até os dentes. – Quem é você e por que está aqui?

– Uau. Essas são perguntas complexas. – Ele abre os olhos e me encara, assentindo lentamente. – Se você for uma caçadora, fica mais fácil ou mais difícil de responder? Porque, por um lado, você é a escolhida! Por outro lado, não escolheu nada. Uau. Uau. Ah, você provavelmente estava perguntando meu nome. – Ele olha rapidamente para a lua brilhando em cima da gente. – Estou me esforçando bastante para ficar calmo agora. Então, se pudesse não me esfaquear, eu apreciaria. Mas isso é divertido. Eles me disseram que teria outra caçadora que provavelmente me mataria. Mas achei que minhas chances eram boas. Costumo ter sorte com caçadoras.

– Você é… o lobisomem? Von Alston se confundiu no formulário de requisição ou algo assim?

O homem se levanta, se espreguiçando.

– Às vezes tendo para uma forma lupina, mas não estava no clima essa noite. Nós vamos embora? Acho que deveríamos ir embora.

– Certo. Sim. – Estou tão confusa. – Na verdade, antes de partirmos, eles colocaram um rastreador em você.

Ele verifica os bolsos e encontra um cilindro metálico minúsculo do tamanho de uma pílula.

– E eu achando que o mordomo tinha a mão boba.

Pego o rastreador.

– Vá para a fronteira das árvores e encontre um enorme carvalho morto. Não tem como não ver. As outras caçadoras estão lá esperando pelo meu sinal.

– Legal. – Ele enfia as mãos nos bolsos de novo e perambula para fora da clareira.

Levando o rastreador, sigo na direção oposta. No fim das contas, é fácil demais. Subo numa árvore, espero até ouvir os dois caçadores vindo um de cada lado e quebro um galho. Os dois atiram seus tranquilizantes um no outro e seus corpos caem no chão com um baque.

Desço para o chão novamente, retiro suas armas e dou a eles o mesmo tratamento recebido pelo Barbudo. *É pena que sejam humanos*, eu penso. Aí faço uma careta. De onde veio isso? Um pouco culpada por perceber que gostaria de ter machucado os homens muito mais, corro até o carvalho morto. Não quero deixar Doug naquela casa por mais tempo do que o necessário e meu trabalho está quase terminado.

Paro na base da árvore, olhando para cima.

– Ei – eu grito.

– Qual é o sinal? – Maricruz responde lá de cima.

– Hã. Eu dizendo ei?

– Esse é um sinal terrível. Você nem tentou. – Ela pula para o chão, pousando perto de mim, suas sobrancelhas gloriosas expressando decepção.

– Isso não é justo. Eu cuidei dos três caçadores e salvei seu lobisomem… mais homem do que lobo, na verdade.

– Sei. – Ela fica de costas para mim, cruzando os braços. Chao-Ahn aterrissa agachada. Taylor, uma loura alta e esguia, desce lentamente. O não lobisomem chega por último.

– Tenho algumas perguntas – eu digo.

– São de Matemática? Eu sou bom de Matemática. Me chamo Oz, aliás.

– Oz?

– Sou eu. E prazer em conhecê-la.

– Ah. Nina.

– Nina. Bom, podemos nos preocupar com a Matemática depois.

Ainda confusa, além de estranhamente decepcionada e perturbada, saio da floresta com as três caçadoras e o suposto lobisomem. Von Alston se levanta e não consigo ver se ele está surpreso, mas espero que sim. Ele está cercado por três seguranças. Eu disparo tranquilizadores em todos antes de conseguirem sacar suas próprias armas.

Quando chego a Von Alston, eu o levanto pelo pescoço.

– Banco Imobiliário teria sido mais fácil. Pra você. Agora vamos pegar meu amigo e meu prêmio e aí podemos jogar algo divertido chamado Negociação de Prisioneiros, onde uso você para todos nós sairmos daqui sem mais problemas.

Ele engasga até eu aliviar de leve a pressão.

– Sem prêmio. O lobisomem ainda está vivo.

– Você está vendo um lobisomem aqui? Porque eu não estou. E vivo é um estado muito temporário. – Eu aperto novamente. Uma pequena onda cruel de prazer me percorre ao ver o pânico no rosto desse homem que ameaçou meus amigos e tentou matar pessoas inocentes. Alguma coisa me incentiva a ir mais longe. A apertar com mais força. Porque eu posso.

Eu o solto e dou um passo para trás, estremecendo. Essa não sou eu. Não pode ser. De onde veio isso?

– Vamos lá. Não tente nenhuma gracinha ou deixarei esse carinha simpático morder você, e aí veremos se sua posição sobre os direitos dos lobisomens continua a mesma.

– Se quiser saber minha opinião, prefiro não morder você – diz Oz. – Acabamos de nos conhecer e acho que ainda não chegamos ao ponto de adicionar mordidas ao relacionamento.

Chao-Ahn e Maricruz pegam cada uma um braço de Von Alston e marcham com ele de volta para a mansão. Duas pessoas aparecem nos degraus distantes da porta da frente e levanto a arma de tranquilizantes para vê-los pela mira.

Um deles é Doug, que obviamente conseguiu se libertar. Mas nem chego a me perguntar como, porque não consigo processar quem é a outra pessoa que estou vendo pela mira.

Leo.

Leo Silvera.

Que não está morto.

Meu corpo reage com um gesto involuntário de nervosismo. Meu dedo puxa o gatilho. Leo cai.

# Capítulo 15

– EI – DIZ UMA VOZ SUAVE E FIRME. ALGUÉM COLOCA UMA MÃO NO meu ombro. – Ei. Respira fundo. Concentre-se na sua respiração.

Leo está caído na varanda, inconsciente. E mesmo sabendo que estamos do lado de fora, seguros, quase consigo sentir o demônio rêmora crescendo ao nosso redor. Sei o que vai acontecer se eu tentar arrastar Leo para longe. Não vou conseguir e ele vai morrer, assim como morreu antes. Só que ele está vivo.

– Respira – repete Oz, se movendo para ficar na minha frente. Ele bloqueia minha visão de Leo e sinto como se tivesse subido à superfície depois de passar tempo demais embaixo da água. Eu arfo, inspirando desesperadamente. – Ótimo. Respirar é bom. Adoro respirar. – Ele sorri, mas não se mexe, mantendo a mão no meu ombro.

– Estou bem – eu digo. Não estou bem. Nem um pouco. Não tenho estado bem desde a morte do Leo. E Leo está vivo. Toda a raiva que estive suprimindo, toda a mágoa que estive evitando… as comportas estão abertas e sinto tudo de uma vez. Junto com alegria e a maior confusão.

E raiva. Tanta raiva. Porque Leo está vivo. Leo está vivo!

Leo está vivo?

– Sim. – Oz quase sorri, com uma expressão estranha que é tão reconfortante quanto perturbadora. Ele é como Doug, eu acho. Só que, em vez de cheirar emoções, suspeito que Oz só meio que… as entende. Eu me abraço e me concentro em respirar. Oz afasta a mão e dá um passo para o lado. – Posso pegar minha van de volta agora? – ele pergunta a Von Alston.

– Não entendo – diz Ian Von Alston, encarando-o.

– Estou acostumado com essa reação. – Oz perambula em direção à garagem. – Vai ser difícil saber qual dos carros é o meu. Minha van nem se destaca no meio de tantos Aston Martins.

– Como ele ainda está humano? – pergunta Von Alston, franzindo a testa.

Não consigo olhar para a varanda. Não posso sentir o que estou sentindo. É demais. Por *isso* escolho a coisa mais próxima que consigo entender – e essa coisa é Von Alston, o calhorda ricaço. Toda minha fúria se concentra nele.

– Por que estava com Leo? Há quanto tempo o mantém aqui? Onde o prendeu? – Foi por isso que ele nunca voltou! Von Alston o pegou. Passei todo esse tempo achando que Leo estava morto, me culpando, sentindo *tanta* dor todo dia. Minha mão treme. Eu quero colocá-la em volta do pescoço de Von Alston com uma intensidade que me assusta.

– Nina – diz Doug, chegando perto de mim. Seu rosto está alerta e ele dá um passo para ficar entre Von Alston e eu. – Vamos redirecionar o que quer que esteja acontecendo aqui.

– Demônio! – Taylor dá um gritinho esganiçado.

Maricruz e Chao-Ahn assumem uma posição defensiva.

– Ele é meu amigo – retruco. Odeio que todo mundo ainda esteja aqui conversando. Não quero falar com nenhum deles. Quero respostas. Quero respostas que resolverão o jeito como me sinto agora, porque não aguento me sentir assim. Tem coisa demais acontecendo. Estou começando a perder o controle.

– Precisamos lutar com alguém? – pergunta Maricruz. Chao-Ahn e Taylor estão de pé perto dela. Elas se alternam entre olhar para Doug e para a mansão.

Doug faz que não com a cabeça.

– Todos os funcionários e seguranças estão felizes demais para se importar com muita coisa agora.

Isso me distrai, pelo menos.

– Você derrubou a *casa toda*?

Doug se remexe, obviamente desconfortável.

– Eu disse a você que não sou indefeso. Sean me manteve à beira da inanição, mas, agora que estou saudável, posso lutar de novo. Minha saliva é hiperconcentrada e tenho um, hã… músculo que me permite cuspir a grandes distâncias com precisão impressionante.

– Que nojo! – Maricruz enrola uma mecha de cabelo em um dedo. – Mas radical.

Doug dá de ombros.

– Eu não gosto de usar. Mas é útil.

– Onde encontrou Leo? Em que tipo de cela esse monstro trancafiou ele? – Quero saber os detalhes. Preciso saber. Eles alimentam a massa escura caótica no meu peito e é mais fácil ficar furiosa do que pensar que Leo está deitado ali inconsciente por minha causa de novo. E pensar que passei todo esse tempo em total desespero por ser o motivo da sua morte quando esse *humano* estava com ele. A raiva é mais simples. Mais limpa.

– Então… – Doug discretamente se move para ficar ainda mais entre Von Alston e eu. – Leo não estava em uma cela. Ele estava em uma sala de estar, perto de uma lareira. Lendo.

– Como é que é?

– Leo é meu convidado – diz Von Alston. – Eu era amigo da mãe dele. Ela pertencia a uma organização com a qual troquei informações e favores por muitos anos. O jovem Leo apareceu nos meus portões alguns meses atrás. Infelizmente, não pude ajudá-lo,

mas fiz o meu melhor para mantê-lo confortável por lealdade à sua mãe.

Eu balanço a cabeça. Nada disso faz sentido. Por que Leo veio para cá ao invés de voltar para nós? Por que ficaria aqui, sabendo que imaginaríamos que estava morto? Sabendo o quanto isso machucaria?

Durante todos esses meses, ele me deixou pensar que fui responsável por sua morte. Talvez eu não me arrependa mais pelo tiro acidental de tranquilizante. Talvez eu queira atirar nele mais uma vez. Mas o que Von Alston disse exige mais explicações, já que o próprio Leo não está disponível para explicar agora.

– Como assim, não pôde ajudá-lo?

– Ele está morrendo.

Empurro Doug para abrir passagem e jogo Von Alston no chão, levando a mão ao pescoço dele.

– Não minta para mim. – Leo não pode estar morrendo. Ele estava morto, agora não está e meu coração não aguenta mais.

A voz de Von Alston sai rouca.

– Nunca menti para você esse tempo todo. Sem a mãe, ele está morrendo de fome. Leve-o, se quiser.

– Nina. – Doug puxa no meu ombro até eu soltar Von Alston. – Vamos conversar.

– Não. Eu não quero conversar. Precisamos resolver as coisas. Você me deve um prêmio – rosno, puxando Von Alston de pé. – Aceito dinheiro vivo.

– É melhor a gente ir embora. – Chao-Ahn encara o terreno escuro, nervosa.

– Não podemos ir embora até Leo acordar. – Sei por uma experiência profunda e dolorosa que ele não pode ser arrastado ou carregado. Caminho a passos largos até a casa, com a mão ao redor do pulso de Von Alston. Provavelmente estou apertando com força demais. Mas, não me importo. Von Alston se apressa para manter o ritmo e evitar a indignidade de ser arrastado. – Pelo menos podemos fazer nosso tempo aqui valer.

– Sou um homem que cumpre suas promessas – bufa Von Alston. – Suponho que você tenha vencido, mesmo se não foi da forma convencional. O prêmio é cinquenta mil libras.

– Parabéns para mim. – Mesmo sendo uma fortuna e tanto para o castelo, não consigo ficar feliz. Chegamos à varanda e agora vejo Leo na luz amarela quente da casa. Sua aparência está… péssima. Sua mandíbula, que já era destacada, está ainda mais proeminente, suas bochechas cavadas e as olheiras sob seus olhos escuras a ponto de parecerem mais machucados do que qualquer outra coisa. Mas ele está aqui. Está vivo. E estou tão furiosa que minha visão está pulsando.

– Não é melhor levar ele para dentro? – diz Taylor, tremendo como um cachorrinho de madame.

– Literalmente impossível. O jeito é torcer para que acorde depressa. – Tento não olhar para o corpo caído enquanto o contorno. É uma visão parecida demais com os pesadelos que tive quando precisei abandoná-lo.

Sigo Von Alston até um escritório onde ele pega uma valise de couro. Ele a abre para mostrar pilhas arrumadas de notas de libras.

– Caso tenha uma chance antes de ele morrer, deveria pedir a Leo que treine você – ele fala num tom condescendente e arrogante. – Ele é um guardião. Pena que todos se foram. Você certamente precisa de um.

– O que quer dizer com isso?

– Já conheci caçadoras desgarradas. Sem controle, só instintos violentos e nenhum treinamento. São como animais selvagens sem guardiões para orientá-las.

Minha mão encontra o lugar no pescoço dele já marcado por meus dedos. Eu o empurro contra a parede de painéis de madeira escura.

– Pareço alguém sem controle pra você?

Seus olhos se arregalam. Ele sinaliza que não com a cabeça.

– Ótimo. Você é a tal ameaça sem nome que está deixando os demônios apavorados?

Ele tenta mexer a cabeça de novo, mas minha mão deve ter apertado mais um pouco e não consegue.

– Não – ele sussurra. – Todo mundo sabe meu nome. Nunca fui de manter minhas atividades em segredo.

Preciso admitir que ele está certo. Só eu já ouvi seu nome em duas ocasiões: uma dos mercenários e a outra de um demônio. Seria ótimo se fosse Von Alston, mas Doug vasculhou a mansão e só encontrou um demônio. Meio-demônio. E ele estava lá por escolha própria, algo que ainda tenho dificuldade de aceitar. Além disso, Von Alston não me parece ser o tipo de pessoa que inspira fanáticos, muito menos alguém que os tolera. Ele é britânico demais.

Mas não afrouxo minha pegada.

– Se eu voltar a ouvir seu nome ligado a algo ou alguém sob minha proteção, e isso inclui lobisomens, demônios e caçadoras, *todos eles*, a coisa não vai acabar bem pra você. Estamos entendidos?

Ele assente. Eu quero soltá-lo. De verdade. Mas meus dedos ficam onde estão e me inclino para mais perto, encarando seu pescoço. É algo tão frágil, uma coluna que separa a vida da morte. O corpo humano possui partes tão fáceis de quebrar.

Ele solta uma arfada rouca e eu o largo, recuando. Enojada com ele. Enojada comigo mesma. E mais do que um pouco assustada por ficar pensando nele como humano. Como algo separado de mim.

– Você sabe que não estou errado – ele diz. – Eles não fazem parte do nosso mundo. – Ele ajusta sua gravata, alisa a jaqueta e, então, levanta uma sobrancelha sobre o nariz aquilino. Minha vontade é quebrar aquele nariz em várias *aquilinhas*. Ver quão nobre ele pareceria depois disso. – Faço um tremendo serviço para o meu país. Você não está em posição de me julgar se, às vezes, pratico um esporte ao oferecer esses serviços. Não espero que tenha pena de mim, mas ficaria impressionada de saber como é entediante ser tão rico. Não preciso de nada, não quero nada, não…

Sua necessidade de um soco na cara é prontamente atendida com um forte impacto. Ele cai, segurando o nariz quebrado e sangrando. Tento sentir pena, mas não consigo.

Na verdade, queria socar mais coisas. Meio que torço para os amigos caçadores dele acordarem e virem atrás da gente. Mas temo pelo que eu seria capaz fazer. Sei que estou reagindo de forma exagerada. Não estou nem sendo uma caçadora agora. Estou sendo… só eu. Mas essa não sou eu, isso é o que me assusta. Eu não reconheço essa Nina e não sei como sentir nenhuma das coisas que estou sentindo sem ser dominada por elas.

Fecho os olhos e me permito imaginar meu minúsculo centro médico lá no castelo. As estantes organizadas. As gavetas cheias de abaixadores de língua. Artemis riu de mim por causa disso. *De quantos abaixadores de língua um castelo precisa?* A verdade é que eu simplesmente gostava de tê-los. Gostava de tudo aquilo. Gostava de ser a pessoa que consertava, que curava.

Mas não sei como consertar Artemis. Ou Leo. Ou eu mesma.

E pensar no meu centro médico não me acalma – só faz com que me sinta ainda mais perdida.

Saio para dar uma olhada em Leo, mas outra coisa atrai minha atenção. Há uma van que parece saída dos sonhos de um assassino em série estacionada no gramado. Está coberta de amassados e arranhões e um decalque muito desbotado, do qual só consigo enxergar os escritos “vá em frente, bebê”. Há marcas de pneus no gramado antes intocado, muito mais do que seria necessário para manobrar o veículo. A porta de correr se abre e Oz se senta ali, com as pernas para fora, banhado pela luz da lua. Eu fico na varanda, sem tocar em Leo. Sem olhar para ele.

Nem consigo. Chao-Ahn está de pé na minha frente, me observando com o que suponho ser desaprovação. Talvez precisemos ficar aqui por um tempo e preciso falar sobre algo que não seja importante. Preciso fazer qualquer coisa que não seja pensar no que vou dizer a Leo quando ele despertar.

– Então. Hã. O que traz vocês a Londres? – pergunto a ela.

Chao-Ahn tem a expressão de julgamento mais linda que já vi.

– Sineya.

– Quem?

Seu olhar fica ainda mais sério.

– Sineya. A primeira caçadora. Você sabe. – Ela gesticula para seu cabelo, então se agacha e faz uma careta.

– Ah, certo! Ela tentou me esfaquear. E conseguiu. – Eu costumava ter tanto controle sobre meus sonhos de caçadora, mas o perdi junto com o controle do restante da minha vida. *Buffy* me contou sobre a primeira caçadora. Ela disse que Sineya era muito crítica, só que nunca mencionou sua sanguinolência. Parece um detalhe importante demais para omitir.

– Por que você está nessa mansão? – pergunta Maricruz. Ela está sentada em uma parede de pedra decorativa, fazendo tranças no

cabelo de Taylor.

– Achei que houvesse uma ameaça por aqui. Uma maior do que Von Alston, quero dizer.

– Então está caçando essa ameaça?

Estou? Não fui eu quem disse que, se começássemos a ir atrás de ameaças potenciais, não seríamos mais o Santuário? E se algo está ameaçando somente demônios, realmente preciso me envolver? Porque nem todos os demônios, nem mesmo a maioria, são benignos como Doug. Quero ajudar os que são, mas os outros certamente não deveriam estar no nosso mundo. Minha cabeça não dói, exatamente, mas parece que deveria.

– Hã, na verdade não. Estamos procurando por pessoas… lobisomens… bem, na verdade qualquer tipo que saia escondido por aí à noite. É uma longa história.

– Por que você está procurando por eles? – A cautela de Maricruz é compreensível. A maioria das pessoas que vai atrás de criaturas faz isso para caçá-las, como demonstrado por Von Alston.

– Eu lidero um Santuário. Um refúgio. Para lobisomens, demônios ou qualquer um que precise de um lugar e não vá fazer mal aos que já estão lá.

Chao-Ahn arregala os olhos.

– Você oferece santuário?

– Sim, sim. Isso. Exatamente. Somos o Santuário mais santuário do que qualquer outro. – Estou uma pilha de nervos. Quase quero correr até as árvores, encontrar os caçadores e dar mais uns socos neles por via das dúvidas. Ter algo para fazer com as mãos enquanto espero Leo acordar e decidir se vou abraçá-lo ou estrangulá-lo.

– Qual a probabilidade? – pergunta Oz.

– Probabilidade do quê? Espera, é essa a Matemática na qual você ia ajudar? Eu não quero conselhos de Matemática.

– Não, tonta – diz Maricruz, mas suaviza as palavras com um sorriso. – Qual é a probabilidade de encontrar uma caçadora com um refúgio quando foi exatamente por isso que viemos para Londres?

– Sério? – A ideia sempre foi levar caçadoras para lá, mas achei que as encontraria nos meus sonhos. E pelo visto encontrei, de uma forma bem indireta. Afinal, Chao-Ahn e eu já nos conhecemos.

Oz assente.

– Eu ia levá-las para outra caçadora. Mas ela é a exceção na minha sorte geral com caçadoras. Acho você uma opção melhor.

Fico animada apesar de minhas preocupações. Está tudo confuso e bagunçado, mas fiz algo certo! Encontrei caçadoras.

– Sim, claro! Vocês certamente deveriam nos escolher. Temos um castelo. Aposto que a outra caçadora não tem um castelo.

Oz esfrega o queixo.

– Castelo, hein? Andei procurando por um desses. Mas o mercado anda complicado atualmente.

– Preciso ir ao banheiro – diz Taylor. Maricruz a segue para dentro. Tem algo estranho nesse relacionamento. Taylor não pode ser muito mais nova do que Maricruz. Na verdade, acho que é um pouco mais velha do que eu, mas é como se precisasse de uma babá.

– De onde vocês vieram? – pergunto.

– Himalaia, mas passei por um monte de lugar antes – responde Oz.

Chao-Ahn parece irritada – ou talvez isso seja seu estado permanente.

– Não foi de lá que viemos. Era lá que estávamos. Maricruz é de Nova York. Taylor é de Iowa. Idaho. Ohio. – Ela franze a testa. – Algum lugar menor que Nova York.

– E quanto a você?

– Você não conhece.

– Experimente!

– Guangzhou.

– É. Tá. Sim. Eu não conheço. Fica na… China?

A respiração que ela solta é afiada o suficiente para me cortar.

– Vou contar o suficiente e você não fará mais perguntas. Um britânico apareceu. Ele tentou me levar. Então, outros homens vieram. Sem olhos. – Ela gesticula para os seus próprios olhos. – Eles quase me mataram. Eu fui embora com o britânico. Ele me levou para a Califórnia.

– Sunnydale? – pergunto, com o coração acelerado.

– Lar doce lar – diz Oz. – Hã, e boca do inferno também

– Sim. Muito ensolarado e uma parte muito ruim da Califórnia. Sem celebridades. Só monstros. Ninguém sabia cantonês. Tantas caçadoras, mas eu estava sempre sozinha. – Parte da fúria se dissipa e ela fala como alguém tentando encontrar seu caminho por um quarto desconhecido no escuro. – Depois, quando ganhamos, tive que continuar a lutar. Estou sempre lutando. Não voltei para casa desde que o sr. Giles me levou. E eu me pergunto. Sou caçadora por um motivo. Guangzhou deve ter demônios. Vampiros. Monstros. Quem está protegendo seus habitantes enquanto luto por Buffy?

– Espera. Buffy mandou vocês pra cá? – Houve uma época em que ela operava uma ampla rede de agentes caçadoras, basicamente um exército. Mas um montão delas morreu e, depois de destruir a Semente da Magia e acabar com a magia, Buffy meio que se aposentou e voltou a ser uma caçadora solitária em São Francisco. Será que ainda está trabalhando internacionalmente? Nós deveríamos saber se estivesse. Essa ideia me preocupa e também me faz sentir um pouco excluída por não ter sido recrutada.

– *Não.* – Chao-Ahn condensa toda uma história que não conheço naquela única palavra. – Não nos falamos. Eu estava no Tibete com Oz e um exército de caçadoras. Tão perto de casa. – Ela encara a floresta como se pudesse atravessar a distância por pura determinação. – Mas não podia deixar as garotas depois da luta. Ninguém cuida delas.

Eu cruzo os braços, não em desafio, mas para me proteger da vergonha. Eu acreditei tanto nos guardiões. Na minha herança. Foi necessário me tornar uma caçadora para entender quão profundamente eles falharam em sua vocação. Eu disse a Eve Silvera que seria uma guardiã para todas as caçadoras por aí. Não tenho sido muito boa em cumprir essa promessa. Mas serei.

– Estou tentando mudar isso.

Ela dá um aceno brusco.

– Lutamos contra deuses. Fomos feridas. Maricruz, Taylor e eu e tantas outras. Ficamos quando Buffy foi embora. E ela nunca mais voltou. Ela nunca… bom, nós ficamos lá. Mas elas precisam se recuperar e seguir em frente. Então, viemos para cá atrás de um lugar seguro.

– Elas não se recuperaram? Já deveriam estar curadas. Caçadoras se recuperam rápido. – Esfrego meu ombro, que quase sarou por completo. Eu me pergunto se a perda da magia afetou nossos poderes. Elas foram caçadoras por mais tempo do que eu. Será que suas habilidades estão sumindo?

*Sinto* uma pontada de pânico. Se pararmos de nos recuperar rapidamente, também perderemos nossa força? Nossos instintos? Eu já os perdi antes e a lembrança me deixa acordada à noite. Uma coisa é nunca conhecer o poder, outra completamente diferente é tê-lo e perdê-lo. Chao-Ahn sacode a cabeça e aponta para seu corpo.

– Não aqui. Aqui. – Ela indica sua cabeça. – Às vezes, quebramos aqui. E ninguém pode nos ajudar, porque ninguém entende.

Sinto o que ela está dizendo. Uma das piores partes dos últimos meses foi me sentir tão sozinha. Será que Artemis foi embora por isso? Porque estava machucada e ninguém além de Honora conseguia entendê-la? Eu teria entendido. Eu vou entender. Só preciso que ela volte, fale comigo e me dê uma chance de apoiá-la – assim como vou apoiar essas caçadoras.

Leo geme, encerrando a conversa quando todos se viram para ele. Quero encará-lo até ele acordar. Nunca mais quero olhar para ele de novo. Nunca mais quero parar de olhar para ele. Quero arrancar meus cabelos.

Doug chega em nosso carro.

– Se todos quiserem vir para o castelo – digo, calculando –, Oz terá que dirigir também. Não temos espaço no carro para todos os passageiros adicionais.

– Mas temos uma gatinha! – diz Doug, erguendo a minúscula bola peluda laranja.

– Conheçam Encrenca.

– Melhor que Chewie, mas o problema vai ser quando Cillian descobrir que você já deu um nome para ela.

Eu jogo a mala de dinheiro para Oz.

– Verifique se tem, sei lá, armadilhas ou rastreadores ou algo assim.

– Todo dinheiro é uma armadilha, se pensar bem nisso – ele diz.

– O quê?

– Não pense nisso – Maricruz responde, saindo da casa. – Confie em mim. Nunca pense no que ele diz ou ficará maluca. Ah, um filhotinho! – Ela corre até Doug e pega Encrenca, que escala seu ombro e desaparece em seu cabelo. – Taylor, vem ver a gatinha.

Taylor caminha devagar até Maricruz, parecendo relaxar um pouco.

– Nós vamos no gatomóvel – declara Maricruz, sentando na parte de trás com Taylor.

– Seu amigo não parece estar muito bem – afirma Oz, apontando para Leo.

Eu não olho. Não quero admitir que ele parece mal, porque isso torna difícil decidir entre ficar furiosa, arrasada ou feliz.

Oz fecha a mala de dinheiro e a enfia na van.

– Ele pode ficar deitado aqui. É uma viagem longa?

– Irlanda – digo. – Teremos que pegar a barca.

Oz dá uma batidinha carinhosa na lateral do veículo.

– Ela consegue nos levar até lá. Devagar e sempre. Mais devagar do que sempre.

– O que aconteceu? – pergunta Leo, gemendo. Sua voz me faz lembrar de nossos treinos. De lutar lado a lado. E de não ouvir quando ele estava tentando me sequestrar para fugir da sua mãe, que ele sabia ser uma assassina, mas mesmo assim deixou morar no nosso castelo.

Eu me agacho do lado dele. Seus olhos se concentram no meu rosto, tão escuros que parecem pretos, mas com um leve tom de violeta quando se chega perto suficiente e a luz está boa. E eu já *estive* perto o suficiente e a luz já *esteve* boa.

– Achei que estivesse morto – eu sussurro.

– Ainda não. – Ele tenta se sentar, mas não consegue.

Chao-Ahn se abaixa e, juntas, nós o ajudamos a se levantar e o levamos para a sala mais próxima.

– Vá pegar comida, água e o que mais conseguir assaltar da cozinha – peço para Chao-Ahn.

Ela assente e desaparece.

Ainda estou tremendo por dentro. Sinto impulsos elétricos de fúria ardente, mais poderosos do que os choques levados na convenção. Leo parece exausto após a curta caminhada. Minha raiva arde ainda mais forte ao ver como ele está vulnerável.

– Você veio justo atrás *dele*? Quando podia ter nos procurado esse tempo todo?

– Eu não podia – ele sussurra.

– Podia sim!

– As coisas que eu fiz… as coisas que escondi de todos vocês.

Eu ergo as mãos, irritada.

– Bem-vindo ao clube. Poderíamos ter superado isso. Você não nos deu essa chance.

– Não teria feito diferença. Você não pode me ajudar.

– Posso ajudar qualquer um – digo entre dentes. Um gemido dolorido no escritório de Von Alston me contradiz. Flexiono as mãos e cerro os punhos. O dia de hoje me quebrou. Primeiro Artemis mostrou que partiu mais para ficar longe de mim do que para se encontrar. E agora Leo, por quem eu sofri e me culpei, estava vivo todo esse maldito tempo e não me julgou capaz de ajudá-lo.

Pois eu vou ajudá-lo mesmo que isso o mate. Chao-Ahn reaparece com algumas sacolas e Doug pigarreia do corredor.

– Prontos.

– Vamos te levar com a gente.

Ofereço a mão para ajudá-lo a se levantar.

– Athena, não acho que… – Leo começa a dizer.

Eu o interrompo. Ninguém me chama assim desde que ele morreu – ou não morreu; pelos deuses, preciso parar de pensar nessa morte que obviamente não aconteceu.

– Juro por qualquer divindade que esteja escutando, se disser mais uma palavra, vou colocar você no carro te arremessando pela janela.

Os lábios de Leo tremem como se quisessem sorrir, mas não lembrassem direito como fazer isso.

– Você não consegue.

– Tá bom, não jogar. Empurrar. Certeza de que consigo empurrar você pela janela. E a probabilidade aumenta a cada instante…

– Certo, vamos lá. – Doug segura a mão de Leo e o puxa de pé, colocando o braço de Leo em torno de seus ombros. – Foi um dia difícil. Vamos caminhar calmamente para o carro, não precisamos quebrar nenhuma janela. Santo inferno, você é um esqueleto bem pesado.

Leo é meio humano, meio íncubo. A Terra percebe que ele é de uma dimensão infernal e o puxa com um pouco mais de força – a gravidade é gananciosa. Doug e Leo cambaleiam e avançam de forma terrivelmente lenta pelo corredor. Eu sigo, encarando suas costas.

– E quanto ao nosso anfitrião? – pergunta Doug, olhando para trás.

– Eu cuidei dele.

Ajudo Leo a entrar na van, evitando seu olhar. Ainda bem que não vou no mesmo veículo. Não quero conversar com ele. Ainda não. Eu estou muito sensível e me sinto traída. E parte de mim quer se aconchegar do lado dele, perdoá-lo e não falar a respeito disso, o que me recuso a fazer.

Chao-Ahn entra na van. Eu me acomodo no banco do passageiro do nosso carro e saímos na frente. Doug nos conduz para fora da mansão enquanto a alvorada surge no horizonte. Partimos sem ser parados, os portões escancarados devido à negligência dos funcionários dopados de felicidade. Fecho os olhos e respiro pausadamente. Não importa que minha irmã esteja trabalhando com fanáticos sequestradores de demônios, ou que não tenhamos descoberto o que é essa ameaça sem nome, ou que eu tenha contrariado as ordens da minha mãe e confrontado Von Alston.

Leo está vivo. Nós salvamos o lobisomem mais esquisito do mundo e três caçadoras. Eu devia me sentir aliviada. Devia estar feliz. Devia.

# Artemis

ENQUANTO SAI DO CARRO, ARTEMIS PENSA QUE A MANSÃO DE IAN Von Alston parece saída de um romance de Jane Austen, se Jane escrevesse sobre um homem que comprou sua nobreza e usou sua fortuna para caçar demônios por esporte em vez de alguém que se apaixonou por uma pessoa ligeiramente inapropriada. Pensando bem, ela leria esse livro. Nina gostaria dele também.

Ou teria gostado antes de entrar para o time demônio. Artemis entende a empatia dela, realmente entende, mas ainda existe uma diferença entre humanos e demônios e essa linha precisa ficar onde está. Fingir que sua pequena utopia de demônios sequer é possível mostra como Nina ainda é ingênua e incapaz de lidar com tudo que as forças místicas deram a ela. E ela acusou Artemis de dar as costas ao seu passado! Artemis não pode e não vai se esquecer do que demônios e vampiros custaram a ela. A toda sua família. Ao mundo inteiro.

Só porque alguns são benignos isso não quer dizer que não sejam tumores crescendo num lugar ao qual não pertencem.

– Me lembre mais uma vez por que precisamos trazer essa gente toda? – Honora encara Sean e os três capangas enormes atrás dela, além do Adormecido perambulando distraído atrás deles.

– Me perdoe por querer garantir o produto dessa vez. – Sean alisa seu rabo de cavalo. – A irmã de *certa pessoa* nos custou muitos suprimentos ontem.

Honora revira os olhos.

– É, e *alguém* jogou ela de um veículo em movimento. Espero que não esteja questionando nossa lealdade. Fui eu que encontrei essa pista.

Sean levanta as mãos.

– Não estou questionando você, querida. Mas esse demônio é a chave de tudo. O chefe quer garantir que a gente leve o certo dessa vez. Sem erros ou falsas esperanças.

O Adormecido faz contato visual com elas.

– Tanta coisa me falta. Não consigo aturar o vazio, o silêncio. Consegue sentir o tempo consumindo vocês? Uma infestação, como vermes, devorando-as de dentro para fora. – Ele estica as mãos, os longos dedos abertos. – Posso ver a putrefação que me consumirá em mais trinta, quarenta anos. Um piscar de olhos.

– Será que a putrefação pode acelerar um pouco para não precisarmos mais escutar essa ladainha? – Honora deixa escapar uma respiração longa e irritada e caminha a passos largos até a porta da frente da mansão. Um mordomo ancião atende. – Temos hora marcada. – Honora passa direto por ele. Artemis segue e o resto de seu séquito vem atrás.

Um homem branco com um nariz seriamente quebrado e uns machucados suspeitos em volta do pescoço está sentado na cadeira de couro do seu escritório. Ele se levanta, chocado, quando Honora e Artemis entram.

– Você! – ele diz, apontando para Artemis. Ela nunca o viu antes na vida. O que só pode significar que… ele conhece Nina. E a julgar pelo dano em seu rosto, deve ter sido um encontro recente. O que é ruim para todos eles. Ela não pode deixar Sean e seu pessoal ir atrás de Nina. Seria bem mais fácil se a irmã parasse de meter o nariz onde não é chamada.

– Não, não fui eu – diz Artemis, balançando a cabeça. Honora passa os dedos pela garganta e coloca um dedo sobre os lábios. Ele arregala os olhos e cala a boca. Os outros homens entram devagar e o Adormecido caminha até a janela.

– Queremos adquirir algo em sua posse – diz Sean.

– Eu, hã, lamento informar que meu estoque está vazio. – Von Alston continua a olhar nervoso para Honora e Artemis, lambendo os lábios secos. – Tivemos um acidente ontem à noite. Se soubesse que estava vindo, teria segurado para você.

– Você não tem o que eu preciso? – O Adormecido não se vira, mas sua voz é fria como as profundezas do inverno.

Von Alston remexe em seu colarinho.

– Tenho muitos contatos úteis. Sou dono de metade da Casa dos Lordes. Você descobrirá que trabalhar comigo é muito vantajoso. Vai me querer como aliado.

O Adormecido balança a cabeça.

– Não quero nem respirar o mesmo ar que você. Enchendo seus pulmões gananciosos e cuspindo veneno para me corromper.

Von Alston dá um risinho nervoso, olhando para Sean em vez de encarar o Adormecido.

– Você me conhece. Conhece minha reputação. Posso recuperar a mercadoria. Vou pegá-la de volta. Vamos sentar, discutir termos. Sinto que conseguirá entender meu ponto de vista.

O Adormecido se vira e atravessa a sala, então estica as mãos e crava os dedões nos olhos de Von Alston. Artemis dá um salto quando ouve o grito, assustada com a violência súbita e não anunciada. Honora dá um passoa adiante, pondo um braço na frente de Artemis, com uma faca em cada mão.

Von Alston cai no chão, estremecendo e gritando. O Adormecido segura os dois olhos na palma.

– Arruinados. Não posso ver através deles. Tudo é estragado. Tudo apodrece. – Ele larga os olhos no chão, depois limpa as mãos no

terno de Von Alston. – Tudo morre. – Ele dá um pisão no pescoço de Von Alston até ele quebrar.

E Artemis fica lá parada, assistindo. Ela sabe que poderia impedi-lo. Mas, se fizer isso, perderá sua chance. Ela acaba de ver um homem morrer – um humano, por mais discutível que fosse seu negócio – e não faz nada. Tome as decisões difíceis. Faça os sacrifícios aceitáveis. Ela aprendeu essas lições como guardiã, mas sabe que esse momento a assombrará pelo resto da vida. Ela precisa garantir que tenha valido a pena.

Quando fica claro que o Adormecido não vai assassinar Artemis, Honora embainha a faca em silêncio.

– Sem pistas, então. Um beco sem saída.

As coisas precisam progredir. Ela quer proteger Nina, mas como pode fazer isso sem poder? A culpa é da própria irmã. Artemis a avisou do risco de abrigar demônios.

– Ele me reconheceu – diz Artemis. Honora se vira para ela com um olhar afiado como uma faca. Ela estava mentindo para ocultar essa informação. Artemis balança discretamente a cabeça para ela. – O que significa que ele conheceu Nina. Ela deve ter chegado primeiro e levado o que precisamos. Sendo assim, nós sabemos onde a mercadoria está.

Sean solta um suspiro exagerado, olhando para o teto.

– Aquela caçadora é uma praga. Sempre roubando minhas coisas. E isso é má notícia para nós. Você ainda está vulnerável, se me permite dizer, sua, hã, excelência profana. – Ele espera, tenso, mas o Adormecido só assente. – A caçadora ruiva não está vulnerável. Precisamos ter certeza do que estamos enfrentando. Sem erros dessa vez.

– Onde? – pergunta o Adormecido.

– Nossa velha casa. Fica duas horas ao norte de Dublin, ao longo da costa. – Artemis sente menos culpa por dizer isso do que deveria. Sean sabe onde fica o castelo. Ela não está contando nada novo a eles, e precisa estar no comando. Porque, se estiver no comando, estará no controle. Ela pode proteger aqueles tolos mesmo se eles se recusarem a se proteger ao tomar decisões mais inteligentes. – Honora e eu conhecemos aquele castelo como a palma de nossas mãos. Faremos um plano e lideraremos o ataque. É mais seguro se o Adormecido não estiver lá. A caçadora não sabe da existência dele e não vejo por que informá-la a respeito.

Honora relaxa um pouco perto dela. Ela entende agora. Estão protegendo os guardiões ao atacá-los, mantendo esse monstro fora da casa delas.

– A costa – diz o Adormecido. Seus olhos estão fixos acima da cabeça dela. – Não posso ir para lá. O chamado do oceano, o peso das pedras, a pressão da humanidade. Se for, será que vou querer ficar? Eu fiquei uma vez. Mais tempo do que deveria.

– Certo – diz Sean. – Manteremos você longe da pequena caçadora ruiva. Vamos levá-lo de volta a Dublin antes que a polícia fique sabendo *disso* – ele gesticula com nojo para o corpo ainda quente – e aí você deixa a tarefa para as minhas garotas.

Artemis faz o máximo para esconder sua repulsa diante das palavras possessivas de Sean. Honora encara suas unhas, com o tom quase preto do seu esmalte favorito. Artemis tenta não pensar em como suas próprias unhas costumavam ser arco-íris alegres uma vez por semana graças a Nina e sua manicure nas noites de cinema. Ela tenta não pensar em quanto sangue deve haver sob as unhas do Adormecido agora.

Sean puxa um lenço e pega os olhos com cuidado.

– Queria isso por algum motivo? – ele pergunta ao Adormecido.

– Só quero poder para salvar esse mundo corrompido e essa forma corrompida.

Artemis fica ainda mais incomodada com o quanto se identifica com essas palavras do que ficou com a possessividade de Sean. Mas descarta o pensamento. Um deles quer poder para dominar o mundo todo, o outro para protegê-lo. Ela não se parece em nada com esse monstro.

– Certo. – Sean passa os olhos para um dos seus capangas. – É isso aí, moças. Temos demônios para roubar, deuses para recarregar, contas a pagar. Não me decepcionem. – Ele tenta soar intimidador, mas não é a ameaça e todos sabem disso.

O Adormecido fixa seu olhar em Artemis.

– Essa está faminta – ele diz. – *Precisa* estar se pretende trazer meu prêmio.

– Considere feito.

Artemis vai atacar sua própria família para fazer isso. Quebrará o coração de Nina para sempre. E não pedirá desculpas por nada disso, porque uma guardiã faz os sacrifícios difíceis. Uma guardiã faz as escolhas que ninguém mais pode. O teste em que falhou foi uma simulação e ela não pretende falhar no verdadeiro.

# Capítulo 16

MARICRUZ SE ENFIA PELO ESPAÇO ENTRE OS BANCOS DA FRENTE. Doug está dirigindo e eu estou no banco do carona, enlouquecendo.

– Espera, não entendi – ela diz. – Você é uma guardiã ou você era uma guardiã ou…

– É complicado.

– Tá, mas os guardiões têm tipo, uma tonelada de material de pesquisa, não é? Então, me conta: sereias. Elas são reais ou não? Porque se todos esses outros monstros e demônios são reais, não dá pra gente ter pelo menos as sereias pra dar uma equilibrada?

– Não existem sereias exatamente, mas tenho quase certeza de que já li sobre algo parecido. Mas elas são carnívoras.

– Ah, não! – Maricruz volta para trás, quase quicando no banco.

– Como as sereias se reproduzem? – pergunta Taylor, olhando para a noite pela janela. Estamos quase na barca. – Elas põem ovos que nem os peixes? Ou, bem… fazem sexo?

– Pede pro Rhys te explicar. *Droga*, o Rhys. Eu esqueci.

Pego meu celular e vejo dezenas de mensagens e várias ligações não atendidas. Passamos muito mais tempo fora do que eu tinha imaginado e não demos nenhuma satisfação a ele – sem falar que meu último telefonema com Cillian deve ter sido alarmante. Mando uma mensagem para Rhys com os detalhes da nossa viagem para Londres. Hesito, mas deixo Artemis e Honora de fora. Tem coisa demais para falar agora. Vai ser mais fácil explicar pessoalmente. Eu incluo as caçadoras e Oz com certa preocupação. Não tem como evitar dizer que atacamos Von Alston. O que significa que minha mãe saberá que ignorei seu conselho. Mesmo que eu esteja feliz

por termos feito isso – caso contrário, sabe-se lá o que teria acontecido com Oz e as caçadoras –, é difícil me livrar do velho temor de desagradá-la. Passei tantos anos desesperada para ter seu respeito, sua aprovação, que desobedecê-la é assustador.

Mas todos esses detalhes ficam em segundo plano quando envio a última mensagem. Minha frase concisa sobre termos encontrado Leo é respondida por muitas e muitas mensagens nada concisas, plenamente ignoradas. Talvez, ocupar a cabeça deles com Leo, possa distraí-los quando eu contar sobre Artemis. Ainda não sei como farei isso.

Na barca, ando pelo convés e tento não pensar em Leo, que está dormindo na van. As caçadoras me deixam sozinha, o que entendo. Elas ainda não me conhecem muito bem. E certamente estou irradiando minha angústia – e o fato de Doug deixar sua janela abaixada mesmo no frio de janeiro é uma maneira nada sutil de me informar sobre isso.

Com o tempo levado na viagem de carro, a espera pela barca e o próprio percurso de barca, já escureceu novamente quando chegamos à Irlanda. Rhys me envia uma mensagem quando aportamos e volto para o carro. Olho intrigada para meu celular.

– Eles estão aqui.

– Quem está aqui? – pergunta Doug.

– Rhys e pelo menos outra pessoa, a menos que agora ele se refira a si mesmo em plural majestático. Disse para os encontrarmos imediatamente no estacionamento uma rua acima.

Eu instruo Oz a nos seguir. Os poucos postes banham o estacionamento com uma estranha luz laranja. Encostamos e vemos o único carro além do nosso. De pé fora dele estão Rhys, Cillian, Imogen, Tsip e minha mãe. Então, Ruth Zabuto, a velha das agulhas de tricô que ronca de boca aberta quando deveria estar

tomando conta dos pequenos, surge do outro lado *segurando uma espada*.

Saio do carro antes de Doug estacioná-lo.

– O que houve? O que aconteceu?

– Saiam da van! – grita Rhys. Doug sai do nosso carro com a mesma expressão confusa e amedrontada. As caçadoras o seguem, Taylor segurando a gatinha na frente do rosto como um escudo.

Maricruz parece irritada, mas suspeito que esteja mascarando o medo.

– O que é isso? – ela pergunta. – Armou para cima da gente?

Rhys está segurando uma besta. Minha mãe está com uma das mãos no bolso do blazer, onde deve estar carregando sua pistola brutal. Imogen não parece tensa, casualmente encostada no Range Rover. Tsip fica aparecendo e desaparecendo.

E Ruth está com os pés afastados em posição de batalha. Como sequer aguenta erguer a espada? A arma deve pesar quase o mesmo que ela.

Ergo uma mão para Maricruz, que parece preparada para fugir.

– Não! Não faço a menor ideia de que porcaria é essa.

– Sabia que eu devia ter confirmado presença no evento – diz Oz, descendo da van. – Sempre esqueço.

Chao-Ahn desce do banco do passageiro com um skate na mão e um olhar afiado para mim. Aponto para os habitantes bem armados do castelo.

– Eu não disse para eles aparecerem assim! Sério, o que está acontecendo? – pergunto a Rhys. – São os pequenos? Eles estão bem? Pelos deuses, o que…

– Se afastem da van. – Rhys atravessa o espaço entre nós e abre com força a porta de correr da van. – Leo, saia agora e fique de joelhos.

– Se isso é tudo por causa do garoto alto semidesmaiado, a gente já pode voltar pro carro? – Maricruz abre a porta e guia Taylor de volta para dentro. Chao-Ahn continua alerta do lado de fora.

Eu puxo a besta das mãos de Rhys. Leo mal consegue se sentar. Balanço a cabeça para ele.

– Fique onde está. Será que pode me explicar que diabos está fazendo, Rhys?

– Ian Von Alston está morto – minha mãe diz. – Ele foi assassinado.

– O quê? Quando?

Rhys tira a besta da minha mão.

– Da última vez que tivemos os Silvera no castelo, pessoas morreram. Não vamos correr o risco outra vez.

– Mas Leo nos alertou, lembra? Ele disse a verdade e salvou todo mundo enfrentando a mãe dele e impedindo ela de abrir a boca do inferno! Ele é um de nós!

Rhys parece ameaçador.

– A mãe dele também era. E a mãe da Imogen. Ter um passado como guardião não deve e não vai ser desculpa para traição de nenhuma forma. E como sabemos que ele não é como a mãe? Um homem morreu.

Doug dá um passo na direção da van.

– Ian estava vivo e bem quando o deixamos. Leo já estava do lado de fora, comigo. Nina foi a última pessoa a… – Ele para. Rhys e

minha mãe se viram para ele, o silêncio pesando na noite em ao nosso redor. Doug pigarreia. – A última pessoa a falar com ele.

– Não, você ia dizer que Nina foi a última pessoa a vê-lo vivo – eu digo. – Acha que o matei?

– Não! Não. Mas você o empurrou de volta para dentro daquele quarto e quando saiu… eu… bem… é só que o Leo estava inconsciente e assim que ele acordou ficamos o tempo todo com ele, então não pode ter sido o Leo, pode? – Doug evita o meu olhar, baixando a cabeça.

– Quando o deixei, ele estava vivo. – Como ele poderia pensar diferente? Eu me encolho, fechando os olhos. Ele sabe melhor do que ninguém como me sinto por dentro. Não tem como não saber depois de ficar confinado comigo. E a verdade é que eu poderia ter matado Von Alston. Parte de mim talvez até quisesse.

*Pelos deuses.* Eu tenho cheiro de assassina? Qual é o meu problema?

– Nina? – Minha mãe toca meu braço. Se ela estava segurando a arma, já a guardou. – Conte pra gente o que aconteceu e por que você foi até a propriedade de Ian Von Alston.

– Fomos para a convenção. Houve um ataque. Capangas do Sean, eu acho, apesar de haver um novo elemento. Humanos, capuzes negros, cordões. Pareciam fanáticos. Eu impedi o ataque. Corri para dentro… – Eu paro. Esse não parece o momento certo. Todo mundo está literalmente armado. Se eu contar sobre Artemis, quem sabe como vão reagir? Rhys disse que não se importa com nosso passado se alguém trair a gente. E tenho certeza de que verão como traição Artemis estar trabalhando com fanáticos.

Preciso ser cuidadosa. Posso estar tão irritada com ela quanto quiser, mas quando a corda arrebentar para o lado dela – e isso vai acontecer –, preciso que ela se sinta péssima e culpada, mas tenha como voltar para casa. Ela ainda é minha irmã. Está *equivocada*,

mas é minha irmã. Não vou deixar outras pessoas decidirem se ela merece ou não um lugar na minha casa.

Quando voltarmos para o castelo e eu tiver um momento para respirar, vou ligar para ela. Explicar que ainda não contei sobre o que fez. Dizer que é só ela devolver o livro e não haverá consequências. Isso vai ajudar a consertar as coisas entre nós e evitar complicações no castelo.

Além disso, Artemis pode estar mexendo com coisas que não devia, mas isso não faz dela minha inimiga. Não pode fazer. Prossigo, deixando-a de fora. Doug fica me encarando, mas sei que ele não vai me contradizer.

– Acabei encontrando alguns demônios estranhos. De qualquer modo, conseguimos algumas informações que nos levaram a Leo, Oz e essas caçadoras, que estavam todos em perigo mortal iminente graças ao aliado de vocês, Von Alston. – Minha mãe torce o nariz, mas não me interrompe. – Meu último contato com ele não foi muito educado, mas garanto que não o matei. E ele não sabia que eu era uma guardiã. Pensou que eu era uma caçadora solitária.

– Então você não arrancou os olhos e quebrou o pescoço dele? – pergunta Rhys.

Olho ele do modo mais brutal possível. Chao-Ahn aprovaria.

– Tenho certeza de que me lembraria disso. Uma garota nunca esquece a primeira vez que arranca os olhos de alguém.

– Isso é verdade! – Tsip comenta alegremente.

– E você tem certeza absoluta de que não foi Leo. – Rhys espia o interior da van, então desarma e abaixa sua besta. Leo não está em condições de estalar pescoços. E esse não seria o método dele, de qualquer forma.

Íncubos e súcubos drenam força vital das suas vítimas, mas geralmente só quando elas estão dormindo, para não enfrentar resistência.

– Os olhos dele foram mesmo arrancados? – pergunto, intrigada.

– Sumiram. – Rhys ajeita os óculos. – Eles foram pegos por algum motivo. Ou comidos.

– Eca – eu resmungo.

– Quê? Todos pensamos no mesmo.

– Não. Nem vem. Nenhum de nós pensou nisso até você dizer.

– Bem, posso pesquisar demônios que consomem olhos. Só que nenhum dos guardas dele perderam os olhos, então pode ter sido por diversão em vez de uma patologia específica. O que, infelizmente, não diminui o número de espécies suspeitas. Se pelo menos eu soubesse se os olhos foram comidos… – Rhys tem um olhar perdido, já absorto em suas teorias e, sem dúvida alguma, planejando a pesquisa que fará assim que voltarmos ao castelo.

– Doug e Rhys, ajudem Leo a ir para o outro carro – diz minha mãe.

– Eu posso ajudar – diz Oz. – Não se deixem enganar pelo meu aspecto delicado. Sou bastante útil no transporte de demônios.

Eu sinalizo que não.

– Não, ele está bem onde…

Minha mãe pega meu braço e gentilmente me afasta dos outros.

– Discutimos entre nós se deixaríamos Leo voltar para o castelo.

– Hein? Tomaram uma decisão sem mim? Isso não é justo! Além disso, eu…

– Nina. Talvez eu deva te lembrar que *você* tomou a decisão de ir até a mansão de Ian Von Alston depois de *nós* tomarmos a decisão contrária. Às vezes você precisa fazer o melhor com a situação que se apresenta. Eu preferia que você não tivesse ido, mas…

– Mãe! Ele é… era… um calhorda de primeira ordem. Não é possível que a gente precise dele como um aliado. – Penso no dinheiro na van e sinto uma pontada de culpa por tê-lo pegado. Mas não faria nenhuma diferença para ele agora.

– Não podemos encarar todas as batalhas.

– Você ainda está agindo como uma guardiã! Escolhendo por quem vale a pena lutar com base nas vantagens que isso nos traz. Não me importo se tiver que arrumar um emprego ou se tivermos que mandar Jade trabalhar fora. Pensando bem, podemos fazer isso? É uma ótima ideia. Enfim, vamos conseguir o dinheiro de alguma forma. Manter aliados como Von Alston porque eles poderiam nos ajudar algum dia, sabendo que machucam pessoas e demônios e sei lá quantos outros vulneráveis nesse meio-tempo? Isso é errado. Isso é a antiga baboseira dos guardiões. Não vou fazer isso.

Minha mãe se empertiga e eu instintivamente me encolho, me preparando para sua rejeição. Mas, em vez de dizer que agi errado, ela respira algumas vezes e fecha os olhos. Posso ver os sinais físicos de sua mudança de pensamento conforme ela tenta encontrar um jeito de conversar em vez de brigar.

A Nina do passado teria ficado animada, mas eu não estou. Eu *quero* brigar. Quero que ela me diga que estraguei tudo. Porque, se fizer isso, me dará uma justificativa para continuar escondendo segredos dela – segredos como o que Artemis está fazendo. Mas se for compreensiva e se esforçar para encontrar um meio-termo, me sentirei culpada por esconder coisas dela.

Ela finalmente sorri, mas é um sorriso triste.

– Você tem razão. Tomei uma decisão como guardiã. É o único jeito que conheço de tomar decisões e minha única maneira de te proteger. Você se importa demais, ama intensamente, e não entendo isso. Me assusta.

Lá está. Cruzo os braços.

– Você acha que sou estúpida ou ingênua?

– Não. Não, acho você tremendamente corajosa. Mais corajosa do que já fui. – Ela se aproxima e dá um beijinho na minha testa. É estranho, mas bem-vindo. Só que machuca, porque me lembra do que venho sentindo falta na nossa família.

Artemis era minha aliada, companheira e amiga. Estou agindo como se ainda fosse, apesar das evidências apontando o contrário, por ser a única maneira de manter as esperanças de que ela volte a ser o que era.

Minha mãe passa as mãos no meu cabelo, mas não sabe fazer isso do jeito que Artemis fazia.

– Você estava certa de ir conferir o que estava acontecendo na casa de Von Alston. E fico feliz de ter salvado aquelas caçadoras e aquele cara esquisito e por ter encontrado Leo. Mas temos uma comunidade inteira com quem nos preocupar. E apesar dos seus argumentos em defesa de Leo continuarem sendo verdade, os feitos heroicos dele não apagam o fato de que sabia que a mãe era um predador demoníaco e nunca contou ao Conselho nem nos avisou até ser quase tarde demais.

Ela tem razão. Sei que tem. Mas também está errada.

– Se expulsarmos gente do do castelo por esconder segredos, nenhum de nós estaria morando lá.

Minha mãe me surpreende com uma risada. É suave, mais parece uma expiração, mas não é a reação que eu estava esperando.

– Isso é verdade. E foi por isso que defendi o direito de Leo voltar. Mas sob condições muito específicas e cautelosas, até podermos determinar se ele é ou não uma ameaça.

– Ele mal consegue se mover!

– Também vamos pesquisar como ajudá-lo. E, acredite, vamos conseguir. Mas acho que será melhor se você deixar Leo aos meus cuidados. Será um jeito de proteger as pessoas dele e protegê-lo ao mesmo tempo.

– Mas eu posso…

– Ser imparcial quando se trata dele? – Não há acusação no seu tom de voz. Ela aguarda minha resposta. E quero continuar insistindo que posso ser imparcial. Mas, quando se trata do Leo, nunca fui capaz de fazer isso. Mesmo agora, só de saber que ele está bem ali, sou tomada por todo sentimento imaginável, nenhum deles racional ou imparcial. Minha mãe toma meu silêncio como confirmação das suas suspeitas. – Muito bem, então. Estamos de acordo. Leo é minha responsabilidade. Você já tem muito com que se preocupar. Parte do acordo para permitir que ele volte para o castelo é que ele tem que ficar preso e vigiado. Temos as celas no piso inferior do castelo.

– Lá não, nem pensar. Ele já está doente, mãe. – Eu desci para as celas depois de Artemis ir embora. Não fazia ideia de que a prisão existia; outro segredo obscuro da Sociedade dos Guardiões guardado de mim. O cheiro de pedra úmida, a ferrugem e a sensação de desespero e dor pairando no ar não casaram exatamente com meu gosto em decoração. – Não tem como manter ele lá. Que tal o antigo quarto da mãe dele? Ou o da Wanda. Ou o do Bradford. Qualquer quarto na ala dos dormitórios. – Temos muitos espaços vazios, mesmo que as caçadoras tomem alguns. E Oz, se for ficar. Não cheguei a perguntar.

– Vou pensar em algo. Mas não será nas celas. Posso usar as correntes do depósito.

– Isso é um exagero.

– A mãe dele estava caçando pessoas enquanto elas dormiam. Durante a noite, ele vai ficar preso. É esse o acordo.

Penso nas algemas no galpão do Cillian, que usamos em Doug logo depois que o encontramos no ano passado.

– Vou pegar as algemas de Cillian. Elas devem bastar. Leo mal consegue ficar de pé.

– Está bem. É um bom acordo. – Ela aperta meu ombro, depois pega as chaves com Cillian. Todos do castelo menos Cillian e Doug entram naquele carro. Eles transferiram Leo enquanto eu estava distraída. O Rover arranca na escuridão, as luzes traseiras me encarando como olhos incandescentes.

– Então, quanto ao filhote! – Cillian esfrega as mãos, animado.

– Tá falando da Encrenca? Ela adorou a homenagem ao Coldplay. – Doug soa inocente. Só então eu me dou conta de que seu CD do Coldplay está tocando no carro e a música é justamente “Trouble”, que significa problema… ou encrenca. É um nerd mesmo.

– Você deu um nome pra ela sem me consultar! – Cillian nunca pareceu tão irritado. – Não acredito.

Apoio a mão no braço dele. Foi culpa minha não vetar o nome assim que eu o ouvi, como fiz com Chewie, mas estava meio distraída na hora.

– Prometo, da próxima vez que salvarmos um gatinho de ser comido por um demônio, você escolhe o nome. E vou tentar arrumar um que não seja laranja, para facilitar sua vida.

– Tá, tanto faz. – Ele faz um beicinho.

Com todo esse drama, ninguém foi apresentado.

– Cillian, essas são as caçadoras e Oz. Caçadoras e Oz, esse é Cillian. Vamos passar na casa dele primeiro – digo para o grupo. – Preciso pegar uma coisa no seu galpão. Maricruz e Taylor, querem ir com Oz agora? Eu explico como encontrar o castelo, para vocês já irem se acomodando.

– Por mim, está ótimo. – Maricruz e Taylor saem do carro e Cillian pega a filhote com elas. Parece mais uma negociação tensa de liberação de refém do que uma transferência felina amigável. Nesse ritmo, vou *precisa*r arrumar mais um gato ou dois para o castelo. Passo as direções para Oz. Chao-Ahn entra por último na van.

– O castelo é seguro? – ela pergunta. – Ou vão ter mais armas?

– Ah, um monte de armas. Mas elas não vão ser apontadas para vocês. Prometo. Isso foi tudo um mal-entendido. Ou algo assim. Digo, eles não deveriam ter feito isso, mas tinham razão de fazer. Complicado?

– Sim. – Seu tom é inexpressivo.

Eu me aproximo de Doug. Ele não comentou de Artemis, mas preciso ter certeza de que não vai dar com a língua nos dentes.

– O que acontece nas convenções de demônios fica nas convenções de demônios, combinado? Tenho meus motivos.

Ele assente e me sinto aliviada. Vou lidar com Artemis à minha maneira. Entramos no carro para eles poderem nos seguir até Shancoom e a saída que leva ao castelo.

Cillian ocupa o banco do passageiro.

– Precisamos de que no meu galpão?

Doug me olha intrigado pelo espelho retrovisor. Então, entende do que estou falando.

– Elas não são ruins – ele diz num tom gentil. – Sério. Até pensei em conseguir um par de algemas para usar como acessório.

Cillian me passa Encrenca, desata o cinto e pula para o banco de trás em uma confusão de cotovelos, joelhos e reclamações de Doug.

– Ei, a gente tem portas! – diz Doug.

Cillian passa o braço ao meu redor.

– Dia pesado.

Posso sentir as lágrimas ameaçando descer, mas me recuso a chorar por causa de Leo Silvera. Não de novo. E não vou chorar por causa de Artemis. Ainda estou magoada e confusa demais para ficar triste. Apoio a cabeça no ombro do meu amigo.

– Um pouco, é.

– Vai dar tudo certo.

– Como você sabe?

– Por sua causa. Você vai dar um jeito. – Ele me beija na testa.

Tsip se materializa no banco do passageiro. Ponho a mão no peito, meu coração acelerado.

– Pelo amor da boca do inferno, você precisa parar de fazer isso. Qualquer dia desses eu vou acabar te atacando e vou me sentir mal, mas vai ser tudo sua culpa. Pensei que tinha ido embora no outro carro.

– Você me trouxe uma lembrança? – Sua voz parece um sussurro conspirador e sai num assovio por trás de suas presas. – Se pegou os olhos, posso ficar com eles?

Esfrego a testa com força para aliviar a exaustão. Não estou otimista sobre essa viagem nem em relação ao que vamos fazer no final dela. Ainda temos quilômetros a percorrer antes de dormir.

– Não fui eu que peguei os olhos, Tsip. E não fui fazer compras. Só trouxemos traição, um garoto meio-demônio doente e uma gatinha.

Ela franze a testa para mim, batendo os dentes de decepção enquanto Doug dá partida no carro.

– Dá próxima vez me traga doces – ela diz. – Ou olhos.

– Combinado – eu murmuro. Qualquer um dos dois seria mais fácil do que lidar com Leo Silvera.

# Capítulo 17

– QUE INFERNO! – CILLIAN ENFIA O PÉ NO FREIO NA FRENTE DO SEU chalé. Doug bate no banco de Cillian enquanto Tsip desaparece. Saio do carro antes que qualquer um tenha se recuperado, os punhos erguidos, pronta para lutar. A van de Oz já virou na direção do castelo, então estamos sozinhos.

O charmoso chalé de Cillian fica no final de uma estrada estreita que contorna a área da floresta. A única coisa diferente que percebo é um carro desconhecido estacionado na frente. Do lado de dentro, as luzes estão acesas.

– De quem é? – pergunto enquanto Cillian desce. Estou com uma estaca na mão. Não me lembro de tê-la tirado da jaqueta. – Você convidou alguém que não deveria?

– É da minha mãe.

– Sua mãe? – Ela não aparece desde a morte da magia. Eu estava tão acostumada com o fato, que considerei seu afastamento como permanente. Ela costumava viajar bastante, mas, nos últimos meses, tinha simplesmente… *sumido.*

– Vai enfiar uma estaca nela? Porque talvez seja uma reação meio exagerada para a má criação de filhos. – Ele arrasta os tênis pelo chão, com as mãos enfiadas nos bolsos e os ombros curvados em autoproteção.

Deixo a arma de lado.

– Se enfiássemos uma estaca nas pessoas por cuidar mal dos filhos, todos nós seríamos órfãos.

– Tudo bem se eu ficar no carro? – Doug se inclina para fora da janela. – Não tenho lembranças muito boas de ficar amarrado no

galpão e eu prefiro não ter que me explicar para a mãe de Cillian. – Ele aponta para o próprio rosto.

A mãe de Cillian era uma bruxa antes da magia sair de férias definitivas, mas Cillian não sabia nada a respeito de demônios, então imagino que ela também não.

– Sim, provavelmente é a melhor opção. Onde Tsip foi parar?

Doug dá de ombros e volta para seu lugar com a música ligada e a gata aconchegada e ronronando no colo. A voz suave de Chris Martin flui na minha direção como um eco metálico. Qualquer dia desses vou comprar ingressos para o Doug ir a um show do Coldplay, não importa o custo. Esse é o sonho da vida dele. A maioria dos nossos sonhos são confusos e impossíveis, então seria legal realizar um.

Fecho os olhos com uma pontada de emoção. Um dos meus sonhos era Leo não estar morto – e ele se realizou, ao menos por enquanto. O que deveria ser mais impossível do que ingressos com acesso aos bastidores em um show do Coldplay, mas definitivamente não é tão simples. Quando ele estava morto, era fácil pensar só nas coisas boas. Mas minha mãe tem razão. Os outros têm todo o direito de lembrar o que Leo fez e responsabilizá-lo por isso.

A porta da frente se abre e vemos Esther, mãe de Cillian.

– É você, meu amorzinho? Entre! Estava te esperando!

– Uau, você estava me esperando – Cillian murmura para si mesmo. – Nem imagino como é isso.

Sigo-o até a varanda, onde Esther para na poça de luz morna vinda da casa atrás dela. Suas tranças estão amarradas em torno da cabeça como uma coroa e sua pele não dá sinais de envelhecimento. É fácil ver de quem Cillian herdou sua boa aparência.

– É você, Nina? Pela deusa, você cresceu! – Ela franze a testa, me olhando de cima a baixo. – Não. Não cresceu. Mesmo assim, parece mais alta. Tem algo diferente em você, só não sei o quê.

Quando a casa era uma loja de produtos esotéricos, era eu que costumava ir para a cidade pegar os itens para vender. Sempre gostei dela. Mas gosto menos agora. Ela magoou meu amigo.

– Temos coisas para resolver, mãe. – Cillian tenta desviar dela, mas ela estica um braço para bloquear sua passagem.

– Coisas mais importantes do que atualizar sua mãe sobre os últimos meses?

– Na verdade, sim. – Cillian afasta o braço dela e atravessa a casa em direção ao quintal, onde fica o galpão.

– Então. – Quem dera constrangimento fosse um demônio que eu pudesse socar, em vez de um climão sufocante e intransponível. – Como foi lá no, hã, Colorado?

– Monges são um tédio. – Ela se afasta para me deixar passar. Seu vestido rubi esvoaçante parece elengante e confortável ao mesmo tempo. – Mas aprendi o que pude. Como ele está? – Ela assente na direção do quintal. – Além de irritado.

– Está bem. Passa bastante tempo com a gente agora. – Tenho certeza de que ela sabe de Cillian e Rhys, mas, se não sabe, não sou eu que vou contar. Não é meu papel.

– Pensei que o castelo fosse proibido.

– As coisas mudaram. Bastante. Você passou um bom tempo afastada. – Tento manter meu tom neutro, mas posso vê-la ficar tensa com a acusação implícita.

– Estou fazendo isso por ele, sabe. Desde que perdemos o pai dele, tenho tentado me preparar. Não sei o que vai acontecer com Cillian.

Se eu puder me conectar com algo maior, superior, talvez possa descobrir um caminho. – Ela olha para mim como se eu fosse entendê-la, mas não entendo. Tenho uma mãe que fez coisas que *julgou* ser o melhor para mim e isso quase nos afastou para sempre.

– Tente se reaproximar dele, em vez disso.

Passo apressada por Esther antes que ela possa fazer mais perguntas sobre o filho. No galpão, Cillian está arremessando coisas para todo lado, sem qualquer gentileza ou cuidado.

– Onde está a maldita caixa?

– Aqui. – Afasto uma coleção de contos de fadas irlandeses tradicionais e puxo a caixa. Mas, na pressa, esqueço da minha própria força e ela sai voando pelo galpão, bate com tudo na parede e cai no chão. O conteúdo se espalha.

– Foi mal. – Eu me ajoelho e começo a guardar as coisas. Cillian pega as algemas e as enfio no bolso. Minha mão para sobre um estranho quebra-cabeça metálico do qual me lembro vagamente da última vez que mexemos nas coisas do seu falecido pai. É uma série de triângulos interligados. A mesma forma do colar que tirei da mulher no beco e coloquei na gata. E… estendo a mão, vendo os triângulos por um ângulo diferente. É exatamente a mesma imagem estampada no chá de Sean, o traficante de drogas de demônios. E o símbolo no livro que Artemis roubou. O que ele está fazendo *aqui*?

– Tudo nessa caixa era do seu pai? – eu pergunto.

– Sim. – Cillian está distraído e estressado enquanto olha a casa através da noite. Não sei dizer se ele espera que a mãe venha atrás dele ou se prefere que não. Duvido que ele mesmo saiba a resposta. Mas sua mãe está na cozinha iluminada, dançando lentamente enquanto prepara um chá.

– Até isso? – Estendo o objeto.

Ele mal olha para o negócio.

– Sim, é um brinquedo ou coisa parecida. Um quebra-cabeça. Eu brincava com ele, mas era do meu pai.

– Tem certeza?

Ele finalmente se concentra, franzindo a testa.

– Por que o interesse?

– Porque já vi isso antes. Na loja de Sean, marcando seu chá demoníaco. E uma mulher que me atacou em um beco estava usando um cordão com isso. – E também estava no livro roubado por Artemis.

– Isso exatamente ou algo parecido? É meio celta, não é? Pode ser um desenho parecido.

Fico na dúvida. Eu tinha certeza, mas talvez esteja vendo o símbolo por toda parte por estar pensando na traição da minha irmã.

– O colar está no gato. Podemos verificar. – Continuo segurando o objeto. – Você quer, hã… Está pensando em ficar aqui essa noite?

– Quero ficar com o Rhys. – Cillian soa arrasado e dói saber que não posso ajudar. Mas ele ainda não se mexeu para ir embora. Está de pé na porta, olhando a mãe pela janela.

– Posso falar pro Rhys vir pra cá.

Cillian leva um longo tempo para responder. Então, balança a cabeça e se mexe de repente como se puxado por cordas, seus movimentos artificiais.

– Não. Não há nada para fazer aqui. – Ele abre a porta dos fundos.

– Preparei chá! – Sua mãe se vira com uma bandeja já preparada com três belas xícaras verde-claras. Seus olhos vão de Cillian para

mim, depois para o que está na minha mão.

Ela deixa a bandeja cair no chão, o barulho do metal se misturando ao da cerâmica espatifada.

– *Onde encontrou isso?* – Ela caminha sobre os cacos na minha direção.

– Mãe! Seus pés! – Cillian tenta desviá-la do vidro afiado e posso ver manchas de sangue por onde ela andou descalça. Mas ela não presta atenção nele. Em vez disso, arranca o objeto das minhas mãos.

– Onde encontrou isso?

– No galpão. É um quebra-cabeça? O Cillian queria, hã… – Olho para ele, pedindo ajuda.

– Queria mostrar pro meu namorado. Ele gosta de quebra-cabeças. – Cillian pega uma vassoura e uma pá e limpa a bagunça feita pela mãe.

Esther está segurando os triângulos interconectados com tanta força que suas mãos tremem.

– Isso não é brinquedo. Você não devia estar com isso.

– Meu pai me deixar brincava com ele – diz Cillian.

– Não deixava, não!

Ambos estão com as mandíbulas rígidas formando ângulos raivosos, mas Esther também parece apavorada. Ela costumava ser uma bruxa. Vai ver nem tudo na caixa pertencesse ao pai de Cillian, afinal. Olho o pescoço dela para ver se está usando algum colar, mas a gola do vestido é alta demais para eu saber. Onde será que ela realmente passou todo esse tempo?

Cillian larga a vassoura.

– Sim, mãe. Eu lembro.

– Está lembrando errado.

– Posso até mostrar pra você. Consigo montar de olhos fechados. – Cillian tentar pegar o objeto, mas Esther o afasta, escondendo-o atrás das costas.

– Não! Fique longe das coisas do seu pai! – Ela respira fundo, estremecendo. – Agora sentem aí. Eu vou preparar comida.

– Me dá o quebra-cabeça!

– Não.

Eles estão de pé um na frente do outro, os dois com a respiração pesada, os rostos espelhando raiva, dor e determinação.

Eu poderia tirar o quebra-cabeça dela. Seria fácil. E parte de mim fica tentada. Eu *quero* tirá-lo dela, porque obviamente significa algo e porque isso iria machucá-la, como ela machucou Cillian abandonando-o por tanto tempo com tanta facilidade. As pessoas que abandonam as outras deviam ficar tão magoadas quanto quem deixaram para trás.

Fecho os olhos, me forçando a respirar devagar. Ela não é Artemis nem Leo. Não fez nada contra mim.

Só quero tentar entender o que diabos está acontecendo aqui. E espero, de coração, que Esther não esteja envolvida nisso. Ela foi uma mãe relapsa, mas não significa que seja má e, depois da traição da mãe de Leo, já tive minha cota de mães do mal. Apoio a mão no braço de Cillian.

– Vamos. Existem outros quebra-cabeças. Não precisamos desse aí.

Ele fica onde está por mais alguns segundos, depois se vira bruscamente e sai da casa batendo os pés. Não peço desculpas

para sua mãe. Também não pego o quebra-cabeça, o que é mais do que generoso da minha parte. Posso sentir que ela está nos observando, esperando na soleira da porta. Paro no quintal. Cillian já está no carro.

– Não vou deixar ninguém machucar ele – digo em voz baixa. – Inclusive você.

– Como é que é?

– Seja lá no que estiver envolvida, é melhor pular fora. Ele precisa de você.

– Você não faz ideia do que está falando.

Eu a ignoro e entro no carro. Cillian arranca. Nenhum de nós olha para trás.

Doug tosse e baixa sua janela apesar da temperatura congelante.

– Uau. O que eu perdi?

– Me passa a gatinha – eu digo.

Doug a mantém junto ao peito, ponderando.

– Por que está com tanta raiva?

Reviro os olhos.

– Não estou com raiva de Encrenca! Preciso do colar.

Ele solta o objeto e o passa para mim, mantendo a filhote no colo. Eu o estico, procurando mais luz. Cillian encosta na metade do caminho para o castelo. Está um breu aqui na floresta, então liga a luz sobre o espelho e pega o colar de mim.

– É o mesmo formato. – Sua voz sai inexpressiva. – O que será que isso quer dizer?

– Não sei. Talvez nada? – Sei que significa algo. Tenho certeza. Mas o instinto de proteger meu amigo me faz querer protegê-lo do mal que sinto pairando no horizonte. O mal que, de alguma forma, agora envolve sua mãe.

– Claro. Está na cara que é só uma incrível coincidência termos o mesmo objeto triangular no meu galpão, no chá do Sean e no colar de uma fanática. Talvez todos tenham visitado a mesma loja de lembranças.

– Espera, você tinha um desses? – Doug se inclina para a frente e estreita os olhos, estudando o colar. – Sean tinha isso tatuado. A maioria dos capangas dele tinha. O que havia no galpão? Um colar?

– Uma versão maior disso. Não era um colar. Estava mais para um quebra-cabeça.

Doug franze o cenho, sua pele rachada se movendo de modo que as linhas pretas entre as placas amarelas quase desaparecem.

– O que foi? – eu pergunto.

– Nada.

– Não farejo emoções, mas posso vê-las. No que está pensando?

– É só que… existe um motivo para eu ter escolhido o galpão do Cillian, entre todos os lugares onde poderia ter me escondido. Eu estava semiatordoado de fome, dor, exaustão, mas algo… alguma coisa me atraiu *para lá*. Achei que fosse o destino. Como se eu estivesse destinado a conhecer você, Nina. – Ele vira o rosto e juro que, se não fosse amarelo-neon, estaria corado. – Porque você cuidaria de mim. Porque eu teria mais do que só a sua mãe do meu lado. Mas talvez existisse outro motivo. Não consigo farejar poder exatamente, mas a maioria dos demônios é sensível a ele.

Cillian está encarando o colar como se estivesse hipnotizado. Eu me viro para ele.

– Sua mãe teve uma reação para lá de estranha com o quebra-cabeça.

– Vocês dois querem que eu acredite que meu pai, um pescador e policial local voluntário, estava lidando com o quê? Artefatos demoníacos? – Sua voz sai tão fria e diferente do habitual que eu me encolho mais para perto da janela.

– Não! Não. Será que não foi a sua mãe em vez dele? Do tempo em que praticava bruxaria? E por isso ela ficou tão irritada?

Cillian finalmente desvia o olhar do colar, esticando-o e soltando-o na minha palma estendida. Ele dá de ombros.

– Pode ser. – Seu tom se torna propositalmente mais leve, mas ainda há algo forçado. – Sorte a nossa conhecermos um guardião incrivelmente sexy que é ótimo em pesquisa. Ele vai ficar mais feliz de ter um novo projeto do que por me ver de novo.

– Jamais – eu digo, tentando equiparar seu tom de voz e quase conseguindo. Já sei que Rhys não vai encontrar nada em sua pesquisa.

Cillian desacelera ao alcançarmos a van caindo aos pedaços de Oz. Vamos levar uma eternidade para chegar ao castelo nesse ritmo. Doug boceja, se alongando no banco de trás.

– Então temos um símbolo que pode ou não ser demoníaco e/ou poderoso, e que está ligado a Sean, mas não sabemos como. Muito bom. Justo o que precisávamos. *Mais um* mistério.

Eu não faço questão de corrigi-lo, mas é o mesmo mistério. E minha irmã tem as respostas. Sei o que preciso fazer – tentar chegar a um acordo com ela. Meu silêncio quanto a suas atividades em troca da devolução do livro. Vou conseguir a informação de que precisamos e proteger todos de si mesmos no processo.

# Capítulo 18

A VAN ENCOSTA JUNTO AO CASTELO, O MOTOR SOLTANDO MAIS engasgos do que roncos. Estou esperando na frente da porta. Não posso evitar a ansiedade e o medo ao pensar que convidar mais três caçadoras para o castelo é uma má ideia quando não consigo nem controlar meus próprios impulsos. E se elas atacarem meus demônios? Eu conheço os demônios, gosto deles, e ainda me pego lutando contra o instinto letal que parece ficar mais forte dentro de mim a cada dia.

Chao-Ahn, Maricruz e Taylor descem, olhando para o castelo com desconfiança. Só algumas janelas estão iluminadas e não temos nenhuma luz do lado de fora. Tento me pôr no lugar delas. O lugar parece ameaçador. Rochoso, escuro e desequilibrado de alguma forma. Os olhos naturalmente esperam, uma torre onde costumava existir uma, mas agora toda aquela ala está arruinada e não passamos por lá.

– É seguro – eu digo. Mas nem sempre foi assim. Poucos meses atrás, a mãe do Leo estava nos espionando durante a noite e se alimentando de nós até que matou Bradford Smythe. E agora Leo voltou. Saber que ele está em algum lugar dentro do castelo parece o momento antes de levar um soco, quando sei o que vai acontecer, mas não consigo desviar. Meu corpo está alerta e, embora ainda não sinta a dor, em algum momento vou sentir.

– Nina, vai me apresentar?

Chao-Ahn e eu damos um pulo e nos viramos para a minha mãe, que apareceu do nada atrás de nós. Ela estende a mão direita para Chao-Ahn. Sua jaquela está aberta, revelando um vislumbre da sua arma.

– Você é assustadora – diz Chao-Ahn.

– Você não faz ideia – eu murmuro. – O que está fazendo zanzando aqui fora?

– Eu queria cumprimentar as novas caçadoras. Além disso, temos um procedimento a seguir. Nenhuma delas concordou ainda com as regras ou passou pela entrevista. Senhoras, se me seguirem até a biblioteca, Rhys e eu conversaremos com vocês e as levaremos para seus aposentos.

– Isso é um teste? – pergunta Taylor, a loira tímida. Ela parece apavorada. – Não sou boa com testes. Nem entrevistas.

– Só uma Geometria básica – eu digo – e e algumas perguntas dissertativas.

– Sério? – Maricruz arregala os olhos escuros, alarmada.

– Não. Desculpa. Tudo que precisam fazer é ouvir as regras e concordar com elas. Precisamos de uma maioria simples para permitir a entrada de vocês, mas não acho que isso será um problema.

– Garanto que não. – Minha mãe sorri, mas ela nunca foi boa em reconfortar ninguém. Maricruz e Taylor parecem devidamente intimidadas enquanto a seguem para dentro. Chao-Ahn espera por alguns segundos, como se quisesse falar comigo, mas Cillian agarra meu braço e me puxa para o lado.

– Deixa eu falar com o Rhys, tá bem? Eu cuido desse mistério. Você já tem coisa demais pra resolver.

Eu assinto, me afundando no abraço oferecido. Sei que aceitar sua garantia é aceitar uma mentira, já que ele não vai resolver esse mistério, mas pelo menos pode lidar com a relação da sua família com o assunto. Ainda assim, vou estar lá para apoiá-lo.

– Claro. Obrigada.

Uma das portas da van se fecha e Oz dá a volta, aparecendo na frente do veículo.

– Guardiões, hum? Algum parente do Giles?

Faço que não com a cabeça. Tenho sentimentos complicados em relação a Rupert Giles. Meu pai foi o primeiro guardião da Buffy, mas ela ficou mais próxima de Giles – o homem que largou os guardiões em protesto às suas políticas e que provavelmente influenciou Buffy a também virar as costas para eles. Eu entendo agora, de verdade, mas isso não muda as estranhas pontadas de ressentimento que sinto quando ouço o nome Giles, que ele descanse em paz.

– O último da sua linhagem. A maior parte de nós é o último na linhagem de alguém.

– Eu conheci outro guardião. Wesley…

– Wyndam-Pryce – falamos juntos, imitando o orgulho pretencioso com o qual todos os Wyndam-Pryces anunciam seu nome.

– Infelizmente, ele não é o último dessa linhagem. – Minha expressão é mais fria que a noite enquanto penso em Honora e como ela corrompeu minha irmã. – Venha comigo. Vou pegar comida pra você e, se quiser passar a noite, é mais do que bem-vindo. – Ele disse que ia deixar as caçadoras em Londres, então imagino que não pretenda ficar permanentemente.

– Aceito a comida. Obrigado. – Conduzo-o pelo corredor principal parcamente iluminado. Em qual quarto estará Leo? Na ala dos dormitórios, onde eu moro? Na ala do Conselho, onde ele ficou com a mãe da última vez que esteve aqui? Pelo menos não está no calabouço. Minha mãe prometeu.

Imogen não está na cozinha, então eu preparo as únicas coisas que sei que não vou estragar: torrada e chá. Quero que Oz vá embora para tentar entender como me sinto na solidão do meu próprio

quarto e para ensaiar o que direi a Artemis quando ligar para ela com minhas exigências. Também não quero que ele vá embora pelo mesmo motivo – não quero confrontá-la de novo. Ou pior, encarar o que sinto sobre Leo estar vivo embora nunca tenha lidado com os meus sentimentos quando pensava que ele estava morto.

Oz dá um gole no chá, olhando em volta na cozinha.

– Gosto do seu castelo. Gosto mais sabendo que ele está livre de vampiros taciturnos.

– Não gosta de vampiros?

– Eu me dou bem com vampiros de modo geral. Mas os sofridos… eles complicam as coisas.

Eu provavelmente deveria ligar para Artemis agora, mas ainda me lembro de como ela me olhou quando eu estava agachada no capô daquele caminhão. Como se eu fosse *idiota*. Ela nunca me tratou daquela forma. Era Honora quem me tratava assim. E se Artemis rejeitar minha oferta?

Ela não vai. Só vou pedir que devolva o livro. Ou, se recusar, que me diga do que o livro fala. Ela chegou a dizer que me contaria, mas me recusei a entrar no caminhão. Talvez devesse ter entrado.

Pelos deuses, estou cansada. Não durmo faz tempo. Talvez eu espere até amanhã de manhã para ligar para ela, quando estiver pensando com mais clareza. Todos nós precisamos descansar. Eu me pergunto onde as caçadoras vão ficar. Parece estranho acomodá-las nos dormitórios, mas também é estranho deixá-las nos quartos mais extravagantes. Considerei brevemente ocupar uma das salas da ala do Conselho quando mudamos tudo, mas pareceria que estava me promovendo. E sair do quarto que eu dividia com Artemis seria praticamente admitir que ela nunca mais voltaria.

Então, aqueles aposentos permaneceram vazios. Acho que as novas caçadoras poderiam ficar com a velha suíte dos Wyndam-

Pryce – seus antigos ocupantes já foram tarde. Espero que elas não peguem a suíte dos Silvera… só que nem sei se Leo vai querer ficar aqui, cercado de lembranças da mãe.

Onde ele está agora? Ainda não acredito que esteja vivo. E aqui. E que eu não possa vê-lo. Eu não quero vê-lo. Mas ao mesmo tempo quero.

– E foi assim que eu ganhei o apelido de Oz.

– Hã?

– Eu estava contando a história da minha vida. É uma história muito boa. Tem algumas partes idiotas, mas eu gosto delas.

Eu sorrio.

– Desculpa. Tô com muita coisa na cabeça.

– Eu percebi. Tudo bem. – Ele termina o chá e se levanta. – Bem, tenho uma longa estrada pela frente. Preciso chegar em casa.

– Não quer mesmo ficar?

– Por que eu ficaria?

– Porque você é um lobisomem. Não é? A noite passada era de lua cheia. Pelo menos achei que fosse. Ou será que Von Alston errou a conta por um dia?

– Sem erros. E eu sou um lobisomem. Mas tudo bem. Estou de boa com a situação toda.

– Sério?

Ele dá de ombros.

– Todos temos nossos monstros interiores. O meu é só mais literal. Você entende.

Entendo, sim. Cada vez mais, nos últimos tempos. Se ser um lobisomem é ter duas partes diferentes – humano e monstro – e ele encontrou um jeito de conviver com as duas, talvez possa me ensinar a conviver com minhas duas partes também: a cuidadora que quer consertar tudo e a caçadora que cada vez mais quer destruí-las.

Eu me aproximo.

– Como você impede que tome conta de você? – Nunca ouvi falar de um lobisomem capaz de evitar a transformação. De acordo com a nossa pesquisa, isso não é possível. Mas, nos últimos meses, tenho aprendido que só porque algo não está escrito em uma caligrafia metida a besta em um livro velho, não significa que não seja verdade.

– Pense na escuridão como um rio. Se você tenta represá-lo, pode até dar certo por um período, mas cedo ou tarde a represa vai estourar e então o rio virá numa torrente de garras, presas e perseguições da namorada da sua ex-namorada pela faculdade até você ser capturado e enviado para laboratórios do governo para servir de cobaia.

– Isso é o que eu chamo de um exemplo bastante específico.

– Não, acho que é universal. Mas voltando ao rio de escuridão. Não tente represar nada. Em vez disso, canalize. Direcione a escuridão, deixe-a fluir e passar por você. Sinta-a e depois a libere.

– Mas como?

– Já tentou meditação?

Eu franzo a testa.

– Hã. Não. A energia de caçadora não se presta exatamente a ficar sentada e esvaziar a mente. É justamente aí que entram aqueles

pensamentos sorrateiros de *talvez devêssemos encontrar algo para matar*.

– Bem, minha outra sugestão seria se mudar para o Himalaia e encontrar uma bela esposa. Funcionou que foi uma beleza para mim. Por um tempo. Mas a escuridão sempre te encontra e as coisas ficam complicadas no nível “exército de caçadoras e deusa gigante” novamente.

– Quando fala da escuridão, está se referindo à Buffy?

Ele ri.

– A Buffilda é boa em bagunçar as coisas, sim, mas também é boa em revelar a verdade. E a verdade era que precisávamos nos ajudar em vez de nos isolar. Pensei que tinha encontrado paz, mas só estava deixando a escuridão se acumular. Então aqui estou. Ajudando. Direcionando o rio. E lá vou eu, de volta para casa, até encontrar outra maneira de ajudar. Você não pode parar o que está dentro de você. Se lutar contra essa força, ela vencerá. Descubra um jeito de conviver com ela, direcionando-a em vez de deixá-la te afogar na sua correnteza. Só você pode fazer isso.

– Ir para o Himalaia e encontrar uma esposa parece mais fácil.

– Avise com antecedência se decidir me visitar. – Com um sorriso enigmático, Oz pega a bolsa com os lanches que juntei para ele. Acompanho-o até o lado de fora e o vejo ir embora na sua van, de volta para sua vida. Fico sentada lá por um longo momento depois que ele parte. Sozinha. No escuro.

Eu conheço a energia de caçadora. Conheço os contornos desse poder, sua sensação. O que não conheço são as novas bordas pontiagudas, as explosões e espinhos afiados que parecem invasores e que sinto desde que Leo me devolveu o poder. Quando me tornei caçadora, o poder transbordava numa luta e eu me tornava algo – alguém – diferente. Mas sempre voltava a ser eu mesma.

Desde que derrotei a mãe de Leo e pensei tê-lo perdido, não consigo entender quem sou para voltar a ser eu.

Se quiser entender, se quiser canalizar essa escuridão em vez de ser arrastada por ela, preciso conversar com a única pessoa que possuiu exatamente o que possuo agora – e essa pessoa não é nenhuma das caçadoras.

É o garoto que roubou o que tinha sido tomado de mim para devolvê-lo.

Levo até a tarde seguinte para criar coragem de falar com Leo. Estou tão brava com ele, e tão aliviada por não estar morto, e tão magoada por ter me deixado pensar que estava morto, e tão aliviada por não o ter matado acidentalmente, que sinto um medinho de matá-lo de propósito por causa da culpa e da tristeza que ele me deixou sentir nos últimos meses.

Tenho tentado falar com Artemis a manhã inteira, mas o número continua caindo em uma caixa postal que ainda não foi configurada. Não sei o que farei se ela não atender logo. Mas não posso mais adiar minha conversa com Leo.

Infelizmente, preciso encontrá-lo antes de poder falar com ele. Não quero ter de perguntar para minha mãe depois que ela apresentou argumentos tão razoáveis contra eu vê-lo. Então, em vez disso, escolho a pessoa menos provável de me questionar ou me aborrecer. Rhys está, para surpresa de ninguém, na biblioteca.

– Votamos que as caçadoras podem ficar – ele diz, sem tirar os olhos do livro. – Elas foram acomodadas nos aposentos dos Wyndam-Pryce. Mas pareceram bastante relutantes em aprender nossos planos de defesa para o castelo. Isso é preocupante. O castelo só funciona se todo mundo fizer a sua parte.

– Vou falar com elas. – Pergunte de uma vez onde o Leo está. *Só pergunte.* – Então, hã, você encontrou alguma coisa sobre os triângulos enigmáticos?

– O colar? – Rhys está com ele na mesa, na sua frente. Cillian está sentado no canto, aninhado em uma poltrona com a gata ronronando no colo. Ele parece semiadormecido.

– Sim, e sobre o quebra-cabeça correspondente no galpão de Cillian.

– Cadê ele?

– A mãe de Cillian não quis entregar pra gente.

– A mãe dele? – Rhys olha para o namorado. Curiosamente, os olhos de Cillian, que eu podia jurar estarem abertos um segundo atrás, agora estão fechados. – A mãe dele voltou?

– Sim, ele… nós falamos com ela. Na noite passada. Ela disse que o quebra-cabeça era do pai de Cillian e não sei por que ele não contou isso pra você… – Eu paro de falar de repente. Cillian abriu os olhos agora e está me encarando.

– Eu disse que eu ia cuidar disso – ele resmunga. Rhys larga o livro. Sempre um mau sinal.

– Sua mãe voltou? Não achou que valia a pena mencionar esse pequeno detalhe? E tudo isso, de alguma forma, está ligado ao seu pai?

– Não! Não sei. Talvez. Provavelmente não. Só vê se acha alguma coisa nos seus livros.

– Não deveríamos ir até uma fonte que já tem a resposta?

– Não vamos falar com a minha mãe.

– Por quê não?

– Por que sim?

– Porque eu poderia passar semanas tentando encontrar alguma coisa nos livros quando talvez bastasse uma única conversa com sua mãe para nos colocar na direção certa.

Ele poderia e passaria semanas procurando, porque o livro de que precisa foi levado. Mas vou consertar isso assim que Artemis atender o maldito telefone.

– Eu não quero falar com ela.

– Que privilégio poder decidir se quer ou não falar com seus pais. Alguns de nós não têm tanta sorte. – A mandíbula de Rhys está tensa. Seus pais morreram quando seguidores do Primeiro Mal explodiram a sede dos guardiões. Apoio a mão em seu ombro, mas ele se desvencilha de mim.

– Você não entende. – Cillian põe o gato no chão e se levanta, ficando de costas para nós enquanto finge espiar as lombadas dos livros.

– Tem toda razão. Eu não entendo. Daria tudo para pedir ajuda ou um conselho à minha mãe, até mesmo só para dizer um oi.

Cillian se vira com os olhos brilhando de raiva.

– Mas sua mãe foi tirada de você! Ela não escolheu ir embora por semanas, meses, porque você não era suficiente para ela!

– Você não sabe se o motivo foi esse! Você nem falou com ela!

– Nem vou! Não me interessa por que ela foi embora. Deus, não acredito que vai ficar do lado dela. Você devia ficar do *meu* lado.

Rhys relaxa.

– E estou. Sempre estou. Mas também sei que mães vivas, até as mais complicadas e confusas, são melhores do que a alternativa.

– É um bom argumento – eu digo. A relação com a minha mãe é estressante e frágil, mudando todo santo dia. Mas fico feliz por ela existir para termos essa relação. – Se quiser, podemos falar sobre…

– Não, já deu. Não quero falar com nenhum de vocês sobre isso. Se não encontrarmos esse símbolo num desses livros complicados, ele não é importante e eu vou poder me lembrar do meu pai exatamente como gostaria.

Ah. Parte da raiva do Cillian faz mais sentido agora. O problema não é sua mãe, no fim das contas. Não de fato. Se esse símbolo for algo ruim e o quebra-cabeça fosse do seu pai, isso pode acabar afetando as lembranças que Cillian guarda dele. Eu me esforcei bastante para proteger as lembranças que tinha do meu pai. Artemis e eu costumávamos trocá-las como bens preciosos, tomando cuidado para não as danificarmos. E aí eu me tornei uma caçadora, encontrei o diário de guardião dele e, de certa maneira, fiquei mais próxima dele do que Artemis jamais ficaria. Mas ela sempre teve nossa mãe de uma forma que eu não tive – pelo menos, era o que eu pensava na época.

Eu não queria que tivesse o mesmo privilégio com nosso pai.

*Ah, Artemis. Volte para resolvermos as coisas.* Seguro o celular no meu bolso, esperando-o tocar.

– Mesmo se o seu pai esteve envolvido de alguma forma, obviamente não está mais. Qual o problema em investigar? – Rhys está tentando ser gentil, mas sua tática me espanta. Cillian está de olhos arregalados, os lábios pressionados numa linha.

Acho melhor recorrer a uma mudança brusca de assunto. Falar sobre Leo não pode ser mais desagradável e problemático do que presenciar o que imagino ser a primeira briga de verdade entre os dois.

– Ei, onde vocês enfiaram o Leo?

– Você está proibida de ver ele. – Rhys olha para baixo e calmamente vira a página do seu livro.

– Como assim?

– Você não pode visitá-lo.

Pego o livro que Rhys está olhando com tanto afinco em vez de olhar para mim.

Ele me encara, ajeitando os óculos. Cillian está perceptivelmente silencioso, recostado no seu canto e virando as páginas de um bestiário demoníaco com um pouco mais de força do que o necessário.

Rhys ajeita a jaqueta de lã grossa na cintura, abotoando-a e desabotoando-a nervosamente. Sempre me surpreendo quando o encontro de pijama e vejo que não é de lã também.

– O que eu quero dizer é que sua mãe nos instruiu especificamente para manter o Leo isolado.

– De mim?

– Lógico.

– Da última vez que conversamos, você e eu decidimos assumir o Conselho de Guardiões. Nós não seguimos mais as regras dele.

– Não é o Conselho. É a sua mãe. E… eu concordo com ela.

Eu me afasto como se ele tivesse me batido.

– Que papo é esse, Rhys? Por que ficou tão anti-Leo de repente? Foi você que ajudou quando ele tentou me sequestrar pra me afastar da mãe dele!

Cillian fecha o livro com força.

– Concordo com Nina. Ela merece respostas.

– Às vezes as pessoas procuram respostas nos lugares errados! – rebate Rhys. – Ou se recusam a encontrar as respostas *certas* porque elas podem machucar!

– Às vezes as pessoas não querem te ajudar a encontrar respostas porque elas estão sendo egoístas e acham que sabem mais do que você de quê você precisa!

– Às vezes os pais de outras pessoas estão mortos e elas não podem nem falar com eles de novo, então desculpe se elas pensam que seu namorado deveria falar com a própria mãe em vez de ficar consultando textos de guardiões para resolver o que parece ser um problema de família!

– Às vezes você devia ir cuidar da própria vida!

– Chega! Não vou pesquisar coisa nenhuma até você parar de fazer bico e ir falar com a sua mãe!

Posso sentir minha raiva aumentando e não tenho tempo para lidar com a vontade de matar alguém – principalmente dois dos meus melhores amigos.

– Dá pra recuperar o foco?

– Não! – eles gritam juntos, se virando para mim.

Rhys se recompõe primeiro, voltando a olhar para seu livro.

– Nina, Leo deixou a mãe dele vir para cá sabendo que ela era um demônio. Permitiu que se alimentasse da gente. E sim, ele ajudou no final, mas não acho que isso limpa a barra dele. No dia em que contou a verdade eu só o ajudei para poder ajudar você. E agora *não vou* ajudar você, porque essa é a única forma que eu sei de te ajudar. Leo é roubada. Você não tem sido a mesma desde que ele “morreu”. Podemos fingir que não é assim, mas é a verdade. Não

quero nem ver como você vai mudar agora que ele voltou. Ficaremos todos em uma situação melhor quando ele melhorar e pudermos nos livrar dele para sempre.

– Você sabe que fazer isso não vai resolver as coisas. Temos que enfrentar nossos problemas. Fingir que eles não existem quando obviamente existem foi o que deixou os guardiões na situação atual. Num buraco. Acabados. Não vou fingir que Leo não está aqui nem esperar que melhore e vá embora. Ele é um de nós, Rhys. Se o seu pai fosse um demônio, eu não abandonaria você. Se a mãe de Cillian estiver envolvida com algo ruim, nós não vamos deixá-lo na mão.

– Isso é irrelevante.

– É totalmente relevante!

– Você não teve que assistir a si mesma sofrer por vários meses! Ele te machucou e agora está de volta e não vou deixá-lo te machucar de novo!

Eu rio sem humor.

– Eu não tive que me ver sofrer? Eu me *senti* sofrendo. Eu tive que viver com isso. Você não sabe o que é melhor pra mim.

Rhys ajusta seus óculos outra vez.

– Já tomei minha decisão. Existe um motivo para caçadoras terem guardiões. Às vezes alguém menos próximo do problema precisa fazer as escolhas difíceis.

Cillian deixa seu livro cair no chão. É o equivalente a ter estapeado Rhys, que olha aterrorizado enquanto Cillian se recosta, cruzando os braços.

– Talvez algumas pessoas precisem decidir por si mesmas o que pode ajudá-las. – Então, vagarosamente, ele apoia o pé em cima do

livro como se fosse um banquinho.

Rhys se levanta, falando com raiva.

– Saiam da minha biblioteca!

– Com prazer! Nina, vamos embora.

– Aonde vocês vão? – Rhys quer saber.

– Por que não pesquisa nos seus livros para descobrir?

Eu sigo Cillian. Tenho que descobrir por conta própria onde enfiaram Leo e estou irritada com todo mundo nessa porcaria de castelo por acharem que sabem do que eu preciso melhor do que eu. Quase damos um encontrão em Jade. Basta uma olhada no seu rosto para ver que ela está tão acabada quanto nós, pelo menos emocionalmente.

– Venha, é sempre melhor sofrer acompanhado – diz Cillian, apontando para a enorme porta da frente. – Vamos sair.

Jade nunca perde uma chance de dormir – ela passa a maior parte das tardes cochilando. Então fico surpresa quando estremece e concorda.

– É. Eu quero ir.

Jessi espia pela porta da sala de treinamento.

– Aonde vocês vão?

– Dar uma volta. Quer vir?

– Sim, eu adoraria sair e deixar três crianças sozinhas para prepararem o jantar, se banharem e se colocarem na cama com uma história e um beijo. Fala sério. Se eu ainda tivesse algum poder, você ia ver… – Ela bate a porta.

– Até prefiro que ela tenha recusado – diz Cillian.

– É, eu também. – Passo meu braço no dele e saímos do castelo. Alguém está à espreita depois da porta e eu pego uma estaca imediatamente.

– Vai ter um monte de sangue pra limpar se você enfiar isso em mim. – Maricruz se afasta do recuo sombrio da escada do castelo. – Estava precisando de ar fresco. Imagino que seja permitido.

Taylor, sua sombra loira, não está em nenhum lugar.

– Venha com a gente – diz Jade.

– Estou encrencada?

Cillian parece determinado.

– Ainda não, mas a noite é uma criança.

O carro está onde o estacionamos, fora da garagem. Estou com meu celular e sem ter o que fazer até Artemis retornar minha ligação. Talvez seja melhor matar algum tempo mesmo. Jogo as chaves para Cillian. Ele dá a partida e pegamos a estrada. Ele faz um péssimo trabalho estacionando nos paralelepípedos em frente à sua loja, mas isso é Shancoom. Trânsito por aqui é algo saído de um conto de fadas – distante e fantasioso.

Ele destranca a loja e entramos. Adoro esse lugar. Costumava ser uma loja de produtos mágicos, mas quando a magia morreu e a mãe de Cillian foi embora, ele precisou dar um jeito de ganhar dinheiro e a transformou numa loja de bebidas e doces. Shancoom recebe um número moderado de turistas, então ele vende só o suficiente para pagar as contas da casa.

– Ah! Eu tenho cinquenta mil libras! – O fato de quase ter esquecido só mostra quanta coisa tem acontecido recentemente. Oz levou a mochila para dentro antes de ir embora e eu a larguei na sala de

treinamento. Não contei à minha mãe, sentindo que estar com o dinheiro de um homem recém-assassinado não seria a melhor prova da minha inocência.

– Então por que estamos na loja de bebidas de Cillian e não em uma ilha tropical? – Jade aponta para seu casaco pesado. – Eu fico super bem de biquíni! Eu acho. Nunca tive um, na verdade.

– Roupas de banho não fazem parte do uniforme padrão dos guardiões? – pergunta Cillian, tirando várias garrafas de Coca-Cola da geladeira e as abrindo. Ele também pega uma *root beer*, que mantém na loja só para mim porque ninguém nesse país aprecia o delicioso sabor americano.

– É que biquínis não são feitos de lã – eu bufo, imaginando Rhys em shorts de praia de tricô. Cillian deve estar fazendo o mesmo porque se acaba de rir.

– Em vez de um terno de três peças, ele vestiria uma roupa de mergulho de três peças.

Cillian fica com falta de ar e eu me apoio no balcão, segurando a barriga.

– Vocês dois são ridículos. – Jade dá um longo gole na sua bebida. Seus olhos estão pesadamente delineados em azul-turquesa, talvez para distrair das olheiras embaixo deles. Ela parece acabada. – Agora é sério. Onde você conseguiu cinquenta mil libras e o que vai fazer com isso?

– Pergunto o mesmo. – Maricruz se senta no balcão e olha ao redor.

– Peguei de um cara rico que morreu depois que venci sua caçada. E vou usar para financiar o Santuário nos próximos meses até descobrirmos um jeito de gerar mais receita.

– Bem, isso é… responsável da sua parte, eu acho. – Maricruz bate suas unhas pretas na garrafa de Coca-Cola, então seu rosto se

alegra e ela ergue uma sobrancelha. – Responsável demais. Eu já volto. – Ela sai da loja. Cillian, Jade e eu nos entreolhamos sem entender, depois continuamos a projetar a roupa de banho ideal de Rhys. Fico verificando meu celular o tempo inteiro, mas a tela continua vazia.

Maricruz reaparece com uma bolsa que tilinta ameaçadoramente.

– Adivinha quem se lembrou de que a idade mínima para consumir bebidas alcóolicas é menor nesse país? – Ela pega uma garrafa de uísque e uma garrafa de absinto.

– Absinto? – eu pergunto.

– Nem pensar! – Jade pega a garrafa e a ergue, examinando-a. – Era o favorito do meu coven. – Ela passou vários meses infiltrada em um coven subcontratado por Buffy na época em que Buffy liderava um exército de caçadoras pelo mundo. Ele se desfez quando a magia morreu. – Absinto é horrível, mas meio que sinto falta. Delas também. Era legal, sabe? Ter um propósito.

– Espionar a Buffy? – pergunto.

– Você espionava a Buffy? – Maricruz parece menos alarmada que curiosa.

Jade afasta o cabelo do rosto, depois coloca três copos em cima do balcão.

– Sim, mas também fazia parte do coven. Fazíamos todo tipo de coisa. Eu realmente curtia. Era como ter irmãs.

– Irmãs são superestimadas. – Faço uma careta para o meu copo enquanto Jade o enche com um pouco de uísque e depois acrescenta Coca-Cola para diluir.

– Amém – resmunga Maricruz.

– Um brinde a porcarias de famílias, pais mortos, mães ausentes e irmãs perdidas – diz Cillian, erguendo o corpo.

Todos brindamos. O uísque queima e nem essa quantidade toda de refri pode disfarçar o gosto. Mas bebo mesmo assim. Uma hora depois, estamos deitados no chão de uma praça, com as cabeças apoiadas nas barrigas uns dos outros. Estou com o celular equilibrado na testa, tentando fazê-lo tocar com o poder da mente.

– Coisa nenhuma – diz Cillian. – Joana d'Arc não foi uma caçadora.

– Claro que foi! – Gesticulo agressivamente, derramando metade da bebida no meu braço. O celular escorrega e bate no chão. – O Cerco de Orléans na verdade foi um cerco de vampiros. Foi um dos poucos exércitos organizados de vampiros conhecidos na história. Geralmente eles são solitários, mas tinham um líder muito carismático que viu na revolta uma oportunidade de levar ao poder reis e governantes simpatizantes dos vampiros e que deixariam suas atividades passarem despercebidas. Orléans tinha um posto avançado de guardiões e eles queriam queimá-lo. Um dos guardiões era um conselheiro do regente francês, que os vampiros esperavam transformar. Mas eles sabiam que primeiro precisariam se livrar dos guardiões locais.

– Você está mentindo.

– Não está. – Jade ergue as duas mãos no ar e admira suas unhas. – Temos uma série de livros sobre isso. Os guardiões estiveram seriamente envolvidos na Guerra dos Cem Anos e na Guerra das Duas Rosas. Ricardo III era meio demônio.

– Não pode ser!

– Sim. Por isso sua estrutura óssea era tão esquisita.

– Vocês são muito nerds – diz Maricruz num tom de devaneio.

– Retomando – eu digo –, Joana era uma caçadora. Mas nunca esbarrei com ela nos meus sonhos. Preciso dar uma procurada. Só que meus sonhos andam meio quebrados recentemente.

– Aos sonhos quebrados! – Jade pega seu copo e o ergue no ar.

– Seus sonhos de caçadora andam funcionando? – pergunto a Maricruz.

– Eu não gosto de sonhar.

Cillian nos interrompe.

– Então a rainha chegou a ter seu próprio guardião para aconselhá-la em caso de ameaças sobrenaturais?

Jade vira a cabeça apoiada na minha barriga e dá uma piscadinha lenta para mim.

– Claro.

Eu continuo.

– Por séculos. A Rainha Elizabeth teve um caso com o dela. Foi um baita escândalo.

– Não!

– Uhum. – Jade pausa. – Embora ele obviamente não tenha gerado o Charles, que é todo do Phillip. O que significa que minha quedinha pelo príncipe Harry não é nem um pouco incestuosa.

Eu assinto com a cabeça.

– Um ponto importante.

Maricruz estreita os olhos.

– Espera aí, ele foi seu…

– Meu tataravô ou algo parecido. – Jade dá de ombros, casualmente.

Eu continuo.

– Então, o tataravô dela saiu, mas eles colocaram outro guardião para substituí-lo. Era um cargo de muito prestígio. O guardião da rainha possuía um número para as forças da realeza poderem falar sobre ele sem entregar qual era o seu cargo. Alguns números possuem significado mágico. Esse era um símbolo do infinito seguido de um sete.

Jade se esforça para manter a voz séria.

– Eles o chamavam de zero zero sete para simplificar.

Cillian se senta abruptamente, tirando minha cabeça do seu abdômen.

– Mas nem ferrando. Guardiões eram 007? Guardiões? Isso é sério?

Eu me reclino para trás, apoiada nos cotovelos.

– Bem, sim. A maioria das coisas é real. Pessoas comuns ouvem rumores aqui e ali e criam histórias. Mitos. Romances de espionagem.

Maricruz contrai os lábios; suas bochechas estão ficando cada vez mais escuras com o esforço de conter uma risada. Olho para ela ligeira e ela assente discretamente. Já entendeu, mas não vai estragar a brincadeira.

– Mas Ian Fleming entendeu quase tudo errado. – Jade também se senta e aproveita para se servir mais um drinque. – Zero zero sete não estava lidando com russos e espiões, mas protegendo a rainha de uma ordem de vampiros que planejava usá-la em um sacrifício

para acabar com o sol e trazer a escuridão eterna para poderem devastar a Terra quando quisessem.

Os olhos escuros de Cillian são quase círculos de tão arregalados. Ele balança a cabeça.

– Não dá pra acreditar.

– Não deveria mesmo – eu digo, finalmente me entregando.

Jade gargalha.

– Nada disso é verdade.

Maricruz joga a cabeça para trás enquanto ri, mas não faço ideia de como ela sabia que estávamos mentindo.

– Vocês são muito toscas! – Cillian pega um punhado de batatas fritas de uma tigela e joga em nós.

– Mas a parte da Joana d'Arc era verdade! – eu digo.

– Como se eu fosse acreditar em alguma coisa que saia da sua boca.

– Zero zero sete! – Jade ri até cair. Também não consigo parar.

Cillian finalmente se junta a nós.

– *Com 007 só se vive duas vezes* obviamente era sobre vampiros.

Maricruz bate palmas.

– *007, serviço sobrenatural de sua majestade*.

– *O guardião que me amava*. – Rio até meu estômago doer e lágrimas escorrerem por meu rosto.

Jade também, até eu perceber que ela parou de chorar de tanto rir e está chorando de verdade. Viro-me de lado para ela.

– O que foi?

Ela leva algumas respirações para se acalmar.

– Acho que realmente gosto do Doug – diz finalmente. – Não só por causa da geleca da felicidade. Ele é tão divertido e gentil. E tem os olhos mais bonitos que já vi. Mas eu estraguei tudo e queria voltar atrás. Eu costumava saber um feitiço para isso, mas ele não vai funcionar agora, então está tudo terminado e é minha culpa e não há nada que eu possa fazer.

– Nunca podemos voltar atrás. – Maricruz parece assombrada por alguma lembrança.

– Você e a coisinha estão juntas? – pergunta Jade, fungando.

– Taylor? Não. Ela é minha amiga. E é o motivo de eu ter me escondido do lado de fora. Eu amo ela. Faria qualquer coisa por ela. *Tenho feito.* Mas, às vezes, é demais, sabe? Fico esperando que melhore e ela não melhora. E sempre vou amá-la e estar lá para ajudá-la, mas estou cansada. E não posso deixar ela saber que estou cansada porque isso a magoaria e eu não quero ser a pessoa a magoá-la.

Cillian aperta a mão dela.

– Você é uma boa amiga. Como foi parar no exército da Buffy? Por que saiu de Nova York?

Ela respira fundo.

– Existem muitos tipos de monstros. Não quero falar sobre isso. Eu não voltaria mesmo se pudesse.

Jade ainda está chorando. Cillian se senta e a puxa para cima, apoiando a cabeça dela em sua perna. Ele acaricia o cabelo dela

gentilmente.

– Às vezes eu queria que o mundo não tivesse mudado. Que a magia não tivesse sumido, que minha mãe não tivesse ido atrás dela. Mas assim eu nunca saberia a verdade a respeito de vocês… nem teria me aproximado do meu namorado. Rhys é o cara certo para mim. Sei que é. Mas às vezes ele é tão rígido que é como se desparecesse por trás dos seus óculos e livros e daí eu não sei como chegar até ele.

– Ele foi criado assim – eu digo. Minhas lágrimas também são reais agora. – Ninguém nos ensinou a ter relacionamentos saudáveis. – Eu fungo de um modo nada atraente. – Meu ex que poderia ter sido um namorado ficou com um calhorda predatório em vez de pedir ajuda para nós. E agora que não está mais morto, talvez esteja morrendo.

Jade ainda está chorando, mas também engasga numa risada.

– Um brinde. Essa você venceu.

Cillian concorda com a cabeça, erguendo seu copo vazio. Maricruz não olha para cima. Eu encosto meu copo no de Cillian.

– Parabéns pra mim.

Como se estivesse esperando o momento certo, meu celular toca. Tento pegá-lo na pressa, pensando ser Artemis, mas é uma mensagem irritada de Rhys, exigindo saber onde estamos. Eu respondo.

– Bêbados na loja de bebidas – resmungo em voz alta, apertando os olhos para a tela. – Sem condições de dirigir. Venha nos pegar.

VOCÊS QUE SE VIREM é a resposta.

– Pelo visto vamos voltar andando. – Eu me levanto, minha perna levemente dormente após ficar apoiada no chão duro de linóleo.

Então, os sinos da porta soam e a mãe de Cillian nos observa com as mãos na cintura.

– Um de vocês não tem idade para beber. – Ela me olha com desaprovação e sinto meu rosto enrubescer. Uma parte da minha educação de guardiã que não consegui superar é a absoluta vergonha que sinto em quebrar qualquer regra. Vivíamos de acordo com nossas regras e frequentemente morríamos se elas não fossem seguidas.

Deixo a cabeça pender.

– Desculpa.

– Não vou contar para sua mãe se me prometer que isso não vai se repetir.

– Ah, cai fora – resmunga Cillian.

Sua mãe parece crescer, transformando as tranças amarradas em volta da cabeça em uma coroa terrível de poder e autoridade.

– *O quê disse, mocinho?*

– Pode nos dar uma carona de volta até o castelo? – pergunta Jade, soluçando. – Estamos todos bêbados.

Eu a empurro, mas estou embriagada e desatenta a coisas como minha força extra e ela vai parar lá no balcão.

– Desculpa!

– Cacete – ela reclama, olhando para mim e esfregando o quadril. Maricruz a ajuda a se endireitar.

– Bem. Não aprovo a bebedeira, mas estou feliz que tiveram o bom senso de não tentar dirigir. Vou dar uma carona para vocês. – Ela espera enquanto saímos e *Cillian* apaga as luzes e tranca tudo.

– Gosto do que fez na loja – diz ela.

O silêncio dele é mais agressivo do que meu empurrão em Jade. Quando chegamos ao castelo, ele desce do carro.

– Não vem pra casa? – sua mãe pergunta.

Ele não responde enquanto segue a passos largos na direção da porta da frente. Maricruz e Jade o seguem, acenando. Esther desliga o motor e desce. Sua voz sai baixa e triste.

– Vou voltar andando. Fique com as chaves.

– Ele está com raiva – eu digo.

– Eu sei.

– Você devia conversar com ele.

– Eu sei.

– Minha mãe nunca conversou comigo.

Ela estende o braço e toca minha bochecha com a mão macia e quente.

– A maternidade é muito mais complicada do que podem imaginar.

– Então simplifique. Precisamos saber o que é o quebra-cabeça triangular. Mesmo se a lembrança for magoar você.

– Mas e se magoar Cillian? – Ela observa o filho se afastando com um olhar que não sei interpretar.

– Eu vou protegê-lo.

– Deixe-o longe disso. Se quiser saber mais, venha falar comigo. Mas sem Cillian. Os adoradores do Adormecido existem há séculos,

não vão a lugar nenhum. Mas diga a Cillian o que for preciso para deixá-lo fora disso. Está bem?

Não sei porque ela precisa deixá-lo de fora, mas a intensidade e o desespero do seu pedido me compadecem. E Adormecido é um nome que eu não tinha escutado até então. Talvez baste para descobrirmos informações mesmo se Artemis não retornar minha ligação.

– Está bem. Vou lá falar com você amanhã de tarde. – Tenho reuniões no castelo pela manhã e ainda preciso visitar Leo.

Ela assente e caminha em direção ao bosque.

Alcanço os outros, dou boa-noite para Maricruz e ajudo uma Jade cambaleante a entrar no quarto, depois sigo com Cillian até o meu. Eu me jogo na cama e fecho os olhos com força. Tenho tanta coisa na cabeça agora. Tantas perguntas e problemas.

O que eu preciso é de um guardião. Devia ser Leo. Era para eu poder jogar toda essa loucura para cima dele e me concentrar no que é importante, a parte da pancadaria. Mas, pelo visto, nem falar com ele eu posso.

Ter energia de caçadora significa que a maior parte do álcool já deixou meu corpo. Não me parece exatamente um efeito colateral justo. Se alguém devia poder se embriagar de vez em quando, são as caçadoras. Mas, conforme o efeito passa, eu me dou conta exatamente de onde Leo está. O que significa que vou falar com ele amanhã.

Caio no sono ouvindo meu celular tocar e tocar e falhando em me conectar com Artemis.

# Capítulo 19

CHAO-AHN ESTÁ NO SEU CORREDOR CARTUNESCO DE HORRORES, ME esperando.

– Eu não quero nenhum sorvete.

– Você está sempre fora. Não conversa comigo. – Ela bate em mim com uma colher.

– Isso não é uma festa do pijama! Vocês três podem ficar pelo tempo que quiserem. Nós vamos protegê-las. Mas eu estou passando por muita coisa no momento.

Ela murmura algo em cantonês que soa como um xingamento, mesmo que eu não entenda as palavras. Eu pego a caixa de sorvete e a enfio na boca.

– Feliz? – balbucio de boca cheia.

Ela sacode a cabeça.

– Seria mais fácil se estivéssemos acordadas.

– E diminuiria a chance de ela enfiar uma estaca na gente. – Eu aponto para Sineya, perambulando nas margens do sonho.

– Ela nunca me espeta com estacas. Gosta de mim.

– Parabéns. – Eu a cumprimento com minha colher. – Tem visto a Buffy por aí? Não esbarro com ela faz um tempo.

Chao-Ahn fecha a cara.

– Não.

– Tá. Tanto faz. Eu resolvo isso sozinha. – Passo o resto do sonho sentada lá comendo sorvete, enquanto Sineya enfia repetidamente uma estaca em minhas costas e Chao-Ahn ergue as mãos em desespero.

No café da manhã, é evidente que Chan-Ahn se lembra do sonho com clareza. Ela me olha do outro lado da sala durante a refeição inteira.

Cillian esfrega a cabeça, seu cabelo curto inabalável. Ele parece acabado. Passo um frasco de anti-inflamatório para ele. Preciso me esforçar para não olhar fixamente para a despensa e deixar transparecer que já sei onde Leo está. Ficou bastante óbvio assim que pensei no assunto. Não o colocariam nos dormitórios onde fico, nem na ala do Conselho, conectada com passagens secretas. Só restava o único lugar no castelo do qual todo mundo quer me manter longe por outras razões, mais precisamente minha falta de talento para cozinhar.

– Algum problema? – pergunta Chan-Ahn, sentando-se no banco na minha frente.

– Por onde eu começo? – resmunga Jade, largada no meu outro lado. Passo o anti-inflamatório para ela. Eu me sinto bem. Um viva aos poderes de caçadora.

Cillian aponta a colher na direção dela.

– Escuta aqui.

– Não, ela tem razão. – Dou uns tapinhas no ombro de Jade. Ela se contorce como se o toque leve causasse dor.

– Alguém viu o Doug? – Ela se endireita, olhando esperançosa ao redor da sala. – Preciso falar com ele.

Mudo de assunto. Sinto por Jade, mas também sou amiga de Doug. E se ele quer pular fora do relacionamento, ela precisa superar o

quanto antes. Será o melhor para os dois.

– Recebi o cronograma de Rhys para hoje… enfiado por baixo da minha porta, acho que ele está furioso. Essa manhã vou apresentar o castelo às novas caçadoras e mostrar suas posições de defesa e contenção. – Isso me deixa com a tarde livre para visitar a mãe de Cillian. Ainda não parei de tentar falar com Artemis também, mas pelo visto não terei sucesso com isso tão cedo. E, em algum momento, vou ter que entrar nas despensas para conversar com Leo.

– O quê? – grita Taylor, derrubando sua bandeja com um estrondo atrás de mim. – Defesa do castelo? Pensei que esse lugar fosse seguro!

Jade se levanta.

– Claramente *alguém* nunca pesquisou a história dos guardiões. Vou fazer bombas no paiol, então não se esqueça de bater. Se vir Doug por aí, diga que eu quero falar com ele.

– Ela acabou de dizer que está fazendo bombas? – Cillian observa Jade ir embora com olhos arregalados e preocupados.

– Todo mundo aqui tá muito chapado? – Maricruz senta no lugar de Jade. – Porque, se for o caso, é falta de educação não compartilhar. – Ela cutuca o braço de Taylor e a força a se sentar também. – Qual a programação de hoje?

Passo as informações básicas. Elas não caem muito bem. Cillian se junta a nós para explicar o procedimento de contenção. Taylor puxa a ponta do seu rabo de cavalo loiro, com o rosto corado e a respiração acelerando. Ela está à beira de um ataque de pânico. Tenho alguns medicamentos para ajudar a acalmá-la no meu centro médico, e até uns florais para uma opção mais natural. Acho que vou seguir por esse caminho com ela.

Esse lampejo da antiga Nina é como um soco no estômago e fecho os olhos. Tenho me sentido tão distante de mim mesma ultimamente. Mesmo agora, boa parte da minha mente está concentrada em meus outros planos, mas isso – encontrar alguém precisando de ajuda e oferecer essa ajuda – é exatamente o que eu queria fazer.

Flexiono os dedos, fechando o punho. Vou retomar o controle de tudo. Posso fazer isso. Sou forte o bastante, sei que sou. Vou consertar toda essa situação. Vou falar com Leo e entender meus sentimentos. Vou falar com a mãe de Cillian e obter informações. E vou falar com Artemis e recuperar aquele livro e talvez, quem sabe, trazê-la de volta também.

Cillian terminou de passar as explicações para elas. Estou impressionada. Ele realmente se esforçou para ser parte do castelo. Taylor, porém, está tremendo como vara verde.

– Espera, por que uma parte tão grande da defesa do castelo gira em torno de defender um demônio? Se alguém vier aqui querendo só esse tal de Doug, por que iríamos nos arriscar para protegê-lo?

Criamos esse plano de defesa específico supondo que, em algum momento, Sean vai tentar recuperar sua fonte de dinheiro.

– Doug se arriscou na casa de Vol Alston para que eu pudesse ajudar vocês. Eu jamais vou trair Doug, assim como jamais entregaria *vocês* para alguém. Vou lutar até a morte por vocês e por ele. Se não consegue aceitar isso, é só ir embora. – A frase sai mais dura do que eu pretendia. Respiro fundo. – Vocês não precisam lutar. Eu não pediria isso. Aqui, sempre têm escolha. – É a única coisa que posso oferecer a elas, a coisa negada a todas as caçadoras.

– Quais são nossas opções? – Os olhos grandes de Maricruz estão firmes, mas dá para perceber a tensão ao redor deles. Eu não faço ideia do que elas passaram lutando ao lado da Buffy. Só posso imaginar.

– Se realmente não quiserem ser parte disso, podem ir embora. Mas eu preferiria que ficassem.

– Talvez a gente ficasse mais segura – diz Taylor.

– Nós somos caçadoras – diz Chao-Ahn. – Nenhum lugar é mais seguro do que qual*quer* outro. Pelo menos aqui não estaremos sozinhas.

Eu assinto.

– Podemos deixá-las tomando conta dos pequenos. Os quartos deles ficam fora do caminho dos outros e não tem nada lá que alguém poderia querer. Além disso, vocês estarão com Jessi, e ela é mais assustadora do que qualquer coisa que possa nos atacar.

– A gente se esconderia? – Maricruz não parece estar mais feliz com essa opção. Posso perceber a tensão nela e sei perfeitamente o que está sentindo. Ela é uma caçadora. Mesmo quando ela não quer lutar, é difícil negar o instinto.

– Vocês *protegeriam*. Os pequenos e umas às outras.

Ela assente, relutante. Taylor ainda parece estar muito nervosa, então decido que nossa primeira parada no passeio será o centro médico, onde vou dar a ela alguns redutores naturais para ansiedade. Não tenho nada potente – não sou psiquiatra nem médica de verdade –, mas já é melhor do que nada.

O passeio demora demais. Mostro os pátios, evitando o galpão onde Jade está aparentemente fazendo bombas. Sempre me perguntei como ela seria se não estivesse dormindo o tempo inteiro, mas isso não estava na minha lista de possibilidades. Visitamos a sala de treinamento, onde Doug está matando tempo. É uma escolha inteligente se ele quer evitar Jade, que sempre manteve distância do centro de treinamento. Taylor não disfarça seu olhar. Mando-as para fora, mas Doug ergue a mão pedindo para eu esperar.

– Escutei o que ela disse hoje de manhã ao passar pela cozinha. E talvez ela tenha razão. Se a minha presença aumenta o perigo para todo mundo…

– Não. Você estar aqui é exatamente o motivo de tudo isso. Você não vai a lugar algum e ninguém vai te pegar. Jamais.

Doug concorda com a cabeça, fareja e então parece confuso.

– Por que… você está tão feliz de repente?

Eu não deveria estar. Tenho uma conversa iminente com Leo assim que puder deixar gente o suficiente para trás para encontrá-lo, comecei a mandar mensagens para Artemis porque talvez ela responda e ainda preciso visitar a mãe de Cillian para descobrir mais sobre esse vilão potencial. Mas na noite passada, quando estava bêbada, decidi usar parte dos meus fundos ilícitos para uma boa causa. Não posso mais manter isso em segredo.

– Adivinha o que vamos fazer no mês que vem?

Doug ergue um pedaço de pele rachada onde deveria existir uma sobrancelha.

– Inventário. Treinamento. Ensinar pequenos demônios roxos a usar o banheiro.

– Eca, não. Comprei ingressos para ver o Coldplay.

O som que ele faz não existe em nenhuma escala humana de notas. Ele corre até mim, me abraça e me gira em um círculo.

– Você não fez isso! Mentira!

Eu rio.

– Fiz sim. – Para provar a ele, a mim mesma e a todos os outros que estamos bem. Que somos normais. Nada de ruim vai acontecer

com nenhum de nós. Inclusive com o tonto do Leo. Comprei um ingresso para ele também.

– Mas onde você arrumou esse dinheiro?

– Von Alston está nos ajudando do além.

O sorriso de Doug é até melhor do que uma dose da sua felicidade artificial.

– Você é uma boa amiga, Nina. Seja lá o que nos uniu, o destino ou um objeto de poder demoníaco ou a sorte ou…

– Minha mãe?

– Ou sua mãe, fico feliz por isso. – Ele me abraça de novo e apoio a cabeça em seu ombro por alguns momentos. Se eu fosse uma pessoa ruim, se eu fosse errada por dentro, Doug saberia. Ele não seria meu amigo. Leo vai me dar respostas sobre o lado sombrio do meu poder e vamos achar uma solução e tudo vai ficar bem.

Volto para as caçadoras e apresento-as a Pelly.

Os pequenos demônios roxos são mais difíceis de rastrear, mas os encontramos por fim. Eles… não se dão muito bem. As caçadoras ficam claramente tensas perto da energia caótica dos três pequenos demônios. Apresso o grupo e vamos para a cozinha – onde a despensa me incomoda, só de saber que Leo está lá – e depois para os banheiros, a ala do Conselho, a ala do dormitório e, finalmente, as passagens secretas. Quando estão impressionadas o suficiente, eu as libero para explorarem por conta própria.

Já se passaram horas. Mando outra mensagem. A primeira dizia que eu tinha um acordo para ela. As mais recentes são pontos de interrogação e exclamação mais letras aleatórias para fazer seu celular vibrar com as notificações. E agora não consigo mais esperar para visitar Leo. Corro para a biblioteca para procurar minha

mãe, principalmente para saber onde ela vai estar quando eu estiver desafiando sua vontade.

Quando abro a porta, encontro-a com Rhys. Mas os dois parecem… nervosos. Culpados. Rhys fecha um livro com força. Eu me aproximo e olho para a capa.

– Por que está perdendo tempo lendo as profecias de Arcturius, aquele que só vê de longe?

– Só verificando uma coisa. – Rhys ajeita os óculos e desliza o livro para fora da mesa.

– Nem vem. Me conta. Por que estão lendo isso? – Não seria estranho se ele estivesse lendo qualquer outro livro, mas esse é pessoal.

Minha mãe apoia as mãos sobre a mesa, me olhando calma e friamente.

– Tínhamos algumas dúvidas sobre a última profecia.

– Essa já foi. Podemos cortá-la da lista. – Ela falava de Artemis e de mim, sobre como uma de nós quebraria o mundo e a outra iria consertá-lo. Mas já impedimos a formação da boca do inferno.

– Ela não bate muito – diz Rhys.

– Como assim?

– Os detalhes da profecia e o que vocês fizeram. Por exemplo, Artemis não contribuiu muito para impedir a boca do inferno de Eve.

– Sim, mas eu perdi meus poderes por ter protegido Artemis, o que nos levou à parte da quebra. E depois veio a cura, quando eu fechei a boca do inferno com o demônio rêmora.

Estou bastante famirializada com o barulho feito por Rhys: um murmúrio baixo que significa *isso não está certo, mas não quero*

*discutir, então não vou corrigir você.* Eu o ouvi várias e várias vezes durante nossos anos estudando juntos.

Minha mãe está com sua cara de guardiã – perfeitamente calma e controlada enquanto passa informações brutalmente perturbadoras.

– Achamos melhor verificar se não estamos deixando passar nada vital.

Jogo as mãos para o alto.

– Nós não temos tempo para um apocalipse. Ele vai ter que ser remarcado para um mês em que eu não estiver tentando acomodar três novas caçadoras e ficar de olho em Sean e no que quer que seus novos comparsas estejam tramando. Talvez seja bom agendar para maio. Parece uma boa atividade para a primavera.

– Ninguém disse nada sobre outro apocalipse – retruca minha mãe, sua boca se torcendo com um sorrisinho. – Mas concordo que a primavera seja uma ótima estação para apocalipses. Pensando bem, a maioria dos quase apocalipses na história recente aconteceram em maio. – Ela franze a testa, pensativa. – Me pergunto qual seria o motivo.

Dou de ombros.

– É tipo alergia de estação. A Terra tentando se espirrar para fora da existência. De qualquer modo, as caçadoras agora fazem parte dos nossos planos e rodízio de tarefas. Arcturius é baixa prioridade. – Eu quero que seja. Preciso que seja. Não posso me preocupar com outra coisa. – Já pesquisaram cambions para ajudarmos Leo?

Rhys me encara.

– Deixa que a gente se preocupa com Leo. Você não precisa.

– Venha comigo, Nina. – Minha mãe se levanta e com um gesto pede para eu segui-la para fora da biblioteca. Assim que chegamos

ao corredor, ela para e se vira para mim. – Eu mudei de ideia. Acho que você devia falar com Leo.

– Sério?

– Ele é importante para você. Sempre foi. E com Artemis… bem. Eu nunca conversei com ela quando podia e agora ela se foi. Tenho me sentindo muito culpada por deixar as pessoas com quem me importo se afastarem porque estava com raiva ou com medo. Não quero ver você repetindo os meus erros. Vá lá falar com Leo.

– É sério mesmo?

Ela sorri. Um sorriso triste, mas forte. Exatamente como ela.

– Eu daria qualquer coisa por uma chance de falar com o amor da minha vida outra vez. Não estou dizendo que Leo seja o seu, você é muito nova para já ter encontrado o amor de uma vida inteira, mas nunca se sabe o que vai acontecer. Diga o que tem vontade. Guardar coisas para si é o que guardiões fazem, e você não é uma guardiã. – Ela toca a minha bochecha. Não parece a mão de Esther. É mais fria, e o toque não parece tão natural. Mas eu aprecio o esforço da minha mãe de pensar em um gesto de conforto e colocá-lo em prática.

– Tá bom, tá bom – eu resmungo, mas sorrio para ela. – Na despensa?

– Como você sabe?

– É meio óbvio. Eu também esconderia algo de mim lá.

Ela faz uma careta.

– Bem, imagino que não faça diferença. Vá em frente.

Vou a passos largos para a cozinha e paro do lado de fora da despensa, respirando fundo. Hora de falar com meu não-tão-morto não-namorado.

# Artemis

– TEM CERTEZA, MEU AMOR?

Honora está se inclinando para perto do espelho, aplicando delineador com uma mão firme. É fascinante observá-la manusear esmalte de unha e maquiagem com a mesma eficiência com que verifica e carrega suas armas.

Artemis baixa seu celular. Parece uma bomba. Ela só não a detonou ainda.

– Tenho. Faremos o menor dano possível. Mas precisa ser feito.

– Mesmo?

Artemis suspira e olha para a arma que está carregando com todo o cuidado.

– Se não fizermos, alguém fará. Se não for hoje por causa desse demônio, será na semana seguinte por causa de outro. É só uma questão de tempo. Pelo menos, dessa forma, podemos salvá-los deles mesmos. Não vamos matar ninguém. Nem vamos machucá-los, se pudermos evitar.

– Já lutei contra a sua irmã antes. Ela não vai tomar cuidado para não me machucar.

– Eu sei. – Artemis odeia o quanto Nina odeia Honora. É injusto e egoísta da parte da irmã. Mas ela tem um plano para lidar com isso. Tem um plano para tudo. Só não foi capaz de enviar a mensagem ainda. – Não se preocupe. Vou eliminar a fonte potencial de maior dano antes mesmo de chegarmos lá.

– Você quer matar a Nina? Nunca fui com cara dela, mas ainda assim. Pesado. –Honora está sorrindo manhosamente.

Artemis revira os olhos e pega seu celular. Tem duas ligações para fazer. Essa é a fácil. Ela já tem o argumento todo preparado. Por que precisa acontecer desse jeito. Por que elas precisam pegar quem elas vão pegar. Imogen atende no terceiro toque.

– Santuário, aqui é Imogen falando, com que ramal deseja falar? – Sua voz tem um tom divertido.

– Sou eu.

– Eu sei. O que foi?

– Você tem algo que nós queremos. Alguém. – Artemis respira fundo, pronta para começar a argumentação.

– Demorou. O que precisa que eu faça?

– Hein?

– Do que você precisa? Eles estão vigiando tudo de perto. Eu poderia drogar todo mundo, mas não posso garantir que todos comam a mesma coisa. Também vai ser difícil estipular o quanto será necessário para derrubar as caçadoras.

– Espera, caçadoras… no plural?

– É, mas as três novas são bem fraquinhas. Nem contam. Escute, você tem uma caneta? Vou detalhar onde todos os humanos vão estar em caso de uma contenção. Assim, você sabe quais lugares evitar. Mas não sei ao certo onde o seu alvo vai estar, infelizmente.

– Podemos lidar com isso. – Artemis gesticula pedindo um bloco e uma caneta, e Honora vasculha uma gaveta e volta com eles.

– Mas primeiro você vai precisar tirar Nina do seu caminho.

– Já pensei num jeito. – O que ela está fazendo é imperdoável, mas pelo menos Nina estará fora de lá. Estará segura. E, mais do que

isso, não vai estar presente para ver o que vai acontecer. Quem está fazendo isso. E quem ela está perdendo.

É a melhor solução – para todos. Artemis anota com atenção enquanto Imogen dá detalhes sobre os procedimentos de contenção do castelo, suas defesas e as áreas em que Artemis precisará instruir suas forças mais letais a evitar.

Quando consegue informações o suficiente, ela baixa a caneta.

– Obrigada, Imogen. Ei. Por que você ficou aí? – Ela nunca conheceu Imogen além de uma comiseração ocasional enquanto elas faziam as piores tarefas que o castelo tinha para oferecer. Mas Imogen tinha tantos motivos para ir embora quanto ela, se não mais.

– Consegui um emprego. Tenho que persistir nele. Você entende. E aí, Nina. – A voz de Imogen muda, assumindo o tom mais familiar e doce que ela usava no castelo. Artemis congela, como se sua gêmea pudesse, de alguma maneira, sentir sua presença do outro lado da linha. – Perfeito, parece ótimo! Acho que essa troca de mercadorias vai beneficiar todo mundo. Mal posso esperar pelas galinhas. – A ligação cai.

Artemis é tomada por uma súbita vontade de ligar para a irmã e contar toda a verdade. Revelar tudo. Evitar essa tremenda confusão. Mas isso não iria ajudá-las, no fim das contas. Artemis precisava fazer as escolhas difíceis.

– Chame o pelotão – ela diz para Honora. – Temos um plano.

– Sem fatalidades – determina Honora, com a voz firme. Ela não tinha dito nada a respeito da morte de Von Alston, mas continua lavando as mãos. – Não vamos matar nenhum humano. – Sua voz se suaviza. – E temos que dar a ele uma chance de decidir, está bem? Podemos deixar claras as consequências, mas a decisão precisa ser dele.

– E se ele disser não?

– Então, nós vamos pensar em uma outra forma de fazer isso. Me prometa, meu amor.

– Eu prometo. – É a primeira vez que Artemis mente para a garota que ama. Mais um item para a lista cada vez mais pesada de sacrifícios aceitáveis. Ela segura o celular e olha para uma série de pontuações sem sentido mandadas por Nina. Está quase na hora de fazer a ligação que vai quebrar sua irmã.

# Capítulo 20

O CASTELO TEM MUITAS CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS esquisitas. Não foi projetado para ser usado pelos guardiões como uma espécie de acampamento de verão para novatos, então, eles precisaram se virar com o que havia disponível. O refeitório tem tetos altos e pedras expostas em contraste com mesas compridas e lascadas de fórmica em estilo piquenique. A cozinha foi totalmente refeita. Porém, não havia espaço para despensas ou armários. Sendo assim, eles converteram os três aposentos seguintes.

Eu tento abrir a porta das despensas. Está trancada. Minha mãe não deve ter deixado mais ninguém saber que eu iria visitar Leo. Não sou a única a quebrar regras na família.

Fico de pé junto à porta por vários minutos. Ainda não cheguei a uma conclusão sobre como devo me sentir em relação a Leo. Mas *preciso* falar com ele. Eu não matei Von Alston, mas… poderia ter matado. E sinto que Leo é a única pessoa capaz de me ajudar a entender o motivo.

Ter as outras caçadoras por aqui me fez perceber que ainda me sinto isolada. Diferente. Não sei se é meu histórico de guardiã ou se, de alguma forma, o poder dentro de mim é errado. Sem falar que Chao-Ahn já parece estranhamente receosa em relação a mim. Não quero conversar com ela sobre todos os meus impulsos homicidas.

Torço a maçaneta até ela quebrar e abro a porta. A primeira despensa me leva até a porta seguinte e a próxima despensa. Essa está cheia de cereal, massas, pão, enlatados e Imogen.

– E aí, Nina – ela diz, erguendo um dedo. – Perfeito, parece ótimo! Acho que vai beneficiar todo mundo. Mal posso esperar pelas galinhas. – Ela desliga e baixa seu celular. – Estou negociando parte do excedente de armas em troca de uma gaiola.

– Sério? Tem um bom mercado para espadas usadas e coisas assim?

– Jogadores de RPG *live action*. Enfim, você conseguiu entrar.

Não sei de que lado Imogen está na questão “Nina indo visitar Leo”, no de Rhys ou da minha mãe. Examino as prateleiras como se procurasse por um lanche de… beterraba em conserva. Pego um pote.

Está empoeirado e o conteúdo flutua de uma forma vagamente ameaçadora.

– Eu estava, hã, com fome?

– Eu concordei com a tarefa de vigiar Leo. Nunca disse que deixaria você de fora. – Ela aponta para um molho de chaves em uma prateleira perto da sua cadeira. – Sinta-se à vontade para não quebrar a próxima maçaneta. Seria difícil explicar para Rhys e Ruth.

– Obrigada. – Pego as chaves, meus dedos me traindo com um tremor sutil enquanto destranco a fechadura.

– Conte comigo. – Imogen sorri.

Empurro a porta e entro, fechando-a suavemente atrás de mim. Em seguida, apoio a testa nela, tentando acalmar a minha respiração. Talvez Leo esteja dormindo. Talvez não dê para falar com ele nesse momento. Talvez eu volte amanhã. Talvez…

– Athena?

Eu preferiria encarar uma horda de vampiros, até um dos emos, mas dou meia-volta. Leo está recostado em uma cama e vê-lo é como levar um soco no estômago. Ele parece pior do que eu me lembrava. Seus olhos estão encovados, a pele em volta deles tem a cor de machucados antigos. Seu maxilar está mais proeminente do que nunca, os ossos do rosto se destacando sobre as cavidades

das bochechas. Ele está enrolado em um lençol, mas até sua posição revela fragilidade e falta de saúde.

Ele que sempre foi tão seguro e confiante, até no jeito de se mover. Está tão *enfraquecido* que meus nervos são tomados de preocupação.

Quero me deitar ao seu lado e acariciar seu cabelo até ele ficar forte novamente. O impulso quase me domina. Mas ainda não estamos nesse ponto. Talvez nunca tenhamos sido assim. Talvez nunca sejamos outra vez.

– Ei. – Cruzo o pequeno aposento em dois passos e me sento na cadeira perto da cama em vez de subir e o abraçar. – Você parece péssimo.

– Você parece ótima.

Eu rio. Estou tão tensa que o riso mais parece um guincho.

– Claro. Então. Da última vez que te vi em pessoa, você estava inconsciente no chão e prestes a ser esmagado por um demônio rêmora. Se importa de me atualizar?

Ele fecha os olhos e sorri. Suas pálpebras parecem tão finas. Mas seus lábios, que sempre foram macios, continuam os mesmos.

– Quando acordei e vi o remôra preenchendo o lugar, meu primeiro pensamento foi que estava orgulhoso de você.

– Jura?

Ele abre de leve um dos olhos escuros.

– Sinceramente? Não. Meu primeiro pensamento foi “Meu Deus, eu vou morrer”. Mas meu segundo pensamento foi que estava orgulhoso de como você era esperta e forte. Você a impediu com nada além de si mesma. Nenhum poder. Nenhuma habilidade

mística de caçadora. Só você. Então, meu terceiro pensamento foi o "Meu Deus, meu Deus, eu vou morrer" de novo.

Tento não rir, assumindo minha cara mais séria.

– Mas não morreu.

– Não. Tinha uma porta na parede dos fundos. Cheguei lá a tempo.

– Por que não saiu de lá e veio nos encontrar?

Ele suspira, se afundando ainda mais no travesseiro.

– Eu nunca deveria ter voltado para o castelo, para começo de conversa. Coloquei todos vocês em perigo. Eu sabia o que a minha mãe era, quem ela era. Mas… ela ainda era a minha mãe, sabe como é?

Em vez de minha própria mãe, penso em Artemis naquele caminhão. Eu poderia tê-la parado, mas não fiz isso. Estava tão distraída por vê-la fazendo a coisa errada que não fiz tudo ao meu alcance para impedi-la.

– Sim. Sei bem.

– Quando ela prometeu que não iria machucar nenhum de vocês, eu me permiti acreditar. Tanto por ter esperanças de ela não ser um monstro quanto porque eu queria voltar. Ser parte dos guardiões novamente. Queria estar com você. Com todos vocês. E deixei esse egoísmo me cegar. Pessoas morreram. Pessoas se machucaram. *Você* se machucou. Então, eu decidi nunca mais ser a razão de você se machucar.

– E não pensou que sua morte me machucaria? Não tenho sido a mesma desde então! Fiquei… – Minhas mãos estão fechadas com tanta força que chegam a doer. Estou quase tremendo. De alguma forma, em vez de me sentir triste, continuo desviando para a raiva.

Ele se remexe, fazendo uma careta.

– Imaginei que acabaria superando.

– Levei *anos* para te superar da primeira vez e você nem tinha morrido na época! – Hesito, mordendo o lábio e desejando não ter dito isso. O fantasma de um sorriso abre seus lábios. Ele ergue uma mão como se quisesse segurar a minha. Então olha para ela, seus dedos esguios agora quase esqueléticos, e os apoia novamente na cama. Tenho vontade de segurá-la, mas resisto.

– Bem, eu voltei. Precisava devolver o que tinha sido tirado. Eu devia pelo menos isso a você.

– E isso me deu esperança! Mas aí você nunca voltou para valer, então eu só fiquei confusa e sozinha lidando com… – Passo as mãos pelo cabelo, depois me levanto e começo a andar pelo espaço apertado. – Primeiro de tudo, obrigada. Foi simpático da sua parte devolver minhas coisas. Um procedimento de fim de relacionamento bastante clássico. Trazer de volta uma caixa de suéteres. Livros. Poderes antigos de base demoníaca.

– Não caberiam numa caixa de papelão.

Eu bufo.

– Não muito. – Tenho que perguntar a ele por que os poderes de caçadora parecem diferentes. Tenho que descobrir se sou eu ou se ele sentiu isso também. Talvez tenham ficado defeituosos depois de tantas transferências. Ou talvez sempre tenham sido assim, mas eu não tivesse sofrido o suficiente para realmente sentir o que eram de fato. Quem dera eu pudesse falar com Buffy. Pelo menos eu tenho Leo agora.

– Mas eis o problema. Quando você…

– Desculpa por ter beijado você – ele me interrompe. – Não deveria. Eu não merecia aquele momento. Mas realmente pensei que jamais te veria outra vez. E foi a única maneira que consegui pensar de transferir o poder. Eu nunca tinha feito isso antes. Transferência de

poder, eu digo. Obviamente já tinha beijado você antes. – Sua pele clara fica corada e quase consigo rir por fazer Leo Silvera enrubescer.

Quase.

O celular toca no meu bolso e eu pulo com o susto. Meus olhos estavam cravados nos lábios dele. *Fala sério, Nina.* Pego o telefone.

– Oi? Artemis?

– Eu… me disseram que você ajuda demônios encrencados. – Não é Artemis. Eu desanimo.

– Tipo isso. Às vezes. Que espécie de demônio e que espécie de problema?

– Ah. Certo. Bem, eu preferiria não dizer a minha espécie, e o problema é que acho que estou sendo caçado. Muitos de nós estão sendo caçados.

– Você precisa me dizer sua espécie.

– Eu não sou letal. E mal tenho poder desde que a magia morreu. Prometo que nem vai me notar por perto.

É suspeito ele não querer me contar sua espécie. Leo se mexe, abrindo espaço, e eu me sento na beira da cama, dolorosamente consciente do quanto ele está perto.

– Como conseguiu esse número?

– Um amigo de um amigo. Tsip.

– Olha, sinto muito, mas é totalmente contras as regras até me encontrar com você antes de saber sua espécie. Não estou tentando ser especista ou te julgar, mas preciso pensar no grupo que temos aqui. Tipo, eu não vou trazer um demônio liliácea pra cá.

Posso garantir que não oferecemos caldo de ossos de crianças no nosso cardápio semanal.

– Tá bom. Tá bom. Entendi. Eu sou… – Ele suspira profundamente, depois murmura: – Um demônio do caos.

– Ah. – Eu deixo a palavra sair numa longa respiração. – Certo. Demônio do caos. Essa é uma espécie… não letal. Ahã.

– Você não precisa fingir. Eu sei.

Demônios do caos são… viscosos. Eles possuem chifres gigantes que pingam um fluxo constante de lodo. O lodo pode ser usado em vários feitiços mágicos – ou podia, pelo menos – e os demônios em si são atraídos pelo caos e ajudam a fomentá-lo ainda mais. São tipicamente encontrados em países com guerra civil, revoltas ou creches lotadas e com poucos funcionários.

– Nenhum problema com o lodo. Não é… não somos… mas e a parte do caos? – Nenhum problema com o lodo porcaria nenhuma. Posso imaginar os protestos sobre o rodízio de tarefas se tivermos que limpar seu rastro. E lavar seus lençóis. Pelos deuses, os lençóis. Já temos mais caos aqui do que podemos dar conta.

– O caos era uma conexão baseada em magia com a minha dimensão infernal. Estou seco. – Ele deixa escapar uma risada estranha. – Só no sentido figurado. Literalmente eu continuo… bem. Você sabe.

– Pois é. Tá bom. – Esfrego a testa. – Precisamos nos encontrar pessoalmente para eu verificar tudo isso. – E sentir se ele ainda é um pouquinho caótico. Vou precisar mandar Rhys e sua avó Ruth. Eles são os menos inclinados ao caos do castelo inteiro. Uma vez vi a gaveta de meias do Rhys e ela era organizada por cor, tipo e nível de aquecimento.

– Ótimo! Obrigado! Só posso me encontrar à noite. É difícil para mim sair durante o dia.

Chifres gigantes definitivamente prejudicam na hora de passar despercebido. Pobrezinho.

– Quando pode vir para a região de Dublin?

– Dublin? Hum. Em algum momento da semana que vem.

– Tudo bem. Me ligue quando estiver lá e eu dou um jeito da gente se encontrar. – Eu desligo. Não sei direito onde vou encontrá-lo, mas depois do ataque no armazém decidimos ficar ainda mais longe de Shancoom.

– Sua mãe me contou o que você está fazendo aqui – diz Leo. – É uma coisa boa. É o que os guardiões deveriam ter feito. O que sempre deveríamos ter sido.

– Obrigada. – Eu me levanto, precisando passar para a próxima parte da conversa. Queria que pudéssemos sair para um passeio. Meu telefone toca de novo. Eu suspiro e atendo. – O quê?

– Nina.

Meu coração para. É Artemis.

– Oi.

– Recebi sua mensagem. Você quer o livro em troca de não contar pra todo mundo o que andei fazendo? Está me chantageando?

– Não! – Eu paro. – Sim. Mas também estou protegendo você. Eu devia ter contado a eles.

– Devia mesmo. – Ela fica em silêncio por tanto tempo que quero atravessar a distância estática entre nós e esganá-la. – Tá bom. Eu não preciso mais dele e você precisa saber o que está acontecendo. Me encontre essa noite nos arredores de Dublin. Traga Rhys. – Ela para de novo. – E a nossa mãe.

– Assim vai ficar difícil eles não saberem o que você fez.

– Não me importo se eles souberem, Nina!

– Mas eu, sim! – Fico envergonhada por gritar. – Eu me importo. Você precisa ter como voltar e isso não vai ser possível se todo mundo votar contra você porque entrou para um grupo de fanáticos demoníacos. Você escolheu justo a única coisa que não podemos deixar passar. Por que faria isso?

Sua voz não sai nem suave nem perversa. Só muito distante.

– Eu nunca vou voltar. Pode deixar que mando o endereço por mensagem. – A ligação é encerrada. Mantenho o telefone pressionado no ouvido por mais tempo, na esperança de que ela diga mais alguma coisa, qualquer coisa. Chega uma notificação, me tirando do transe. O endereço está na tela. Eu vou ver Artemis. Pegar o livro. Mas parece tudo tão… definitivo.

Olho para Leo. Preciso de mais tempo com ele, mas para encontrar Artemis na hora certa tenho que sair agora mesmo. Ela me disse para levar Rhys e a nossa mãe, mas eu estico a mão para Leo.

– Me disseram que você não pode andar livremente pelo castelo. – Ele não está algemado à cama. Presumo que façam isso só no período noturno.

– Eu entendo.

– Não, eles disseram que você não pode andar livremente *dentro* do castelo. Então vamos.

– Hein?

– Preciso levar um parceiro em cada viagem para fora. Mesmo uma para encontrar minha irmã. – Ainda não falei tudo que queria com Leo. Nem cheguei perto. E talvez sua presença me distraia do fato de que estou prestes a confrontar Artemis. Além disso, dessa forma ela ainda terá a opção de voltar, apesar de achar que não quer. – Seria útil… seria útil ter um guardião.

Seu rosto se suaviza e ele ergue o lençol, passando-o em volta dos ombros. Abro a porta e vejo que a despensa ao lado está vazia, o livro de Imogen deixado aberto com as folhas para baixo.

– O que ela é, uma sociopata? – Fecho o livro para a lombada não rachar, depois espio para fora da cozinha. A barra está limpa. Minha mãe me deu permissão de falar com Leo, mas tenho certeza de que não aprovaria isso. Leo caminha devagar demais, mas conseguimos chegar ao grande corredor e descer a escada de pedra da frente sem sermos pegos. Eu o coloco no carro.

– Um segundo.

Volto correndo para o meu quarto e pego a jaqueta de couro favorita de Artemis no armário. Uma oferta de paz – e um lembrete. Eu economizei meu pouco dinheiro e vendi metade dos meus livros para comprá-la no nosso último aniversário. Assim que volto para o carro e estamos a caminho, mando uma mensagem para Rhys avisando que recebi uma ligação de um demônio do caos – o que não é tecnicamente uma mentira – e falo que vou verificar e estou levando Leo.

Depois disso, desligo o celular.

Leo se recosta no assento, fechando os olhos. A luz do sol manchada de janeiro – tão fraca, mas tão adorável quanto ele – brinca no seu rosto, e algo no meu peito se alivia pela primeira vez em meses.

# Capítulo 21

– VOCÊ TEM CERTEZA DO QUE VIU? – PERGUNTA LEO ENQUANTO EU desacelero, procurando pelas ruas o endereço enviado por Artemis.

Assinto, me sentindo horrível. Trouxe-o comigo para falar sobre o meu poder, mas ele ouviu minha conversa com Artemis e perguntou qual era o problema. Contei a verdade. Falar em voz alta quase faz parecer que estamos voltando para antes de todos os planos descerem inferno abaixo. Como se fôssemos o que deveríamos ter sido: guardião e caçadora. Só que ele ainda está enrolado em um lençol e mal consegue manter a cabeça erguida, e estamos preocupados com a minha irmã em vez de um demônio ou de um vampiro.

– Meio difícil interpretar errado suas intenções quando ela falou pra Honora me jogar pra fora de um veículo em movimento.

– Talvez ela tenha uma boa explicação.

– É melhor ter. Mas pelo menos vamos recuperar o livro e ter alguns respostas sobre esse ser sem nome ou Adormecido ou seja lá quem ele for. A mãe de Cillian – droga, era para eu ter encontrado com ela hoje de tarde – sabe de alguma coisa também. – Talvez a gente possa parar lá no caminho de volta para o castelo. Algo me diz que não vou ter pressa de voltar e lidar com as consequências da minha escapada.

– O que pretende fazer se descobrir um perigo além dos fanáticos?

Dou de ombros.

– Não sei. Caçadoras deviam ter algum tipo de um fórum onde você posta avisando de uma ameaça e a pessoa mais preparada se apresenta para lidar com ela.

– Seria Buffy. Sempre.

Eu rio.

– É, acho que ela não ia gostar muito da ideia.

– Vai ficar tudo bem. Você vai arrumar uma solução.

– Para qual parte? Artemis ou a monstruosidade potencial pairando sobre nós?

Seu sorriso demonstra mais fé em mim do que mereço.

– As duas coisas.

– Mas pode ficar meio caótico. Pelos deuses, falando em caótico, eu disse para o demônio do caos que encontraríamos com ele na semana que vem. E se ele estiver dizendo a verdade e não for mais o caos encarnado e tivermos que levá-lo para o Santuário?

– Como ele iria caber no carro? – pergunta Leo, olhando para o banco de trás, onde o demônio do caos provavelmente se sentaria.

– Ops, você tem razão. Precisamos de um teto solar ou algo parecido. Talvez se ele ficar meio de lado? E seus chifres ficarem entre os bancos? Mas aí ele pingaria lodo na gente e… eca. Talvez ele tenha um carro próprio. Ou talvez a gente se dê bem e ele tente nos matar, para podermos negar abrigo.

Leo ri. A risada é fraca, seca e um pouco preocupada, mas mesmo assim fico feliz de ouvi-la.

– Essa é uma definição estranha de se dar bem.

– O único jeito de me dar bem que tem rolado esses dias. – Eu me encolho. *Não fale sobre se dar bem com o único garoto que você já gostou.* Felizmente, a risada do Leo se transformou em uma tosse e ele ou não ouviu o que eu falei ou não consegue responder.

Eu desacelero ainda mais conforme nos aproximamos do endereço, olhando de um lado para outro procurando uma casa, um cabana abandonada ou um covil – seja lá o que Honora tenha escolhido para morar com a minha irmã. Em vez disso, estaciono perto de um cemitério banhado pela chuva suave que cai. Mesmo as árvores são pesadas e retorcidas pelo tempo, curvando-se solenes sobre os monumentos gastos e envelhecidos. Um anjo com sua cabeça abaixada e as mãos cobrindo o rosto está enrolado em suas próprias asas de pedra como se tentasse encontrar conforto no granito frio.

A cerca ao redor do cemitério é antiga e enferrujada, e não parece que nenhum cadáver novo tenha sido enterrado aqui nas últimas décadas. O lugar não deve receber muitos pedestres nos sombrios dias chuvosos de janeiro. Não podíamos ter nos encontrado em uma cafeteria?

O sol ainda não se pôs e não gosto da ideia de ficar na chuva sentindo minha bunda congelar, então estaciono o carro, mas o mantenho ligado. Sinto como se fosse minha última chance de consertar as coisas. Mas também estou na defensiva, com raiva e preocupada de que vou jogar tudo na cara da Artemis como ela merece.

Leo gentilmente apoia a mão no meu ombro.

– Ela é sua irmã – ele diz.

– Vamos torcer para isso bastar. – Eu me recosto no banco, analisando o cemitério. Deve ser bem extenso. As árvores densas e o chuvisco baixo e cinzento me impedem de ver mais para dentro, mas não noto nenhum movimento. Vou esperar até o sol se pôr realmente.

Artemis disse pôr do sol. E até gosto da ideia de fazê-la esperar por mim depois de ter sido tão desagradável.

As janelas embaçam rapidamente, nos selando no interior quente e fracamente iluminado. Viro a cabeça para Leo. Com a luz baixando e seu rosto de perfil, ele parece mais consigo mesmo. Eu devia conversar mais sobre o motivo de ele não ter voltado. Devia perguntar como foi carregar o meu poder e se ele pode me ajudar a entender por que parece diferente. Mas não quero fazer nada disso. Quero ser uma garota normal sentada em um carro com um garoto bonito. Como num encontro. Em um cemitério. Prestes a fazer uma troca tensa de mercadorias roubadas com a minha irmã. Coisas totalmente típicas de adolescente.

Sei que estou adiando lidar com meus problemas, mas estou cansada de vida e morte, de escuridão e ameaças. Eu recuperei Leo. Talvez recupere Artemis também. E aí talvez as coisas voltem ao normal e eu consiga esmagar essa sensação terrível de que vou perder mais alguém ou parar de sentir essa raiva imensa que me deixa com medo de perder a mim mesma.

– Você já encontrou um demônio do caos? – pergunto.

– Uma vez, no Brasil. Ele não falava inglês, mas acho que era a fim da minha mãe. – Leo sorri, mas o sorriso some tão rapidamente quanto surgiu. A perda da mãe ainda é difícil para ele.

É melhor mudar de assunto.

– Eu contei que quase deixamos um demônio Roehring entrar no Santuário? Pensamos que fosse um demônio meio-Brachen. Acabou que ele só estava vestindo metade da *pele* de um Brachen. Foi uma bagunça.

– O que ele queria?

– Jantar.

– Você…

– Não, Jade e Rhys é que se encontraram com ele. Para ser sincera, eu provavelmente o teria trazido para casa. Mas Rhys conhece demônios a fundo e percebeu que havia algo estranho. Além disso, não confia tanto nas pessoas quanto eu. – Eu faço uma cara séria, pensando em como Rhys é anti-Leo.

– Ele não está errado. – A voz de Leo sai baixa. – O principal dever dele é proteger todos vocês. Escuta, eu não quero deixar as coisas mais complicadas. Nunca foi minha intenção. Foi por isso que eu…

– Doug e Jade estão namorando – eu falo de repente, sem querer dar a Leo a chance de me contar por que ele não deveria ficar no castelo. Eu vou mantê-lo aqui. Não vou deixar mais ninguém ir embora.

– Isso é… curioso.

– É, a situação é meio complicada. Ele está preocupado de estar sendo usado por causa das secreções da sua pele.

Leo faz uma cara apropriadamente horrorizada e eu rio.

– Eu sei. Nunca pensei que dar conselhos de relacionamento entre espécies seria parte da minha função quando decidi criar o Santuário. Porém aqui estamos nós. Mas se Imogen começar a namorar um dos pequenos demônios roxos, eu tô fora. Ela que lide com isso sozinha.

– Não consigo imaginar Imogen namorando ninguém.

– Nem eu, na verdade. – Imogen é tão autossuficiente. Ela realmente não parece precisar de mais ninguém. Seria estranho vê-la se conectando a alguém nesse nível. Eu quase me pergunto por que ela continua com a gente. O resto de nós tem vínculos. Eu tenho minha mãe, Rhys e Cillian, sem falar que sou uma caçadora. Rhys tem Cillian e sua avó Ruth, além da biblioteca da qual jamais abriria mão. Minha mãe jamais conseguiria ser algo diferente de uma guardiã. Jade fica por causa de Doug, sem dúvida. Os

demônios não têm mais para onde ir. Mas Imogen está em uma posição similar a Honora. Os guardiões nunca foram bons para ela. Será que fica por não ter para onde ir? Ela é um mistério para mim. Mas espero que não vá embora, porque realmente gosto da sua comida.

– E quanto a você? – diz Leo, deliberadamente envitando olhar para mim. – Algum interesse romântico demoníaco?

– Só um.

Ele me olha e não consigo lidar com a esperança e a tristeza em seus olhos escuros – se fosse só uma coisa ou outra, eu saberia o que fazer ou como me sentir. Meu peito aperta e minha garganta queima, um alerta de que talvez eu chore. Então saio pela tangente de novo.

– Digo, *com sorte* só um se as coisas forem bem na próxima semana. Eu realmente curto demônios do caos. Amo um bom chifre lodoso. Hum.

– Athena, eu…

– Não. Seja lá o que vá dizer, eu não quero saber e não importa. Você voltou para casa. Isso é o que interessa. Vamos ajudar você a melhorar. E quando estiver saudável, *aí sim* eu vou arrancar sua cabeça por me fazer pensar que estava morto.

– Eu quero…

– Não me entenda mal, mas eu não tô nem aí para o que você quer. Deixei Artemis ter o que queria e agora ela… – Eu cerro os punhos. – Não. Nem pensar. Não. Você deve ter pensado que se afastar era uma decisão nobre, mas não foi. Me machucou. Me machucou demais e tive que viver com a culpa de matar você todos os dias desde então, por isso eu não quero saber. Não me importa o que você quer. Nem o que sente ou se acha que está fazendo a coisa certa. Eu sou uma guardiã e uma caçadora e você é um meio

demônio, então vou dar essa carteirada agora. Você vai ficar bonitinho aí no carro enquanto eu vou lá fora pegar nosso livro com a minha irmã e colocar algum juízo na cabeça dela. Depois que eu resolver isso, a gente volta para o castelo, onde você não vai mais ficar em uma despensa estúpida e sim ganhar um quarto de verdade porque é parte do castelo e não vai a lugar nenhum. Ainda temos um monte de coisas para discutir.

Ele não olha para mim.

– É melhor para todo mundo se eu não lutar contra isso.

– Uau. Você está sendo um babaca egoísta.

Ele se vira, chocado.

– O quê?

– Acha que está protegendo a gente desistindo? *Me* protegendo? Eu fiquei devastada quando te perdi. Você era a única pessoa que me via como eu *era*. Numa época em que ninguém mais me notava, ou quando me viam como a gêmea menos capaz, ou quando só me consideravam uma caçadora decepcionante. Você sempre me entendeu. Eu também te entendo. E sim, você fez escolhas erradas. Algumas muito ruins mesmo, e tudo bem se sentir culpado por causa disso. Mas você fez tudo por amor. Ela era sua mãe. Era meio do mal, mas ainda assim era sua mãe.

Eu penso em Artemis e em como venho mentindo para todo mundo para protegê-la. Se eu fosse uma boa guardiã e uma boa caçadora, se eu fosse só essas coisas, poderia tê-la impedido na convenção ou mesmo na biblioteca. Mas ela é minha irmã. E isso é muito mais complicado do que enfrentar um vampiro, demônio ou qualquer outra coisa no mundo.

Como meu relacionamento com Leo. Acho que talvez nunca seja simples entre nós. Mas não me importo. Vale a pena lutar por isso – e por ele também.

– Então trate de racionalizar o que você fez do jeito que achar necessário. Encontre um jeito de ficar em paz com isso. Mas morrer não é o jeito certo. Isso não consertaria as coisas que a sua mãe fez nem tornaria o mundo um lugar melhor. Só o deixaria mais vazio e, considerando tudo e todos que já perdemos, não está vazio o suficiente? – A escuridão dentro de mim, a escuridão que eu tentei canalizar, alimentar, ignorar, sempre em vão, parece um vazio agora. Uma imensa lacuna que não consigo preencher com violência e muito menos com felicidade. Estou apavorada de que ela acabe me devorando algum dia. – Se eu posso arrumar um jeito de viver com isso dentro de mim, por que você não pode fazer o mesmo?

– Não é tão simples.

– É sim. E eu me recuso a deixar você morrer de novo. – Abro a porta e saio, batendo-a atrás de mim. Eu amo tantas pessoas e *todas elas são tão estúpidas*. Estou cansada disso. Cansada de ser machucada e de vê-las machucarem a si mesmas e umas às outras. Entro no cemitério com passos irritados, minhas botas roxas fofas afundando na lama. Estou usando o casaco de couro mais legal de Artemis e um suéter verde-esmeralda por baixo, mas ainda sinto a pontada de frio da noite.

Vejo um mausoléu com um beiral e vou direto para ele, saindo da garoa e examinando a noite. Algumas lâmpadas obstinadas brilham sobre a minha cabeça, iluminando de maneira precária os mortos em seu sono eterno.

Ainda preciso falar com Leo sobre o meu poder e como ele mudou, mas a situação de Artemis parecia mais urgente – e aí ele resolveu ser um idiota e dominar a conversa. Ele não tem o direito de morrer. Ainda temos muito mais brigas pela frente.

Ligo meu celular, ignorando todas as mensagens não lidas enviadas do castelo. Artemis não mandou mais nada. Envio uma mensagem a ela. *Aqui.*

Uma silhueta sombria arremete na minha direção, entrando no abrigo antes de se virar e me encarar surpresa. Não é Artemis. Ela usa um vestido elegante, preto, longo e flutuante, com uma gola alta. Seu cabelo está preso para cima em espirais elaboradas, e seus lábios estão pintados de vermelho. Há algo clássico no seu rosto e no modo como ela me olha, como uma pintura que poderia estar pendurada em um museu.

– Vampira? – eu pergunto. Menos por sua aparência e mais por causa do instinto dizendo MATE ELA MATE ELA MATE ELA zunindo dentro de mim, então realmente espero que ela seja uma vampira e não humana, porque caso contrário estarei ferrada.

Ela assente de leve e fico extremamente aliviada.

– Caçadora? – ela pergunta. Eu imito seu aceno de cabeça. Nenhuma de nós se move. – Patrulhando?

– Eu não faço isso. Caçando?

– Não essa noite. – Ela puxa um cigarro e, então, uma daquelas longas piteiras escuras que até hoje só vi em filmes. – Se importa?

– Tranquilo. – Eu costumava me importar. Fumaça era um gatilho de lembranças ruins para mim. Mas parei de ter pesadelos com quase morrer queimada na minha velha casa em Phoenix. Ainda visito aquele quarto, mas é diferente desde que descobri que minha mãe me deixou para trás por saber que eu sobreviveria e Artemis não.

A vampira sorri enquanto acende o cigarro.

– Fumar me força a respirar. Acho profundamente nostálgico.

– E com o bônus de não ter o risco de morrer de um câncer de pulmão irritante.

– Vantagens de ser uma morta-viva. – Ela solta um longo e lento sopro de fumaça.

– Você já me viu vagando por esse cemitério hoje à noite?

Ela parece confusa, mas intrigada.

– Não?

– Irmã gêmea. Vim encontrá-la aqui.

– Ah.

É bem provável que eu devesse enfiar uma estaca nela, mas não quero estar no meio de uma luta quando Artemis chegar aqui. Ou talvez eu queira. Seria bizarro eu ficar enrolando para acabar com essa vampira até Artemis chegar? Seu olhar de profundo desdém na convenção feriu meu orgulho. Eu realmente pareceria descolada na sua jaqueta de couro transformando uma vampira em pó antes de me virar para ela, pedir o com toda a calma e fazer algumas perguntas.

– Amei o casaco. Interessada em vendê-lo?

– É da minha irmã. – Trouxe o casaco como uma oferta de paz, mas Artemis está atrasada. Está me fazendo ficar de pé aqui na chuva. Seria bem feito se ela chegasse e uma vampira estivesse usando sua jaqueta favorita.

– Acha que ela o venderia para mim? – Ela enfia a mão dentro da bolsa bordada onde guarda os cigarros.

– Não! Eu que dei para ela. De presente.

Um sorriso cruza o rosto da vampira.

– E mesmo assim ela o deixou com você, pelo visto. Aposto que venderia para mim. – Ela dá mais uma tragada no cigarro.

Eu não devia estar conversando com ela. Enfiar logo uma estaca seria melhor. Conversar agora vai deixar as coisas estranhas. Vampiros são muito bons em se passar por humanos… até que não

são mais. E caçar um vampiro só para aparecer para Artemis é rude da minha parte. O que ela está fazendo aqui, aliás?

– Você renasceu hoje à noite ou algo assim?

– Vim visitar uma velha amiga. – Ela coloca a mão na placa na lateral do mausoléu. Entre os vários nomes, seus dedos percorrem o de Sarah McCabe 1801-1823.

– Ela também é uma vampira?

– Não. Eu fui a sortuda. Ela está aí e eu estou aqui, mas, de alguma forma, mesmo duzentos anos depois, ainda posso ouvir sua risada. Nenhuma de nós mudou desde aquele dia. Bem, imagino que precise levar em conta a decomposição. E isso. – Seu rosto muda rapidamente para a face monstruosa de vampira com presas antes de mudar de volta. Ela sorri ironicamente. – Sarah teria achado isso hilário. Sempre fui tão preocupada com rugas. Ela me chamava de Jane Vaidosa. – Ela pega outro cigarro.

– Não sou muito fã de fumaça. – Mesmo com meu progresso quanto ao fogo, o cheiro me deixa tensa.

Ela dá de ombros, tira o cigarro da piteira e o pressiona na pedra úmida. Ele assovia baixinho.

Verifico meu telefone. Nada de Artemis. Talvez eu tenha errado de cemitério ou ela esteja em outra parte. Mas, se eu for olhar, vou deixar uma vampira para trás. E se lutar com ela, posso ter que correr pelo cemitério e perder Artemis. Droga.

– Ei – eu pergunto, me lembrando da convenção e meus pensamentos sobre minha responsabilidade em matar qualquer vampiro que eu venha a descobrir. – Você conhece uma vampira chamada Harmony? Ela tem um reality show.

Jane bufa.

– Aquela criança idiota. Existe um motivo para vivermos na noite, no escuro. Quanto mais gente souber a nosso respeito, mais provável que tentem nos matar. O anonimato é o melhor amigo de um vampiro. Quantos vampiros famosos você consegue citar?

– Vários, na verdade. O Mestre, Kakistos, Angelus, Drácula, mas esse é óbvio, William o Sangrento, Drusilla, e vamos incluir os cultos? Porque se for o caso…

Ela revira os olhos.

– Tá, eu esqueci da sua área de trabalho. Mas para a maioria das pessoas, até agora, só o Drácula.

– E o Edward.

– Pessoalmente eu prefiro o Lestat. – Ela ri, o som baixo e rouco. – Mas o bastardo do Drácula, contando sua história pela fama, e agora Harmony… Ela não faz ideia do que é carregar o peso dos séculos. Não entende o conceito de eternidade. Espere algumas décadas e ela vai descobrir e aceitar o absoluto fardo e *tédio* da imortalidade. Nós não sobrevivemos para poder desfrutar de adulação e glória. Sobrevivemos, nos alimentamos e nos escondemos para podermos sobreviver, nos alimentar e nos esconder. Não existe prosperidade para vampiros. Especialmente agora que nos negaram até o poder de gerar novos vampiros.

– Nossa, verdade, toda aquela coisa com os zumpiros. – Com a morte da magia, novos vampiros não possuem conexão com o demônio ancião que infectou o primeiro vampiro. Por isso eles se transformam em vampiros zumbificados e de mente vazia que vivem em colmeias. Eu confiro o horário. Artemis definitivamente está atrasada.

– Esse termo é repugnante e me recuso a usá-lo. – Ela torce o nariz. – Abominações, todos eles.

Eu suspiro, baixando o celular.

– Então você cria novos vampiros para não se sentir sozinha?

– Estamos sempre sozinhos. – Ela cruza os braços, olhando para a escuridão. – Amizade requer amor e amor requer uma alma. Geramos cria para, por alguns momentos, podemos fingir ter poder sobre a vida e a morte. Então, podemos saborear aquele momento entre morrer e ser um morto-vivo, e assim nos lembrar da nossa própria transformação. E porque é engraçado. – Ela torce os lábios em um sorriso. – Cemitérios costumavam ser tão divertidos. Esperávamos os enterros acabarem para ver o novo vampiro emergir coberto de terra e desorientado. Como um bebê cervo aprendendo a andar.

– Filhotes de cervo não matam pessoas.

Ela dá de ombros.

– Bem. É um prazer que eu não tenho mais e jamais voltarei a ter. É tudo vazio, de qualquer maneira. A única pessoa que eu teria transformado, a única com quem gostaria de passar a eternidade, está além do meu alcance e sempre estará. – Ela põe a mão novamente no nome de Sarah.

E, estranhamente, eu entendo. Se houvesse um jeito de prender as pessoas que amo a mim e mantê-las para sempre protegidas ao meu lado, acho que eu faria isso. Eu sei que é errado. Mas é mesmo? Seria se eu as estivesse transformando em vampiros. Mas esse impulso de mudar alguém para que não seja ferido, para que não possa envelhecer ou se afastar de você, ou morrer, ou parecer morto enquanto na verdade está se escondendo por ser um completo imbecil, disso eu entendo.

– Quem está ali? – ela pergunta, assentindo na direção do meu carro. – Você continua olhando naquela direção.

– Um velho amigo. Ou algo parecido. – Onde diabos Artemis se enfiou?

– Algo parecido?

– Meio que tínhamos algo. Ou íamos ter. Não tenho certeza, na verdade. E agora está tudo uma zona e ele está doente e eu não sei como corrigir tudo isso.

– Ah, eu costumava amar casais como vocês. O amor doentio! A Medicina moderna é uma praga. Naquela época, bastava perambular por um parque algumas tardes antes de encontrar algum jovem apaixonado cuidando de sua amada doente, ou alguma dama bonita e doce colocando um cobertor no colo do seu amado enfermo. Eu me oferecia para salvá-los. A esperança e o desespero nos seus olhos! Minha própria peça faustiniana, repetida à exaustão, sabendo que assim que eu transformasse o amante condenado ele mataria o humano. Que doce tragédia.

– Todos os vampiros são tagarelas?

Ela franze os lábios vermelhos.

– Tente viver nas sombras da noite por décadas, depois me diga como consegue se entreter. Além disso, Artemis ainda não está aqui. O que mais você tem para fazer?

Eu assinto em concordância, então paro de repente.

– Eu nunca disse o nome dela.

Ela para também, um meio sorriso em seus lábios.

– Não disse?

Então ela me ataca.

# Capítulo 22

EU GIRO, USANDO O PRÓPRIO IMPULSO DE JANE PARA JOGÁ-LA contra a lateral do mausoléu. Sua cabeça bate contra o nome da amiga morta.

– O que você fez com a minha irmã? – eu grito. Se ela machucou Artemis…

– Ah, menina ingênua. – Ela se levanta.

– Você a machucou? – Artemis não pode estar morta. Não pode. – Onde ela está?

Jane se aproxima, lambendo os lábios.

– Você vai ter um sabor tão doce de desolação. – Eu a agarro e jogo outra vez no mausoléu. Ela ri. – Não quer saber a verdade? Não quer saber por que eu estou aqui? Por que você está aqui? E por que Artemis não está?

Eu paro e ela usa o momento para socar o meu estômago. Cambaleio para trás.

– Temos nossas ordens. Não podemos matar a caçadora – diz uma voz de homem da escuridão.

– Mas e se ela tropeçar e sua garganta acidentalmente cair nos meus dentes? – Ela me ronda de um jeito felino, inclinando-se em minha direção.

– Cadê a minha irmã? – eu pergunto, sem querer nenhuma resposta que essa vampira possa me dar e cada vez mais assustada de pensar que não é Artemis que está ferida. Sou eu. Eu só não sei disso ainda.

Jane pula e minha estaca está posicionada quando ela cai em cima de mim. Ela vira pó e deixa de existir.

– Escuta, a gente não quer machucar você. – O dono da voz masculina entra na luz. É outro vampiro, alto e de ombros largos, as presas para fora já contradizendo sua declaração. Perto dele está um vampiro mais baixo, com um moicano espetado destruído pela chuva.

– Por que estão aqui, então? Quem disse para não me machucar?

Ele dá de ombros.

– Só pediram pra gente fazer você sentar quieta na chuva esperando sozinha por algumas horas, mas Jane gosta, quer dizer, gostava de conversar.

Cada alarme dentro de mim está soando. Não não não não não. Só existe uma pessoa ciente de onde eu estaria essa noite.

– Instruções de quem?

Ele enfia a mão dentro da jaqueta e pega uma daquelas armas de choque que os mercenários usavam. Ainda não o usou em mim, mas sinto um arrepio profundo.

– Precisamos de mais uma hora. Então, que tal esperarmos calmamente, e depois todo mundo ir embora? Ninguém precisa se machucar. Nós somos pagos e você vai para casa com todo o seu sangue intacto e quente dentro do corpo, onde prefere que fique.

O único motivo que consigo pensar para Artemis – pelos deuses, Artemis – querer me manter em um cemitério em Dublin seria me tirar do castelo. Um castelo cheio de pessoas que eu amo e demônios que jurei proteger. Aquela coisa sombria e rastejante dentro de mim ruge, mais escura que a noite, ganhando vida e me tomando de dentro para fora. O vampiro não tem tempo de desviar antes que meu pé encontre sua cabeça.

O segundo vampiro avança para cima de mim. Desvio passando sob seus braços, girando e aplicando um chute perverso que o lança pelo ar. Noto um momento – um momento claro e perfeito – onde posso enfiar uma estaca nele e acabar com um dos dois.

Mas essa coisa rosnando dentro de mim não quer que a luta acabe. Eu me viro e chuto o primeiro vampiro na cabeça outra vez. Ele cambaleia para trás e eu pulo, chutando o vampiro de moicano com a lateral da perna. Eu o jogo sobre a lâmpada e o barulho de osso sobre metal ecoa pela noite. O vampiro alto, sem a arma de choque, me segura pelo punho e me ergue do chão. Bato com a nuca no rosto dele, ouvindo ossos se quebrarem.

Ponho os pés no chão e puxo-o sobre mim, jogando-o de costas no chão e transformando-o em pó com um único golpe brutal de estaca.

Quando o vampiro de moicano avança em mim novamente, caio de costas e uso o próprio impulso dele para jogá-lo por cima do meu corpo e sobre uma cerca antiga e descascada de madeira em volta de um pequeno lote para enterro.

Ele geme de dor. Mas o gemido é um som bem diferente de virar pó.

A cerca o empalou, mas errou seu coração. Ele chuta e se debate, tentando se libertar. Vou até ele, parando sobre seu rosto rosnante e monstruoso, e não sinto nada. Nem *raiva*. Nem euforia. Finalmente cedi e, em vez de me sentir aliviada por finalmente me render aos meus instintos, me sinto oca e vazia. Eu canalizei a escuridão e nada mudou.

Eu poderia estar errada. Eu poderia estar errada. Tenho que estar.

– Quem me queria aqui? – pergunto.

Ele tenta me segurar, mas ainda está preso na cerca. Recuo um pouquinho e suas garras cortam o ar na minha frente.

– Pode enfiar uma estaca em mim. Não vou dizer nada.

– Feito. – Enfio uma estaca nele. Estou sozinha novamente. Eu já sei a resposta.

Tudo isso foi um ardil para me tirar do castelo. O castelo onde está Doug – o prêmio perdido de Sean –, minha mãe, Rhys, Cillian e todos que eu amo. Ligo para minha mãe enquanto corro de volta para o carro.

– Alguém está indo até aí. É… – Eu engasgo. – É Artemis. E Honora. Não confie nelas. Entre em estado de contenção.

Alguns segundos lentos se passam enquanto ela processa o que eu disse.

– Feito. – Ela desliga.

Entro no carro.

– Armaram pra mim – eu digo, ligando o motor e fazendo um retorno em U bastante ilegal. – Artemis. Ela armou pra mim. Armou isso tudo. – Jogo o celular para Leo. – Me diga assim que receber qualquer mensagem. – O celular toca e resisto a pegá-lo.

Leo lê rapidamente.

– Todos verificados. Procedimento de contenção iniciado.

Vai ver elas ainda não tiveram tempo de iniciar o ataque. E os vampiros disseram que precisavam me manter no cemitério por mais uma hora. Com um pouco de sorte, a Jane falastrona acabou com o plano.

– Elas provavelmente estavam torcendo para simplesmente entrar direto, mas o castelo sabe que estão indo. E Artemis e Honora não passaram por lá desde que criamos os procedimentos de contenção. Não sabem o que esperar. – Eu balanço a cabeça, sem

conseguir acreditar. – Artemis vai atacar o castelo. Eu nunca devia ter deixado que fosse embora com Honora. Isso é culpa minha.

Eu trinco os dentes, estrangulando o volante ao imaginar o cabelo perfeitamente sedoso e escuro de Honora, aquele sorriso metido, o olhar esperto.

– Você não está bem. – Percebo os olhos de Leo fixos em mim, apesar de os meus estarem concentrados na estrada molhada à nossa frente.

– Claro que não estou bem! O castelo deve estar sob ataque, Artemis está por trás disso e eu não estou lá!

– Não, quero dizer além disso. Vi aquela luta. Não parecia ser você.

Eu queria ter essa conversa. Precisava dela. Mas não consegui iniciá-la porque parecia importante e assustadora demais. Diante das novidades, ela parece menos assustadora.

– Desde que você me devolveu meus poderes de caçadora, eles parecem diferentes.

Ele endireita a postura.

– Como assim diferentes?

Outro toque no celular.

– Tudo limpo.

Não sinto como se estivesse tudo limpo. Sinto como se estivesse prestes a me ferrar. Batuco os dedos no volante.

– Não que eu fosse uma especialista antes ou nada do tipo, e os poderes têm uma origem demoníaca de qualquer modo, então existe certa quantidade de escuridão no pacote, né? Mas tenho tido esses surtos de raiva. E, às vezes, eu quero… machucar meus oponentes. Não impedi-los ou enfrentá-los, mas machucá-los. E isso

é novidade para mim. Essa não sou eu. – Minha voz falha. Limpo a garganta. – Você ficou um tempo com o meu poder. Você o sentiu. Chegou a sentir isso?

Finalmente olho para ele. Quem dera eu pudesse voltar atrás – seu rosto mais parece uma máscara de pavor.

– O que foi? – pergunto. – Conta logo.

– Eu… droga, Athena. Sinto muito. Eu não acho… não acho que levei isso em conta.

– Isso o quê?

– Quando peguei a energia da minha mãe, ela era avassaladora. Imensa. Presumi que fosse a sensação de carregar o seu poder. Mas, pelos deuses, eu devia ter morrido. Devia ter morrido quando era para morrer.

Quase raspo num carro numa ultrapassagem e uma buzina raivosa toca atrás de nós.

– Leo, me conta logo. Não pode ser pior do que estou imaginando.

– Minha mãe drenou outros antes de você. Bradford Smythe. Cosmina. Vários demônios incrivelmente antigos. E imaginei que esse poder tinha sido consumido. Ela estava usando tanto dele. Mas…

– Não, isso é pior do que eu estava imaginando. Muito pior. Está me dizendo que tomei um coquetel turbinado de poder demoníaco? Que meu poder de caçadora não era demoníaco o bastante, então bebi várias doses de espresso de demônio para realmente alcançar o próximo nível? E Cosmina! E Bradford Smythe! Pelos deuses, tenho parte da energia vital de Bradford Smythe flutuando dentro de mim! Eu preciso de um banho. Eu preciso…

– Eu nunca devia ter sido parte da sua vida. Pensei que estava ajudando. Realmente pensei. Mas quem eu estava enganando? Esse sou eu. É disso que eu venho. Eu corrompo tudo que eu toco e sempre farei isso. Sinto muito. Queria que você não tivesse me encontrado. Eu devia ter morrido sozinho na casa de Von Alston.

– Você não vai morrer. – Os pneus derrapam enquanto faço uma curva rápido demais, mas de algum modo consigo manter o controle do carro. – Ninguém mais vai morrer a não ser que eu permita. – A frase sai como um rosnado.

Ele afunda no banco. Pela voz, está exausto. Ela soa como se viesse de muito mais longe do que realmente vem.

– Eu nunca roubei energia. Sempre foi a minha mãe. E ela se foi. Eu estou morrendo. Morrendo de fome. Mas é só incrivelmente lento e doloroso, então, considerando o quadro geral, nem é um jeito ruim de partir. – Ele tenta rir. Não funciona.

O destino de sua mãe paira no ar entre nós. Sua mãe, que roubou poder e energia dos outros enquanto eles dormiam e depois passou para ele. Foi assim que ele tirou meu poder dela.

Antes de eu matá-la e abandoná-lo para morrer.

– Me recuso a deixar você morrer. – Alcanço a estrada que vai nos levar a Shancoom. Cada quilômetro é uma tortura. – Precisei abandonar você antes. Não tive escolha. Agora eu tenho. E você não tem o direito de morrer só por se sentir mal por causa do que a sua mãe fez ou quem seu pai era.

– Me desculpe por ter feito isso com você – ele sussurra. – Mas você também não tem escolha dessa vez. Prefiro morrer do que ser um predador ou te machucar de novo.

O celular toca. Leo leva tempo demais para me falar a mensagem. Já sei o que é antes dele dizer.

– Eles estão sendo atacados.

# Capítulo 23

– VAMOS FAZER O SEGUINTE – EU DIGO, O MOTOR RONCANDO enquanto devora a estrada sob nós. Repasso os planos sem parar, como se pensar neles fosse proteger as pessoas envolvidas até eu chegar lá. – Jade, Cillian e Rhys vão ficar na área externa. Jade teve tempo o suficiente para instalar armadilhas. Doug está trancado na sala de treinamento e só existe um jeito de entrar e sair de lá, então elas vão ter que suar para alcançá-lo. Ele pode se defender, mas não vou arriscá-lo considerando o quanto Sean adoraria tê-lo de volta. Não sabemos o objetivo delas, mas dá para imaginar que estão atrás dos demônios em retaliação pelo prejuízo que causei.

– *Athena* – diz Leo.

– Tsip vai ficar entrando e saindo sempre que precisarem dela, mas centrada em volta da sala de treinamento. Não sei se ela é boa de briga, mas vai manter os invasores concentrados na parte principal do castelo e fora das alas. Os pequenos vão ficar no seu quarto e inserimos um fundo falso no armário deles que abre para um esconderijo. Vou imaginar que as outras caçadoras estarão lá com Jessi para protegê-los. Jessi não se importa nem um pouco com as caçadoras, mas vai fazer de tudo para proteger os pequenos. – Artemis não vai chegar perto dos pequenos. De jeito nenhum. Seja lá o que estiver fazendo, não os machucaria.

– Athena – ele diz outra vez.

– Ruth vai ficar na biblioteca com Imogen protegendo os livros. Você sabe que Ruth morreria antes de deixar alguém pegar alguns dos nossos recursos. E minha mãe…

Minha respiração fica presa na garganta. Minha mãe me deu permissão de ver Leo e, em vez disso, eu o sequestrei e fugi por um dia. E agora ela está protegendo o castelo sozinha e eu não estou

onde deveria estar e se ela morrer terá sido minha culpa. Artemis me disse especificamente para levar nossa mãe e Rhys. Ela armou para tirar do castelo as únicas pessoas com quem se importa.

Pelos deuses. Pessoas vão morrer. E Artemis sabe disso.

Leo põe a mão no meu braço.

– Todos eles sabem o que fazer. Foram treinados para isso.

– Se acontecer alguma coisa com eles…

– Não vai acontecer nada.

– Aconteceu com você!

Ele solta uma das minhas mãos apertadas no volante, entrelaça-a na sua e a leva aos lábios para um beijo gentil no dorso.

– E não foi culpa sua.

Ele me solta. Viro-me na direção da estrada da floresta que vai nos levar para o castelo, meu coração batendo forte. Procuro a escuridão dentro de mim, mas só encontro medo.

Piso no freio antes de bater nos restos fumegantes de uma van capotada. Jade realmente deve ter acionado uma bomba. Não sei se estou impressionada ou preocupada. Não consigo evitar uma pontada de medo por Artemis.

– Vamos a pé a partir daqui – eu digo, porque não sei quantas bombas mais haverá pela frente. Desço com uma estaca na mão e avanço.

*Nenhum corpo*, penso enquanto espio no interior da van. *Por favor, sem corpos.* Não há nenhum, então sigo em frente. Leo vem atrás de mim. Está ofegando, mas se movendo rapidamente.

Ouço um galho se quebrando e suspiro ao tomar um banho de água. Uma bexiga de água, para ser exata.

– Sou eu! – eu grito.

– Foi mal! – Cillian está em algum lugar nas árvores. Não sei dizer a localização exata, o que é bom, porque significa que ninguém mais saberia. Mas também significa que ele desperdiçou um de seus poucos balões de água benta em mim. – Eliminamos cinco vampiros que saíram da van quebrada, mas passaram mais duas vans que não conseguimos danificar!

– Cadê Rhys e Jade?

– Rhys está caçando dois vampiros perdidos e ainda não vi Jade. Combinamos que eu ficaria na árvore.

– Ótimo! – De cabelo pingando, acelero o passo até a próxima curva. Duas vans estão paradas no meio da estrada na floresta escura. Eu seguro Leo pelo punho. – Fica aqui – eu sussurro. Vou direto para as vans. A primeira está vazia, as portas abertas como mausoléus. Nenhum inimigo. Nada de Jade, Honora ou *Artemis.*

Ou pelo menos é o que eu penso até me eletrocutarem pelas costas.

– Ela caiu – diz uma voz de mulher. – Tem um deles nas árvores. Não, em cima das árvores, não no chão. Outro mais para dentro da floresta com uma besta e flechas. Ele deve ser neutralizado em breve.

– Nada de força letal – fala outra voz no meio de estática, e essa machuca mais do que seja lá o que fizeram para me derrubar no chão, neutralizada pela dor e incapaz de me mover. É *Artemis*. – Lembrem-se do nosso objetivo. A equipe inteira vai para o castelo, a caçadora está fora de jogo.

– Fora de jogo porcaria nenhuma – eu digo, meu rosto enfiado na terra da estrada.

– Quê? – pergunta a mulher perto de mim.

– O jogo está só começando. – Fico de pé e dou um soco nela. A mulher cai para trás, inconsciente. Humana. Um dos encapuzados sinistros. Arranco a porta da segunda van. Jade está lá, com a cabeça sangrando e mãos e pés amarrados. Minha besta favorita foi jogada no banco de trás, então a pego, depois arrebento as cordas. Jade se senta, gemendo.

– Cadê ela? – pergunta Jade.

– Quem?

– Honora!

– Ela é minha.

– Quem encontrar primeiro leva. – Jade passa por mim com um empurrão e corre para o castelo, mesmo mancando.

Estou prestes a seguir quando lembro que Cillian e Rhys estão sendo caçados. Grito de frustração, correndo para as árvores ao redor de onde fui atordoada. Um vampiro está escalando uma árvore. Eu miro, mas antes de puxar o gatilho ele vira pó graças ao disparo de outra besta.

– Cillian! – Os óculos de Rhys estão tortos e seu cabelo abandonou qualquer pretensão de ordem. Ele tem um corte na bochecha e seus olhos estão arregalados de adrenalina e pânico.

– Estou bem! – Cillian grita lá de cima.

Viro-me para trás. Rhys não vai deixar nada acontecer com Cillian.

– Eles estão no castelo!

– Pode ir! Estamos logo atrás de você!

– Tragam Leo! Entrem pelos fundos, deixem ele na torre com Pelly e cubram o corredor principal.

Leo está apoiado em uma árvore.

– Athena, eu quero…

– Siga suas ordens! – eu rebato. – Não posso te esperar!

Eu acelero, ouvindo Jade xingar quando a ultrapasso facilmente. A porta da frente está fechada, ainda intacta. Elas não vieram por aqui. Faço um rápido inventário mental. A ala dos dormitórios é o ponto mais fácil para entrar. As janelas são mais perto do chão e metade delas está faltando. Corro para dar a volta por fora do castelo. Encontro dois vampiros nas árvores. Disparo duas flechas e então não há mais nenhum.

Deixando a arma no chão, pulo até a beira da minha própria janela, depois a quebro e me jogo para dentro do quarto. No corredor, ouço os sons furtivos e calculados de vários invasores.

– Doug! – grito. – Por aqui! Se esconda no meu quarto! – Como esperado, ouço passos correndo na direção da minha voz. Bato a porta. Alguns segundos depois, ela se abre de supetão, revelando dois vampiros. Estou de pé no meio do quarto entre a minha cama e a de Artemis. O ventilador de teto está girando em máxima velocidade.

– Essa não. Dois vampiros. Socorro. Socorro. – Eu pego uma estaca.

A primeira vampira, seu rosto irregular e deformado incongruente com seu cabelo loiro perfeito, avança para cima de mim. Piso com força na madeira do piso em baixo de mim. A tábua com mola… não faz nada.

Já enfrentei muitas decepções na minha vida, mas essa certamente foi a pior. Piso mais uma vez com decepção petulante – e acaba que isso aciona o mecanismo. A tábua com a mola se projeta para cima e a vampira voa quase em câmera lenta na direção das pás do ventilador. Com um grito interrompido e uma nuvem de pó, ela perde a cabeça.

– Santa boca do inferno, funcionou! Funcionou de verdade! – Eu rio descrente, pulando para cima e para baixo. – Preciso contar para…
– Artemis. *Preciso contar para Artemis.*

O outro vampiro congelou descrente no lugar, olhando para os restos de sua companheira flutuando na direção das camas.

Toda a minha comemoração azeda. Artemis é a razão de eu precisar testar nossas armadilhas. Pego um livro pesado e o jogo na cabeça do vampiro. Ele cambaleia para trás, então o chuto e ele voa diretamente para dentro da grande lareira de pedra. O interruptor está escondido atrás da cornija. Aperto e o vampiro é consumido em um jato de fogo pressurizado que dispara exatamente abaixo dele.

E o melhor de tudo é que nem incendiei meu quarto. Essa era a nossa preocupação principal com o método, mas descobri um jeito de manter o fogo contido: basta colocar o vampiro diretamente na lareira.

– Ponto pra mim – eu murmuro, seguindo na direção das passagens secretas.

Se os invasores estão agindo sob ordens de Artemis e Honora, devem conhecer as passagens secretas do castelo. Vou para a entrada mais próxima. Como imaginei, a porta do armário está entreaberta. Eu me aproximo dela.

Os gritos ecoam pelas passagens estreitas de pedra. São as vozes de vários vampiros.

Não consigo nem imaginar o que os pequenos demônios roxos estão fazendo lá, mas, seja o que for, eles são bons nisso. Nada de invasores se movimentando pelas passagens secretas. Só espero que Artemis não seja uma delas. Quase mando os pequenos demônios roxos saírem de lá, mas não posso me dar a esse luxo só para protegê-la. Esgueirar-se por passagens secretas não faz o estilo de Artemis. Corro de volta para o corredor principal para garantir que a minha mãe o tem sob controle.

Há dois vampiros se contorcendo pelo chão, arranhando as cavidades oculares agora vazias. Tsip olha para mim, radiante.

– Consegui alguns olhos, Nina! E é meu aniversário!

– Mandou bem, eu acho? – Enfio a estaca nos vampiros, sabendo que mesmo cegos eles possuem instinto assassino o suficiente para continuar sendo uma ameaça. Minha mãe deve estar escondida do lado de fora, na alcova, protegendo a porta da frente.

Espio pela janela e vejo vários cães infernais convergindo para a entrada. Abro a porta, pego minha mãe e a puxo para dentro antes de fechá-la novamente.

– Obrigada, Artemis – ela diz, ajeitando sua jaqueta. – Nina! – ela se corrige.

O fato de o nome da minha irmã estar na ponta da sua língua ao ser salva machuca ainda mais. Sei que foi um engano, mas um engano nascido do hábito. É em Artemis que ela confia quando a situação pesa para o nosso lado. Só que agora Artemis é um dos pesos.

Compartilhamos um olhar silencioso e sofrido. Contudo, não temos tempo para dizer nada. Rhys e Cillian chegam correndo da ala dos dormitórios, Leo atrás deles. Ele parece acabado.

– Leo, vá para a seção da torre. Pelly está lá. Mantenha-o em segurança. Sean fez coisas terríveis com ele por muito tempo e tenho certeza de que adoraria recuperá-lo.

Posso ver o dilema no rosto de Leo. Ele odeia ter que largar essa luta na nossa mão. Mas assente e vai na direção da cozinha, onde terá acesso à porta que leva para a seção de torre condenada.

– Por que agora? – ele pergunta, parando.

– Como assim? – Estou olhando pela janela. Os cães infernais estão dando a volta. Até agora não houve sinal de Artemis ou Honora, o que é preocupante.

– Por que elas atacaram justo agora?

– Porque eu irritei o grupo delas na convenção!

– Não, ele tem razão – diz Rhys, recarregando sua besta. – Você irritou essa gente faz muito tempo. O que mudou?

– Não sei! Eles têm Artemis e Honora do seu lado agora. Tiveram uma brecha na agenda para um ataque ligeiro ao castelo. Jogaram um dardo e acertaram “acabar com Nina” em um quadro. Faz diferença?

– Pode fazer!

– Bem, não temos tempo para pensar nisso agora! Leo, vá para a ala da torre. Rhys, Cillian, fiquem de sentinelas na ala do Conselho. Vocês devem ter uma boa visão nos aposentos do velho Bradford Smythe. Acabem com quem se aproximar.

– Qualquer um que se aproximar? – pergunta Rhys, hesitante.

Eu quase digo sim, de tão concentrada que estou em proteger o castelo. Mas estamos falando de Artemis. E, santa paciência, de Honora. Não quero matá-las. Nem que seja para poder esfregar a derrota na cara delas.

– Atirem nas pernas até ver os rostos. Depois atirem no coração, se forem vampiros ou demônios.

– Combinado.

– Tenham cuidado – diz Cillian.

– Ah, eu não pretendo ter cuidado. Eu pretendo ser perverso.

Jade chega da ala dos dormitórios. Sua cabeça ainda sangra, mas ela pegou a besta que deixei para trás e parece assustadora em vez de assustada.

– Derrubei mais dois. Se me der cobertura, vou pegar suprimentos no galpão para explodir as vans e impedir a fuga.

Minha mãe ergue a mão.

– Arriscado demais. Está cheio de cães infernais lá fora. Se posicione no final da ala dos dormitórios. Proteja nossa retaguarda.

Jade resmunga, mas concorda e desaparece por onde veio.

– Precisamos neutralizar os cães infernais. – Minha mãe confere a trava da sua arma. – Até onde eu me lembro, nós duas somos muito boas em…

É quando a porta da frente explode.

# Capítulo 24

MEUS OUVIDOS APITAM. TUSSO PEDAÇOS DE POEIRA E REBOCO, sentindo partículas de pedras com séculos de idade invadir meus pulmões. Fico de pé, piscando para limpar a sujeira e esperando ver os cães infernais avançando sobre mim pelo buraco formado pelas portas da frente, presas por uma única dobradiça. Mas não há cães infernais perambulando.

– E aí, Esbaforida! Segura firme!

Viro-me bem a tempo de ter minha própria mãe jogada em cima de mim. Eu a seguro, cambaleando para trás e quase caindo, então a ajudo a ficar de pé. Ela endireita o casaco do terno e tira dele um taco preto elegante.

– Obrigada.

Honora está parada na nossa frente com uma daquelas armas de choque na mão. Eu vou tirá-lo dela e depois vou enfiá-lo no…

– Você devia estar inconsciente. – Honora não está nem despenteada, seu rabo de cavalo elegante exibindo mechas lustrosas. Ela veste uma calça preta perfeita para suas medidas, botas de combate e uma jaqueta preta. Parece uma propaganda para babacas traidores – *traia seu grupo, mas tenha um visual incrível!*

Agora, não é mais a sujeira que está dificultando enxergar e sim o vermelho pulsante nas bordas da minha visão.

– É mesmo? E você devia estar gritando “meu braço”!

Ela inclina a cabeça, confusa. Arranco o que sobrou de uma das portas pesadas e arremesso na direção dela. Honora só tem tempo

de levantar um braço para se proteger e a porta o atinge com uma pancada de esmagar ossos.

– Sua cretina! – ela grita, segurando o braço e caindo de joelhos.

Eu dou de ombros.

– Não foi “meu braço!”, mas chegou perto.

– Nina. – A voz da minha mãe é severa. – Cuidado.

– Não com ela.

Não vou nem tentar me conter. Não com Honora. Dou um passo na direção dela, então desvio para o lado quando um dardo corta o ar com um assovio, acertando a parede atrás de mim.

Artemis recarrega. A julgar pela sua posição, ela veio de algum outro lugar no castelo – a ala dos dormitórios, o corredor residencial do Conselho ou a cozinha. Eu não sei qual. Estava concentrada demais na minha presa. Artemis está segurando um travesseiro, de todos os itens possíveis, em uma das mãos.

Mas, na outra, tem uma arma de dardos apontada para mim.

– Artemis – nossa mãe diz –, você está de castigo.

Honora ri, sua voz normalmente baixa saindo alta e tensa por causa da dor.

– Vocês são todas doidas. Só precisavam nos entregar alguns demônios. Agora olhem pra gente.

Não tiro os olhos da arma de dardos, mas estou tremendo de raiva.

– Vocês vieram aqui! No nosso lar!

– Isso não é um lar – diz Artemis. – Nunca foi. – Ela arremessa o travesseiro para Honora e dispara três dardos em mim. Eu saio do

caminho com um pulo e uma cambalhota no chão. Nenhum dos dardos me acerta.

– Ai. – Nossa mãe tomba de lado, se apoia na parede e desliza para o piso. Um dos dardos acertou seu ombro. – Põe castigo nisso – ela repreende antes de fechar os olhos.

– Você apagou nossa mãe! – Aponto de maneira acusadora para seu corpo inconsciente.

Artemis recarrega.

– Apaguei mesmo.

– Por que está fazendo isso?

– Você não entenderia. Você é a pessoa menos capaz de entender.

Ela circula ao meu redor. Eu acompanho o movimento, sem deixá-la vir para trás de mim ou chegar à sala de treinamento, onde Doug está.

Eu costumava ser a única pessoa que a entendia. Mas agora ela tem razão. Eu não entendo.

– O que aconteceu com você?

Ela ri descontroladamente, apontando para o castelo.

– Isso aconteceu comigo, Nina. Você aconteceu comigo. Não faz ideia de como é se sentir incapaz. Saber tanto quanto nós sabemos e ser totalmente dependente dos outros para combater o mal.

– É claro que sei! Tive que assistir você sendo a pessoa capaz, a forte, aquela que *sempre* era escolhida. Fui a inútil por dezesseis anos da minha vida!

– Não! Você sempre foi a escolhida. Desde o dia em que nasceu. Era *você* a escolhida. Bem, estou escolhendo a mim mesma. Não

preciso de forças místicas antigas determinando se estou à altura de um poder. Vou fazer as coisas por conta própria. E aí ninguém será capaz de me machucar, ou machucar você, ou machucar nenhum de nós.

– *Você* está machucando todo mundo!

– Os fins justificam os meios. – Ela ergue a arma e dispara vários dardos tão rápido que mal tenho tempo de desviar.

– Não pense que não sei o que está fazendo.

Ela ergue uma sobrancelha.

– Mesmo?

– Você está me afastando de Honora enquanto ela escapa de fininho. – Paro de me mover, erguendo os punhos. – Ela não tem como se safar. Sou mais rápida, mais forte e melhor do que ela. Não só Doug vai continuar aqui como ela também. Temos um calabouço inteiro esperando por ela.

– Na verdade – diz Honora, suor escorrendo da testa pela dor no braço –, ela está te posicionando pra isso poder acontecer.

O rosnado atrás de mim é alerta o suficiente. Eu giro e pego o cão infernal que se lança em cima de mim. Ele consegue me derrubar e seguro suas mandíbulas enquanto elas se esforçam para morder meu pescoço. Saliva quente e pegajosa pinga sobre mim. Dou um chute no estômago dele, jogando-o pelo ar. Ele acerta a parede com um baque e cai ganindo, cambaleando para se ajeitar. Puxo uma estaca, mas o cão infernal muda de direção e avança para minha mãe inconsciente.

Dois dardos acertam suas costas antes que ele chegue lá. Ele cambaleia até desabar, desmaiado.

Artemis não baixa a arma. Em vez disso, dá mais um disparo em mim. Eu desvio, correndo para cima dela, acertando-a no estômago com o ombro e carregando-a pelo grande corredor antes de derrubá-la. Estou prestes a agarrá-la para… o quê? Eu não faço ideia, mas meu coração está acelerado e minha raiva está me comendo viva, mais quente e podre do que a saliva do cão infernal. Então, um estalo precede Tsip.

– Nina! – ela diz, chorando. – Foi horrível!

Eu me viro. A porta está intacta! Ninguém teria como chegar até Doug!

– O quê? O que aconteceu?

Tsip estica a mão. Sua palma está tracejada de poeira.

– Os olhos deles viraram pó! Aqueles olhos lindos! Justo no meu aniversário.

Eu trinco os dentes e cerro os punhos.

– Tsip. Volte para o seu posto agora mesmo ou juro que vou arrancar seus olhos pessoalmente e devolvê-los embrulhados em papel de presente. – Não é uma ameaça vazia. Sei enquanto falo que eu seria capaz de cumpri-la. Mas não tenho tempo de sentir nojo de mim mesma.

Ela faz uma cara triste, seu lábio inferior tremendo.

– Isso acabaria totalmente com o propósito. – Ela desaparece e me viro para Artemis a tempo de vê-la beber algo. Sem dúvida é uma daquelas drogas demoníacas de superagilidade.

– Não importa. – Cruzo os braços e a vejo se levantar. – Você não pode me derrotar. E sim, eu notei que Honora sumiu. Vou atrás dela depois.

Um cão infernal rosna. Artemis se vira na mesma hora. O som não está vindo do seu lado do castelo. Ele rosna de novo. Vem de trás.

A torre.

Ele está farejndo algo – o travesseiro roubado por Artemis. Ela deve ter vindo da cozinha, o que significa que o roubou dali. E a única pessoa que eles poderiam querer caçar que teria um travesseiro ali…

– Vocês não vieram atrás dos demônios – eu sussurro.

*Leo.* Elas estão atrás do Leo. Ele tinha razão ao perguntar por que elas haviam atacado justo agora. Porque o motivo nunca foi Doug, recuperar outros demônios ou se vingar de nada.

O motivo era a única novidade do castelo. Leo.

Artemis se joga contra mim em uma chuva de socos e chutes tão velozes que mal consigo bloqueá-los. Ela me empurra para trás no grande corredor que conduz à ala dos dormitórios, a direção contrária de para onde preciso ir. É preciso passar pela cozinha para chegar à torre, acessando uma entrada na ala do Conselho.

Desvio de um soco e seguro o seu braço, girando-a e arremessando-a na parede. Corro na direção do grande corredor e entro na ala do Conselho, fazendo uma curva veloz para a cozinha. Posso chegar à torre por uma porta antiga e pela passagem secreta existente lá.

Mas alguém poderia chegar por fora se escalasse a lateral usando alguns dos buracos que não tivemos dinheiro para consertar. Preciso ser mais rápida. Preciso…

Artemis me golpeia por trás e dou de cara com uma geladeira. O metal se dobra. Eu não. Pego uma das prateleiras de aço inoxidável e a jogo em cima dela, derrubando-a no chão. Estou quase na porta. Ela agarra meu pé e puxa, me derrubando e subindo em cima de

mim para me manter no chão. Eu me viro de costas e a chuto para longe. A porta está trancada, então quebro a maçaneta e empurro com o ombro, fazendo a madeira se quebrar e meu ombro latejar em agonia.

A escuridão é quase impenetrável. Nunca nos demos ao trabalho de trazer fiação para essa parte do castelo, por motivos óbvios. Corro pela passagem úmida de pedra, com o coração na boca. Acabei de recuperar Leo. Ninguém vai tirá-lo de mim.

O corredor se curva à minha frente e posso ver uma luz tênue. Pelly grita e encontro forças para acelerar um pouco mais. Mas meu pé prende em um amontoado de pedras fora do lugar e caio feio. É tempo suficiente para Artemis me alcançar. Ela pula em mim, tentando me segurar. Jogo-a para longe e fico de pé com dificuldade. Faço a curva tão rápido que derrapo e quase caio de novo, então me deparo com o amplo círculo de um aposento caindo aos pedaços, metade do piso coberto de destroços. O luar entra por buracos seis metros no alto da parede. Um deles revela um vampiro subindo por uma corda, seguido por Leo. Honora está no alto. Ela pega a mão de Leo e o ajuda a subir – ele está subindo por vontade própria – e, então, eles somem do meu campo de visão.

Corro e pulo para alcançar o buraco, mas Artemis agarra o meu pé, interrompendo minha trajetória. Em vez disso, eu bato na parede, caindo sobre ela. Ela rola para ficar por cima, prendendo meus braços atrás de mim.

– Você nunca aprendeu as verdadeiras lições dos guardiões. Todas elas falam de sacrifícios aceitáveis. Demônios são sempre sacrifícios aceitáveis. Até Leo sabe disso.

Giro o cotovelo para cima e para trás, pegando-a na mandíbula. Ela cai de cima de mim e eu me ergo com um pulo.

– Ele não é um demônio! Ele é um de nós!

– Mas tudo bem machucar a Honora? Ela também é uma de nós!

– Ela escolheu partir!

– Ele também! E eu, só pra lembrar! Também vai quebrar o meu braço?

Estamos frente a frente, arfando. Ela esfrega o rosto.

– Estou tomando as decisões difíceis. As que você nunca seria capaz de tomar. Precisa confiar em mim.

– Como poderia?

– Porque sou sua irmã. Sempre protegi você. – Artemis soa magoada. Depois de tudo que ela fez, ainda espera que eu confie nela? Que a deixe fazer essas coisas terríveis para pessoas terríveis? Ela me atraiu para fora do castelo e contratou vampiros para me atacar. Trouxe cães infernais e vampiros para a minha casa. Para atacar as pessoas que amo.

Leo queria tão desesperadamente confiar em sua mãe que escondeu a verdade de todos nós e Bradford Smythe pagou o pato. Eu quase fiz isso também.

Não confio em Artemis. Não vou me permitir.

Minha postura trai minhas intenções enquanto me inclino na direção do buraco para perseguir Leo. Artemis salta na minha direção. Eu a agarro e jogo na parede. Giro com o movimento, levanto o punho e bato tão forte quanto consigo. Ela desvia por pouco e meu golpe atravessa a parede má conservada da torre. Ela produz um estrondo e racha.

Artemis e eu nos olhamos rapidamente. Jogo-a para fora do alcance antes que metade da parede desabe em cima de mim.

# Capítulo 25

BUFFY ESTÁ DE PÉ NA BEIRA DA PRAIA. TENTO ALCANÇÁ-LA. PRECISO chegar até ela, conversar, pedir ajuda. Mas, toda vez que tento me aproximar, uma onda barulhenta de escuridão me alcança e me arrasta para trás. Para o fundo. Não consigo respirar nem me mover.

Eu rastejo. Estou quase lá. Ela está em pé como um farol luminoso, seu cabelo loiro reluzindo.

– Algumas coisas não dá para combater – ela diz, agachando-se e fixando seus olhos verdes tristes em mim. – O jeito é aprender a sobreviver a elas.

Tento chegar a ela. Ela estende a mão, mas a escuridão afunda suas garras em mim e me puxa para baixo.

Algo cutuca insistentemente meu ombro, o que o faz gritar de dor. Abro os olhos devagar, mas não consigo ver nada.

Também não consigo respirar.

O pânico me invade e empurro com toda a força, deslocando as pedras e os tijolos que me cobriram. Elas caem, uma pequena avalanche iniciada pelo meu movimento. Rolo para fora, certa de que estou sangrando em mais de um lugar e machucada em todos os lugares possíveis. Mas, até onde dá para sentir, não há nada quebrado e o casaco de Artemis salvou boa parte da minha pele.

Pelly me cutuca outra vez, colocando o braço para fora e chilreando baixo.

– Tudo bem, Pelly. Eu me curo rápido. Pode manter sua pele para você. – Dou impulso para me levantar, derrubando pó e pedaços de pedra ainda presos em mim.

Então é o peso de tudo que acabou de acontecer que desaba sobre mim. Leo subindo a corda. Artemis me enfrentando. Artemis, que se foi, me deixando soterrada nos destroços.

Desabo contra a parede intacta mais próxima. Por mais que tudo isso machuque, dói ainda mais saber que foi o meu soco que derrubou a parede. Meu soco que tinha Artemis como alvo. Se ela não tivesse se esquivado…

Pelos deuses. O que aconteceu com nós duas? O que aconteceu *comigo*? Eu poderia ter matado minha irmã. Se não a reconheço mais, me reconheço menos ainda.

Saio capengando da seção da torre, quebrada mais do que fisicamente. Não sei quanto tempo se passou. Poderia correr para fora e ver se consigo alcançá-los antes de escaparem com Leo, mas...

Erro um passo, quase caindo. Não. Sem condições de correr. Não agora, pelo menos. A cozinha está vazia, mas o corredor principal não está. Minha mãe continua inconsciente, mas foi arrastada da porta da frente para a sala de treinamento. Jade está de guarda tomando conta dela e da porta, enlameada, machucada e armada até os dentes. Ela ergue uma espada, olhando o espaço atrás de mim à procura de inimigos.

– Ninguém leva o Doug! – ela grita.

– Ninguém estava tentando. – Ajoelho com tudo ao lado da minha mãe e verifico sua pulsação. Está estável. Não dá para saber quando ela vai acordar, mas uma hora fará isso. Penso no cão infernal atordoado pelos tranquilizantes, mas uma faca ameaçadora ao lado de Jade está suja com sangue negro. Ela garantiu que o cão não fosse mais uma ameaça. Bom para ela. – Chame Tsip. – Me encosto na parede ao lado da minha mãe. – Acabou. Nós perdemos.

– Mas Doug…

– Leo. – Seu nome gruda na minha língua como o pó da torre e eu quase sufoco. – Leo era o objetivo todo esse tempo. E elas o levaram.

– Droga. – Jade faz a gentileza de parecer sentida. Ela bate duas vezes na porta antes de pegar o *walkie-talkie* e anunciar que a barra está limpa. Cillian e Rhys têm um *walkie-talkie*, assim como Ruth Zabuto e Imogen na biblioteca, além de Jessi no aposento dos pequenos.

Tsip aparece no meio do corredor. Ela olha em volta esperançosa, mas não há mais inimigos com globos oculares disponíveis. Seus ombros caem em desânimo e ela se encolhe.

– Acabou?

– Sim. – Acabou. Está tudo acabado. Tudo. O Santuário. Eu. Porque, se eu não pude proteger Leo e não pude parar antes de quase matar minha própria irmã, como posso me considerar protetora de alguém? Não sou uma guardiã. Não sou uma caçadora.

Sou um fracasso.

Um monstro.

Toda aquela energia demoníaca extra em mim não tem nada para dizer agora. Ela venceu. Não há razão para se regozijar ou tentar me dominar. Já conseguiu.

– O que vamos fazer? – pergunta Jade. O som das placas de madeira despencando da porta atrás de nós é o único barulho no imenso corredor. Doug vai levar uma eternidade para sair. Não que isso importe. Não há pressa. Nós não temos um plano. Nenhum jeito de pensar em um. E eu certamente não vou tentar.

Leo se foi. Perdi Artemis. Sean, Honora e seus fanáticos venceram.

– Nina? – Imogen entra correndo no corredor principal. Eu me levanto tão rápido que quase caio. Ela está coberta de sangue e tremendo.

– Está ferida? – Procuro um machucado, mas não encontro um.

– Não é… não é meu… – Ela respira fundo. – Ruth morreu. Foi Artemis.

– *Não*. – Não. Eu passo correndo por Imogen, me apoiando pelas paredes, meu equilíbrio ainda não restaurado completamente e minha velocidade alta demais para meu corpo agredido. Chego à biblioteca e encontro a porta entreaberta. Aquela fresta de luz vazando de dentro acaba comigo. Empurro a porta sem querer ver. Precisando ver.

Ruth está esparramada no chão. Sua saia xadrez subiu, revelando uma calcinha larga de nylon, e quero soluçar porque sei que ela odiaria o fato de eu ter visto isso. Em vez do seu par favorito de pérolas falsas, há uma linha vermelha irregular no seu pescoço, a poça escura sob ela ondulando.

Ondulando. O que significa que o sangue ainda está fluindo. O que significa que o coração de Ruth ainda bate.

– Pelly! – eu grito. – Pelly!

Pelly entra correndo atrás de mim e nem para. Agacha-se perto de Ruth, arranca uma faixa de pele fina e translúcida do antebraço e a coloca sobre o corte na garganta dela, parando o sangramento.

Ajoelhada na poça, sinto o sangue ensopar minha calça. Encosto os dedos na garganta reparada de Ruth, torcendo, rezando. Sua própria pele está fina como papel. O pedaço substituto de Pelly se encaixa harmoniosamente, mas não há pulsação. Nenhuma pulsação. A escuridão dentro de mim transborda, ameaçando engolir tudo, mas então, ali! Um tremular. Um minúsculo fluxo de vida. Ruth não está morta.

– Rhys é O negativo! – eu grito, sem saber para quem estou gritando.

Jade responde. Ela me seguiu.

– Pode deixar. Vou trazer ele e uma maca. – Ouço-a sair correndo pelo corredor. Não há nada que eu possa fazer por Ruth até ter Rhys e alguns suprimentos.

– Tsip! – eu grito.

Ela aparece perto de mim.

– Sim?

– Vá ver como estão Jessi, os pequenos e as outras caçadoras. Depois volte imediatamente e diga se estão todos bem. – Precisam estar.

Ela assente e desaparece. Quando volta, está resmugando.

– *Quase* enfiaram uma estaca em mim! Elas estão tão nervosas.

– Você saiu pelo armário do lado delas?

– Sim, claro. Era o caminho mais rápido.

Respiro fundo, meu coração disparado, minha alma tão machucada quanto meu corpo.

– Mas está todo mundo bem.

– Sim. Mas Jessi gritou comigo por assustar os pequenos.

– Volte lá, pela porta dessa vez, e diga a Jessi para levá-los para a casa de Cillian. Fale para saírem pela janela.

Eu não quero que os pequenos vejam nada disso. Nem o cadáver do cão infernal, nem minha mãe inconsciente, e certamente não

essa sanguinolência na biblioteca.

Pelos deuses, o que eu vou dizer aos pequenos se Ruth morrer? Ela é a tia-bisavó de Thea e basicamente a avó de todos eles. Nunca deveríamos ter mantido os pequenos aqui. Eles deviam ter sido mandados para longe anos atrás. Minha ideia de um santuário não era só inerentemente falha como também profundamente egoísta. Eu sou tão ruim quanto os antigos guardiões. Decidi ser o que eu queria ser e conduzi as coisas conforme minha vontade sem considerar os riscos.

Agora Ruth Zabuto pode morrer, Leo foi levado e os pequenos poderiam ter sido sequestrados ou coisa pior. Porque, se Artemis foi capaz de fazer isso com Ruth, eu estava errada em supor que ela deixaria os pequenos em paz. Não faço ideia do que ela é capaz. Talvez nunca tenha sabido.

E tudo isso é – totalmente, cada partezinha – minha culpa. Eu deixei Artemis fazer tudo que ela fez.

Mesmo assim, não consigo visualizar minha irmã cortando a garganta de uma senhora como Ruth. Por quê? Por que ela faria isso? O que aconteceu com ela?

– Nina – diz Imogen, olhando chocada para Ruth. – Ela não morreu? Pensei que tinha morrido. Ninguém poderia ter sobrevivido àquilo.

Rhys soluça, pegando a mão da avó. Eu ajudo Cillian a colocá-la na maca.

– Ela é mais forte do que todo mundo – diz Cillian. – Vai sobreviver.

– Rhys, vamos fazer uma transfusão do seu sangue.

Ele assente enquanto chora. Sei os princípios básicos de uma transfusão de sangue. É uma das coisas que estudei mais do que tudo. Achava que teria que fazer isso um dia por causa de um ataque de vampiros. Não por causa da minha própria irmã.

– Cillian, vou mandar os pequenos para sua casa. Mas preciso saber. Ela é segura? – Não posso descontar o fato de que sua mãe tem itens conectando-a com tudo isso. Ela queria falar comigo, mas não fui visitá-la para descobrir o que sabia. E Artemis fingiu querer falar comigo também. Não podemos mais confiar em família. Não podemos confiar em ninguém.

Cillian aperta meu ombro. Ele dói.

– Ela não é uma má pessoa. Tenho certeza.

Jade pega uma das pontas da maca.

– Anda, vamos levá-la pro centro médico. Depois eu volto para ajudar a… limpar. – Ela e Ruth eram próximas. As duas se especializaram em magia antes da magia morrer. Jade olha para Ruth, que é muito mais leve do que seus montes de xales sugerem. Ela mal parece estar ali. De repente, parece muito mais provável que não sobreviva.

Cillian me tira gentilmente do caminho e pega a outra ponta da maca. Sigo-os pelos corredores, os dois se movendo o mais rápido possível sem correr riscos, enquanto Rhys acompanha ao lado da avó, ainda segurando a mão dela.

Artemis. Minha irmã. Minha gêmea. Atacando a enrugada e perpetuamente confusa Ruth Zabuto, que conhecemos desde garotinhas. Levando uma faca à sua garganta e cortando.

Tento não visualizar a cena, mas é a única imagem na minha mente enquanto percorremos os corredores até o lugar onde talvez eu ainda possa ajudar pelo menos uma pessoa.

Duas horas depois, Rhys perdeu uma quantia considerável de sangue e sua avó parece estável, até onde dá para dizer. Cogitei enviá-la para o hospital mais próximo, mas ele fica a uma hora de distância. Ela poderia morrer antes de chegar lá e não sei como explicaríamos seu ferimento ou a maneira como ele foi fechado. Eu

administrei um fluido intravenoso e estamos monitorando seus sinais vitais. Sua pulsação está fraca, mas constante.

Infelizmente, ela ainda não acordou.

Estou sentada no corredor fora do centro médico. Não sobrou muito espaço com Ruth na cama e Rhys sentado ao seu lado, mas não quero estar longe caso ela acorde. Imogen parece surpresa de me ver ali. Ela deve ter vindo ver como Ruth está. Olha para dentro e vê Rhys.

– Vocês dois deviam ir descansar. Eu fico de olho nela.

– Não – diz Rhys. Sua voz sai rouca, mas determinada.

Ela hesita, depois se junta a mim no chão.

– Como você está?

– Isso não faz sentido. Por que Artemis tentaria matar Ruth? Pode me dizer exatamente como aconteceu?

Imogen suspira.

– Sua irmã entrou no castelo pela janela da biblioteca. Ruth tentou impedi-la. Eu estava atrás das prateleiras falsas na sala secreta protegendo a passagem. Quando saí, já era tarde demais.

– Quase tarde demais – eu corrijo. Preciso desse “quase” mais do que jamais precisei de alguma coisa. – Ela está muito velhinha. Eu nunca deveria tê-la mantido aqui. Ou os pequenos. Coloquei todo mundo em risco. – Deixo a cabeça pender e cubro os olhos. – Vocês se arriscaram esse tempo todo só por estar perto de mim. Eu ameacei Tsip e não foi da boca para fora. E eu quase… eu poderia ter feito isso, Imogen… eu quase matei alguém hoje. Uma pessoa, não um vampiro.

Imogen aperta a minha mão.

– Mas não matou. Foi a sua irmã que fez isso… ou pelo menos tentou. Ela cortou o pescoço da Ruth, Nina, e deixou você para morrer.

– Quando vamos atrás dela? – pergunta Rhys. Ele está parado na porta. Seu rosto é frio e impiedoso, o curativo no braço evidenciando o quanto estava disposto a sacrificar para manter a avó viva.

– Eu não sei.

– Isso não basta – ele rebate. – Você sabia, não é? Sabia que ela estava trabalhando com esses maníacos e escondeu isso de nós.

– Sim – eu sussurro.

– E agora minha avó está… – Ele engasga com as palavras. Quando volta a falar, sua voz é dura. – Você protegeu Artemis e todos nós pagamos o preço. Chega disso. Precisamos de um plano.

Imogen entrelaça os dedos nos meus.

– Vamos trazer Leo de volta, o que significa que teremos que enfrentá-la outra vez. Precisamos ter certeza de que você entende.

– Entender o quê? – Eu não entendo nada.

– Ela escolheu um lado e não foi o nosso. Ela é nossa inimiga. Não podemos nos dar ao luxo de pensar de outra forma no momento. Estou preocupada… caramba, estou apavorada só de pensar que, da próxima vez que vocês se enfrentarem, ela não se dê por satisfeita por te deixar enterrada nos destroços de uma torre. Quase perdemos Ruth. Ainda existe esse risco. Não podemos perder você.

Quero cobrir o rosto de novo e me esconder dessa discussão, mas Imogen está segurando a minha mão.

– Ela é minha irmã.

Rhys bufa.

– Isso não a impediu de te largar enterrada debaixo de metade do castelo. Ela não se importa com você. Não se importa com nenhum de nós.

A voz de Imogen é mais suave.

– Eu conheço a sua irmã. Por isso precisa ser *você* a enfrentá-la. Se tiver que escolher entre Artemis e si mesma, tome a decisão correta. Me prometa isso.

– Nós devemos isso à minha avó – diz Rhys. – Você sabe que ela teria morrido para proteger qualquer um de nós. Inclusive Artemis. – Ele fala o nome com desdém.

– Prometa que vai tomar a decisão correta – repete Imogen.

No passado, Artemis me fez prometer a mesma coisa – que eu escolheria a mim em vez dela. Eu não escolhi e quase acabamos abrindo uma nova boca do inferno. Pensei que tinha evitado o fim do mundo, mas parece que ele acabou discretamente nos últimos dias e eu só notei quando já era tarde demais.

Artemis escolheu ficar do lado de Honora e Sean em vez do nosso. Artemis tentou matar Ruth. Artemis poderia ter me matado. E Artemis pegou Leo.

Não consigo encarar a dor e a fúria nos olhos de Rhys, nem a seriedade nos de Imogen.

– Prometo – sussurro para o chão.

# Artemis

ELAS JÁ TÊM UMA JAULA PREPARADA PARA ELE, MAS LEO NÃO ESTÁ em condições de correr ou lutar. Ele mal consegue ficar de pé. É triste vê-lo caído lá dentro. Artemis sempre gostou dele. Admirou-o. Até o invejou.

Mas ele nunca teria passado no teste de guardião. Provou que escolheria a mãe em vez do mundo, ou pelo menos em vez dos guardiões. Ele sabia o que ela era e a deixou prosseguir. Será que sabia o que *ele* era, inclusive na época em que treinavam juntos?

Devia saber. Ele sempre foi o mais cuidadoso do grupo, o mais preciso. O mais controlado. Porque, ao contrário do restante deles, seus demônios interiores eram literais. Será que é mais fácil enfrentá-los quando eles possuem um nome, uma espécie, uma classificação clara em latim?

Os demônios de Artemis não são tão fáceis de definir. Ela não consegue esquecer a expressão de Nina enquanto a empurrava para fora do perigo. Sim, foi Nina quem derrubou a parede tentando acertar Artemis com tanta força que nem ela sabe se teria se recuperado, mas Nina também a jogou para um lugar seguro. E Artemis a abandonou soterrada.

Isso a está corroendo, contorcendo-se dentro dela como uma infecção. Talvez ela esteja fazendo a coisa errada. Talvez tenha traído sua irmã, sequestrado um amigo e manipulado a única garota que amou e nada disso vá funcionar. Ela não é a escolhida, afinal de contas. Artemis nunca vence. Não de verdade.

Ela desvia os olhos de Leo na jaula e se concentra na namorada, que está verificando as outras jaulas nas cavernas e fazendo o inventário demoníaco.

– Como o convenceu a ir com você? – pergunta Artemis.

Honora ergue os olhos do seu bloquinho.

– Do mesmo jeito que alguém me convenceria a seguir direto para o meu fim. – Ela volta a olhar para baixo, engolindo em seco, mas mantendo a expressão leve e desinteressada. – Ameaçando a pessoa que eu mais amo no mundo.

Isso é o mais perto que Honora já chegou de dizer *eu te amo*. Nenhuma delas disse até agora. Talvez nenhuma delas seja capaz, por causa do modo como foram criadas. Talvez Artemis não mereça isso e nunca vá marecer. Sua garganta dói e seus olhos ardem.

Sua voz sai como um sussurro para ela não chorar.

– E se a pessoa que você mais ama no mundo estiver te levando direto para o seu fim?

– Então eu morreria do jeito que gostaria de viver. Acreditando nela. Lutando ao seu lado.

Artemis enxuga lágrimas. Ela vai vencer. Precisa vencer. Por Honora. Por Nina. Mas principalmente por si mesma, para que seja a pessoa que precisa ser para merecer tudo isso. Para ser forte o suficiente para manter isso.

– Só pra deixar claro, também te amo.

Honora fecha os olhos. Sua expressão é tão áspera e reservada que Artemis sabe que é hora de recuar. Dar a Honora um tempo sozinha para sentir tudo que precisa sentir. Artemis só espera que tenham tempo o suficiente.

Ela atravessa uma passarela e se senta perto de Leo. Ele está apoiado na parede de pedra áspera da caverna que forma o fundo da sua cela. Em uma das passarelas metálicas próximas, correntes estão sendo soldadas à plataforma na frente da coisa que vai

resolver todos os problemas de Artemis. Inclusive a dor que sente ao pensar na irmã. Quando Nina enxergar os resultados, ela vai entender. E Honora nunca mais terá que se preocupar com qualquer coisa.

Ouvem-se sons de arranhões, gemidos e rosnados agudos. Uma fileira de demônios acorrentados está sendo colocada no lugar pelos fanáticos em seus mantos pretos. Artemis odeia os cultuadores do Adormecido com um instinto de autopreservação e tem feito o possível para evitar falar com qualquer um deles. Há quanto tempo eles têm trabalhado nessas cavernas? Ou será que as cavernas sempre existiram ali, só esperando sua chegada?

– Por quê? – pergunta Leo.

Artemis não o encara.

– O que você *faria* para proteger a minha irmã?

– Tudo.

– Eu também.

É uma semiverdade. Ela faria tudo. Fez de tudo. E nada importou. Desde o dia em que viu Nina ser deixada para trás no incêndio, vem tentando proteger a irmã e falhando. Não conseguiu protegê-la da dor de se apaixonar por Leo, da rejeição dos guardiões, da negação dos interesses em curar as pessoas e dos esforços para melhorar as coisas. Não conseguiu protegê-la nem da tristeza de ter uma mãe fria e distante. Ou da morte do pai. Ela adoraria ser capaz de proteger Nina. *Vai adorar* ser capaz de fazer isso.

Mas, mais ainda, ela quer proteger a si mesma. Não há como negar. Não depois do que fez para chegar até ali.

Artemis não quer mais sentir dor. Não quer mais ter que ver essas coisas acontecerem e não ser capaz de consertá-las. Não quer guardiões como seu pai morrendo, ou pessoas como Honora

trabalhando todos os dias para desfazer e esconder os danos causados por sua própria mãe. Não quer que Nina precise ser uma caçadora, arriscando a vida porque não consegue parar de se importar com tudo e todos.

O mundo está tão *quebrado* e isso machuca demais. Ao contrário do Adormecido, ela não tem nenhuma vontade de ser a dona desse mundo. Só quer ter poderes reais o bastante para mudar as coisas. Se tivesse sido a caçadora, as coisas poderiam ter sido diferentes. Mas não são. Não ainda. Não até ela *tornar* as coisas diferentes.

Ela não quer machucar Leo, mas fará isso. Em seu teste para se tornar guardião, ele escolheu o mundo em vez do que mais amava. Ela espera que o que ele mais ame agora seja Nina e que ele tome a decisão errada.

Ela assente na direção dos demônios.

– Você conhece todas essas linhagens. Sabe o que eles fazem. Cada um deles é um predador irracional.

– Então, mate-os. Não me peça para drená-los. É cruel. E errado.

– Mas você está morrendo.

– Eu não ligo. – Ele parece atormentado. – E se eu não conseguir parar? E se me transformar na minha mãe? Não vou arriscar. Prefiro morrer.

Artemis revira os olhos.

– Rapaz, que gesto nobre. Estou tão feliz que você, um quase humano não assassino e perfeitamente legal que conhece o mundo o bastante para realmente proteger pessoas inocentes esteja escolhendo morrer em vez de deixar todos os demônios cruéis morrerem no seu lugar. Você sabe que aquele ali bebe caldo de ossos de crianças, né? A julgar pelos anéis nas garras, ele tem umas centenas de anos de idade. Imagine quantas crianças isso

significa. Quantas tigelas de sopa. Mas, claro, é melhor você não se arriscar a um dia, quem sabe, machucar alguém.

– Você está distorcendo as coisas. Escolher não me beneficiar matando esses demônios não é mesmo que deixá-los soltos. – Leo a observa com um olhar tranquilo. Ele sempre foi bom em ler as pessoas. É inconveniente. Ela não quer ninguém a observando dessa forma agora.

– Tá bom. Não os mate. Você tem razão, não vou soltar nenhum deles se não for drená-los. Mas o que acha que vai acontecer com Nina?

– Ela vai acabar me superando. – As palavras o machucam, mas ele acredita nelas.

– Não, seu palerma arrogante. Não estou falando dos *sentimentos* dela por você. Estou falando da própria Nina. Se eles não conseguirem poder transferido através de você, vão ter que procurar novas fontes. E quem nós conhecemos, quem eles conhecem, que está transbordando de poder?

– Não – ele sussurra.

– Eles vão ver a mesma coisa que a sua mãe. Ajudá-los foi a única maneira que encontrei de mantê-los afastados de Nina. Mas se você não colaborar, não haverá nada que eu possa fazer. Não consigo enfrentar um deus infernal, Leo. Nem acho que Nina consiga. – Ela se aproxima, quase encostando nas barras, e sussurra: – Eu tenho um plano. Faça o que eles disserem. Pegue o poder. Transfira. Carregue o amplificador dele. E *confie em mim*. São os demônios ou Nina.

É mentira. Ela jamais deixaria Nina se aproximar do Adormecido. De qualquer maneira, não funcionaria sem um demônio íncubo ou súcubo para transferir o poder. Mas Leo não sabe disso. E, felizmente, ele está exaurido demais, cansado demais e

desesperadamente apaixonado demais pela sua irmã para perceber a mentira de Artemis.

Ela suaviza a voz, deixando-a mais parecida com a de Nina, depois passa a mão pelas barras e toca no braço dele.

– Você estava disposto a morrer para protegê-la. Em vez disso, proteja-a vivendo.

Alimentar-se de criaturas vivas foi o limite que Leo escolheu não ultrapassar. Se ela realmente fosse amiga dele, encontraria outra maneira de fazer tudo isso funcionar.

Mas ela não pode se dar ao luxo de ser amiga dele. Percebe no rosto de Leo o momento em que ele cede. Ele assente.

– Eu aceito.

Artemis aperta seu braço e se levanta para avisar Sean que eles podem começar. Ela já esperou tempo demais. Esse é o fim, ou o começo, ou talvez ambos.

# Capítulo 26

O CARRO SEGUE AOS SOLAVANCOS PELA ESTRADA DE TERRA RUMO A Shancoom. Estou no banco de trás espremida entre Jade e Doug, enquanto Rhys dirige e Cillian ocupa o banco do passageiro. Minha mãe começou a acordar, protegida pelo gato ronronante e Imogen, e deixei Tsip tomando conta de Ruth, ainda inconsciente, com uma ordem rígida de não consumir nenhum globo ocular. A demônia ainda está amargurada com o destino poeirento de seus troféus vampirescos e não quero arriscar deixá-la agir por contra própria. Imogen se ofereceu para ficar com Ruth, mas Tsip pode me alcançar num piscar de olhos se algo der errado.

Lidar com a mortalidade da Ruth parece o fim de uma era dos guardiões. Ela é a última da velha guarda, nascida duas gerações antes da minha própria mãe. É duro demais pensar na quantidade de experiência e conhecimento que quase perdemos hoje e ainda corremos o risco de perder. E certamente não consigo pensar em quem tentou tirar esse conhecimento, experiência e calor antigo de crochê de nós.

Ruth já estava trabalhando nos cachecóis de Natal para o ano que vem. O mais recente ainda deve estar lá por terminar, com as agulhas ainda encaixadas, esperando seus dedos hábeis e enrugados…

O silêncio no carro é palpável. Todo mundo está magoado e com raiva – de Artemis e, bem, também de mim. E não posso culpá-los. Eu não tinha como saber que ela atacaria o castelo, mas com certeza possibilitei que o fizesse.

Rhys pigarreia, Cillian batuca os dedos no apoio de braço e Doug, que garantiu minha posição entre ele e Jade, estremece mas mantém os olhos fixos na janela, olhando para a floresta escura que só agora clareia com a manhã.

É um novo dia. Um dia vazio e terrível, nascendo repleto de perda e fracasso.

Chegamos à casa de Cillian e Rhys manobra o carro para estacionar. Com uma relutância óbvia, ele se vira para falar comigo.

– A gente devia conversar sobre o plano de resgatar Leo.

– Você não queria ele preso? – pergunta Jade. – O que importa se foi Artemis que o levou? Devíamos ir atrás dela, não dele.

Eu quero argumentar, mas não tenho direito de fazer isso. Não quanto a esse assunto.

Rhys franze o cenho.

– Sim, eu queria ele preso. Por nós, para cuidarmos dele. Não que fosse sequestrado por fanáticos com algum propósito nefasto em mente.

– Ninguém usando uma capa preta jamais teve boas intenções – murmura Doug.

– Mágicos? – sugere Jade.

– Só reforça minha teoria. – Mas Doug sorri e Jade se alegra ao vê-lo relaxar.

– Não importa – eu digo. – Artemis vai estar onde Leo estiver, então o objetivo não muda. E Rhys tem razão. Seja lá qual for o motivo de terem pegado ele, precisamos impedi-los. Nossa única esperança é a mãe de Cillian nos dar uma pista para rastrear Artemis e os fanáticos.

– Porque alguém deixou os fanáticos roubarem o livro que poderia jogar uma luz no problema. – A mandíbula de Rhys está tensa. Normalmente, Cillian tocaria nele para acalmá-lo, mas agora está com os braços firmemente cruzados e o rosto ilegível. Não sei de

quem ele sente mais raiva nesse carro. Se for de mim, ele não está sozinho. Também estou com bastante raiva de mim.

Cillian pega o colar que tiramos dos encapuzados e o estende na palma da mão. Sei como vai ser difícil para ele lidar com seja lá o que estamos prestes a descobrir. Ele vai precisar abandonar as memórias que tem do pai, muito provavelmente para substituí-las por coisas ruins. Sua mãe me pediu para mantê-lo longe disso tudo, mas, graças às minhas escolhas, não tenho mais essa opção.

– Cillian. – Rhys ergue uma mão na direção dele. Seu rosto está pálido e sua mão treme de leve, mas ele parece bem apesar de ter doado muito sangue. Cillian aperta sua mão.

– Vamos lá.

Seguimos Cillian para dentro. Os pequenos devem estar acomodados no quarto dele com Jessi, mas a essa hora ainda está tudo quieto. A luz na cozinha é uma ilha quente no oceano frio da manhã. A mãe de Cillian dança cantarolando enquanto prepara comida. Entramos todos ao mesmo tempo. Não há espaço o bastante, então Doug e Jade se sentam à mesa para três, enquanto Rhys, Cillian e eu bloqueamos a entrada e a saída da cozinha. Não sei se paramos dessa forma de propósito, mas ela não vai conseguir escapar por nós.

Jessi aparece na escada e nos encara, séria.

– Silêncio – ela repreende, antes de desaparecer por onde veio.

– Ah, oi! – Esther sorri e nos observa. Seu olhar para em Doug só o bastante para registrar uma leve surpresa e então segue adiante. Ela sabe a respeito de demônios, afinal de contas. Ela continua se movimentando, puxando coisas dos armários e da geladeira. – Eu não sabia do que os pequenos iriam gostar, então estou preparando um pouco de tudo. Pensei em fazermos um piquenique na praia hoje. Ainda está frio, mas vou encapotá-los. Depois podemos passar na loja, se Jessi liberar. Ela é bem tensa, né? Mas eu adoro aquele

lugar. Ficou tão bonito, Cillian. Você realmente mudou o espaço para melhor. – Ela parece genuinamente feliz em ter os pequenos por perto, animada com a possibilidade de levá-los para se divertir lá fora. Pelos deuses, que ela não seja uma pessoa má disfarçada. Por favor, que essa mãe seja uma das boas.

Cillian se apoia no balcão e cruza os braços.

– Isso é ótimo, mãe. Mas avise a gente se mudar de ideia e decidir fugir para o Tibete, Madagascar ou Shangri-la. Vamos precisar de pelo menos cinco minutos de antecedência.

Ela sorri por reflexo, mas parece tensa e na defensiva.

– Me dê só um momento e posso preparar uns ovos para vocês. Ainda gosta deles com a gema para cima, né?

Cillian não responde. Em vez disso, mostra o colar.

Ela estremece quando ele brilha na luz.

– O que é isso? – ele pergunta.

– Quer torradas? – Ela olha para mim de um jeito acusatório. Eu não devia ter arrastado Cillian para o meio disso.

– É tarde demais – eu digo. – Sinto muito. Não temos mais a quem recorrer.

Cillian se move para bloquear o caminho da mãe para a torradeira.

– Essa é nossa única pista. Você me *deve* isso. Se não encontrarmos essas pessoas, nosso amigo morrerá.

As mãos dela tremem enquanto alisa o lenço que cobre as tranças.

– O que… o que isso pode ter a ver com o seu amigo?

– Pessoas usando esse símbolo o levaram. E não pode ser coincidência o quebra-cabeça do meu pai ter o mesmo padrão. Ele estava envolvido com isso antes de morrer? Você estava? *Está?* Porque eles são fanáticos e você passou um bocado de tempo tentando encontrar Deus, a religião ou sei lá o quê.

A chaleira assobia e a mãe de Cillian manobra ao redor dele para tirá-la do fogo. Ela serve cinco canecas de chá e para na sexta, erguendo uma sobrancelha na direção de Doug. Ele sacode a cabeça e ela devolve a chaleira ao fogão. Cada um de nós pega uma caneca que não combina com as outras. Eu levo a de Jade, sem querer que a mãe de Cillian fuja de onde a encurralamos. O rosto de Jade está machucado, seu lábio inchado, e flagro Doug olhando os danos com uma expressão indecifrável.

A mãe de Cillian envolve a caneca com as mãos e se vira para nós, apoiando-se no balcão com a mesma postura que já vi Cillian assumir uma centena de vezes.

– Seu pai não está morto.

Cillian engasga com o chá.

– O quê?

– Em minha defesa, nunca falei que ele estava.

Ele apoia sua xícara no balcão azulejado. Estamos todos em choque, incertos de aonde isso pode levar.

– Falou sim – diz Cillian.

– Não. Eu tentei não mentir para você. Se pensar direito, a única coisa que eu disse foi que perdemos seu pai. Falei isso no sentido literal. Nós o perdemos.

– Acho melhor a gente se sentar. – Rhys pega Cillian pelo cotovelo e o leva para o sofá rosa desgastado. Não sei dizer se Cillian está a

ponto de desmaiar ou matar alguém. Sento do seu outro lado, tanto para dar apoio quanto para contê-lo caso ele decida estrangular a mãe.

Esther se senta em uma cadeira na nossa frente, equilibrando sua caneca no joelho e olhando para dentro dela, como se as folhas de chá pudessem revelar um jeito mais fácil de contar a história.

– Na graduação, eu estudava contos de fadas. Queria ser professora. Sempre tive interesse em tradições orais, as histórias passadas de geração para geração. Queria entender o motivo de contarmos as histórias que contamos. Então, viajei para o interior da Irlanda, perguntando a respeito de variações regionais dos contos folclóricos. Encontrava as mesmas informações gerais em cada um deles, mas algumas cidades e vilas apresentaram detalhes… muito específicos. Uma montanha que você nunca deveria visitar à noite. Um caminho que nunca deveria ser trilhado sozinho. Uma casa abandonada duzentos anos atrás que ninguém nunca reivindicou. Dava para sentir o poder por trás do medo das pessoas. Não era pavor, e sim autopreservação. Tinha as mesmas regras e os mesmos passos práticos dos meus feitiços. E isso despertou meu interesse. Fui a uma das casas abandonadas à noite, fiz um círculo de proteção e aguardei. À meia-noite, um portal se abriu. – Ela para, olhando para Doug. – Tenho certeza de que nenhum de vocês ficará surpreso ao descobrir que nosso mundo possui, quer dizer, possuía portais e passagens para outros mundos. Não eram portas para mundos feéricos e caminhos encantados, mas para outras dimensões. Dimensões infernais. Todas as histórias sobre proteger as pessoas que você ama de seres desconhecidos e imortais que os levariam embora e nunca devolveriam, ou devolveriam tão diferentes que você nem os reconheceria, são verdadeiras. Mas elas falam de demônios, não fadas. Mesmo conceito, nome diferente.

– Gosto mais de feéricos que de demônios. – Doug encolhe os ombros. – Dá uma atmosfera mais legal.

– Não é? Só que esses feéricos não têm nada de bonzinhos. Tive sorte naquela primeira noite. Nada saiu e eu fugi o mais rápido que pude. Depois, planejei meu próximo passo com muito cuidado. Queria provar que a minha teoria estava certa. Que estávamos contando a nós mesmos histórias sobre demônios e que os irlandeses sempre souberam sobre essas conexões com outros mundos e vinham se protegendo por gerações. Então, encontrei uma vila com histórias sobre um feérico específico. Eles o chamavam de Adormecido, porque esse demônio não tinha um nome. Uma vez por ano, todos os anos, cada um dos habitantes da vila ia embora. Eles abandonavam suas casas, seus negócios, suas vidas. Quando perguntei o motivo, só me disseram que não era seguro. Bastou uma busca rápida nos arquivos dos jornais para descobrir que pessoas desapareciam naquela data, todo ano, havia décadas. Então naquele ano, quando todos foram embora, eu montei uma armadilha.

Ela toma um gole do chá, franzindo a testa, e continua.

– Isso foi arrogante da minha parte. Mas eu era jovem e ambiciosa e queria um demônio. Acabei conseguindo mais do que pretendia, porque não capturei um demônio naquele dia. – Ela suspira, olhando pela janela para um lugar e um dia distante de nós. – Eu capturei um deus.

É a vez de Rhys engasgar com o chá.

– Capturou um deus?

– Um dos menores. Mas, sim.

– Espera aí – diz Cillian. – Existem deuses… no plural?

– Sim. – Eu dou de ombros. – Depende da sua definição de deus, mas há inúmeros deuses infernais, além de alguns benevolentes de nível médio. Seres poderosos que de vez em quando vagam pela nossa terra. Não sabemos se eles ainda têm acesso a ela agora que a magia morreu.

Cillian se recosta no sofá, esfregando a testa.

– Então esse tempo todo, quando você dizia “pelos deuses”, não era só graça. Estava sendo precisa.

– Gosto de me garantir com todos os lados. – Aponto para Esther. – Quando diz que capturou um deus, o que quer dizer exatamente?

A mãe de Cillian voltou a se concentrar em nós e observa o filho com preocupação.

– Eu era muito boa em magia. Eu a puxava de fontes variadas: irlandesa, inglesa, nigeriana... As tradições se uniam de maneiras surpreendentes, e eu extraía muito mais poder do que se tivesse se me especializado em somente uma, como o meu coven da faculdade queria. Tem lá suas vantagens saber de onde você vem. Quando o deus entrou na vila para ir atrás de um sacrifício, ele pisou na minha armadilha. Minhas redes caíram sobre ele, ligando-o a esse mundo e a mim. Mas, uma vez que o tinha capturado, eu não soube o que fazer com ele. Entrei em pânico. – Ela fica girando o chá remanescente na caneca. – Então apelei à minha educação britânica e o convidei para sentar e tomar chá comigo. Nós conversamos. Ele visitava a Terra há incontáveis gerações, sifonando poder como se fôssemos uma tomada para ele se reabastecer. É preciso muita energia para sustentar a divindade.

– Naturalmente – murmura Jade. – Não dá para ser todo-poderoso sem um monte de poder.

– Então, você prendeu um deus infernal e ficou bebendo chá com ele. Depois o quê? – Cillian não está olhando para ela nem para nós. Só encara o chão enquanto segura o colar com tanta força que deve estar cortando sua palma.

– Bem, hã… nós nos demos bem. Ele era realmente interessante e bastante charmoso e bonito.

– Mãe. – A mão de Cillian se contrai. – Você não está dizendo que meu pai é um deus infernal.

– Um dos menores. Mas sim. Tecnicamente. Embora ele se ressentisse quando eu me referia a sua dimensão de origem como “inferno”. Dizia que era limitante. – Ela dá um gole e se empertiga. – Por outro lado, ele adorava ser chamado de deus.

Rhys solta a respiração de forma longa e controlada.

– Então você o trouxe para cá e brincou de casinha com ele.

Ela dá de ombros.

– Eu não podia deixá-lo partir, sabendo o que era. Cedo ou tarde seu poder iria se esgotar. Se ele passasse tempo o suficiente aqui sem sacrifícios, se tornaria humano. Eu questionei a moralidade disso, é claro. Se podia decidir que essa criatura imortal não devia mais fazer o que tinha sido criada para fazer. Mas tinha que levar em consideração as inúmeras gerações sacrificadas para ele. E, bem, eu gostava dele. Era solitário ser a única bruxa de Shancoom. Honestamente, ele estava feliz. Vinha fazendo as mesmas coisas por tanto tempo que elas pararam de ter um significado. Vê-lo descobrir o mundo, sentir as coisas como um humano, era realmente incrível. Ele nunca tentou quebrar nosso elo, nunca pediu para ser libertado. Eu o amava e acho que ele me amava de verdade também. Quando engravidei… bem, quando digo que ele brilhou de felicidade, estou falando literalmente. Ele estava tão animado. Andava sozinho há tanto tempo. Tínhamos isso em comum. E nós dois queríamos você, Cillian.

Cillian está em silêncio. Não consigo nem imaginar o que deve estar passando pela sua cabeça. Além da questão definitivamente complicada sobre o consentimento quando se está preso a alguém por magia, o puro fato de um dos seus pais não ser desse mundo deixaria qualquer um no limite.

Eu aperto a mão dele.

– E o que deu errado? – pergunta Jade.

– Tudo estava normal. Estávamos felizes. Eu tinha a loja de magia. Ele era voluntário da polícia local, ajudava com a loja e tinha assumido as responsabilidades de pai e da casa. Mas aí, poucos anos atrás, voltei para casa mais cedo com uma dor de cabeça e o flagrei no galpão com Cillian. Eles estavam com aquele receptáculo triangular. Não sei onde nem como ele o conseguiu, mas reconheci o símbolo. Na cidade onde ele tinha feito a travessia, estava esculpido num pilar de pedras antigas no pátio circular onde ele tinha aparecido. Eu tinha pensado que era uma relíquia celta, mas não era. Era *ele*. O símbolo dele. Ele estava ensinando Cillian a manipulá-lo e aí… a coisa começou a brilhar. Fiquei apavorada.

– Por quê? – pergunta Cillian. – Você sabia o que ele era.

– Mas não sabia o que *aquilo* era. Não sabia se ele estava usando o símbolo para roubar energia de você como um sacrifício. Ou se… se estava tentando transformar você no que ele tinha sido um dia. – Ela aperta a caneca com força, a postura rígida. – As duas possibilidades me assustaram mais do que pensei ser possível. Eu havia ficado complacente, tão acostumada com ele, tão apaixonada pela nossa vida juntos, que acabei esquecendo quem e o que ele era. E pela primeira vez me perguntei se, talvez, ele não me *deixou* prendê-lo a mim. Talvez, esse tempo todo, fosse eu a pessoa sem poder. Estava tão distraída que naquela noite eu me esqueci de refazer nosso elo. – Ela balança a cabeça. – Não sei. Vai ver eu me esqueci de propósito. Eu estava preocupada com a segurança do meu filho. No primeiro dia com ele, bebendo chá, ele me disse que me mataria quando se libertasse. Disse isso com um sorriso, casual e alegre. – Ela estremece. – Mas, quando acordei de manhã, ele tinha partido. Simplesmente foi embora. Acho… acho que ele amava a nós dois de verdade. Do seu jeito.

– Por que mentiu para mim? – A voz de Cillian é um sussurro. – Por que me deixou acreditar que ele estava morto?

– Ele não é igual a nós. É uma criatura anciã, imortal. Quando não estava mais ligado a nós, não teve escolha. Precisava voltar a ser o que era. Mas ele nos amava. Nós ainda estamos aqui. Se não amasse a gente, se o tempo passado aqui não o tivesse mudado, ele teria me matado. Então, eu deixei você pensar que ele estava morto. Achei mais gentil do que saber que ele não podia ficar. Que tinha voltado para sua própria dimensão.

Rhys franze o cenho.

– Ele voltou? Simples assim?

– Nunca mais o vi. Não sei o que mais ele teria feito. Ele odiava nosso mundo barulhento. Pelo seu antigo calendário, ele devia voltar para o equinócio da primavera, mas não pôde, por motivos óbvios.

Cillian se levanta e começa a andar para lá e para cá.

– Mas isso é uma bagunça. Uma bagunça tão grande. Não tenho tempo pra pensar nisso agora. Nenhum de nós tem. O que era o tal do triângulo? – Ele balança o colar dos fanáticos, nossa única pista sobre os sequestradores de Leo. – Por que eles usam o triângulo nesses cordões?

– Se eu fosse chutar, diria que eles veneram seu pai. – Ela faz uma expressão desagradável, como se tivesse provado algo azedo ou estragado. – É esquisito, na verdade. Talvez eles estejam tentando alcançá-lo.

– Como Eve – eu digo – tentando criar uma nova boca do inferno.

Jade se recosta na cadeira, sua expressão pensativa.

– De repente, eles precisavam de Leo pra isso.

Rhys assente, concentrado enquanto pondera sobre as novas descobertas.

– Eles ouviram a respeito do que a mãe de Leo fez e decidiram fazer a mesma coisa com ele.

– Isso seria assim tão ruim? – Minha curiosidade é genuína. – Afinal, é o pai de Cillian.

Cillian parece atordoado.

– Qualquer deus cuja atividade envolva usar outras criaturas vivas como combustível não é benevolente. Além disso, ele faltou a cada um dos meus aniversários e Natais, apesar de saber exatamente onde eu estava e podendo voltar para a Terra a qualquer momento antes da magia morrer. Mesmo que fosse para passar só um dia. Ele pode ser um deus, mas ainda é um péssimo pai – ele conclui.

Sua mãe parece triste. Então, ela balança a cabeça, assumindo uma expressão de desaprovação contundente.

– Cillian tem razão. Não seria nada bom ele voltar. Especialmente agora que não possui concorrência. Ele costumava falar que não ficava aqui porque só podia passar um dia por vez com todos os outros poderes e demônios competindo. Eles meio que mantinham uns aos outros à distância. Se qualquer deus pusesse os pés aqui agora, ele não teria rival. Seria péssimo. – Ela aponta para o colar pendurado na mão de Cillian. – Eu não sei se isso basta. O triângulo é o nome dele. É um símbolo ou um receptáculo. Não tenho certeza. Ele nunca conversava comigo a respeito disso. Mas passei todo esse tempo estudando, tentando aprender mais sobre vários deuses e seus poderes.

– Por quê? – Cillian para de andar. – Está atrás de outro namorado?

Ela se encolhe como se tivesse recebido um tapa.

– Eu fiz isso por *sua* causa. Porque me preocupo. Porque partes suas vieram dele. Ele não podia estar aqui por você, então eu queria aprender o máximo possível. Assim, se você fosse como ele, se

você… mudasse, eu estaria aqui para te ajudar a lidar com o que viesse pela frente.

– Esse é o problema, mãe. Você nunca esteve presente. Sempre fiquei sozinho. Não tô nem aí para as partes de mim que vieram dele. Estou interessado na parte de mim que se sentiu sozinha e assutada. – Ele não se afasta quando Rhys se levanta e segura a sua mão, inclinando o corpo de leve para seus ombros se tocarem.

– Sinto muito – ela sussurra, com lágrimas brotando dos olhos. – Eu queria cuidar de você, mas fiz as escolhas erradas. Estou tão feliz que tenha construído uma família aqui enquanto estive longe. E vou dar o meu melhor para acertar as coisas com você.

Cillian pigarreia, tentando não chorar.

– Não interessa se meu pai era um sujeito maligno de outra dimensão. Eu puxei a você, de qualquer modo.

Ela ri, se levanta e aperta Cillian e Rhys num abraço.

– Pelo menos seu gosto para homens é melhor do que o meu.

Não quero, justo eu, ser a pessoa que interrompe uma reunião de família, mas Leo não tem muito tempo. E preciso encontrar Artemis. Preciso impedi-la.

– Como vamos achá-los?

A mãe de Cillian o solta, se endireitando e erguendo os óculos de leitura pendurados no pescoço. Ela os encaixa enfaticamente no lugar.

– Ah, eu andei pesquisando.

O rosto de Rhys quase se ilumina enquanto olha para ela.

– Posso ver os livros?

– Fica para a próxima, querido. – Ela dá uma batidinha no ombro dele. – Tenho um monte de coisa para mostrar a vocês. Mas por enquanto… – Ela vai até o armário e pega um livro de receitas. Ao abri-lo, revela centenas de páginas de anotações em uma letra apertada, mas eficiente. – Se eles estão tentando entrar em contato com o pai do Cillian, vão precisar ir para o seu local de poder tradicional, é claro. É um vilarejo a cerca de duas horas daqui. Podemos começar procurando lá.

– Já é mais do que tínhamos antes. – Rhys parece animado.

Eu queria estar animada também. Mas parte de mim torce para que a gente não os encontre. Porque, se nunca os encontrarmos, nunca precisarei enfrentar Artemis. Mas, se nunca os encontrarmos, Leo vai morrer.

Penso em Sineya enfiando uma estaca em mim repetidamente nos meus sonhos. Talvez ela só estivesse me preparando para a vida real de uma caçadora.

# Capítulo 27

IMOGEN PAIRA EM VOLTA DA GENTE ENQUANTO NOS ARMAMOS. DOUG torce o nariz cada vez que ela se aproxima.

– Eu vou junto – ela diz.

– Não precisa vir se não quiser, Imogen. Sei que você não teve treinamento de combate.

Seu sorriso é tão afiado quanto as facas de arremesso sendo embainhadas no cinto.

– Eu te dou cobertura, Nina. Até o fim. – Ela me passa uma espada perversamente curva. Eu a pego, observando meu reflexo deformado na lâmina.

Doug faz uma careta ao ver a seleção de armas.

– Não sei como usar nada disso.

Baixo a espada.

– Você não vem com a gente. – Aconteça o que acontecer hoje, as coisas vão mudar. Não quero nem pensar. Se começar, vou me preocupar com o que fazer quando vir Artemis e não posso perder tempo com isso no momento. A escuridão dentro de mim, que antes rugia insistente e incômoda, agora me reconforta. Pelo menos, quando a deixo me envolver, não preciso sentir nada.

Doug brinca distraidamente com os aros dourados nas orelhas.

– Sean me machucou durante anos. Até agora, eu estava disposto a deixar passar, porque estava livre. Mas ele te machucou e você é minha amiga. Ninguém machuca meus amigos. Além disso – ele

diz, dando de ombros –, quero que ele saiba que pude ir a um show do Coldplay antes de derrotá-lo.

Eu bufo.

– Quem sou eu para argumentar? – Eu preferiria que Doug ficasse no castelo, onde é seguro, mas a verdade é que nenhum de nós está em segurança aqui. Sabemos disso agora. Ele está escolhendo lutar em vez de se esconder, e não posso culpá-lo por isso.

Minha mãe está sentada em uma cadeira que levamos para ela na sala de treinamento. O sedativo que a acertou foi pensado para uma caçadora. Ela mal consegue andar em linha reta ainda.

– Tem certeza de que os pequenos estão em segurança?

Eu embainho a espada. Ela faz um som satisfatório enquanto desliza no lugar. Tento não imaginar o som que faria atravessando um corpo.

– Sim. Você sabe que Jessi não deixaria ninguém machucá-los. – Ela ficou com eles na casa de Cillian. Se não voltarmos, vai cuidar deles para sempre. Não tenho dúvidas.

Rhys está no canto debruçado sobre a coleção de lendas de Esther, deixando Cillian escolher as armas enquanto ele faz pesquisa. Sem dúvida teríamos muito mais informações se eu não tivesse deixado Artemis levar aquele livro. Eu cometi tantos erros. Não posso me dar ao luxo de cometer mais nenhum.

– Ruth já acordou? – pergunta Jade.

Rhys não reage, exatamente, mas vira as páginas com concentração excessiva.

– Não – minha mãe responde sem rodeios. Aquela única sílaba contém todos os meus medos. Talvez Ruth não volte a acordar. E vai ser minha culpa. E todo mundo sabe disso agora.

Prendo a espada às costas. Meu cinto foi projetado especialmente para guardiões: couro italiano refinado com buracos para estacas e facas. Preencho todos.

– Vou deixar os pequenos demônios roxos aqui. Eles fizeram um bom trabalho antes.

Ou pelo menos um trabalho razoável. Artemis conseguiu se mover praticamente desimpedida. Não consigo imaginar como conseguiu passar por eles e não entendo seu idioma de barulhos para perguntar. Mas eles são melhores do que nada. Vou deixar Pelly também. Ele não foi feito para lutar. Vai ficar no centro médico, um protetor gentil da inconsciente Ruth. E minha mãe também vai ficar aqui. Discutimos por um longo tempo quem deveria ir e, normalmente, eu teria votado para ela nos acompanhar – ela tem mais experiência de combate no mundo real do que todos nós juntos. Mas não sabemos quando vai recuperar a plenitude todas as suas forças e não podemos deixar Ruth sem proteção.

– Aonde vocês vão? – pergunta Chao-Ahn. Ela está na porta com Maricruz e Taylor. Eu não considerei as três caçadoras. Elas não pediram por nada disso. Só queriam um lugar seguro e não fui capaz de oferecer um a elas.

Rhys ergue os olhos do seu livro.

– Vamos enfrentar um culto para não termos que enfrentar um deus.

– Que é meu pai – completa Cillian, com a testa franzida de confusão. – O deus, eu digo. Não o culto.

– Mais deuses? – Maricruz joga as mãos para o alto. – Já enfrentamos três com Buffy. Qual é o problema com o monoteísmo? Estou tão cansada de deuses. – Taylor estremece violentamente ao ouvir o nome com B maiúsculo. Maricruz a acaricia distraidamente, seus olhos focados na pilha de armas. – Você não obrigou a gente a defender o castelo, mesmo sabendo que poderíamos ter ajudado.

– Vocês teriam protegido os pequenos, se chegasse a esse ponto. Teria sido mais do que suficiente.

Eu levanto uma sacola de pano cheia de cruzes e água benta. Elas usaram vampiros no ataque e, embora o plano seja chegar à vila durante o dia, quem sabe o que pode acontecer? Melhor se preparar demais do que de menos. Um guardião preparado… bem, frequentemente ainda é um guardião morto. Mas pelo menos é um cadáver bem informado e armado até os dentes.

O que seria uma caçadora preparada? Taylor pode odiar cada menção a Buffy, mas eu preciso dela. Queria ter conseguido vê-la naquela costa sombria. Será que me entenderia? Seria capaz de me ajudar? Ou veria a mesma falha e corrupção em mim que Sineya vê e enfiaria uma espada na minha barriga em vez de sentar para conversar?

Tsip se inclina sobre meu ombro.

– Posso ficar com os olhos que encontrar? É o meu aniversário.

Eu respiro fundo, lutando contra o instinto de acotovelá-la, agarrá-la e jogá-la na parede. Não é justo me sentir desse jeito em relação a demônios e pessoas com quem me importo.

– Você disse ontem que era seu aniversário.

Ela sorri maliciosamente.

– Toda vez que viajo para dentro do vácuo além da realidade, sou desfeita. E quando eu volto sou refeita, nova em folha. Então, todo dia é meu aniversário.

– Ainda bem que não fiz um bolo pra você. Está bem. Pode ficar com qualquer olho não humano que encontrar. Menos os de Leo, Doug ou qualquer um lutando do nosso lado. – Não sei se foi necessário acrescentar essa parte, mas sua leve assentida desapontada me dá a impressão que sim.

– Eu vou junto – diz Chao-Ahn.

– Eu também. – Maricruz cruza os braços, afastando-se da expressão espantada e ferida de Taylor.

– Quê? – Eu dou as costas para Tsip e me volto para as três caçadoras. Elas já passaram por coisas demais. E não posso garantir a segurança de ninguém. – Não precisam fazer isso.

– Exatamente. – Maricruz sorri para mim. – Desde que me tornei uma caçadora, ninguém me deu o direito de escolha. Era só "vá lá, lute com aquilo e não morra". Você não nos pediu pra fazer nada, nem nos mandou fazer nada além de permanecer em segurança. E sabe o que eu percebi me escondendo naquele armário?

Eu balanço a cabeça. Não faço ideia.

– Que se esconder é muito *chato.* Me dê uma estaca. – Ela estende a mão e eu jogo uma. Ela a gira por sobre a mão, pegando-a com perfeição. Seu rosto doce se transforma e posso ver quanto poder ferve sob a superfície. – É hora de caçar.

– Você não pode me deixar para trás! – A voz de Taylor sai desafinada de pânico.

Maricruz se vira para ela, seu rosto suavizando. Ela ajeita o cabelo de Taylor para trás das orelhas.

– Não vou te deixar. Vou trabalhar. E vou voltar. Precisa confiar que eu vou voltar, está bem?

Taylor assente, entorpecida e silenciosa.

– O que eu faço?

– Vigie Ruth. – Minha mãe se levanta, trêmula, mas determinada. – Ligue pra gente se algo mudar.

– Mãe…

– Vou patrulhar.

Eu suspiro. Sei que ela estaria mais protegida do lado de dentro, mas não posso exatamente proibir minha mãe de fazer o que ela faz de melhor.

– Lembra onde fica o centro médico? – pergunto a Taylor, que assente.

– Ruth gosta que leiam para ela – diz Rhys, com a voz suave. Ele não ergue os olhos do livro. – Qualquer coisa que tenha romance.

– Não vou sair do lado dela – promete Taylor, então vai embora.

Como seria caminhar para a direção oposta dessa luta?

De todas as lutas?

Não existe nada em mim que deixaria isso acontecer. Nem meu treinamento de guardiã, nem minhas habilidades de caçadora e certamente não o zumbido sombrio que já está se reunindo em algum lugar lá no fundo ansioso pelo que virá.

– Não é melhor a gente falar sobre a profecia do tamanho de um bode na sala? – pergunta Imogen. Todo mundo para. Estão evitando olhar para mim de um jeito tão deliberado que poderiam muito bem estar me encarando diretamente. Imogen a cita de cabeça. – *“Garotas de fogo Protetora e assassina uma para consertar o mundo / E outra para destruí-lo.”* Então todo mundo entende o que está em jogo, né?

Queria que não fosse verdade. Queria que a profecia tivesse sido descartada, contornada, oficialmente vencida. Mas talvez Artemis e eu estejamos condenadas a lutar repetidamente até que uma de nós finalmente vença. Será a destruidora do mundo ou a que vai consertá-lo? E qual delas sou eu? Artemis nos traiu, certo. Mas sou eu que tenho poder demoníaco real dentro de mim.

Rhys pigarreia e coloca os óculos no lugar. Estremeço, esperando pelo que ele vai dizer. Mesmo que sejam palavras ásperas, eu mereço. Mas ele me surpreende.

– Nenhum mundo vai acabar hoje. Temos evitado apocalipses há gerações, não é justo a nossa que vai fracassar. Nossa prioridade máxima é resgatar Leo. Sem Leo, os planos deles vão por água abaixo.

– Por que resgatar? – Jade ergue a mão, já prevendo a minha raiva.
– Sério. Ele já está morrendo. E deixou bem claro que fez as pazes com isso. Então, se for preciso escolher entre deixar os fanáticos o usarem e impedi-los de trazer o pai demoníaco de Cillian de volta à Terra, o que acham que Leo iria querer que escolhêssemos? Qual vocês iriam querer que escolhêssemos? Eu sei a minha resposta.

Quando conversamos, ele me disse que a decisão não era minha. Que preferieia morrer do que machucar alguém novamente. Imagino a mim mesma como uma casca vazia, preenchida com nada além de resíduos de poder demoníaco que eu nunca pedi e não posso controlar. É mais fácil do que sentir o que estou prestes a dizer.

– Se não pudermos resgatá-lo, precisamos matá-lo.

Com mais duas caçadoras, além de Cillian, Tsip, Jade, Rhys, Doug e eu, acabamos ocupando os dois carros. Não gosto de deixar o castelo sem nenhum veículo, mas não temos escolha. É parte do motivo de minha mãe ter que ficar. Realmente não há espaço com todas as pessoas e armas que precisamos levar.

Ela me para enquanto saímos.

– Perdoe-a. – Ela não precisa citar nomes.

– Como poderia? – eu sussurro. Não é uma acusação, mas uma pergunta genuína. Como posso perdoar Artemis pelo que ela fez? Como qualquer um de nós poderia?

– Ela passou por coisa demais.

– Todos passamos pelas mesmas coisas. E eu… – E eu poderia muito bem tê-la matado, ou matado Von Alston, ou matado qualquer um dos encapuzados. Talvez a escuridão extra não seja demoníaca. Talvez seja eu. Talvez Artemis sinta a mesma coisa e tenha desistido de lutar contra isso. Talvez ela seja o meu reflexo no espelho, só alguns passos à frente em um futuro ensanguentado.

– Ela é sua irmã. Nada muda isso.

– Ela mudou isso. – Eu balanço a cabeça. – Vou tomar cuidado, mas também vou fazer o que for preciso para proteger o mundo. Foi a própria Artemis que me disse para fazer essa escolha.

Há lágrimas nos olhos da minha mãe.

– Eu falhei com vocês duas.

Não tenho tempo para reconfortá-la e não saberia como. Ela já perdeu o marido para o mal do mundo. Quanto mais ainda vai perder? Quanto todos nós ainda vamos perder?

– Nós nascemos para isso, mãe. Não poderíamos viver com um pé na escuridão para sempre sem ela nos alcançar.

– Não. – Sua voz sai firme, mais forte. – Nós não vivemos com um pé na escuridão. Nós vivemos com os ombros na porta, segurando-a fechada para a escuridão não transbordar para o mundo. Não se esqueça disso. Lembre a sua irmã, se puder. E tome cuidado. – Ela me abraça e repouso minha cabeça no seu ombro por um momento. Nós já perdemos tanto. Perdemos demais. E ainda não acabou.

Antes que possa duvidar da minha decisão, eu me viro e saio. Mas ela está errada. Talvez os guardiões mantenham a porta fechada, mas as caçadoras precisam atravessá-la para trabalhar.

Estou no banco de trás do carro menor com Doug. Cillian dirige enquanto Rhys lê trechos da pesquisa da mãe de Cillian para nós.

– De acordo com esse material, ele tem três formas. – Ele para e olha para Cillian. – Qual é o nome do seu pai?

Cillian dá de ombros.

– Pai?

– Sua mãe chamava ele como?

– Meu amor.

– E os amigos dele?

– Parceiro. Irmão. Amigão. Camarada. Eu não sei. Realmente não consigo me lembrar de uma única vez que tenha ouvido alguém o chamando pelo nome. Mas eu era criança, então talvez só não tenha percebido.

– Ou talvez ele não tivesse um. Ou um pronunciável pela voz humana. Interessante. Bem, como eu ia dizendo, ele possui três formas. E, quando alcança a terceira, é impossível detê-lo. Mas sua mãe não parece saber o que isso significa, nem em que forma ele está atualmente. O que não ajuda muito. – Ele resmunga baixinho, um som atônico que faz sem perceber enquanto está se concentrando. – Não consigo achar nenhuma fraqueza específica. Fico me perguntando por que o chamam de Adormecido. Talvez por que ele só aparecesse para visitar uma vez por ano?

– Se Jade fosse uma deusa, esse seria o nome dela também – diz Doug.

Seu tom é carinhoso. Talvez os esforços extremos dela para mantê-lo protegido – mesmo que ele não seja mais uma fonte de felicidade artificial para ela – tenham resolvido o problema entre eles. Ele me dá um olhar significativo.

– E falando em adormecer, quando foi a última vez que você dormiu?

Encosto a cabeça no ombro dele e fecho os olhos, certa de que não vou cair no sono. Como em cada aspecto da minha vida atualmente, estou errada.

– *Pare* com isso! – Eu desvio da faca de obsidiana quando ela tenta acertar minha barriga. – Eu quero falar com Buffy!

Sineya faz uma careta para mim, o efeito amplificado pela sua pintura facial branca.

– Não é culpa minha se estou com essa bateria demoníaca extra!

Eu me viro e corro. Percebo que fui parar no meu quarto de infância. As chamas roxas que me assombraram por tanto tempo estão congeladas. No chão, há corpos enfileirados cuidadosamente. Os corpos que criei a partir de pessoas vivas. Eu paro, estupefata, e absorvo a cena. Vejo os já esperados e também algumas novas adições.

Rhys. Cillian. Jade. Doug. Chao-Ahn e Maricruz. Minha mãe. Leo.

E Artemis.

Ela está deitada no centro, os outros formando um triângulo ao seu redor.

Vim aqui para… eu queria… eu precisava… não consigo desviar os olhos dos cadáveres. Eles estão lá por minha causa. É minha culpa. Estão todos mortos por minha causa. Porque não fui capaz de protegê-los.

Olho para baixo e vejo uma faca na minha mão, coberta por sangue negro pegajoso. Fiz mais do que falhar em protegê-los. Eu os matei. Sinto um movimento atrás de mim e me viro, enfiando a faca na

barriga de Sineya antes de ela me acertar. Mas não foi Sineya que eu perfurei.

Foi Buffy. Seus olhos se arregalam de surpresa, depois ficam brancos. Ela desaba, inerte em meus braços.

– Não – eu sussurro. – Não, não, não, não. – Deixo-a ao lado de Artemis e não sei o que fazer.

– Ei, menina – diz uma mulher. Eu me viro e noto a mesma morena com lábios carnudos e olhos castanhos expressivos que me levou para a rave de caçadoras, algo que parece ter acontecido uma centena de anos atrás. – Venha comigo. – Ela pega minha mão e me afasta da carnificina.

– Não é… eu não…

– Ei, não precisa me explicar. Se eu tivesse um dólar para cada vez que enfiei uma estaca na B nos meus sonhos ou devaneios, bem, eu teria um monte de dólares. E se ela tivesse um dólar para cada vez que enfiou uma estaca em mim na vida real, ela teria… um dólar. Então estou com uma bela vantagem.

Fico na expectativa de ser largada na rave, que é o último lugar onde gostaria de parar. Não consigo pensar direito com a tempestade de sonho se aproximando e a atmosfera faiscando com a promessa de destruição. Está quase aqui. Mas, em vez da rave, ela me leva para um escritório. Há algumas bandeiras, uma mesa limpa e arrumada, um armário e um grande conjunto de arquivos.

Ela se senta na cadeira presidencial atrás da mesa, apoiando os pés com botas em cima dela.

– Ele odiava quando eu fazia isso. – Ela sorri, mas a expressão é triste.

– Onde estamos?

– Num lugar que fazia eu me sentir segura antigamente, quando eu mais precisava. Eu estava uma bagunça. – Ela pressiona aquelas lábios fartos, pintados de vermelho escuro. – Não sei se estou menos bagunçada agora, mas aprendi a lidar com isso melhor, entende? Agora me conte por que Sineya anda atacando você, por que veio para cá acompanhada de uma tempestade e por que pensou que B merecia uma facada na barriga.

– Eu não… eu não percebi que era ela. Com todos aqueles corpos, eu só reagi.

Ela assente.

– Sei como é. Só que minha reação instantânea de enfiar uma estaca em alguém não aconteceu em um sonho. Eu corri direto para cá depois que aconteceu. Quase destruí tudo, inclusive eu mesma, porque não conseguia lidar com a escuridão.

– Mas eu tenho mais do que você. Muito mais. Leo me deu uma dose extra quando ele…

Ela ergue uma mão, me interrompendo.

– E daí?

– Hein?

– E daí que ele fez isso? O que isso muda?

– Desde que ele fez isso, tenho me sentido diferente. Errada. Com tanta raiva, com tanta culpa e tão assustada.

– E se sentir assim trouxe o que para você?

Mal consigo respirar.

– Não sei. Mas não consigo aguentar ter essa escuridão extra. Já foi tão difícil aceitar ser uma caçadora, agora preciso enfrentar ainda mais?

– Mudanças que não escolhemos são difíceis. O trauma coloca coisas dentro da sua alma que você nunca pediu. É claro, às vezes, essa coisa é demoníaca. Mas, às vezes, só faz parte do crescimento.

– Mas eu fiz coisas horríveis.

– Pensou que passaria sua vida de caçadora só com alegrias? Que nunca precisaria derramar sangue? Que nunca precisaria se engalfinhar com a morte que é a sua vocação?

– Você não entende.

– Ah, querida, eu entendo. Eu garanto. Nós vivemos na escuridão. Lute ou faça as pazes com ela. Mas aceite que, mesmo em um mundo de poderes, deuses e caçadoras, nada vai te curar magicamente e transformar você na pessoa que costumava ser. E iria querer isso se o preço fosse sacrificar tudo que aprendeu e se tornou?

Minha voz falha.

– Talvez. – Eu não estaria feliz, mas pelo menos ainda teria Artemis.

Ela pondera minha resposta.

– Justo. Talvez eu também quisesse. Mas nós não temos essa escolha. Somos caçadoras. Somos imbuídas de escuridão. Vivemos nela e com ela. Às vezes ela é mais do que somos capazes de aguentar e acabamos nos tornando ela. – Uma pessoa aparece ao seu lado, um homem de meia-idade de aparência agradável em um terno, mas ela não olha para ele. Uma faca aparece na mesa. Tem uma aparência perversa, com lâmina dupla, ornamentada, feita para matar e causar tanta dor quanto possível no processo. – Você não pode voltar atrás. Não pode desfazer o que quer que tenha acionado essa maldade extra com a qual vem lutando. Então descubra uma nova versão de si mesma. Aprenda a viver com ela. A amá-la quando estiver pronta. E encontre pessoas que também

farão parte dessa jornada. Porque nem todo mundo vai querer, mas aqueles que embarcarem nessa… você luta por eles e eles lutam por você.

– Ainda queria que a gente pudesse apertar um botão de reiniciar. Começar tudo de novo.

– Eu não. Teria que voltar para a prisão. Ou pior, para Boston.

– Pelos deuses. – Finalmente cai a ficha e me lembro da minha pesquisa de guardiã. Estava tão distraída que não tinha me dado conta. – Você é Faith.

– Em carne e osso. Bem, mais ou menos. Eu acho que não muito, porque estamos num sonho, né? Mas sim. Você sabe que eu sei do que estou falando. – Faith se inclina para a frente, seus olhos escuros analisando os meus. – Não consegue lidar com a dor e raiva dentro de você? Bem-vinda ao clube. Mas você é muito mais do que isso. Talvez tenha feito uma bobagem. Acredite, ainda vai fazer outras. Mas está dando o melhor de si e isso tem seu valor, entende?

– Mas o que eu *faço*? Não sei como consertar tudo isso.

– E não vai. Nunca. Parte desse trabalho é reconhecer isso. Existe mal, sofrimento e perda no mundo, e não há *nada* que você possa fazer para corrigi-los. Então, faça o melhor que pode e depois pense em um jeito de viver com isso. Porque você precisa seguir em frente, mesmo nos dias em que parece impossível e seria muito mais fácil simplesmente… – Ela para, olhando para o homem que sorri calorosamente para ela, então sacode a cabeça e ele desaparece. – A escuridão não vai a lugar nenhum. Mas existe uma diferença entre caminhar pela escuridão e se *tornar* parte dela. Ela não controla você. Recebeu mais dela do que deveria? Ótimo. Então use. Use tudo.

Ela pega a faca e a arremessa para mim. Eu a pego. Na minha mão, ela passa de uma ferramenta cruel feita para causar dor a uma

simples estaca de madeira.

– Fazer o meu trabalho – eu digo.

– Fazer o seu trabalho. Salvar o mundo. No processo, não perder a sua *essência*. E, acima de tudo, mandar bem no visual. – Ela pisca para mim. Em seguida, a mesa desaparece, juntamente com o escritório. Estamos em um cemitério, mas ele não parece ameaçador. Parece correto.

– Obrigada. – Eu a abraço.

– Ah, querida, eu não sou muito de abraços. Tá. Tá bom. Mas não conte isso para as outras caçadoras. Preciso manter minha fama de má, sabe como é. – Ela dá tapinhas nas minhas costas. – Você vai conseguir. Fácil, fácil. E da próxima vez que estiver em Londres, venha me ver, tá bom? Vamos tomar um porre juntas. Espera, qual a sua idade?

– Meu Deus, Faith – diz uma voz familiar. – Está *abraçando* ela?

– Droga, B. Justo *agora*?

Eu me endireito enquanto Faith me afasta. Buffy está de pé, com braços cruzados e um sorrisinho no rosto. Ela assente para mim.

– O mundo ainda está acabando?

– Sim. Ou acabando de *novo*, eu acho.

– Ele tem esse hábito. Você está bem?

Olho para Faith. Se ela conseguiu, eu também consigo.

– Ainda não. Mas vou ficar.

– Olha só pra você, Faith, dando uma de irmã mais velha.

– Vai se lascar. – Faith revira os olhos. Sineya aparece atrás dela, furiosa.

– Vá em frente – diz Buffy. – A gente dá conta. Tem outro lugar precisando de você.

Ela se vira para interceptar a primeira caçadora e eu abro os olhos.

Quando acordo, sem ter levado uma estaca, mas ainda perturbada, estamos quase chegando na vila. Bem que eu queria ter arrastado Faith e Buffy do sonho direto para esse carro. Elas conseguiriam consertar essa confusão. Saberiam exatamente como agir.

Quero rir da minha recém-descoberta confiança nas mais famosas caçadoras da história. Um ano atrás eu teria me passado um sermão sobre como elas são violentas, pouco confiáveis, ruins na hora de tomarem decisões e má influência de modo geral.

Olho pela janela, me perguntando como sobreviveram todo esse tempo enfrentando não só os males externos, mas os internos também. Se elas podem, eu também posso. Não posso?

A vila aparece como uma plantação de cogumelos na relva. Essa área do campo tem vários pequenos remanescentes de épocas passadas. A maioria sobrevive por um fio graças a plantações e turismo, mas as gerações mais jovens estão partindo atrás de melhores oportunidades de trabalho em Dublin e outras cidades. Essa aqui não fica no caminho de mais nada, solitária no fim de uma longa estrada errante.

E, ao contrário das vilas minguantes das demais regiões, parece especialmente – *agressivamente* – abandonada. Vejo ervas daninhas mortas, tinta lascada e desbotada, calçadas e passarelas comidas pelas plantas. Cillian desacelera enquanto nos embrenhamos pelas ruas. Nenhum lugar possui tábuas cobrindo as entradas. Há carros bem estacionados com as rodas cobertas de teias de aranhas. Até um carrinho de bebê foi deixado na calçada.

Parece que todos se levantaram e foram embora ao mesmo tempo, deixando tudo exatamente como estava.

– Estaciona por aqui. – Há duas bicicletas infantis jogadas na calçada. Nenhuma criança largaria uma bicicleta desse jeito. Antes de meu pai morrer, Artemis e eu passávamos todos os dias de verão andando de bicicleta. Quase consigo sentir a luz do sol, o vento, meus pés calçados pedalando furiosamente para deixá-la para trás e ela gritando para eu esperar.

Saio do carro e vou até as bicicletas. Não há nada lá. Além de… Me agacho, olhando para o concreto. Vejo duas marcas de queimado. E cinzas.

Sinto um aperto no estômago e olho para a loja. É uma sorveteria. Um sininho enfraquecido pela ferrugem toca para anunciar minha entrada. A energia está desligada e poeira flutua no ar. Não há nada nem ninguém aqui. O cheiro de leite estragado é mais uma lembrança do que qualquer outra coisa. Espio por cima do balcão onde alguém estaria servindo sorvete e, é claro, encontro outra marca de queimado e outro punhado de cinzas.

Recuo.

Não quero mais ver. O carrinho de bebê me assombra enquanto volto para o carro. O segundo veículo do nosso comboio está parado com o motor ligado atrás de nós, aguardando.

– Algo ruim aconteceu – digo. – Talvez dez ou quinze anos atrás. – Eu me pergunto se os jornais notificaram o ocorrido ou se todo mundo dessa parte do país simplesmente… sabia. Que às vezes pessoas desaparecem. E às vezes cidades também. Esther descobriu isso com a sua pesquisa sobre contos de fadas e provavelmente não foi a única.

– Por isso a cidade toda foi embora? – Cillian aperta o volante com tanta força que as juntas das mãos estão pálidas e sem sangue.

– Eles não foram embora.

Rhys arregala os olhos e estremece.

– Talvez… talvez, quando ele se libertou, não estivesse esbanjando alegria no caminho de volta para casa.

– Não queremos que ele volte – diz Doug. – Não queremos mesmo. Certo? Não estou sozinho nessa, né?

Balanço a cabeça.

– Nem um pouco.

Ninguém mais sai para explorar. Cillian continua nos conduzindo pela cidade. Ela foi construída no formato de uma roda, todas as ruas se irradiando a partir de um ponto central. A mãe dele tinha desenhado um diagrama. Há uma pedra antiga no centro de uma pradaria gramada. Ninguém jamais tentou derrubá-la ou construir sobre ela. Sabiam o que era e a respeitavam. Foram cuidadosos.

E agora todos se foram.

– Bem, isso é um problema. – Cillian freia enquanto vários encapuzados saem das sombras das construções abandonadas e bloqueiam nosso caminho. Todos seguram armas de choque. Suas expressões estão ocultas pelos capuzes. – O que vamos fazer?

Um carro aparece cantando pneu uma esquina à nossa frente. Os encapuzados não são fanáticos a ponto de virar pinos de boliche. Os pneus assoviam com a freada e minha mãe e a mãe de Cillian descem do carro.

– A gente cuida disso! – grita minha mãe.

A mãe de Cillian está segurando uma lata de spray de pimenta em uma mão e um taco na outra.

– Não deixe ele voltar, está bem? Seja lá qual for sua terceira forma, nós não queremos descobrir. O portal era a pedra no centro da cidade. Destrua ela. E se não funcionar, bem, quebre tudo até alguma coisa dar certo.

Cillian assente.

– Obrigado, mãe.

Ela sorri para ele, depois solta um grito de guerra enquanto corre atrás dos encapuzados confusos, com minha mãe logo atrás.

Seguimos até o centro da cidade sem encontrar mais inimigos. Mas, ao chegar lá, nos deparamos com uma única silhueta bloqueando a passagem, suas costas voltadas para nós enquanto observa a pedra no meio da pradaria.

Ele não se move. Cillian pisa no freio e para rente à figura. Ele é branco, está vestindo um terno listrado e tem o cabelo escuro perfeitamente penteado. Vira-se vagarosamente, inclinando a cabeça ao perceber nossa presença.

– Pai? – pergunta Cillian.

– Ai, deus – diz Rhys, com certa razão.

# Capítulo 28

O PAI DE CILLIAN SE PARECE COM A FOTO QUE ESTÁ NO GALPÃO DA casa dele. É como um sósia do Orlando Bloom. Não a versão loira de cabelos compridos soltos ao vento, mas o Orlando Bloom bonito com seu cabelo escuro normal.

E quando digo que se parece com a foto, quero dizer que está *igualzinho* à foto de uma década atrás. Não envelheceu um dia. As vantagens de ser um deus infernal, imagino. Ele está olhando intrigado para Cillian, com uma expressão vaga, como se não conseguisse entender exatamente de onde o conhece.

Ele me vê e sinaliza para o seguirmos, depois se vira e caminha para a pradaria. A terra o engole. Ele desaparece entre um passo e o próximo. Saímos do carro e avançamos unidos. Não estava visível da nossa posição, mas o campo inteiro foi escavado. Encontramos uma série de túneis subterrâneos e o pai de Cillian desce por uma passarela metálica até sumir novamente.

– O que fazemos? – pergunta Rhys.

– É uma armadilha, não é? Só pode ser uma armadilha. – Jade passa os dedos pelo cabo de bronze de uma faca. Os membros do segundo carro se juntam a nós.

Olho por cima da borda. Até onde consigo enxergar, as passarelas de metal estão todas vazias.

– Mas por quê? Ele não precisa de nós para nada. Já está aqui. Nós falhamos, não foi? – Não consigo entender. Ele queria que o seguíssemos e certamente não parecia preocupado ou alarmado com a nossa presença. Nosso plano inteiro não vale de nada. O deus infernal já está aqui, apenas… perambulando em um terno

estiloso. Isso significa que Leo está morto? Ou justamente o contrário?

Dou de ombros.

– Não faço ideia do que está acontecendo. Mas quero encontrar Leo, então voto para seguirmos o deus. Maricruz, Chao-Ahn e Imogen, vocês ficam aqui? Cobrindo nossa retaguarda? Tsip, fique com elas. Você pode se teletransportar para dentro e para fora e nos avisar se algo der errado.

Chao-Ahn e Maricruz assentem, pegando suas armas, mas Imogen balança a cabeça em negativa.

– Nem pensar. Vou com vocês.

– Eu também – diz Doug.

Jade pega uma bolsa contendo o que imagino serem explosivos.

– O deus demoníaco ícone da moda já está aqui, mas seria bom alguém destruir a coisa de pedra, só por via das dúvidas. Protejam Doug. Se alguém o machucar, vocês vão se ver comigo.

– Não quer dizer *eles*? – pergunta Rhys.

– Não, *vocês* mesmo, porque vou acabar com todos se deixarem alguém o machucar.

Doug abre os lábios negros no maior sorriso que vejo desde que contei a ele dos ingressos para o show. Ele se inclina para beijá-la, mas ela recua.

– Agora não! É hora de aniquilação, não de felicidade.

Ele ri e pula para dentro dos túneis. Jade e eu assentimos uma para a outra.

– Vocês foram treinadas – digo para ela e as caçadoras. – Todas vocês. Vão dar conta do recado. Mas, se precisarem, fujam. Não vou perder mais ninguém.

Maricruz sorri, rodopiando sua faca.

– Tinha me esquecido como a espera é divertida. É como estar no topo de uma montanha-russa. Quero vomitar e rir ao mesmo tempo.

Chao-Ahn revira os olhos.

– Americanos – ela murmura. Ela me olha preocupada, mas depois balança a cabeça como se pensasse em algo. – Olho vivo na tempestade. Ela quer engolir você. E todos nós.

A tempestade – aquela que vem me perseguindo nos sonhos de caçadora. Pensar na profecia de Arcturius me faz questionar: será que ela está vindo atrás de mim ou eu a estou levando até todo mundo? Pulo para o túnel. Imogen, Cillian, Rhys e Doug já estão lá, me esperando.

– Acho que seria uma boa ideia você fazer um discurso motivacional – sussurra Doug enquanto olhamos para a escuridão do túnel esperando para nos engolir.

– No momento só consigo pensar em trocadilhos terríveis com deuses.

– E eu só consigo pensar *meu deus, meu deus, meu deus*, então tô na mesma – diz Doug.

Cillian pega um taco de beisebol com intenções firmemente violentas.

– Ele é só um predador de outra dimensão. Nada demais, certo?

Rhys põe a mão no ombro de Cillian.

– Você vai lidar bem com isso? Com seja lá o que a gente precise fazer?

– Passei anos chorando toda noite por achar que ele estava morto. Ele nos abandonou. Me abandonou. Já estou lidando bem com isso. – Ele para. – Na verdade, não estou. Não sei quando estarei bem novamente. Mas seja lá o que ele for, machucou e matou um monte de gente. Ser meu pai não compensa esse fato. Precisamos detê-lo.

– Precisamos deter todo mundo lá embaixo. – Rhys me olha de um jeito contundente.

Eu engulo em seco e assinto, depois saco a espada. Eu não posso pensar em Artemis. Preciso me concentrar em qualquer outra coisa. Prefiro enfrentar um deus demoníaco do que pensar no que talvez precise fazer quando encontrar Artemis.

– Muito bem, então. Como Nietzsche falou: Deus está morto. Vamos colocar a filosofia dele em prática.

– Não sei o que me deixa mais surpreso – diz Rhys, carregando sua besta. – Estarmos prestes a enfrentar um deus ou você realmente ter prestado atenção no nosso curso de Filosofia a ponto de lembrar uma citação de Nietzsche.

– Andem *logo*. – Imogen sai na frente, praticamente pulando. – Finalmente chegamos ao fim e não aguento mais esperar!

Doug se aproxima de mim.

– Ela está com um cheiro realmente estranho.

– Vamos ficar de olho nela. – Mas tenho certeza de que nenhum de nós deve cheirar bem para ele. Sou tomada pelo medo enquanto contemplo o túnel sem contornos que nos leva para a escuridão. Será que Artemis vai estar lá? E Leo? E o que eu farei depois de encontrá-los?

Antes que fique para trás, eu tomo a dianteira. Não vou deixar Imogen aguentar o tranco de um ataque. Rhys assume a retaguarda, com Cillian e Doug protegendo o meio. Se dependesse de mim, deixaríamos os dois para trás. Mas essa luta é deles também. É pessoal para todos nós.

O túnel faz uma curva brusca. Há luzes de escavação, mas estão afastadas umas das outras e tudo que fazem é criar mais sombras profundas e desorientadoras. Nada pula em cima de nós. Não há caninos ou lâminas para nos receber. Avançamos sem problemas. Por fim, o túnel chega ao que suponho ser o centro do campo sobre nós. Ele se abre em uma imensa caverna bem iluminada.

A primeira coisa que meus olhos percebem é um triângulo enigmático como o de Cillian, suspenso do teto da caverna. Só que, em vez de ser pequeno o suficiente para caber nas mãos de uma criança, é grande o bastante para um adulto subir nele. E, em vez de estar vazio, brilha com uma luz pulsante e tremeluzente. Perto dele, em uma passarela conectada ao triângulo do apocalipse, mas não à nossa própria passarela, vejo Leo. Ele está acorrentado e tem a mão presa com fita adesiva à ponta de um dos triângulos. E *também* está brilhando.

Olho para baixo. No fundo da caverna, descartados como frascos vazios, estão dezenas de corpos de demônios.

Leo olha através da caverna e nos vê.

– Sinto muito. – Sua expressão é de angústia. – Elas falaram que eles matariam você se eu não viesse. E depois… eles teriam pego você também, como a minha mãe fez. Não tive escolha.

– Pensei que não pudesse drenar energia sozinho? – eu grito, o som ecoando pelo espaço, com raiva dele por tentar me proteger de novo indo embora e devastada pelo que ele foi obrigado a fazer.

– Não poder é muito diferente de não querer. – Sean aparece do outro lado da caverna, vindo de algum outro túnel. Está vestindo um

terno alinhado, com o cabelo preso num rabo de cavalo. Ele sorri. – Leo estava perfeitamente feliz em deixar a mãe fazer o trabalho sujo e sobreviver graças a ela. Mas minhas meninas identificaram uma motivação muito eficiente.

– Eles eram demônios ruins – diz Honora, aparecendo atrás de nós. Viramos todos ao mesmo tempo, com armas em punho, mas ela ergue a mão desarmada. Um braço está numa tipoia. – Os que ele drenou. Só escolhemos os que você seria obrigada a matar como caçadora. Se fosse uma caçadora de verdade, pelo menos. E se Leo fosse um guardião de verdade. Alguns de nós não se esqueceram dos nossos verdadeiros trabalhos.

– Seu trabalho inclui servir a um deus demoníaco? – eu pergunto.

Honora tenta me olhar de um jeito arrogante e desdenhoso, mas há algo forçado e, ouso dizer, desconfortável por trás de seus olhos perfeitamente delineados.

– Não preciso me defender.

– É aí que você se engana. – Giro minha espada e ela se abaixa. Enquanto está distraída, chuto-a no ombro. Ela acaba saindo da passarela, incapaz de parar o impulso. Bate contra a lateral da caverna, rolando algumas vezes antes de se equilibrar com uma das mãos numa protuberância rochosa.

– Pra que esse exagero? – ela grita. – Eu estava tentando conversar.

– Estamos prontos? – pergunta uma nova voz. É o pai de Cillian. Ele está em uma passarela à nossa frente, não conectada à nossa. A que estamos faz a volta para dentro de outro túnel. A passarela de Leo, que não se liga à nossa, também não está conectada à do pai de Cillian. Sean está na mesma passarela do pai de Cillian e alguém aparece ao lado de Leo. É Artemis. Ela para bem do lado dele. Olha para Honora e parece preocupada.

– Você está bem?

– Ótima. – resmunga Honora, subindo lentamente pela lateral da caverna.

Há um estrondo abafado acima de nós. Terra e destroços chovem sobre nossas cabeças. A jaula balança e rodopia, mas não cai. Todos ficamos tensos, mas o teto da caverna resiste. E, infelizmente, o corpo do pai de Cillian também. Então, explodir a pedra não fez a menor diferença. Sean aponta para uma dupla de capangas e eles saem para ver o que aconteceu. Espero que Jade esteja preparada.

– Por que deixou eles entrarem? – pergunta Sean ao deus infernal.

Ele parece confuso.

– Ela é do seu grupo. – Ele aponta para mim. – Mas tem duas dela agora. – Ele pensou que eu fosse Artemis, por isso que nos deixou acompanhá-lo. Finalmente uma vantagem de ser gêmea idêntica. – Um de cada humano já é demais. Por que fizeram dois dessa daqui?

– Quando você voltou? – Cillian dá um passo à frente para ter uma linha de visão direta até seu pai. O deus inclina a cabeça. Está coçando ociosamente os braços, abrindo vergões que se fecham quase tão rapidamente quanto aparecem.

– Quem é você?

– Fala sério, pai, sou eu. Cillian. – Pela cara do deus infernal, ele ainda não o reconheceu. – Seu filho! – grita Cillian.

– Não. – Ele ergue uma mão alinhada com a lateral do corpo. – A criança tinha essa altura. E cabelo mais comprido que o seu.

Cillian ri de um jeito rude e raivoso.

– Crianças crescem. Tem alguma noção de quanto tempo você passou fora?

Seu pai ergue a mão devagar, como se ajustando as medidas de Cillian na cabeça. Ele parece refletir profundamente.

– Nunca fui embora.

– Foi sim. Você nos abandonou. A mim e à minha mãe.

Ele sacode a cabeça.

– Nunca deixei a Terra. Tinha muito para pensar. Muito tempo doloroso, barulhento e rastejante. Por que partir? Por que me dar ao trabalho de ir e voltar? Fiz isso por tanto tempo porque era barulhento demais aqui. Um barulho tão alto, mas tão alto, todas as vozes e garras e bocas famintas sugando, mas acabei me acostumando com o barulho. *Você* era barulhento. – Um breve sorriso sonhador passa pelo rosto dele, que depois volta para uma expressão neutra e tão sem vida que é quase aterrorizante. – Eu permaneci aqui. E por ter permanecido, estava aqui quando as portas foram fechadas. Quando o barulho foi cortado. Só eu estou aqui agora, e chegou a hora.

– Hora de quê? – A besta de Rhys está apontada diretamente para o pai do namorado.

– De assumir minha terceira forma. Minha forma final. Para a Terra ter um deus mais uma vez.

– Um pouco de monopólio. – Sean sorri. – Eu costumava ter mais concorrência, sabe? Mas nós firmamos uma parceria e tem sido um bom negócio para todos os envolvidos. E assim que o Adormecido estiver totalmente desperto, vai usar a minha rede para espalhar sua palavra e, antes que vocês se deem conta, meus produtos e sua religião vão estar por… – Sean se contorce, então olha para a flecha fincada em seu ombro. – Mas que diabos, você atirou em mim!

Viro-me para Rhys, mas sua arma ainda está carregada e apontada para o deus infernal. Então vejo Doug olhando para mim, sua besta sem a flecha.

– Já ouvi discursos demais dele ao longo dos anos.

Sean recua aos tropeços para o túnel de onde veio.

– Basta! – ele grita. – Estão desperdiçando nosso tempo. Peguem eles. – O barulho de dezenas de pés nos cerca com um tilintar metálico enquanto fanáticos encapuzados surgem na caverna. Eles estão atrás de nós e na nossa frente, bloqueando qualquer um dos caminho que poderíamos pegar.

Tsip se materializa na minha frente.

– Só para você saber, estão cercados. É isso, tchau!

Não tenho tempo de perguntar se Jade, Maricruz e Chao-Ahn estão bem antes de Tsip desaparecer de novo. Ela é um desperdício de teletransporte.

– Guardem o meu filho – diz o deus infernal. – Estou curioso a seu respeito e ele deveria ver o que está para acontecer. O resto pode ir.

– Você vai deixá-los ir embora? – Sean soa indignado. Seu ombro está sangrando e, posso apostar, dolorido, mas Doug não o acertou em nenhum lugar fatal.

– Por que deveria me importar com eles?

Vou até a borda da nossa passarela e calculo a distância.

– Porque eu sou uma caçadora – respondo.

O pai de Cillian sorri.

– Uma caçadora nunca matou um deus.

– Não – concorda Rhys. – Mas um guardião já. – Ele dispara a besta e acerta com precisão o lugar onde um humano teria um coração. O deus infernal arranca a flecha. Ela deixa um rastro de uma substância brilhante similar a uma teia que desaparece em contato com o ar.

– A coisa triangular, né? – Viro-me para Rhys.

Ele assente.

– Quando em dúvida, quebre a coisa grande brilhante. Vou acrescentar isso no manual de caçadora.

– Vai – diz Cillian. – A gente dá conta.

Recuo um passo, depois me impulsiono da borda e salto. Plano pelo ar, atravessando a distância entre as passarelas de um jeito que nenhuma pessoa normal conseguiria. Talvez nenhuma caçadora. Faith tem razão. Se eu tenho força extra, é hora de parar de me odiar por isso. Vou usar *tudo*. Aterrisso com um forte impacto entre Artemis e Leo. Giro a espada na direção dela, mas ela recua um passo, erguendo as mãos.

– Não seja por isso.

– Temos assuntos para tratar. – Mal consigo olhar para ela, sabendo o que fez. Não faz sentido. Nada disso. Mas primeiro Leo. Eu corto a fita adesiva, depois desço a espada e quebro a corrente que o prende ali. Ele se levanta, cheio de vida e fúria. Foi péssimo como aconteceu, mas vê-lo restaurado é como tomar um gole de água gelada num dia quente.

A luta na passarela atrás de mim está fervendo, desajeitada e traiçoeira com a queda abaixo de todos eles.

– Você está bem? – pergunto a Leo.

Ele assente.

– Eles precisam de ajuda.

– Eu te lançaria até lá, mas nem eu não sou tão forte.

Ele sorri para mim, algo esperançoso e caloroso brotando entre a tristeza e o desespero em seu rosto. Ainda não perdemos um ao outro.

– Tenho uma ideia melhor. – Ele pula, agarrando a base do dispositivo triangular do apocalipse. A base gira e ele usa seu próprio peso para aumentar o embalo.

– Cuidado! – grita o pai de Cillian. Pela primeira vez, ele tem o bom senso de parecer nervoso.

– Guardiões, se abaixem!

Leo solta e sai voando pelo ar. Ele passa por cima da cabeça dos nossos amigos e aterrissa com força logo depois deles – com tanta força que a passarela geme e cede sob seu peso. Ele pula de volta enquanto parte dela se solta, levando a maioria dos fanáticos junto. Eles desabam pela caverna em direção ao fundo.

Leo se vira e se junta a Rhys, Cillian, Imogen e Doug para lutar contra os fanáticos remanescentes. O que me deixa com a minha irmã.

– Está pronto? – ela grita, me ignorando.

– Vamos chegar até aí! Eu sei o caminho! – Leo passa pelos agressores restantes, jogando-os para fora da passarela com facilidade, e meus amigos correm para dentro da caverna.

– Não – diz o deus infernal. – Ela precisa ser colocada na arrumação de transferência divina.

Artemis bufa, frustrada.

– Dá pra traduzir?

– A tradução é – eu digo, girando a espada – “eu ainda tenho tempo”. – Eu golpeio com toda a força a lateral do maldito triângulo. Minha espada o atinge com um zunido, então minhas mãos e braços ficam dormentes. A espada cai tilintando na passarela, meus braços inúteis.

– Nina. – Artemis suspira. – Fala sério, né? – Depois me dá um soco no rosto.

# Artemis

TUDO ESTÁ SAINDO DO CONTROLE. NINA NÃO DEVERIA ESTAR ALI. NÃO era para ela ver aquilo acontecer. Ela nunca deveria estar em perigo.

Artemis queria protegê-la disso, pelo menos. Mas é tarde demais. Ela *precisa* proteger Nina, precisa proteger Honora, precisa, precisa e precisa. O Adormecido tinha razão ao ver isso nela. Ela precisa de tanta coisa e, até conseguir seu poder, vai passar por essa mesma situação até Nina morrer, ou quem sabe Honora, ou até mesmo ela.

Vai ver Nina sendo deixada para trás nas chamas. Vai ver Honora sendo machucada por pessoas que não pode combater.

Uma vez, quando estava em uma situação impossível, ela escolheu Nina. Por causa disso, perdeu a função que deveria ter sido dela. O treinamento. O poder de tomar decisões por si mesma e pelos outros. Nunca se esqueceu da sensação de segurar Nina nos braços enquanto o mundo queimava em volta delas. Não era real, só uma alucinação induzida por magia para testar se ela seria capaz de fazer o mais difícil dos sacrifícios, mas Artemis viu e sentiu tudo. Aqueles malditos a testaram reproduzindo o mais próximo possível algo que realmente havia acontecido. O mundo até queimava em chamas escuras violáceas, como o quarto delas. Ela escolheu Nina. Escolheu errado. E sabe que Nina também nunca fará a escolha certa.

É hora de escolher o poder em vez de Nina, para que ela nunca mais tenha que fazer essa escolha de novo porque ninguém, ninguém mesmo, será capaz de machucá-la. E só então todos estarão seguros.

Nina está nos seus braços novamente. O mundo não está queimando. Ainda.

Artemis não vai falhar.

# Capítulo 29

– ISSO NÃO É JUSTO – EU RESMUNGO EM VOLTA DAS ESTRELAS rodopiantes de dor e confusão que surgiram quando o punho de Artemis cumprimentou meu rosto. – Trapaça. – Meus braços ainda não funcionam e Artemis obviamente está tomando o coquetel demoníaco de desempenho que Honora usa.

– Quer se acalmar e *esperar*? – Ela me puxa e me mantém de pé, de costas para ela. Seu braço está em volta do meu pescoço. Há uma lâmina nas minhas… Ops. Ela não está me mantendo de pé. Está me fazendo de refém.

– Como você pôde fazer aquilo? – Não estou gritando por causa da dor no rosto, que é imensa, mas temporária. – Ela ajudou a nos criar. Fez um cachecol para você no Natal passado. É avó do Rhys.

– Do que está falando?

– Da Ruth! Ela era uma senhorinha que nunca machucou… bem, provavelmente machucou um monte de coisas, mas nunca machucou a gente.

– Você deve estar com uma concussão. – Artemis soa preocupada, mas distraída. – Eu não pretendia bater tão forte.

– Artemis! – grita Rhys enquanto ele, Leo e Cillian entram correndo na nossa passarela. Leo ainda brilha de leve, ou talvez seja minha visão turva dando um halo para ele, e Rhys está com a besta recarregada e apontada para a minha irmã. O que significa que está apontada para mim também. Imogen vem atrás deles, junto com Doug.

– Eu preciso saber como fazer isso funcionar. – Artemis aponta a cabeça para o triângulo brilhante do apocalipse atrás de nós. – Sei o básico, mas o livro não tinha nenhum diagrama.

– Você cortou a garganta da minha avó – diz Rhys, sua voz fria.

– Que papo é esse, Rhys? Nina, é disso que estava falando? Ruth morreu?

– Não se faça de sonsa! – As mãos de Rhys estão tremendo.

– Aponte isso para outro lugar, por favor. – Eu olho para a besta. Meus braços ainda estão dormentes, mas meus dedos parecem estar sendo perfurados por milhões de agulhas de lava incandescente, provavelmente um bom sinal de que vou recuperar meus movimentos. Ou um sinal de que meus dedos estão prestes a cair. Diria que cinquenta por cento de chance para cada. – Artemis, largue a faca. Ninguém aqui quer machucar você.

– Eu quero – diz Rhys.

– Mas nós vamos, se for preciso – eu prossigo, olhando para Rhys.

– Vocês todos pensam… realmente acreditam… – Ela respira fundo. – Depois de tudo que passamos. Que decepção. Não tenho tempo pra isso. – Artemis pressiona a faca, me espetando. – Cillian. Eu te vi olhando para os triângulos. Você sabe como funciona, não é?

Cillian balança a cabeça, mas depois assente. Ele não consegue desviar o olhar. É exatamente o mesmo quebra-cabeças com que seu pai o deixou brincar quando pequeno. Então, seja qual for o segredo para torná-lo funcional, suspeito que Cillian tenha a resposta.

– Por que está ajudando um deus infernal, Artemis? – pergunto.

– Não estou ajudando ninguém. Cillian. Faça.

– Não! – Balanço a cabeça.

Escuto um grito. Não posso me virar para ver, mas parece ser minha mãe e a mãe de Cillian. Dentro das cavernas.

– Rhys? – Cillian parece apavorado.

Por um segundo Rhys parece dividido entre vingar o ataque à avó ou proteger minha mãe e a da Cillian depois de perder a sua sem ter chance de salvá-la. Não posso gesticular para ele por conta da faca, mas meus olhos transmitem o suficiente.

Ele gira a besta na direção dos túneis.

– Estou indo! Leo, venha comigo. Imogen e Cillian, não deixem Artemis se mexer. – Eles se viram e correm de volta para os túneis.

– E agora? – As mãos de Cillian tremem, assim como a besta. Ele continua olhando para os lados, tentando ver o que mais está acontecendo sem tirar os olhos de Artemis.

– Faça o que Artemis está pedindo – diz Imogen, colocando a mão no ombro de Cillian. Doug parece alarmado e incerto de como agir. Ele não pode cuspir e acertar Artemis sem me acertar junto, e eu preciso pensar direito.

– Hein? – Cillian se vira para ela.

– Jade explodiu a pedra e nada aconteceu. Nina tentou quebrá-la e nada aconteceu. Nós não temos nenhum outro plano. Não podemos perder Nina. Artemis já mostrou até onde está disposta a ir. Aconteça o que acontecer, nós vamos dar conta. Além disso, o senhor deus infernal lá embaixo não consegue alcançar o triângulo. Nem está tentando. Ele não espera que a gente consiga fazer nada. Então, improvise. – Ela sorri. Está lidando com a situação muito bem. Ou perdeu o contato com a realidade e está tão tomada pelo pânico que atingiu a calma.

Seja o que for, Cillian não dá atenção. Eu balanço a cabeça, mas Artemis me puxa para o lado e depois me joga pela borda da passarela. Eu grito, mas minha queda é interrompida quando ela agarra um dos meus braços inúteis e me mantém lá, pendurada. A queda provavelmente não me mataria, mas é tão longa que até eu

acabaria ferida. E não sei quanto tempo eu levaria para subir de volta e poder ajudar. Honora rolou para a lateral, então teve onde se agarrar. Eu cairia direto para baixo.

– Salve ela! – grita Doug, o pânico alterando sua cara desértica.

– É o que estou fazendo! – Cillian passa por Artemis, com as mãos para cima. Ele para na frente do triângulo do apocalipse e o estuda. Depois se estica e segura uma das quinas. Não acho que vai se mover, ou assim espero, mas o jeito como ele desliza a peça aciona uma progressão harmoniosa que vai mudando os lados.

Ele vai manipulando o triângulo cada vez mais rápido, adotando o ritmo de alguém que já resolveu um cubo mágico centenas de vezes. Os cantos giram e giram até brilharem e as linhas desaparecem, se transformando em pura luz. Então, de repente, tudo se encaixa no lugar. O negócio parece o mesmo, mas tudo está invertido e o brilho agora é forte e concentrado. Tornou-se uma pirâmide, com a lateral mais próxima da passarela aberta como uma porta.

Artemis olha para mim com lágrimas nos olhos.

– Você não devia estar aqui. Não me arrependo de nada do que fiz, mas quero que saiba que você devia estar bem longe. – Ela pisca rapidamente, tentando limpar a visão. – Sempre pensei que nossa mãe me salvou primeiro por me amar mais. Mas ela me salvou primeiro porque eu era fraca. Por isso deixou você para trás. E algum dia, em breve, você vai morrer. A nossa mãe vai morrer. Honora vai morrer. Eu vou perder todo mundo que amo, assim como perdemos nosso pai, por não ser forte o suficiente. Porque eu nunca fui a escolhida. Então, hoje estou escolhendo a mim mesma. Vou salvar a *todos*.

Cillian balança a cabeça, saindo do seu torpor. Ele recua devagar, os olhos fixos na luz.

Leo e Rhys reaparecem.

– Não conseguimos encontrá-las – diz Rhys, parando e olhando assustado para a nova configuração do triângulo.

– Precisamos de Jade e dos explosivos! – eu grito.

– Deixa comigo! – Doug corre para os túneis.

– Passe Nina para mim – diz Leo, sua voz gentil. – Você ainda não fez nada que não possa ser desfeito. – Ele dá um passo na nossa direção. – Eu entendo, talvez mais do que todos os outros aqui. Passe Nina para mim, depois vamos pensar num jeito de sair daqui.

– Vamos sair coisa nenhuma – diz Rhys. Ele aperta o gatilho. Artemis abaixa o ombro, desviando da flecha, depois gira e me arremessa direto em cima dos meus amigos. Eles me pegam, todos caindo, exceto Leo. Ele me segura.

Artemis dá um passo para trás, com a faca em punho enquanto Rhys se esforça para se endireitar e recarregar a besta.

– Você nunca confiou em mim. Nenhum de vocês. E você, Nina. – A voz dela falha, mas depois fica fria e dura. – O que eu esperava? Guardiões não cuidam uns dos outros. Isso cabe a mim. – Ela põe a mão na lateral da gaiola do deus infernal.

– Você não pode usar isso – diz o pai de Cillian. Pela primeira vez ele soa preocupado. – O que está fazendo?

Artemis não olha para ele. Ela se vira para mim, parecendo exausta, mas determinada. Aperta o elástico do seu rabo de cavalo como sempre faz antes de uma luta.

– Eu? Pondo um ponto final.

Em seguida, ela entra na luz.

Um pulso cegante nos arremessa contra a grade de metal da passarela. Leo me cobre, tentando me proteger, mas é como se a

luz estivesse por todo lugar, em toda parte. Mesmo de olhos fechados eu consigo vê-la. Consigo *senti-la*.

Ela retrocede como uma onda para o mar, me deixando com a sensação de ainda estar coberta por pequenos grãos de luz.

– Você tá bem? – pergunto a Leo.

Ele faz que sim, com os olhos bem fechados.

– Sinto muito. Eles iam pegar você. Me obrigaram a escolher e…

– Já entendi. Mais tarde podemos discutir sobre como é impossível decidir qual vida vale mais que outra. Prometo. Também podemos brigar, porque ainda não superei tudo que você fez. Mas, nesse momento, você está de volta e eu estou feliz. – Beijo sua bochecha e me levanto. Meus olhos estão dormentes, minha visão fotossensível e coberta de pontos como se eu tivesse acabado de olhar para o sol.

Não. Como se ainda estivesse olhando para o sol. E ele está de pé na ponta da passarela. Não consigo olhar direto para Artemis. A luz emanando dela é tão brilhante que tenho que olhar para o lado para ser capaz de vê-la. O triângulo do apocalipse atrás dela é uma casca derretida, totalmente destruída.

Eu balanço as mãos. Elas ainda estão pinicando e muito dormentes, mas recuperei o movimento.

Caminho na direção dela. Talvez seja mais fácil dessa forma. Ela parece menos com a minha irmã e mais com o monstro que, pelo visto, ela se tornou.

– Não vou deixar você machucar ninguém. Sem chance.

Ela ri, gotas de sol líquidas chovendo ao meu redor, quentes e em camadas. Ela soa como si mesma, mas multiplicada, amplificada

e… feliz. Tão, tão feliz. Não consigo me lembrar da última vez que ouvi minha irmã feliz assim.

– Eu consegui! Ah, Nina, eu consegui. Eu consertei tudo. Nenhuma de nós precisa mais ficar assustada. Nunca mais vou ficar assustada. Posso senti-lo por toda parte. Em tudo. Posso sentir tudo, mas nada me toca.

Preciso impedi-la. Prometi a todos que faria isso. Prometi inclusive a *ela*. Se ela tentou assassinar Ruth para conseguir esse poder, o que será capaz de fazer para mantê-lo? *Garotas de fogo,* eu penso, vendo minha irmã queimar cada vez mais forte.

Um celular está tocando insistente no fundo. Parece absurdo que alguém esteja nos ligando justo nesse momento.

– Nina! – grita Imogen. – Precisa matá-la! Antes que isso assuma o controle! Ela vai ficar igual a ele e vamos todos morrer!

Olho para minha irmã, empunhando todo o poder de um deus infernal.

E eu sei… eu sei que ela fez, o que tem feito. O que poderia fazer agora. Quando fez seu teste para guardiã, ela precisou fazer uma escolha: me salvar ou salvar o mundo. Ela escolheu a mim. E me fez prometer que, se eu tivesse que tomar a mesma decisão, não escolheria nem um nem outro e sim a mim mesma. Sei que não é a essa promessa que Imogen se refere, mas é a única na qual consigo pensar.

Como posso salvar a mim mesma se isso significa machucar Artemis?

– Nina! – grita Rhys.

Pego minha espada na passarela. Temos que pesar vidas na balança. A vida da minha irmã pode valer mais do que o mundo inteiro? Se for isso que eu deveria fazer, por que meus instintos não

estão rugindo? Onde está a escuridão fervilhante e serpenteante que exige que eu lute e enfrente furiosa tudo ao meu redor? Eu a procuro, querendo me cobrir com ela para perder as partes de mim que nunca me deixariam fazer o que preciso fazer agora.

Estou desesperada por qualquer coisa que me proteja agora. Que me impeça de sentir a dor do que preciso fazer. A dor de saber o que Artemis escolheu. A dor de tudo nesse mundo quebrado e ensanguentado. Mesmo se isso significar me entregar à escuridão absoluta. Qualquer coisa é melhor do que me sentir incapaz de evitar o que tem para ser feito.

A escuridão aguarda. Ela cresce para me encontrar, pronta para me encobrir e me arrastar das margens de mim mesma, assim como me afastou de Buffy várias e várias vezes em sonhos. Erguo a espada – e paro. Qualquer coisa é melhor do que me sentir impotente, mas ser impotente significa ser humana. Para ser vulnerável é preciso ser humana.

Ser *mais* do que humana não precisa me tornar menos humana. Artemis fugiu de nós, fugiu até de si mesma. Ela se cobriu com todo o poder que pôde encontrar. Se eu fizer o mesmo, como vou ajudar alguém?

Artemis ergue os braços e Leo grita um alerta. Mas ela está esticando-os na minha direção como quem pede um abraço. Ela nunca foi de pedir abraços. Nunca foi de pedir nada. Pelos deuses, deve ter passando tanto tempo da vida apavorada. Minha mãe estava certa. Apesar de termos passado pelas mesmas coisas – a morte do nosso pai, o abandono emocional da nossa mãe, o incêndio, nossa vida treinando e depois nos escondendo –, eu fiz isso tudo com a proteção dela. Ninguém estava lá para protegê-la.

Quanto ela devia estar quebrada por dentro para decidir que partir era a melhor opção? Trair, machucar e tentar matar pessoas que se importavam com ela? Ir atrás de um *deus* para recuperar seu propósito?

Solto a espada. Eu não vou ignorar tudo que ela fez de ruim e errado. É claro que não. Mas isso não muda o fato de que ela é minha irmã e sempre vou amá-la e sempre estarei lá por ela.

– Sinto muito que tenha achado que não havia outra opção.

– Você não precisa mais se preocupar. Com nada. – Ela dá outro passo na minha direção, mas então para. Está tremendo. Não, não está tremendo. Está *vibrando.* Há um zumbido baixo e a luz começa a se acumular novamente. Eu me viro e protejo os olhos enquanto outra pulsação nos acerta, quase me jogando para fora da passarela. Eu mal aguento o impacto. É pior do que ser eletrocutada. Sinto-me confusa, entorpecida e com dor por todo lado.

– Artemis, pare!

– Não consigo – ela ofega. – Isso queima. Posso sentir tudo… é coisa demais. Demais. Não consigo aguentar.

Cambaleio na direção dela.

– O livro estava com você! Me diga como parar isso! Me diga como te ajudar!

A passarela balança quando alguém aterrissa nela. O pai de Cillian se ergue do seu longo salto.

– Ela não pode conter o poder de um deus, vai queimá-la viva. – Ele para, franzindo a testa. – Sem algo para contê-lo, ele vai explodir e queimar todo mundo.

– Todo mundo nessa caverna? – Tenho que tirá-los daqui e pensar em como ajudar Artemis.

– Todo mundo por toda parte. – Ele dá de ombros, despreocupado. – O mundo inteiro. Eu não sou um deus benevolente e meu poder não é gentil.

– O mundo *inteiro*? – Todas as minhas piadas sobre apocalipses voltam para me assombrar. É isso. Essa é a nossa profecia. Arcturius nunca viu a miniboca do inferno de Eve. Foi isso que ele viu chegando, mesmo que eu não tenha percebido. *Garotas de fogo Protetora e assassina Uma para consertar o mundo / E outra para destruí-lo.*

É assim que o mundo é destruído.

O pai de Cillian estende a mão para Artemis, com a palma para cima, numa oferta.

– Vou pegar o poder dela.

Olho para Artemis. Ela ainda está vibrando.

– Tirar o poder vai machucá-la?

Ele parece confuso com a pergunta.

– Não. Vai matá-la.

– Então preciso de outra opção! – Tenho que ficar entre ele e Artemis, mas não consigo passar pela minha irmã e estou com medo de encostar nela. Se acertar o triângulo do apocalipse com uma espada deixou meus dois braços dormentes, não posso ficar inutilizada só porque encostei nela de leve.

– Ela pegou o que era meu. E agora eu quero de volta. – Ele se aproxima de Artemis, calmo e calculista. Um borrão de cabelos brilhantes e casaco escuro voa pelo ar e colide contra ele, arrastando-o pela passarela até parar na outra ponta da caverna. Honora rola com ele pela lateral até atingirem uma borda. Ela olha para mim, desespero em seu rosto ensanguentado.

– Eu não sabia! Eu não sabia. Ela tinha tanta certeza de que precisava disso. Prometeu que saberia lidar com o poder. Eu só

queria vê-la feliz. – Honora se interrompe para socar o deus infernal quando ele tenta se levantar. – Eu cuido dele. Vá salvá-la.

Eu assinto com a cabeça e me volto para Artemis. Ela está caída de joelhos, a luz carregando novamente, atingindo níveis quase insuportáveis. Não sei quantas pulsações faltam para matar todos nós. Para o poder se libertar e matar o mundo inteiro.

– Leo, você pode puxá-lo de volta? – Eu não me viro, mantendo meus olhos apertados e lacrimejantes na direção de Artemis.

Ele soa tão preocupado quanto eu.

– Talvez. Provavelmente. Mas a pirâmide é um amplificador. O poder agora é muito maior do que eu coloquei dentro dela. Mesmo se puder segurá-lo em mim, não será por muito tempo. Vai ter o mesmo efeito em mim. Precisamos transferi-lo para alguma coisa.

– Podemos brincar de batata quente até pensarmos em onde guardá-lo.

Eu me viro e estico a mão para ele.

– Ah, tenha paciência! – grita Imogen. Eu olho para ela, confusa. – Depois de tudo que ela fez, ainda está tentando ajudá-la?

– Nina! – Rhys está se afastando de Imogen, sua besta carregada e apontada… para ela. Ele está com o celular na mão livre.

– Minha avó acordou. Não foi Artemis.

– O quê?

– Artemis não tentou matar a minha avó. Foi Imogen.

Imogen gira com o punho, esticando sua arma metálica elegante. Com um golpe para cima, acerta Rhys no queixo e o joga da passarela para o fundo da caverna.

– Não! – grita Cillian. Ele corre de volta pela passarela, procurando uma maneira de chegar ao namorado enquanto Rhys tomba pela lateral e cai no fundo perto da pilha de cadáveres demoníacos imóveis.

– Pelo visto, se você quer ver uma profecia cumprida corretamente – grunhe Imogen, se virando para nós –, o jeito é cumpri-la você mesmo.

# Capítulo 30

IMOGEN PUXA UMA FACA DO SEU CINTO CHEIO DE RECURSOS E arremessa em Leo. Ele desvia, mas ela pega outra, com uma lâmina maior. Está entre Leo e eu, impedindo-o de chegar até Artemis. Quero ajudá-lo, mas isso significaria deixar Artemis vulnerável.

– Passei minha maldita vida inteira tentando impedir essa profecia de acontecer. Protegendo o mundo. – Imogen se abaixa para escapar de um golpe de Leo, se esquivando agilmente ao redor dele. Torço para que tente puxar as pernas dele ou empurrá-lo, já que sei por experiência própria que a gravidade exerce uma força tão intensa sobre ele que isso seria impossível, mas ela é esperta. Move-se mais rápido do que ele, girando as lâminas e garantindo que ele não possa passar por ela. – Mas sabe de uma coisa? O mundo tá uma droga.

Leo avança. Ela desvia num giro com a graça de uma dançarina, depois, para meu pavor, agarra o braço dele e usa o impulso para lançá-lo para fora da passarela. Ele olha para mim enquanto cai pela borda, seu pavor espelhando o meu.

Ele vai ficar bem. Tem que ficar. Mas agora estou por conta própria. Contra… Imogen?

– Eu não entendo. – Continuo entre Artemis e ela. Imogen mal parece estar cansada, ainda empunhando a faca. – Você é minha amiga. Sempre foi.

– Sempre estive lá quando precisou, isso é fato. Porque me designaram para você. Para matar você, no caso. Bem, uma de vocês. – Ela dá de ombros. – Minha mãe decidiu pegar um atalho e ir atrás de mais poder já que os guardiões não a deixariam simplesmente matar uma de vocês. A profecia precisava das duas,

no fim das contas. Não é como se a sua mãe não fosse ter uma de reserva.

– O incêndio na nossa casa! – Entender a verdade é terrível. Mas, quando tento juntar as peças, elas não se encaixam. – Mas a sua mãe já estava morta na época…

Imogen sorri.

– Sim, depois que ela morreu, eu arquei com a responsabilidade. O incêndio deveria ter funcionado, mas não, vocês duas tinham que sobreviver. E aí sua mãe voltou para os guardiões. Esperei por anos. Não podia arriscar ser pega e perder a oportunidade. Se eu não estivesse lá para fazer isso, ninguém faria. E, deus, como eles protegiam vocês duas.

Estou preparada para me defender, mas ela só está lá parada. Após a última explosão de Artemis, ainda estou trêmula e cambaleante. Longe do meu melhor.

– Você causou o incêndio. Você. Você é… – Minha cabeça gira. – Todo esse tempo você queria a gente morta?

– Só uma das duas. Eu teria matado Artemis, se serve de consolo. Mas aí veio o último outono. E, por um breve momento, eu pensei que havia acontecido. Pensei que aquele era o seu apocalipse e eu não tinha conseguido evitá-lo. Que tinha falhado. E sabe de uma coisa? Eu me senti *aliviada*. Feliz, até. Porque todos esses anos meu trabalho foi proteger um mundo que não dava a mínima para mim ou minha mãe. Cansei disso. Cansei de tudo isso. A sua profecia era a última do livro e eu odiaria negar à Terra seu *grand finale*.

– Não pode estar falando sério!

– *Siga seus instintos, Nina* – ela diz numa imitação sarcástica de si mesma. – *Se você sente que está certa, então está*. Fiz sua irmã parecer uma assassina e até assim você a perdoou! Só precisava

enfiar a espada na barriga dela e liberar o poder para acabar com tudo. Deus, como é difícil corromper você.

Eu dou de ombros.

– Ponto pra Lufa-Lufa. – Minha mente está zonza, mas finalmente entendo por que ela está me contando tudo isso. Por que não está me atacando. Ela não precisa. Tudo que precisa fazer é nos atrasar por tempo o suficiente para o poder de Artemis explodir. Puxo uma estaca e a arremesso direto na cabeça de Imogen. A base da madeira bate na sua testa, jogando a cabeça dela para trás. Ela cambaleia, mas se recupera.

– Pensando bem, agora sei exatamente qual de vocês posso matar. É bem óbvio quem vai destruir o mundo. Eu ganhei a aposta com a minha mãe. Mas ela nunca pagava suas dívidas. – Ela faz um movimento veloz com o punho e uma dor afiada brota no meu ombro. Olho para baixo e vejo uma faca enfiada nele. – Se serve de consolo, você só vai atravessar a linha de chegada alguns minutos antes de nós.

– E quanto aos pequenos? Você cuidava deles. Não é possível que os queira mortos. – Eu retiro a faca, assoviando com a dor. Se estivesse cuidando de mim mesma, me diria para não remover a faca até ter ajuda profissional disponível. Mas não estou aqui para cuidar de mim mesma. Minha função é enfrentar Imogen. Preciso acabar logo com ela para pensar em um jeito de ajudar Artemis. Uma rápida olhada por cima do ombro revela que minha irmã está vibrando tão rápido que sua silhueta está desfocada. Ela mantém os olhos fechados com força e abraça a si mesma como se tentasse manter o corpo inteiro por pura força de vontade.

Imogen ri.

– Como se eles fossem estar numa situação melhor ao crescer. Estou fazendo um favor para todo mundo. Estou acabando com o sofrimento dessa boca do inferno giratória. Já parou para pensar por que todas as *outras* dimensões são infernais, menos a nossa? A

resposta é simples. Nós somos a dimensão infernal original, querida. Só somos burros demais para perceber isso. – Ela parte para cima de mim numa tempestade de socos, pontapés e lâminas ligeiras. Meu ombro e a desorientação causada pela carga de Artemis me deixam lenta. Estou lutando para mantê-la afastada de Artemis, não para matá-la. Imogen está vindo com tudo.

Ela sorri, passando a faca no meu braço enquanto eu tento bloqueá-la. Consigo acertar um chute nas suas costelas, mas ela gira, absorvendo o impacto e me dando uma cotovelada forte no rosto. Cambaleio para trás. Sinto uma dor excruciante e vejo outra faca enfiada na base do meu abdômen. Quantas ela tem?

Eu a retiro, minhas mãos escorregadias do meu próprio sangue enquanto meu cérebro registra outra advertência severa por remover uma faca do corpo sem um jeito de parar o sangramento. Mal consigo ver Imogen por causa da luz atrás dela.

*Essa não.* Atrás dela – deixei que entrasse entre mim e Artemis. Posso correr e me jogar com ela da passarela, mas aí Artemis ficaria aqui sozinha. Duvido que eu consiga voltar a tempo.

Vou ter que jogar Imogen para fora daqui, mesmo correndo o risco de matá-la. Corro em sua direção, mas ela está preparada. Minha visão está ofuscada pela luz de Artemis, então não vejo a arma de Imogen acertar na minha perna. Caio de joelhos, o direito incapacitado pela dor. Eu a agarro, mas ela dança de volta na direção de Artemis. Ouço o estalo metálico peculiar de uma arma sendo engatilhada.

– Não é nada pessoal. Vejo vocês do outro lado, combinado?

Eu baixo a cabeça. Não há mais nada que eu possa fazer. Eu perdi. Artemis me protegeu por tanto tempo e não pude retribuir o favor.

– Sinto muito, Artemis.

Imogen grita. Ergo os olhos e vejo dois braços atordoantemente brilhantes a segurando. As roupas de Imogen pegam fogo e, num piscar de olhos, ela é consumida. Onde estava, só resta Artemis.

Minha irmã me olha e sorri entre dentes cerrados, sua expressão agonizante. Ela é um grande borrão literalmente se despedaçando.

– Salvei você.

Eu engatinho até ela, e ela cai de joelhos.

– Me mate – ela sussurra. – Talvez resolva.

Eu a abraço. Ela tenta me afastar, mas eu seguro mais apertado. Sinto um calor abrasante, mas sou mais forte que Imogen. Mais forte do que todo mundo, exceto Artemis. Seguro-a contendo as vibrações e, para minha surpresa, ela se acalma.

– Eu tenho você e você tem a mim. Somos mais fortes juntas.

Ela retribui o abraço e me segura enquanto eu a mantenho inteira. Sinto que toda a escuridão em mim, tudo pelo que passei e todas as formas como isso me transformou. Tudo isso está em mim. Fui muito além do que eu imaginava. Estamos aqui porque Artemis caminhou na sua própria escuridão por tempo demais, achando que era a única pessoa capaz de enfrentá-la. Mas Buffy e Faith me mostraram a verdade: não estamos sozinhas na escuridão. Não como caçadoras, não como irmãs, não como amigas. Não quando mantemos as pessoas que amamos o mais perto possível. O calor é insuportável, mas por Artemis eu aguento qualquer coisa.

– Nina! – A passarela chacoalha enquanto Leo corre por ela. Ele põe a mão no ombro de Artemis. – Eu posso pegar o poder, mas preciso de um lugar para colocá-lo.

– Passe para mim. – A voz do pai de Cillian ecoa pela caverna. Ele arrasta Honora para a passarela e a solta. Ela resmunga, estremecendo. – Sou a única opção.

– Não é, não. – Cillian emerge da caverna. Seu rosto está sujo com sangue e terra. Rhys vem mancando atrás dele. – Sou um semideus. Vai que dá certo.

O pai de Cillian irradia ameaça e poder.

– Vou matar os seus amigos um por um enquanto você assiste, depois extinguir sua humanidade para ver se algo sobrevive nas cinzas do meu poder divino…

Honora o chuta mais uma vez passarela abaixo. Ela rola para ficar de costas, sua respiração pesada.

– Salve ela.

Leo coloca ambas as mãos em Artemis enquanto eu a seguro. Não sei se isso vai funcionar e, por alguns segundos ardentes, tenho certeza de que não vai. Mas pouco a pouco ela vai se acalmando e esfriando até desmaiar nos meus braços. Verifico sua pulsação, desesperada, quase incapaz de ver graças às imagens gravadas na minha visão pela luz.

Seu coração está batendo. Ela ainda está viva. Eu choro enquanto a embalo.

Cillian corre para Leo, que está brilhando forte como Artemis estivera. Leo apoia as duas mãos nos ombros dele.

– Tem certeza? – ele pergunta, ofegante.

Cillian engole em seco, mas assente.

– Melhor eu do que o deus infernal que quer matar vocês.

Leo apoia a testa na de Cillian e escurece vagarosamente. Cillian vai ficando mais brilhante, mas não da maneira instável de Artemis e Leo. De alguma forma, ele parece estar ainda mais nítido, cada traço mostrando perfeita clareza, até que sou capaz de ver cada um

dos seus cílios. Ele é a alta definição em um mundo fora de foco. Sua pele parece metálica, brilhando sob as luzes fortes da caverna.

– Você tá bem? – Leo recua e se senta.

– Sim. Sim. – Cillian olha para as próprias mãos, maravilhado. – Acho… acho que eu consegui.

– O poder vai dominar você! – grita o pai de Cillian da lateral da caverna. Cada saída está bloqueada por um dos fanáticos restantes. Dois deles seguram minha mãe e Esther na ponta de facas. Minha mãe vê Artemis nos meus braços e eu tento sorrir para dar esperança a ela, mas o sorriso sai fraco. Os fanáticos estão todos com bestas apontadas para nós, e nenhum de nós está em condições de contra-atacar.

– Você não vai aguentar para sempre! – grita o deus infernal. – Você é um *bastardo*, um mestiço, e vou matar todo mundo que ama e fazer você assistir. Vou sangrá-los até secarem enquanto…

– A terceira forma – entoa um dos fanáticos encapuzados, apontando. Mas não é para o deus que eles apontam. É para Cillian. Todos eles se ajoelham. Cillian revira os olhos.

– Não – grita seu pai. – Eu sou seu deus! Eu sou o único deus que restou no mundo! Vou matar cada um de…

– Nina, pode dar um jeito nele? – Cillian olha para mim, desesperado. Nem sei se consigo ficar de pé.

– Estou… exausta. E você viu que a flecha não teve um grande efeito nele. Eu poderia… – Decapitá-lo? Ele seria capaz de recolocar a própria cabeça? Talvez não esteja com seu pleno poder, mas ainda é um deus infernal. – Podemos tentar…

Os olhos de Cillian estão enchendo de lágrimas.

– Você foi um bom pai por um tempo – ele diz.

– Você não merece nada de mim. Vou despedaçar aqueles que ama membro a membro – responde o deus infernal, apontando para Rhys. – Mas, primeiro, vou acabar com a pessoa responsável por isso. – Ele salta pelo ar, agarrando a borda da passarela onde estão minha mãe e Esther, desarmadas. Ele se impulsiona para cima e chega a Esther. Ela e minha mãe recuam, mas esbarram nos fanáticos ajoelhados atrás delas.

– Nina! – grita Cillian, desesperado.

Eu não sei o que fazer. Não chegamos tão longe para acabarmos assim. Mas eu não tenho como chegar lá em tempo. Ninguém *conseguiria*. Não – existe alguém que pode.

– Tsip! – eu grito. Ela se materializa em uma passarela do outro lado da caverna. – Pode levar alguém com você para além da realidade se a pessoa não se importar de ter todas as suas moléculas dissolvidas?

– Sim! – ela assente, animada.

Cillian aponta para o pai, lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Então vai.

Ela assente e desaparece. O pai de Cillian tem um instante para parecer realmente um deus tomado pela ira enquanto avança para cima das nossas mães antes de Tsip se materializar ao seu lado e sumir com ele para fora da realidade.

Estamos todos sentados em um silêncio incômodo quando Tsip reaparece de mãos vazias. Sinto uma onda de alívio repentina por ela estar realmente de mãos vazias e não segurando nenhum olho. Cillian já tem trauma o suficiente para processar.

– Você está bem? – pergunto a ele. Sei que seu pai era um deus infernal maléfico que iria matar todos nós, mas ainda era seu pai.

Cillian balança a cabeça. Sua testa está franzida, mas ele ainda se parece mais com algo que merece estar em um museu de arte do que com uma pessoa real.

– Meu pai morreu muito tempo atrás. Aquele não era ele. Não de verdade. Não tinha outro jeito.

Do outro lado, minha mãe ajuda Esther a se levantar. Esther chora enquanto corre pela passarela para se juntar a nós.

Fico pensando que, no fim das contas, Cillian é o único de nós realmente qualificado para ser um guardião. Ele enfrentou uma escolha impossível e escolheu o mundo. Mas sempre o apoiaremos. Nós somos sua família. E acho que ele sabe disso.

Rhys caminha hesitante até o namorado. Ele continua ajustando seus óculos, como se isso fosse, de alguma forma, mudar a aparência de Cillian.

– Então, hã… Você agora é um deus?

Cillian olha para as próprias mãos.

– Acho que sim. Ou estou completamente pirado e nada disso está acontecendo de verdade.

– Está, sim. – Rhys segura a mão dele. – E quanto ao que ele disse sobre você não conseguir controlar esse poder? – Todos olham para mim como se eu tivesse uma resposta. Por um momento, fico apavorada com a ideia de que trocamos um apocalipse imediato pelo mesmo problema num futuro próximo. Então Leo se aproxima de mim e eu percebo que consegui.

Eu salvei todo mundo. Pelo menos todo mundo que pude. Não a pobre Imogen homicida, ou o pai de Cillian, se sobrou alguma parte dele na confusão que é a mente de um deus infernal. Mas Faith tinha razão. Usei cada grama do meu poder, o bom e o mal, cada parte de mim mesma. E todos sobrevivemos. Inclusive eu.

– Dois coelhos com uma cajadada! – Eu me recosto, rindo aliviada. – Temos um semideus que vai precisar ser sifonado e um semidemônio que não suporta a ideia de drenar nem mesmo demônios. – Aponto para Leo e Cillian.

Eles olham um para o outro. Cillian dá de ombros.

– Pode funcionar.

– Tem certeza? – pergunta Leo.

– Você pode ser meu principal seguidor. – Cillain ri com a expressão assustada de Leo. – Sem chance? Que tal líder fanático? Alto sacerdote?

Rhys faz uma careta.

– Meu deus, você é terrível.

– Ainda pode me chamar de Cillian Vamos deixar “meu deus” para as ocasiões formais. – Ele está brincando, mas sua expressão ainda está um pouco chocada e inquieta. Rhys o puxa para um abraço apertado. Esther vem correndo por um dos túneis até a nossa passarela e abraça os dois. Ela murmura algo baixinho que não é dito para mim, então não tento ouvir.

Minha mãe se senta perto de nós e eu me recosto nela sem soltar Artemis. Não pretendo soltá-la por nada nesse mundo. Além disso, estou sangrando feio das várias facadas e, sinceramente, não me sinto muito móvel. Só exausta e grata. Leo deita para trás, encostando a cabeça na minha perna. Afasto os cabelos caindo em seus olhos e ele os fecha, sorrindo. Parece atordoado, mas feliz.

Não esqueci que apenas algumas horas atrás ele estava pronto para morrer, mas agora ele tem um jeito de sobreviver sem machucar ninguém. Às vezes, chegamos a um final feliz.

Falando em finais felizes…

– Cadê Doug? – pergunto. – E as outras caçadoras? E Jade?

– Aqui! – Chao-Ahn dá uma cotovelada para passar por um dos fanáticos ainda ajoelhados. – Estamos bem! Encontramos alguns vampiros nos túneis.

– Viraram pó! – Maricruz gira sua estaca novamente.

Doug e Jade aparecem no lado oposto da caverna. Estão de mãos dadas, rindo. Jade olha orgulhosa para Doug.

– Não se preocupem com ninguém tentando nos parar na saída. Sean e seus capangas estão incapacitados. Alegremente incapacitados.

Doug levanta a mão de Jade.

– Além disso, a polícia vai encontrá-lo com um amplo suprimento de ingredientes para bombas no seu carro, sem falar de todo um arsenal ilegal de armas. – Jade faz uma mesura.

Honora se arrasta pela passarela. Parece genuinamente preocupada com a minha irmã. Há um monte de coisas pelas quais não consigo e não irei perdoá-la, mas não posso negar que ela ama Artemis. Ela tentou ajudá-la. Todo esse tempo eu pensei que Honora estivesse forçando minha irmã a se associar a deuses infernais, mas agora suspeito que tenha sido o contrário.

– Ela está bem? – Lágrimas escorrem por seu rosto, deixando rastros através do sangue e da sujeira.

– Você quer… – Eu faço uma careta, as palavras lutando para sair. Mas vou em frente. – Quer voltar com a gente? Pode me ajudar a cuidar dela. – Artemis vai precisar de mais que um tratamento físico. Vai levar um longo tempo e todos que a amam deveriam estar lá para ajudar.

Honora fecha os olhos, de alguma forma ainda perfeitamente maquiados, então se inclina e beija a testa de Artemis.

– Sim. Eu quero. Obrigada. – Minha mãe estende a mão para ela e Honora desaba nos seus braços, chorando.

Com a ajuda das outras caçadoras, conseguimos mancar para fora das cavernas e de volta para a luz do sol. Não consigo acreditar que ainda é o mesmo dia. Ajudo a carregar Artemis ainda inconsciente para um dos carros e então fecho os olhos, sentindo o sol fraco do inverno na pele. Sinto tudo sensível e em carne viva, como se tivesse a pior queimadura de sol da minha vida. Mas *sinto* é a parte importante. Ainda estamos aqui pra sentir. Não sei pelo que vamos passar nem o que precisaremos fazer, mas estaremos juntos.

Alguém me dá a mão e não preciso abrir os olhos para saber quem é. Apoio a cabeça no ombro de Leo.

A profecia que assombrou a mim e Artemis desde nosso nascimento acabou para valer. Porém, mais importante do que isso é que finalmente entendi a dor de Artemis e a minha, o bastante para podermos ajudar uma a outra. Assim eu espero. É hora de nos recuperarmos. Afinal de contas, salvamos o mundo juntas.

E doeu. Um bocado.

# Epílogo

A PRIMAVERA VEM DEVAGAR, MAS INEXORÁVEL, TIRANDO O INVERNO do caminho. Artemis e eu nos sentamos na escada do castelo. Estou trançando seu cabelo para trás. Andei assistindo a uns tutoriais. A cada dia que passa, as tranças ficam mais elaboradas. A velha Artemis nunca me teria deixado ajudar, mas essa deixa. Talvez só porque ainda não esteja em condições de me impedir, mas não vou reclamar.

Já se passaram duas semanas e ainda não sabemos o quanto ela vai se recuperar, nem em que ritmo. Todo mundo está pegando leve com ela. O consenso geral é que ela já pagou o preço pelo que fez, mas todos temos muito para superar pela frente. Passei anos estudando como curar corpos – agora estamos todos descobrindo como sarar as feridas que não são visíveis.

– Como eu vou fazer? – ela pergunta.

– Uma trança rabo de peixe? Mais tarde eu faço na Maricruz pra você ver.

– Não. – Ela balança a cabeça, depois a apoia novamente no meu joelho. – Tudo isso. *A vida.* Como viver sendo eu?

Apoio a mão na sua testa. Ela se desculpou pelo que fez, mas foi um pedido tão distante e perdido quanto seu olhar naquele momento. Estou pronta para ter uma conversa de verdade. Espero que ela também esteja.

– Por que não se acha capaz?

– Não sou forte o suficiente, nem esperta o suficiente, nem boa o suficiente para existir em um mundo tão cruel e corrompido.

– Isso não é verdade. Você me salvou.

– Porque eu tinha o poder de um deus infernal.

– Não estou falando de Imogen. Estou falando de todas as outras vezes. Ao longo desses anos, você me salvou em inúmeras ocasiões. Não só me protegendo, mas garantindo que eu nunca sentisse o peso que você sentia. Você se empenhou para manter minha vida tão feliz quanto possível, tão repleta de amor quanto possível. Quem fez isso foi você e só você. E fez a mesma coisa por Honora. – Eu só torço o nariz um pouco ao falar isso. Sei que nunca vou perdoar Honora por muito do que ela fez, mas ela enfrentou um deus para proteger minha irmã. Posso suportar a presença dela sabendo o que está disposta a fazer por Artemis.

Perguntei a Honora outro dia, em um raro momento a sós enquanto preparávamos o jantar – ainda não sei como me sentir em relação a Imogen, mas definitivamente sentimos falta da comida dela –, como ela estava lidando com tudo. Ela deu de ombros e disse que era sua vez de apoiar Artemis em uma fase ruim. Ela disse que, se o plano de Artemis tivesse funcionado, minha irmã teria sido a deusa mais incrível da história, então valia a pena tentar.

Artemis fecha as mãos em punhos.

– Como isso pode ser suficiente? Nosso pai… – Sua voz falha. – Nosso pai morreu. Eu não quero morrer, ver você morrer, a mamãe morrer, Honora morrer.

Eu faço um cafuné nela.

– Todo mundo morre cedo ou tarde. Nada do que fizermos pode evitar isso. Digo, a menos que almeje uma vida como zumpira, o que nesse caso, grrrrr argh. – Minha interpretação não provoca uma risada. Eu suspiro. – Papai não fracassou. Ele fez tudo que deveria fazer. Queria que tivesse vivido por mais tempo, mas ele viveu do jeito *certo*. Tenho orgulho dele e sei que ele teria orgulho de nós. O mundo está um caos, sim, mas também é incrível às vezes. Não podemos passar cada instante com medo do que nos espera. – Nem lá fora nem dentro de nós mesmos, como aprendi. Queria

poder sumir com todo o medo de Artemis, mas ele faz parte dela. Ela vai ter que aprender a viver com ele à sua maneira.

Coloco um cacho solto para trás da orelha dela.

– Além disso, não amamos você por ser capaz de nos proteger. Amamos por você ser quem é. Eu, a mamãe, todo mundo no castelo, Honora.

– Mas eu a magoei. Nunca deveria ter tentado nada disso.

– Tenho bastante certeza de que ela entende.

– Magoei você também. E não fiz isso por você, por Honora ou pelo bem do mundo. Fiz isso por mim. Porque não suportava mais ser eu mesma.

– Eu entendo. – Entendo mesmo. Estava disposta a me lançar na escuridão para evitar sentir de verdade o que eu precisava sentir. – Mas não estamos sozinhas. Temos uma à outra. Temos um castelo inteiro cheio de pessoas que nos amam. Nosso destino é ficar juntas. Caçadora e guardiã. – Eu aperto seu ombro enquanto ela me olha intrigada. – Sei que você não queria mais ser uma guardiã, mas eu adoraria ter uma.

– E quanto a Leo?

– Hã… como dizer? Bem, não é exatamente treinamento o que a gente tem feito.

Ela dá uma risadinha, depois desanima.

– Como ainda pode confiar em mim? Depois de tudo que eu fiz?

Deslizo para ficar no mesmo degrau dela e olhá-la nos olhos.

– Você me magoou. Pra valer. E entender o *motivo* não muda o fato de que fez isso. Mas também não muda o fato de que amo você, sempre amarei e sempre estarei aqui para te apoiar. – Quero

perguntar se ela sente o mesmo, mas não vou forçar a barra. Ela me enlaça com os braços e me puxa para um abraço.

Esse não parece estar me queimando viva. Parece frágil. Mas isso não o torna fraco, e sim precioso.

– E se eu precisar ir embora de novo? – ela sussurra. – Se achar que meu lugar não é aqui?

– Então tudo bem. Eu deixo até você levar seu casaco favorito. Mas nada de pegar livros da biblioteca. Esses estão fora de cogitação. – Digo isso na brincadeira, mas ela foi banida definitivamente da biblioteca tanto por Rhys quanto por Ruth, já totalmente recuperada. – E sempre que partir, pode voltar.

– Obrigada. – Ela relaxa um pouco mais no abraço. Eu me deleito com nossa proximidade, sabendo que jamais perderemos uma à outra. Não de verdade. Até ela voltar a falar e arruinar o momento.

– Mas você realmente precisa de uma guardiã, sabia? Mal posso acreditar que Imogen quase te derrotou.

– Ei, calma lá! Ela foi uma agente do mal secreta por anos! Teve muito tempo para treinar!

– Exato. Da próxima vez…

– Pelos deuses, sem próxima vez. Nenhum dos nossos outros amigos tem planejado nossas mortes pela última década. A menos que você roube outro livro, porque aí não sei se poderei impedir Rhys de acabar com você.

– Tá bom, tá bom, sem próxima vez. Na próxima *ameaça*, você estará preparada. Nós sabemos o que se esgueira pela noite. Estaremos prontas, juntas.

– Juntas. – Eu a solto enquanto Honora sobe os degraus.

– Os outros estão jogando futebol – diz Honora – e ninguém está lá para criticar a total falta de talento deles. Desça para preencher essas inscrições para faculdade comigo. – Ela ajuda Artemis a se levantar e passa um braço em volta dela enquanto descem a escada. Também ergue o dedo do meio para mim sem Artemis ver.

– Ouvi dizer que os Estados Unidos têm ótimas faculdades! – eu grito. – Ou a Austrália! Talvez você pudesse fazer um programa de intercâmbio na Antártida? – Dessa vez, Artemis também mostra o dedo.

Eu rio, depois me recosto e observo o pátio do castelo. Ruth está ajudando Jessi a colocar os pequenos nos balanços enquanto os minúsculos demônios roxos perseguem uns aos outros em círculos. Pelly está cochilando em uma faixa de sol perto deles. Cillian e Rhys estão com Doug, Tsip e Jade no já mencionado jogo de futebol, que parece ser mais sobre discutir um com o outro do que realmente tentar fazer gols. Maricruz e Taylor estão preparando uma área perto do campo de futebol improvisado para cultivar um jardim. Honora guia Artemis até uma cadeira e passa uma coberta em volta dela, se aconchegando ao seu lado para assistir ao jogo e gritar comentários.

Minha mãe abre a porta atrás de mim. Ela para e noto que também está olhando para Artemis. Elas estão trabalhando no seu relacionamento. É estranho ser a filha mais próxima da minha mãe agora. Mas não ligo.

– Podemos dar uma olhada nas logísticas do planejamento desse mês? Teremos que mudar as coisas agora que Chao-Ahn está indo para casa.

– Reunião de planejamento em dez minutos! – eu grito. – Quem não aparecer vai ficar com a limpeza do banheiro!

– Eu quero ser babá nos dias de folga de Jessi! – grita Maricruz.

– Eu não tiro folga! – Jessi grita de volta, num tom violento.

Maricruz ri com vontade, e eu não estou preocupada com o planejamento, nem com falar com minha mãe, nem com mais nada. Não sinto como se precisasse evitar ninguém ou fingir que sinto algo que não é real. Estou em paz sentindo tudo que sou. As partes felizes, as partes sombrias, e tudo entre elas.

– Eu vou já, já. – Eu me levanto e me alongo. – Só tenho que ajudar Chao-Ahn a colocar as coisas no carro.

No fim das escadas, uma mão sai das sombras e agarra meu punho, me girando para fora do caminho e para os braços de Leo.

– Ei – ele diz.

– Ei – eu digo.

Ele parece bem. Mais do que bem. Maravilhoso. Cillian às vezes fica um pouco agitado – ou zumbindo, como ele chama – e Leo drena o excesso de poder. Pode não ser uma solução permanente, mas está dando certo por enquanto.

– Parece que você precisa de mais treinamento. – Ele franze a testa, pensativo, com as mãos em volta da minha cintura.

– Como é que é?

– Devia ter sentido que eu estava aqui e bloqueado meu ataque.

– E quem disse que eu queria bloquear? – Fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios nos dele. Tivemos um monte de conversas. Conversas como *então você é parte demônio* e conversas como *então você achou que podia morrer em vez de encarar todas as mentiras que contou.* Conversas dolorosas, mas boas. E agora Leo e eu temos alguém que sabe exatamente como é se preocupar com a possibilidade de acabar machucando as pessoas ao seu redor. Que entende ser preciso trabalhar para manter a raiva e as partes predatórias de si sob controle. Não precisamos ter vergonha.

Podemos ter orgulho. Porque é difícil, mas nós conseguimos. Juntos.

Alguns momentos – ou minutos – aproveitando a sensação da sua boca na minha se passam antes que eu me afaste, lembrando o motivo de ter descido. Eu me liberto das mãos de Leo com uma risada, depois corro para onde a mãe de Cillian está ajudando Chao-Ahn a pegar suas coisas. Ela vai levar a caçadora para um aeroporto e ajudá-la a voltar para casa. Qualquer dia desses eu vou para Londres conhecer Faith pessoalmente. Talvez até vá a São Francisco para conhecer Buffy.

Mas, por enquanto, os sonhos bastam. Tenho caçadoras o suficiente na minha vida real.

– Estou pronta. – Chao-Ahn põe sua mochila pequena no carro e se vira para mim. – Senti medo de enfrentar os monstros da minha casa, do meu passado, por muitos anos. Obrigada por me ajudar a reencontrar minha força.

– E obrigada por me ajudar a enfrentar minha tempestade.

– Vejo você nos meus sonhos?

– Tá, mas chega de sorvete, tudo bem?

Ela ri e me abraça, depois sobe no carro. Taylor acena desamparada, mas todos os demais já se despediram. O Santurário pode ser permanente para alguns de nós, mas fico feliz de ver alguém pegar o que precisa e depois voltar para o mundo.

Fico surpresa ao ver outro carro estacionar logo após o de Esther sumir de vista. Uma jovem, talvez alguns anos mais velha do que eu, com piercing no nariz e uma expressão intensa, mas assustada, põe a cabeça para fora da janela.

– Ouvi dizer que vocês ajudam caçadoras. – O leve tremor em suas mãos no volante contradiz seu tom destemido. – Que vocês as

acolhem.

Profecias e forças ancestrais tentaram me reivindicar. Gerações de tradições tentaram me conduzir. Trauma e medo tentaram me impedir. Mas hoje, nesse momento, sou exatamente o que deveria ser. Eu sorrio.

– Bem-vinda ao lar, caçadora.

# Agradecimentos

Liesa Abrams, Sarah McCabe, Jessi Smith, Michelle Wolfson, Sarah Creech, Kekai Kotaki, Cassie Malmo, Ian Carlos Crawford, Zoraida Cordova, Caleb Roehrig, Slayerfest 98, Stephanie Perkins, Natalie Whipple, Noah, meus três filhos, meus pais, meus sogros Kit e Jim, Buffy Summers, Faith Lehane, o elenco, equipe, roteiristas, diretores, produtores e todos que nos deram *Buffy*, *a Caça-Vampiros*, além dos autores, roteiristas de quadrinhos e artistas que prosseguiram com as histórias para além das telas: vocês sabem o que fizeram. (Obrigada por isso.)

# SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, mar. 2021


FERNANDA NIA
MENSAGEIRA
da
Sorte
PLATA FORMA 21

# Mensageira da sorte

Nia, Fernanda 9788592783839
426 páginas Compre agora e leia

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade

ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico Compre agora e leia


DA AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE
A FARSA
DE GUINEVERE
PLATAFORMA 21

# A farsa de Guinevere

White, Kiersten 9786550080341
384 páginas Compre agora e leia

GUINEVERE CHEGOU A CAMELOT para casar-se com um desconhecido: o carismático Rei Arthur. Foi Merlin, o velho feiticeiro, que enviou a princesa para desposar e proteger o monarca dos perigos que assombram as fronteiras da cidade e daqueles que esperam pela queda da idílica Camelot.
No entanto, há um detalhe essencial nesta trama. O nome e a identidade verdadeira de Guinevere são um segredo. Houve uma troca, e ela é apenas uma jovem que desistiu de tudo para proteger o reino.
Para manter o rei a salvo, Guinevere precisará transitar entre uma ultrapassada e uma nova corte. Entre aqueles avessos às mudanças e aqueles que anseiam por uma maneira melhor de se viver. Ela também sabe que, no coração das florestas e na profundeza dos lagos, a magia aguarda pelo momento de reclamar aquelas terras lendárias.
Combates mortais, cavaleiros misteriosos e romances proibidos não são nada comparados ao maior perigo de todos: a garota de longos cabelos negros que cavalga pela escuridão da floresta em direção a Arthur. Afinal, quando toda a sua existência é uma mentira, como sequer confiar em si mesma?
"Uma rara e invejável mistura de escrita, ação, cenários e personagens complexos e exuberantes. É brilhante!" – CHRISTINA LAUREN, autora da série **Cretino irresistível**
"Fascinante. Kiersten White pegou as melhores partes da lenda

arturiana e as transformou em suas próprias lendas." – SOMAIYA DAUD, autora de **A fúria e a aurora** Compre agora e leia

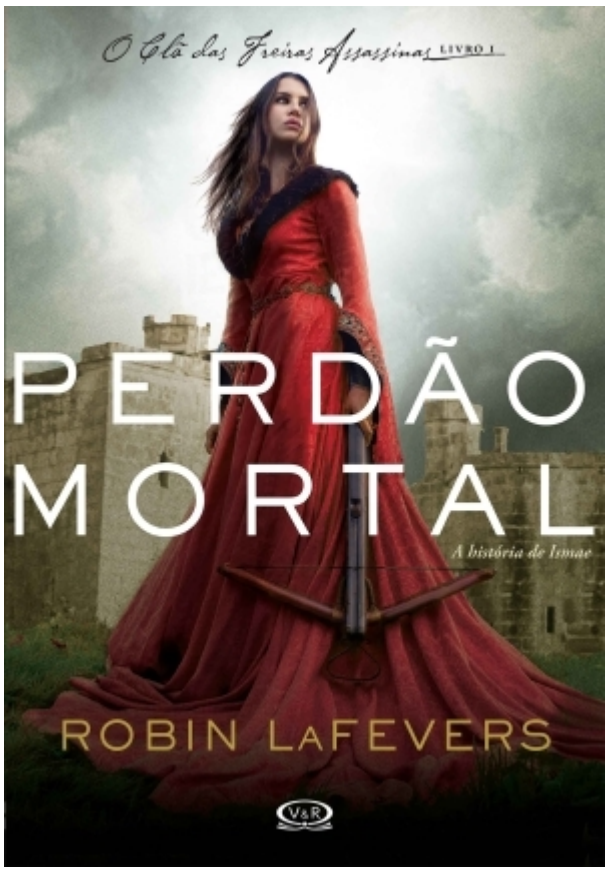

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE
FILHA
DAS
TREVAS
FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA. E HERDEIRA DE VLAD DRACUL.
PLATA FORMA 21

# Filha das trevas

White, Kiersten 9788592783266
472 páginas Compre agora e leia

Ninguém espera que uma princesa seja brutal. Lada Dragwlya e o irmão mais novo, Radu, foram arrancados de seu lar em Valáquia e abandonados pelo pai – o famigerado Vlad Dracul – para crescer na corte otomana. Desde então, Lada aprendeu que a chave para a sobrevivência é não seguir as regras. E, com uma espada invisível ameaçando os irmãos a cada passo, eles são obrigados a agir como peças de um jogo: a mesma linhagem que os torna nobres também os torna alvo. Lada despreza os otomanos. Em silêncio, planeja o retorno a Valáquia para reclamar aquilo que é seu. Radu, por outro lado, quer apenas se sentir seguro, seja onde for. E quando eles conhecem Mehmed, o audacioso e solitário filho do sultão, Radu acredita ter encontrado uma amizade verdadeira – e Lada vislumbra alguém que, por fim, parece merecedor de sua devoção. Mas Mehmed é herdeiro do mesmo império contra o qual Lada jurou vingança – e que Radu tomou como lar. Juntos, Lada, Radu e Mehmed formam um tóxico e inebriante triângulo que tensiona ao limite os laços do amor e da lealdade. Sombrio e devastador, este é o primeiro livro da mais nova série de Kiersten White. Cabeças vão rolar, corpos serão empalados... e corações serão partidos.

Compre agora e leia


O Clã das Freiras Assassinas LIVRO 1
PERDÃO MORTAL
A história de Ismae
ROBIN LAFEVERS
V&R

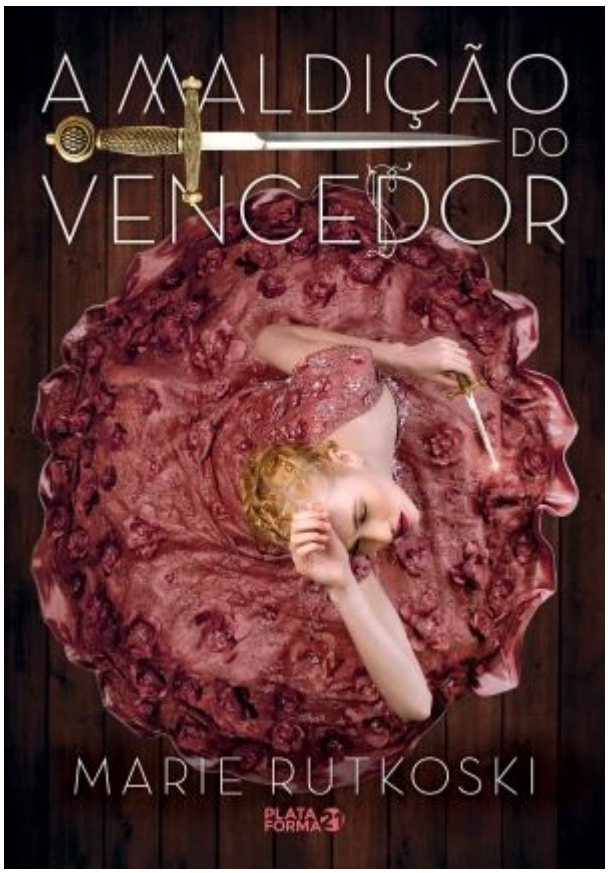
# Perdão mortal

LaFevers, Robin 9788576839149
414 páginas Compre agora e leia

Aos dezessete anos, tudo o que Ismae Rienne conhecia era pobreza e homens abusivos: garotos que a atacavam com pedras, um pai violento e um pretendente repulsivo, que a comprou por três moedas de prata. Até que ela é levada para o convento de Saint Mortain, o misterioso Deus da Morte. Lá ela é treinada para se tornar uma habilidosa assassina e descobre que foi abençoada com perigosos dons pelo próprio Mortain. Para provar que merece o título de filha da Morte, Ismae parte em uma importante missão envolvendo a segurança da duquesa da Bretanha e o aniquilamento de seu traidor. Mas, ser uma serva da Morte pode não ser exatamente o que as freiras tinham ensinado no convento. Ismae vai aprender que a independência é conquistada com duras consequências, e que o destino de um país inteiro – e do único homem que ela seria capaz de amar – estão em suas mãos. Estabelecida na França medieval, misturando fantasia com ricos detalhes históricos em estilo "Game of Thrones", Perdão mortal é o primeiro livro do "Clã das Freiras assassinas", uma trilogia sofisticada, sombria e emocionante. Sobre a autora: Robin LaFevers foi criada ao redor de uma farta biblioteca de contos de fada, mitologia e poesia do século XIX. Não é surpresa que ela tenha se tornado uma romântica irremediável. Embora nunca tenha sido treinada para ser uma assassina nem nunca tenha entrado para um convento, ela frequentou uma escola católica por três anos, que a alimentou com uma profunda fascinação por rituais sagrados e o

conceito de divino. Desde então, ela tem procurado respostas para os mistérios da vida. Enquanto segue buscando, ela teve bastante sorte ao encontrar seu verdadeiro amor, e vive feliz para sempre com ele, ao sopé das montanhas no sul da Califórnia.

Compre agora e leia


A MALDIÇÃO DO VENCEDOR
MARIE RUTKOSKI
PLATAFORMA 21

# A maldição do vencedor

Rutkoski, Marie 9788576839781
328 páginas Compre agora e leia

Kestrel quer ser dona do próprio destino. Alistar-se no Exército ou casar-se não fazem parte dos seus planos. Contrariando as vontades do pai – o poderoso general de Valória, reconhecido por liderar batalhas e conquistar outros povos –, a jovem insiste em sua rebeldia. Ironicamente, na busca pela própria liberdade, Kestrel acaba comprando um escravo em um leilão. O valor da compra chega a ser escandaloso, e mal sabe ela que esse ato impensado lhe custará muito mais do que moedas valorianas. O mistério em torno do escravo é hipnotizante. Os olhos de Arin escondem segredos profundos que, aos poucos, começam a emergir, mas há sempre algo que impede Kestrel de tocá-los. Dois povos inimigos, a guerra iminente e uma atração proibida... As origens que separam Kestrel de Arin são as mesmas que os obrigarão a lutarem juntos, mas por razões opostas. A maldição do vencedor é um verdadeiro triunfo lírico no universo das narrativas fantásticas. Com sua escrita poderosa, Marie Rutkoski constrói um épico de beleza indômita. Em um mundo dividido entre o desejo e a escolha, o dominador e o dominado, a razão e a emoção, de que lado você permanecerá?

Compre agora e leia